

ALMANACH • ILLUSTRADO



DAS FAMILIAS • CATHOLICAS

• BRASILEIRAS •

PARA O ANNO DE 1910

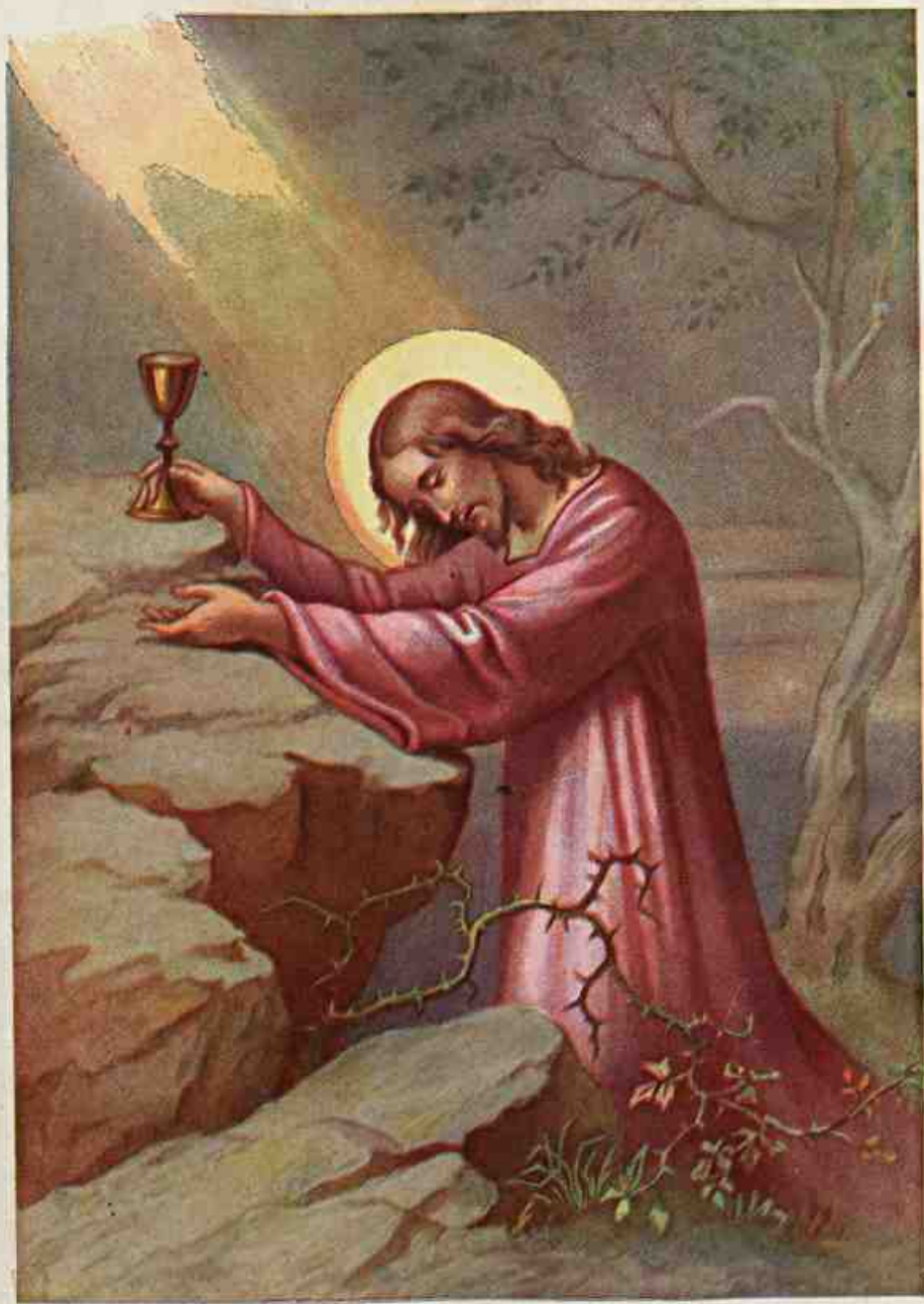
Leituras Catholicas

FASCICULOS PUBLICADOS

DESDE O ANNO DE 1890

N.º De numero que leu em o asterisco (*) estão esgotadas.

- 1-2 e 7 O catholico no mundo (3 volumes). *Doctrina*.
- 3 (*) Vida do Veneravel P. M. Fr. Luiz de Saramada, e de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.
- 4 O progresso Moderno e o Compadre Natario. *Doctrina*.
- 5 A morada da Felicidade. *Comedia*.
- 6 Luisa e Paulina. *Doctrina*.
- 8 Valentin ou a vocação contrariada. *Phoedus*.
- 10 A Lampada do Santuario. *Conto*.
- 11 Vida do joven Domingos Savary.
- 12 A Marcinha das Neves. *Conto*.
- 13 Utopia ou Refugio do Christão nos tempos acruos. *Doctrina*.
- 14 A Parola occulta. *Drama*.
- 15 e 17 Pão partido em pequenhos (2 volumes). *Doctrina*.
- 18 Resumo da Vida de S. Luiz de Gonzaga.
- 19 Um Camalhão de Itosaz e Blanca Leslie. *Conto*.
- 20 Carta Euevelica do S. P. Leão XIII sobre a questão operaria.
- 21 As Margens do Lago Ontario. *Conto*.
- 22 O Deus que vive ainda. *Historia*.
- 23 O Dia do Senhor. *Doctrina*.
- 24 Vida do Sr. en Miguel Magoué.
- 25 Nossa Senhora de D. Bosco. *Gracas*.
- 26-27-28 e 31 Compendio da Historia Ecclesiastica (3 volumes).
- 29 O mais bello de todos os livros ou o Evangelho.
- 30 As Pistrinas. *Drama*.
- 31 Vida de Santa Rosa de Lima.
- 32 e 33 A verdadeira Religião — Catholicismo e Protestantismo (2 volumes).
- 34 e 36 Guilhermo e Mathias — Episodio do tempo das cruzadas (2 volumes). *Conto*.
- 37 e 38 Vida de S. S. o Papa Leão XIII (2 volumes).
- 39 Vida de S. José.
- 40 Priscovia ou a joven Siberiana. *Conto*.
- 41 Leituras Recreativas: O Pilatinhos. *Conto*.
- 42 Fuzeracs e Danças. — A Farda do Marechal Wellington. — O Espanhalho do Leão. *Farcas*.
- 43 Vida do P. Bartholomeu de Las Casas.
- 44 Marcha: Historia dos primeiros tempos do Christianismo.
- 45-47 e 48 Respostas breves e lamolites ás objecções mais vulgares contra a religião (3 volumes). *Doctrina*.
- 46 Excellencia da devoção do Santo Rosario.
- 49 Agostinho ou o triumpho da Religião. *Conto*.
- 50 S. Vito Martyr — S. Gaudencio Martyr. *Drama*.
- 51 e 52 Cinco Sermões para a Semana Santa (2 volumes).
- 53 D. Bosto ao coraçon da mocidade. *Considerações*.
- 54 e 56 Jacob e sua filha Maria (2 volumes). *Conto*.
- 55 Pode-se ser catholico liberal? *Doctrina*.
- 57 e 58 No Céu nos reconhecemos (2 volumes).
- 59 As conspiradoras. *Conto*.
- 60 Catecismo para uso do povo acerca do protestantismo. *Doctrina*.
- 61 e 62 Perguntas respeitosas acerca do protestantismo (2 volumes). *Doctrina*.
- 63 O Papa. *Doctrina*.
- 64 O Filho genitor-o. *Drama*.
- 65 e 66 Os Segredos dos verdadeiros filhos de Maria Santissima.
- 67 e 69 Os Frãnc-Maçons (2 volumes). *Doctrina*.
- 68 A Cruz á beira da estrada. *Conto*.
- 70 e 72 As Catacumbas de Roma (2 volumes).
- 71 (*) O Remorso — Uma punição de Deus — A vingança. *Contos*.
- 73-76 e 77 Uma Mãe e seus filhos (3 volumes). *Doctrina*.
- 74 e 79 As tres Rosas dos escolhidos (2 volumes). *Doctrina*.
- 75 O abelhudo. *Farcas*.
- 78 (*) Villa de S. Antonio, S. João e S. Pedro.
- 80 Espiritismo e bom senso. *Doctrina*.
- 81 e 82 (*) Finanças do Sagrado Coraçon de Jesus (2 volumes). *Alcôica*.
- 83 S. Aquilina Martyr. *Drama*.
- 84 A promessa. *Conto*.
- 85 (*) O Pão de S. Antonio. *Doctrina*.
- 86 (*) O Inferno. — Si existe. O que é — Como poderemos evita-lo.
- 87 e 89 Linguagem da religião (2 volumes). *Doctrina*.
- 88 A bola do Campanario. *Conto*.
- 89 Trabalhemos!.. *Doctrina*.



JESUS NO HORTO DAS OLIVEIRAS

*Trichromia executada na Escola
Typ. Salesiana Niteroy.*

AD ANNO X GA



AD ANNO X GA

Almanach

Illustrado

DAS

FAMILIAS CATHOLICAS
BRASILEIRAS

PARA O ANNO

DE

1910



Escola Typographica Salesiana

NICTHEROY

INDICAÇÕES CHRONOLOGICAS, ASTRONOMICAS E RELIGIOSAS

Calendario.

O calendario é o elenco dos mezes e dias do anno. Assim foi chamado de *calendas*, porque assim denominavam os Romanos o primeiro dia de cada mez. A palavra vem (talvez) de *caléo*, verbo da lingua grega que significa chamar, publicar. Na verdade, no primeiro dia de cada mez, faziam-se em Roma as publicações da *Curia cálabra*, que Romulo havia edificado.

Calendario Juliano.

Antigamente, entre os Romanos, os mezes de Março, Maio, Julho e Outubro tinham 31 dias, os outros 29, excepto Fevereiro que contava 28. O total destes dias do anno não correspondia á duração exacta do mesmo e com o correr do tempo produzia differenças. Julio Cesar, no anno 46, a. J. C., aconselhado pelo sabio Sosigenes, fez a primeira correção do engano, fixando definitivamente a duração do anno em 365 dias e 6 horas, as quaes formariam um dia excedente, de quatro em quatro annos, que deveria ser collocado entre 23 e 25 de Fevereiro. E segundo o uso de contar os dias naquelle tempo, dobrando o sexto dia antes das *Calendas* ou primeiro de Março, começou-se a denominar aquelle dia *bissexto calendas martias* (pela segunda vez o sexto dia antes das *Calendas* de Março), e por isso *bissexto* o anno que tinha aquelle dia de accrescimento. O Calendario assim regulado ficou sendo chamado *Calendario Juliano*.

Calendario Gregoriano.

Computando-se o anno em 365 dias e 6 horas, não ficou isento inteiramente de erro; porque o excedente de 365 dias em cada anno não é exactamente de 6 horas, mas só de 5 horas, 48 minutos e 50 segundos. A differença de 12 minutos e pouco mais, cada anno, si bem que pequenissima, em 1582 annos, ao tempo do Papa Gregorio XIII, já havia produzido a differença de 10 dias. Este Pontífice, a conselho do astrónomo Lellio, corrigiu immediatamente a desharmonia, ordenando que naquelle anno de 1582 de 4 de Outubro se saltasse para 15; e, afim de evitar-se o mesmo erro para o futuro, estabeleceu que os annos seculares, de 1700 em diante, os quaes pelo Calendario Juliano deveriam ser bissextos, não o fossem mais todos, porém um (o ultimo) de cada grupo de quatro. Assim 1700, 1800 e 1900 não deveriam ser bissextos, mas fosse 2000, como de costume; não fosse 2100, 2200 e 2300, mas fosse 2400, e assim por diante. Esta reforma foi aceita quasi universalmente, excepto pelos Russos e pelos Gregos, os quaes por esse motivo, na indicação do tempo estão atrazados de nós 12 dias.

Computo ecclesiastico.

Aureo numero.	11
Epacta	XIX
Cyclo Solar	15
Letra Dominical	b
Letra do Martyrologio	u
Indicação Romana	VIII

As quatro temporas.

- As 1.^{as} 16, 18 e 19 de Fevereiro.
- As 2.^{as} 18, 20 e 21 de Maio.
- As 3.^{as} 21, 23 e 24 de Setembro.
- As 4.^{as} 14, 16 e 17 de Dezembro.

F'estas moveis.

Septuagesima	23 Janeiro
Quarta-feira de Cinzas	9 Fevereiro
Paschoa	27 Março
Ladainhas	2, 3 e 4 Maio
Ascensão	5 Maio
Pentecostes	15 Maio
Santissima Trindade	22 Maio
Corpus-Christi	26 Maio
SS. Coração de Jesus	3 Junho
Primeira Dominga do Advento	27 Novembro

Ferriados nacionaes.

1 de Janeiro	3, 13 de Maio	12 de Outubro
24 de Fevereiro	14 de Julho	2 de Nov.
21 de Abril	7 de Setembro	15 de Nov.

Benções matrimoniaes.

Todos os dias do anno excepto desde quarta-feira de Cinzas até ao 1.^o domingo depois da Paschoa, e desde o 1.^o domingo do Advento até ao dia de Reis, em que são prohibidas.

As quatro estações.

- Outono* . . . : de 21 de Março a 20 de Junho.
- Inverno* . . . : de 21 de Junho a 21 de Setembro.
- Primavera* : de 23 de Setembro a 22 de Dezembro.
- Verão* . . . : de 22 de Dezembro a 20 de Março.

Phases da Lua.

Lua nova ☾	Lua cheia ☀
Quarto crescente . ☽	Quarto mingoaute . ☾

Janeiro

Fevereiro

- 1 S. ✠ **Circumcisão N. S.**
 2 D. ✠ S. Isidoro, *b.*
 3 S. S. Genoveva, *m.*
 4 T. S. Tito, *b.*
 5 Q. S. Simeão Estylita, *c.*
 6 Q. ✠ **Os Santos Reis Magos.**
 7 S. S. Theodoro, *monge.*
 8 S. S. Lourenço Justiniano, *b.*
 9 D. ✠ S. Julião, *m.*
 10 S. S. Paulo, *1.º eremita.*
 11 T. S. Hygino, *p.*
 12 Q. S. Satyro, *m.*
 13 Q. S. Hilario, *b.*
 14 S. *SS. Nome de J. S. Felix de Nola,*
 15 S. S. Amaro, *ab.*
 16 D. ✠ S. S. Martyres de Marrocos.
 17 S. S. Antão, *ab.*
 18 T. S. Prisca, *v. e m.*
 19 Q. S. Canuto, *m.*
 20 Q. S. Sebastião. ✠ Rio de Janeiro.
 12 S. S. Ignez, *v. e m.*
 22 S. S. Vicente, *m.*
 23 D. ✠ **Septg. Os Despos. de N. S.^{ra}**
 24 S. S. Timotheo, *m. N. S.^{ra} da Paz.*
 25 T. Conv. de S. Paulo. ✠ S. Paulo. (17)
 26 Q. S. Polycarpo, *b.*
 27 Q. S. João Chrysostomo, *b. e dr.*
 28 S. S. Cyrillo, *b.*
 29 S. S. *Francisco de Sales, b.*
 30 D. ✠ **Sexag. S. Martinha, v. e m.**
 31 S. S. Pedro Nolasco, *c.*

- 1 T. S. Ignacio, *b.*
 2 Q. ✠ **Purificação de N. S.^{ra}** (3)
 3 Q. S. Braz, *b.*
 4 S. S. André Corsino, *b.*
 5 S. S. Agueda, *v. e m.*
 6 D. ✠ **Quinq. S. Marcello, p. S. Dor.**
 7 S. S. Romualdo, *ab.*
 8 T. S. João da Matha, *c.*
 9 Q. *Cinzas. S. Apollonia, v. e m.*
 10 Q. S. Escolastica, *v.*
 11 S. S. Ildefonso, *b.*
 12 S. S. Eulalia, *v. e m.*
 13 D. ✠ **1.º da Quar. S. Cathar. de R.**
 14 S. S. Valentim, *m.*
 15 T. S. Faustino e S. Jovita, *mm.*
 16 Q. *Temporas. S. Raymundo de P.* (E)
 17 Q. S. Faustino, *m.*
 18 S. *Temporas. S. Theotonio, c.*
 19 S. *Temporas. S. Conrado, c.*
 20 D. ✠ **2.º da Quar. S. Eleutherio, b.**
 21 S. S. Maximiano, *b.*
 22 T. Cadeira de S. Pedro em Ant.
 23 Q. S. Margarida de C.
 24 Q. S. Sergio, *m.*
 25 S. S. Mathias, *ap. e m.*
 26 S. S. Torquato, *arc.*
 27 D. ✠ **3.º da Quar. S. Leandro, arc.**
 28 S. S. Romão, *ab.*

Abreviações no calendario: ab. — abbade; au. — apoc-
 tolo; arc. — arcebispo; b. — bispo; c. — confessor; f. —
 fundador; m. — martyr; p. — papa.

Março

Abril

- 1 T. S. Adrião, *m.*
2 Q. S. Simplicio, *p.*
3 Q. S. Cunegundes, *v.*
4 S. S. Casimiro, *rei.* ①
5 S. S. Theophilo, *b.*
6 D. ④ **4.º da Quar.** S. Colecta, *v.*
7 S. S. Thomaz, *c.*
8 T. S. João de D., *f.*
9 Q. S. Francisca Romana, *viuva.*
10 Q. Os 40 Martyres. S. Militão, *m.*
11 S. S. Candido, *m.* ②
12 S. Gregorio Magno, *p.*
13 D. ⑤ **da Paixão.** S. Sancha, *v.*
14 S. S. Mathildes,
15 T. S. Henrique, *rei.*
16 Q. S. Cyriaco, *m.*
17 Q. S. Patricio, *b.*
18 S. S. Gabriel, *archanjo.* ③
19 S. S. José, *Esposo de N. Senhora.*
20 D. ⑥ **de Ramos.** S. Martinho, *arc.*
21 S. **Santa.** S. Bento, *ab.*
22 T. **Santa.** S. Emygdio, *b.*
23 Q. **Santa.** S. Felix e Comp., *mm.*
24 Q. **Santa.** ⑦ do meio dia em diante.
25 S. **Santa.** ⑧ **Ann. de N. S.ª** ⑨
26 S. **Santo.** S. Ludgero e S. Braulio.
27 D. ⑩ **de Paschoa.** S. Roberto, *b.*
28 S. S. Alexandre, *m.*
29 T. S. Bertholdo, *c.*
30 Q. S. João Climaco, *ab.*
31 Q. S. Balbina, *v.*

- 1 S. S. Macario, *m.*
2 S. S. Francisco de Paula, *c.*
3 D. ⑪ **da Paschoela.** S. Ricardo, ⑪
4 S. S. Isidoro, *b. e dr.*
5 T. S. Marcellino, *m.*
6 Q. S. Vicente Ferrer, *c.*
7 Q. S. Epiphanio, *b.*
8 S. S. Amancio, *b.*
9 S. Traslado de S. Monica. ⑫
10 D. ⑬ S. Ezequiel, *propheta.*
11 S. S. Leão I, *p.*
12 T. S. Victor, *m.*
13 Q. S. Hermenegildo, *m.*
14 Q. S. Tiburcio, *etc., mm.*
15 S. S. Lucio, *f.*
16 S. S. Engracia, *v. e m.* ⑭
17 D. ⑮ **Patr. de S. José.** S. Prócoro, *d.*
18 S. S. Galdino, *b.*
19 T. S. Hermogenes.
20 Q. S. Ignez de Montepoliciano, *v.*
21 Q. S. Anselmo, *b.*
22 S. S. Sotero e Caio, *mm.*
23 S. S. Jorge, *m.*
24 D. ⑯ S. Fidelis de Sigmaringa, *m.* ⑰
25 S. S. Marcos, *evangelista.*
26 T. S. Cleto, *p.*
27 Q. S. Tertulliano, *b.*
28 Q. S. Vital, *m.*
29 S. S. Pedro, *m.*
30 S. S. Catharina de Sena, *v.*

Maio

Junho

- 1 D. ✠ S. Philippe e S. Thiago, *aps.*
- 2 S. S. Mafalda, *v., inf. de Port.* ☩
- 3 T. *Inv. da S. Cruz. D. do Brasil.*
- 4 Q. S. Monica, *viuva.*
- 5 Q. ✠ **Ascensão.** Conv. de S. Agost.
- 6 S. S. João ant. port. Lat.
- 7 S. S. Estanislau, *b.*
- 8 D. ✠ Aparição de S. Miguel, *arch.*
- 9 S. S. Gregorio Nazianzeno, *b. e dr.* ☩
- 10 T. S. Antonino, *b.*
- 11 Q. S. João Damasceno, *c. e dr.*
- 12 Q. S. Joanna, *v.*
- 13 S. S. Pio V, *p.*
- 14 S. S. Bonifacio, *m.*
- 15 D. ✠ **Pentecostes.** S. Nereo, etc.
- 16 S. S. João Nepomuceno, *m.* ☩
- 17 T. S. Paschoal Baylon, *c.*
- 18 Q. *Temporas.* S. Venancio, *m.*
- 19 Q. S. Pedro Celestino, *p.* S. Ivo, *c.*
- 20 S. *Temporas.* S. Bernardino de Sena.
- 21 S. *Temporas.* S. Ubaldo, *b.*
- 22 D. ✠ **SS. Trindade.** S. Rita de C.
- 23 S. S. Desiderio, *b.*
- 24 T. *Maria SS. Auxiliadora.* ☩
- 25 Q. S. Gregorio VII, *p.*
- 26 Q. ✠ **Corpo de Deus.** S. Phil. N.
- 27 S. S. Maria M. de Pazzi, *v.*
- 28 S. S. Germano, *b.*
- 29 D. ✠ S. Maximo, *b.*
- 30 S. S. Felix, *p.*
- 31 T. S. Petronilla, *v.*

- 1 Q. S. Firmo, *m.*
- 2 Q. S. Marcellino, etc., *m.*
- 3 S. *SS. C. de Jesus.* S. Paula, *v. e m.*
- 4 S. S. Francisco C. *c.*
- 5 D. ✠ S. Marciano, *m.*
- 6 S. S. Norberto, *b.*
- 7 T. S. Roberto, *ab.*
- 8 Q. S. Severino, *b.*
- 9 Q. S. Primo, *m.*
- 10 S. S. Margarida, *rainha.*
- 11 S. S. Barnabé, *ap.*
- 12 D. ✠ S. João de S. Facundo.
- 13 S. *S. Antonio de Lisboa.*
- 14 T. S. Basilio M. ☩
- 15 Q. *SS.* Vito, Modesto e Cresc., *mm.*
- 16 Q. S. Aureliano, *b.*
- 17 S. S. Theresa, *rainha.*
- 18 S. S. Marcos.
- 19 D. ✠ S. Juliana de Falconieri, *v.*
- 20 S. S. Silverio, *p.*
- 21 T. S. Luiz de Gonzaga, *c.*
- 22 Q. S. Paulino, *b.* ☩
- 23 Q. S. Edeltrudes, *rainha.*
- 24 S. ✠ **Nasc. de S. João Bapt.**
- 25 S. S. Guilherme, *ab.*
- 26 D. ✠ S. João e Paulo, *irmãos, mm.*
- 27 S. S. Ladislau, *rei da Hungria.*
- 28 T. S. Leão II, *p.*
- 29 Q. ✠ **SS. Pedro e Paulo, aps.**
- 30 Q. S. Marçal, *b.* ☩

Julho

Agosto

- 1 S. S. Theodorico, *ab.*
2 S. *Visit. de N. S.* ✠ Arc. da Bahia.
3 D. ✠ S. Jacintho, *m.*
4 S. S. Izabel, *rainha de Port.*
5 T. S. Athanasio, *m.*
6 Q. S. Domingas, *v. e m.* ⑤
7 Q. S. Pulcheria, *imperatriz e v.*
8 S. S. Procopio, *m.*
9 S. S. Cyrillo, *b.*
10 D. ✠ S. Januario, etc., *mm.*
11 S. S. Pio I, *p.*
12 T. S. João Gualberto, *ab.*
13 Q. S. Anacleto, *p.*
14 Q. S. Boaventura, *b. e dr.* ⑥
15 S. S. Henrique, *imperador.*
16 S. *Nossa Senhora do Carmo.*
17 D. ✠ S. Anjo Custodio. S. Aleixo.
18 S. S. Camillo de L. S. S.
19 T. S. Vicente de Paulo.
20 Q. S. Marcial, *b.* S. Margarida, *v. e m.*
21 Q. S. Praxedes, *v.*
22 S. S. Maria Magdalena, *penitente.* ⑦
23 S. S. Apollinario, *b.*
24 D. ✠ S. Jeronymo Emiliano, *c.*
25 S. S. Thiago, *ap.*
26 T. *Sant' Anna, mãe de N. S.*
27 Q. S. Pantaleão, *m.*
28 Q. S. Nazario, etc., *mm.*
29 S. S. Martha, *v.* ⑧
30 S. S. Abdon e Sennen, *mm.*
31 D. ✠ S. Ignacio de Loyola, *f. C. J.*

- 1 S. S. Pedro ad vincula.
2 T. S. Affonso Maria de Ligorio.
3 Q. Inv. do corpo de S. Estevão, *pm.*
4 Q. S. Domingos, *f. da O. dos P.*
5 S. *Nossa Senhora das Neves.* ⑨
6 S. Transf. do Senhor. S. Xisto, *p. e m.*
7 D. ✠ S. Caetano, *f. da O. da Prov.*
8 S. S. Cyriaco, etc., *mm.*
9 T. S. Romão, *m.*
10 Q. S. Lourenço, *m.* S. Philomena, *v.*
11 Q. S. Tiburcio, etc., *mm.*
12 S. S. Clara, *v.*
13 S. S. Hippolyto, etc., *mm.* ⑩
14 D. ✠ S. Eusebio, *c.*
15 S. ✠ **Assumpção de N. S.^{ra}**
16 T. *S. Joaquim, pae de N. Senhora.*
17 Q. S. Mamede, *m.*
18 Q. S. Jacintho. S. Agapito, *m.*
19 S. S. Luiz, *b.*
20 S. S. Bernardo, *ab., c. e dr.* ⑪
21 D. ✠ S. Joanna Francisca, *viuva.*
22 S. S. Timotheo, etc., *mm.*
23 T. S. Philippe Benicio, *c.*
24 Q. S. Bartholomeu, *ap.*
25 Q. S. Luiz, *rei de França.*
26 S. S. Zephyrino, *p. e m.*
27 S. S. José de Calazans, *c.* ⑫
28 D. ✠ S. Agostinho, *b. e dr.*
29 S. Degol. de S. João B. S. Sabina.
30 T. *S. Rosa de Lima.*
31 Q. S. Raymundo Nonato, *c.*

Setembro

Outubro

- 1 Q. S. Egydio, *ab.*
 2 S. S. Estevão, *rei da Hungria.*
 3 S. S. Euphemia, *v. e m.*
 4 D. ✠ S. Rosa de Viterbo. S. Candida. Ⓢ
 5 S. S. Lourenço Justiniano, *b.*
 6 T. S. Libania, *v.*
 7 Q. S. João de Nicomedia, *m.*
 8 Q. ✠ **Natividade de N. S.^{ra}**
 9 S. S. Gorgonio, *m.*
 10 S. S. Nicoláu Tolentino, *c.*
 11 D. ✠ S. Theodora, *penitente.* €
 12 S. S. Auta, *v.* S. Juvenício, *b.*
 13 T. S. Philippe, *m.*
 14 Q. *Exaltação da Santa Cruz.*
 15 Q. S. Nicomedes, *m.*
 16 S. S. Cornelio, *p. e m.*
 17 S. S. Pedro de Arbues, *m.*
 18 D. ✠ S. José de Cupertino, *c.*
 19 S. S. Januario, *b. e m.* ☉
 20 T. *N. S. das Dores.* S. Eustachio.
 21 Q. *Temp.* S. Matheus, *ap. e evang.*
 22 Q. S. Thomaz de Villa Nova.
 23 S. *Temp.* S. Lino, *p. e m.*
 24 S. *Temp.* *Nossa S.^{ra} das Mercês.*
 25 D. ✠ As Chagas de S. Francisco. Ⓢ
 26 S. S. Cypriano e Justino,
 27 T. S. S. Cosme e Damião, *mm.*
 28 Q. S. Wencesláu, *duque de Bohemia.*
 29 Q. S. Miguel, *archanjo.*
 30 S. S. Jeronymo, *dr. da Igreja*

- 1 S. S. Remigio, *b.*
 2 D. ✠ *N. S. do Rosário.* S.^{tas} Anjos da G.
 3 S. S. Maximiano, *b.* Ⓢ
 4 T. S. Francisco de Assis.
 5 Q. S. Placido, *etc., mm.*
 6 Q. S. Bruno, *f. da Ord. da Cartuxa.*
 7 S. S. Marcos, *p.* S. Sergio, *mm.*
 8 S. S. Brigida, *viuva.*
 9 D. ✠ *Mater. de N. S.^{ra}.* S. Dionysio A.
 10 S. S. Luiz Beltrão, *c.*
 11 T. S. Firmino, *c.* €
 12 Q. S. Seraphim. *Descob. da America.*
 13 Q. S. Eduardo, *rei da Inglaterra.*
 14 S. S. Calixto I, *p. e m.*
 15 S. S. Theresa de Jesus, *v.*
 16 D. ✠ S. Martiniano, *m.*
 17 S. S. Hedwiges, *duqueza da P.*
 18 T. *Pureza de N. S.^{ra}* S. Lucas, *ev.* ☉
 19 Q. S. Pedro de Alcantara, *c.*
 20 Q. S. João Cancio, *c.* S. Iria, *v. e m.*
 21 S. S. Ursula, *etc., mm.*
 22 S. S. Maria Salomé,
 23 D. ✠ S. João de Capistrano, *c.*
 24 S. S. Raphael, *archanjo.* Ⓢ
 25 T. S. Chrispim e Crispiniano, *mm.*
 26 Q. S. Evaristo, *p. e m.*
 27 Q. S. Elesbão, *rei.*
 28 S. S. Simão e S. Judas Thadeo, *aps.*
 29 S. *Trasl. de S. Isabel, rainha.*
 30 D. ✠ S. Serapião, *b.*
 31 S. S. Quintino, *m.*

Novembro

Dezembro

- 1 T. ✠ **Todos os Santos.**
 2 Q. *Commem. dos Fieis Defuntos.* ☉
 3 Q. S. Malaquias, *b.*
 4 S. S. Carlos Borromeu, *b. card.*
 5 S. S. Zacharias e S. Isabel.
 6 D. ✠ S. Severo, *b. e m.* S. Leonardo.
 7 S. S. Florencio, *b.*
 8 T. S. Severino e seus tres irmãos.
 9 Q. S. Theodoro, *m.* Ded. Bas. Salv.
 10 Q. S. André Avelino. ☾
 11 S. S. Martinho, *b.*
 12 S. S. Diogo, *f.*
 13 D. ✠ S. Eugenio, *b. e c.*
 14 S. S. Clementino, etc., *mm.*
 15 T. S. Gertrudes, *v.*
 16 Q. S. Gonçalo de Lagos. ☽
 17 Q. S. Gregorio Thaumaturgo, *b.*
 18 S. Ded. Basil. de S. Pedro e S. Paulo.
 19 S. S. Isabel, *rainha da Hungria.*
 20 D. ✠ S. Felix de Valois, *c.*
 21 S. *Apresentação de N.^{ra} S.^{ra}*
 22 T. S. Cecilia, *v. e m.*
 23 Q. S. Clemente, *p.* S. Felicidade. ☽
 24 Q. S. João da Cruz, *c.*
 25 S. S. Catharina, *v. e m.*
 26 S. S. Pedro Alexandrino, *b. e m.*
 27 D. ✠ **1.^o do Adv.** S. Margarida, *v.*
 28 S. S. Gregorio III, *p.*
 29 T. S. Saturnino, *b. e m.*
 30 Q. S. André, *ap.*

- 1 Q. S. Eloy, *b.* ☽
 2 S. S. Bibiana, *v. e m.*
 3 S. S. Francisco Xavier, *c.*
 4 D. ✠ **2.^o do Adv.** S. Barbara, *v.*
 5 S. S. Pedro C. *b.*
 6 T. S. Nicolau.
 7 Q. S. Ambrosio, *b. e dr.*
 8 Q. ✠ **Nossa S.^{ra} da Conceição.**
 9 S. S. Leocadia, *v. e m.* ☾
 10 S. S. Melchiades, *p.*
 11 D. ✠ **3.^o do Adv.** S. Damaso, *p.*
 12 S. S. Justino, *m.*
 13 T. S. Luzia, *v.*
 14 Q. *Temporas.* S. Agnello, *ab.*
 15 Q. S. Ireneu, etc., *mm.*
 16 S. *Temporas.* S. Eusebio Vercell. ☽
 17 S. *Temporas.* S. Lazaro, *b. e c.*
 18 D. ✠ **4.^o do Adv.** *N. S. do Parlo.*
 19 S. S. Fausta.
 20 T. S. Domingos de Silos.
 21 Q. S. Thomé, *ap.*
 22 Q. S. Honorato, *m.*
 23 S. S. Servulo. S. Victoria, *v.* ☽
 24 S. S. Delfino, *b.*
 25 D. ✠ **Nascimento de J. Christo.**
 26 S. S. Estevão, *protomartyr.*
 27 T. S. João, *ap. e evang.*
 28 Q. SS. Innocentes, *mm.*
 29 Q. S. Thomaz, *arc. de Cantuaria.*
 30 S. S. Sabino, *b. e m.*
 31 S. S. Silvestre, *p.* ☽



© nosso inimigo



ê-se no capitulo IX do Sagrado Livro do Apocalypse, que, aberto pelo quinto Anjo o poço do abysmo, sahin fumo do poço, e d'esse fumo sahiram gafanhotos que se

espalharam pela terra, e lhes foi dado poder tal como o poder que têm os escorpiões da terra. E tinham sobre si, por seu rei, o anjo do abysmo, que em latim significa Exterminador.

Têm certamente estas palavras, como todas as d'aquelle prophetic e mysterioso Livro, altissima significação que o leitor poderá aprender com edificação e proveito espiritual nos Interpretes e Commentadores da Escripura sagrada. Parece-nos, comtudo, que nada se oppõe a que lhes demos aqui sentido mais restricto e não menos verdadeiro, applicando-as ás produções da imprensa impia, que tem avassallado e envenenado a superficie do mundo, devorando as consciencias e os corações. Entre esses productos deleterios, vomitados pelo profundo abysmo da imprensa má, occupa o primeiro logar o *Jornal*, e o segundo as *Folhinhas, Calendarios, Almanachs* e outros semelhantes. E' incalculavel o numero d'estas publicações, compradas no começo de cada anno pelo povo Christão para com ellas se ir envenenando no correr do anno! Nunca os bons costumes, as tradições puras, a fé religiosa e social, os dogmas sagrados em que ella se firma, o pudor publico e privado, o amor da decencia, o respeito pela innocencia soffreram, como hoje, tão tremendas devastações! Em tempo algum, foram as almas tão entoxicadas, como o são hoje, por esses gafanhotos munidos do poder de escorpiões, sob o mando do seu rei — o Exterminador — que não é outro seuão o espirito das

trevas. Causa dó e arranca lagrimas a exterminação de tantas almas, creadas para conhecerem a verdade e praticarem o bem!...

Pois bem, leitor Christão, está em vossas mãos o evitar tamanha desgraça: deixae aos homens imprevidentes, aos que ja não têm fé, aos que pactuam systematicamente com o erro e a maldade, a triste e funesta incumbencia de dar pasto aos venenosos *gafanhotos*. Guardae vós intacta a vossa herança de fé e bons costumes; montae guarda, dia e noite, á porta de vosso lar domestico, para que n'elle não entre a *Folhinha Caricata e barata*, a *Folhinha de desfolhar*, com chromos immoraes ou mesmo "toleraveis"; os *Almanachs*, nacionaes ou estrangeiros, de reputação má ou duvidosa; não deis o vosso dinheiro, que é o vosso suor, em troca de uma mercadoria que não conheceis. E quando duvideis si uma publicação d'essas é boa ou má, não a compreis antes de haverdes consultado o vosso parochou ou a outra pessoa *entendida e de boa consciencia*. Temos agora, no Brazil, o "*Almanach Illustrado das Familias Catholicas Brasileiras*," com sua reputação já feita e seus creditos firmados no mundo inteiro. Dae-lhe franca entrada em vosso lar, que só beneficios elle ha de derramar na vossa familia. Não hesiteis em proteger uma obra boa e de harmonia com as vossas crenças e costumes.

Quem ama o bem, a honestidade, a verdade, não queira proteger a maldade, a immoralidade, a mentira.

Quem é de Deus, para Deus!

Quem é de Baal, siga a Baal!

Amigo leitor! **A má imprensa, eis o nosso inimigo!**

(Extr.)



Novo Miguel

Ao inclito e venerando Superior Geral da Congregação Salesiana,
por ocasião do seu Jubileu Sacerdotal

Quando um dia estrugiu no seio do infinito
A insolente voz do rebelde maldito
Fazendo estremecer de horror e espanto os céos,
Outra voz, — a resoar contra o echo perverso,
Terrível, indignada, abalando o universo,
Clamou: « Quem como Deus?!... »

E fuzilou de um gladio a chamma vencedora...
E Satanaz cahiu na treva esmagadora
Onde, eterno galé, ruge e morde os grilhões...
Emquanto os anjos fieis, sorrindo eternamente,
Incensam do Senhor o throno refulgente
E lhe cantam de amor dulcissimas canções.

.
.

Não cessou nunca mais a lucta. O rei do inferno
Forma o seu batalhão; louco ameaça o Eterno
E repete inda o lemma vil: « Não servirei!... »
No triumpho do mal a astucia toda empenha,
Sopra no mundo ignaro a revoltosa senha.
— E o mundo ignaro segue esse execrando rei!!..

Do outro lado, porém, brilha a santa cohorte:
O combate se trava, — um combate de morte!
Mudam-se homens sem força em novos Machabeus!
E Miguel, flammejando o immenso gladio invicto,
Chefe sempre dos bons, enche ainda o infinito
Com o seu brado immortal de então: « Quem como Deus?!... »

Tambem em cada ponto onde Satan semeia
O joio da mentira e recolhe, á mão cheia,
Crimes, vicios, paixões e desgraças e horror,
— Salvadora apparece a ambulancia divina
Aos feridos trazendo a sua medicina,
Feita de paz, de fé, esperanza e amor !..

*
* *
*

Mais um batalhão forte uniu-se heroicamente
A's hostes do Senhor, — brioso combatente,
De estrategia feliz:

Este — vae procurar as victimas futuras,
Immunisa, arma, instrue as suas almas puras,
E nellas corta, cedo, o mal pela raiz.

E' a grey Salesiana !.. a phalange mais bella !..
Deus a escolheu para ser activa sentinella
Do almo campo do bem.
Antes que o erro chegue e ache a porta aberta
Ella brada com força á juventude: — Alerta!
O inimigo ahi vem !..

E á frente desta grey, que pelo mundo espalha
O antidoto ao veneno e ergue uma alta muralha
De defeza entre a infamia e a perversão revel,
Commandando, a excitar com o seu sublime exemplo,
— Archanjo desse côro, esteio desse templo,
Fulgura outro Miguel.

Miguel Rua !... o esforçado, o venerando velho,
Que as suas ambições resumiu no Evangelho
E a sua alma de heroe, a Jesus Christo deu !...
Herdando de D. Bosco o amor aos pequeninos,
Das mãos de Satanaz vive a arrancar meninos,
E a guial-os — p'ra o céu.

Que luzido esquadrão elle conduz na terra !...
Que feliz quem se alista e faz a santa guerra
Sob a sua bandeira immaculada e san !...
Que conforto é ouvir a voz de seu commando,
Clarim de Deus, suave e rijo, ardente e brando,
A dizer: — Eia !... avante !... esmaguemos Satan !

Ha meio seculo já que, por Jesus chamado,
Recebeu sobre a fronte o sello abençoado
Do sacerdocio eterno, e os annos, ao passar,
Se lhe põem na materia os signaes da viagem,
Dia a dia tambem, mais um traço da imagem
De Jesus, em sua alma, imprimem sem cessar.

Confiou-lhe Dom Bosco o seu thesouro santo,
E elle, como Dom Bosco, ao mundo causa espanto,
Carregando, fiel, a gloria dessa cruz!
Cercam-n'o os filhos seus, n'um extenso diadema,
E, semelhante ao sol no planetar systema,
Elle é o ponto central que a todos manda luz.

A Europa culta admira essa ingente figura,
Espiritualizada á força de ser pura,
Encarnando o Evangelho, a santidade, o bem!
E o preito que á virtude os homens todos rendem,
A sympathia, o amor que á bondade nos prendem,
Não lh'os nega ninguem!

Em quanto da descrença os perfidos ensinosa
Dão por triste producto uma horda de assassinos,
Anarchistas sem lei, de loucos ideaes,
Elle apresenta ao mundo um milhão de homens justos
Operarios christãos, cujos braços robustos
Erguem só do trabalho as palmas triumphaes!

Gloria a Dom Miguel Rua! a radiosa estrella,
Que no presente seculo é talvez a mais bella,
Entre as constellações da Igreja Universal!
Luz resplendente posta em aureo candelabro,
Força de Deus em frente ao chaos, ao descálabro
Da ordem social!

Hoje a terra brasileira, — a joia americana,
Campo vasto e feliz da hoste salesiana,
Lhe offerece tambem homenagem de amor,
E, um dia, certamente, em livro immorredoiro,
Ha de escrever-lhe o nome em caracteres de oiro!...
Com a gratidão devida a um grande bemfeitor!...

Queira o eterno, que outorga as recompensas plenas,
N'aquella alva cabeça, envolta em açucenas,
Collocar o laurel dos grandes servos seus!
E cada dia mais lhe insuffle alento novo,
Para que elle proteja os governos e o povo,
Bradando a Satanaz: — Vae-te!... Quem como Deus?!...

Amelia Rodrigues.

SOLICITUDES PATERNAES

PALAVRAS DIRIGIDAS AOS PAES CHRISTÃOS

PELO EXMO. MONS. AGOSTINHO EGER, BISPO DE S. GALLO

A palavra «solicitude» indica dupla idéa, exprime um cuidado ancioso. Quando nos é confiado um negocio, somos tomados de uma certa inquietação; si é que ainda não emmudeceu em nós o sentimento do dever. Não podemos comprehender,

pae de familia, a inquietação e o perigo não cessam sinão no instante em que chega a conseguir o seu intuito.

Sabemos, comtudo, que paes de familia ha, que pouco apreço ligam aos seus graves deveres; mas



Desembarque de Sua Em.^{cia} o Cardeal Arcoverde — 10-5-09.

por exemplo, um vigario sem solicitude pelos seus parochianos; um parochio sem solicitude pelo seu rebanho não seria certamente um bom vigario.

Outro tanto podemos dizer de um pae de familia. Si elle é, verdadeiramente, homem de consciencia, seus deveres serão sempre para elle causa de solicitude, em vista da obrigação que tem de busear e de garantir a felicidade temporal e eterna de seus filhos.

Mas quantos obstaculos, quantas difficuldades se oppõem ao seu objectivo e podem aniquilar inteiramente seus esforços! Do mesmo modo que, para o camponez, não cessa a solicitude sinão quando o trigo lhe entrou para o celleiro, assim, para o

ninguem quererá, certamente, invejar indole tão sosegada, na apparencia, quando a experiencia prova que tal despreoccupação se converte depois em origem de inquietações e de tormentos, que consolação alguma consegue amenizar.

A simples obrigação de prover diariamente á alimentação da familia, já é para muitos, uma grave solicitude. Sim, a maior parte dos paes de familia, são obrigados a ganhar com pesado trabalho e com o suor do rosto, o pão de cada dia, para si e seus filhos.

A luta pela existencia torna-se, em geral, cada vez mais feroz e difficil; a penuria augmenta no lar do camponez e do operario. Quantas familias não

ha, que só têm para viver os dous braços robustos do pae! E, si estes ficam reduzidos á inacção, pela doença ou por falta de trabalho, a miseria e a fome apparecem logo na casa desolada. A doença e a morte, a carestia e as intemperies, a estagnação da industria e do commercio, a escassez de negocios, a guerra e os outros flagellos não cessam jamais de entrar na ordem do dia dos acontecimentos possíveis. Taes provações ou calamidades não são para nós desconhecidas; e, quando occorrem, são graves para todos, mas summamente dolorosas para os paes e para as mães. Si o pae, com o auxilio de Deus, chega a sustentar honradamente a familia, isto lhe custa muitas sollicitudes e cansaços; e estes não diminuem com o correr do tempo. Mil preoccupações atormentam o seu espirito. Suas forças durarão até que seus filhos estejam em condições de se proverem por si proprios? Chegarão elles a uma posição honrosa?

Bem poucos paes andam isentos de semelhantes sollicitudes. Lamentamol-os de coração, si não sabem considerar a sua sorte á luz da fé, como convém a christãos. Elles se exasperarão, vendo-se obrigados a lutar durante a vida inteira contra a necessidade, ao passo que outros, a seu lado, nadam na abundancia; elles se affligirão por só poderem deixar a seus filhos uma vida pobre e servil, ao passo que outros, sem a menor fadiga, transmittem á sua prole riquezas e tranquillidade. Dahi a invejar e desejar a felicidade alheia, a impacientar-se e rebellar-se contra a sorte, a distancia não é grande e depressa se transpõe. Por um conceito antichristão da vida, as sollicitudes diarias de um homem do povo são, desgraçadamente, envenenadas desde a raiz. Ai delle e da familia, si, induzido por esse mesmo espirito antichristão e victima de uma especie de desespero, elle procura afogar o seu pezar e o seu despeito nos prazeres materiaes dos sentidos, ou trabalhar para alterar a presente ordem social.

Semelhante erro é tão facil hoje em dia, que quasi se deve mais lamentar do que accusar; move tanto mais á compaixão a cegueira dos que o commettem, quanto o remedio e o balsamo salutar estão mais proximos.

A felicidade ou a desventura do homem, cá na terra, dependem muito menos das circumstancias externas em que vive, do que das disposições internas. Mesmo que só se considere a brevidade das cousas terrenas, sente-se quanto, no fim, é vã a differença das condições humanas. Tudo isto dura muito pouco tempo, e não tem importancia maior do que a distincção existente entre os varios personagens numa representação theatral. Desde que eu creio na Providencia Divina, sei que ella, e não o acaso, collocou o meu visinho em uma condição social e a mim em outra; sei que as disposições do Pae celeste para commigo são boas, e que elle tem por mim um affecto cheio de ternura e de sollicitude. Si espero obter a felicidade

celeste, esta esperanza eleva-me bem acima das alegrias e das dores passageiras da vida; a inveja não é, aos meus olhos, mais do que pura loucura e eu me sinto, assim, contente com a minha sorte, pois vejo nella o meio de ganhar o céo.

Com este alto conceito, o unico verdadeiro, todo crente deve considerar a vida, e si elle tiver taes sentimentos, estará mais contente e feliz, entre as fadigas e as sollicitudes, que o millionario dominado pelas ideas vulgares e inteiramente materiaes do paganismo moderno.

Temos indicado com bastante clareza a fonte em que o pae de familia, opprimido pelas fadigas e sollicitudes, pode attingir a verdadeira consolação. Creia elle na Providencia Divina, e espere o céo. Sua fadiga e suas dores são uma tarefa que lhe foi marcada pelo soberano Senhor, e para as quaes já está preparada a recompensa no céo. O Pae celeste considera os filhos da terra como seus proprios filhos; seu pae terrestre é quem lhe faz ás vezes. Elle abençoará e guardará uns e outros e, si paes e filhos se esforçam por merecer a sua protecção, sua sorte não poderá ser desgraçada.

Portanto, um pae deve orar e trabalhar com os seus; trabalhar, quer dizer fazer tudo o que em si estiver, com actividade e perseverança, observando a sobriedade, a ordem, a economia, e mostrando-se virtuoso em todo o seu modo de proceder; orar, isto é, eleyar o coração a Deus com respeito e confiança, honral-o, implorar o seu socorro e esperar a sua benção. Depois disto, elle pode attender com filial resignação, todas as sollicitudes e todos os successos da vida; Deus o ajudará; sim, em todas as occasiões ser-lhe-á de auxilio e á familia. E, si, em uma casa, com o numero de filhos, augmentam tambem as preoccupações e as despezas, pode-se, contudo, affirmar que, onde estão em honra o trabalho e a oração, cada criança traz novas benções. Sem duvida, as cruces e as provações, inseparaveis deste valle de lagrimas, visitarão frequentemente, tambem a familia mais religiosa e exemplar; mas Deus não lhe deixará nunca faltar a sua graça e suas consolações. O pae piedoso e crente poderá sempre, nas horas da afflicção, repetir a seus filhos as palavras que Tobias disse ao seu: é verdade que levamos vida pobre, mas teremos muitos bens si temermos a Deus e fugirmos de todo o peccado e fizermos o bem. (Tobias IV, 23).

Sim, existe uma Providencia Divina que vela sobre nós. Quanto é consoladora esta verdade e quão triste não é, ao contrario, a doutrina falsa e de ordem a trazer a desesperação professada pelos incredulos!

O proprio Strauss, conhecido racionalista, reconhece-o nesta passagem commovedora: «Perder a fé na Providencia Divina é, effectivamente, — diz elle — um dos damnos mais graves que se soffrem, renunciando aos ensinamentos da religião christã. O mundo não é, então, sinão uma grande machina, em cujas rodas a gente sente-se presa e que gyra

com rapidez vertiginosa; a cada instante seus pesados martellos e seus pilões ameaçam esmagar-nos. Ali nos achamos, fracos e desamparados, arrasados por aquelle movimento espantoso; não vemos segurança em parte alguma; a mais leve imprudencia pode fazer-nos dilacerar por uma das rodas da horrivel machina, ou fazer-nos esmagar por um de seus martellos de aço.

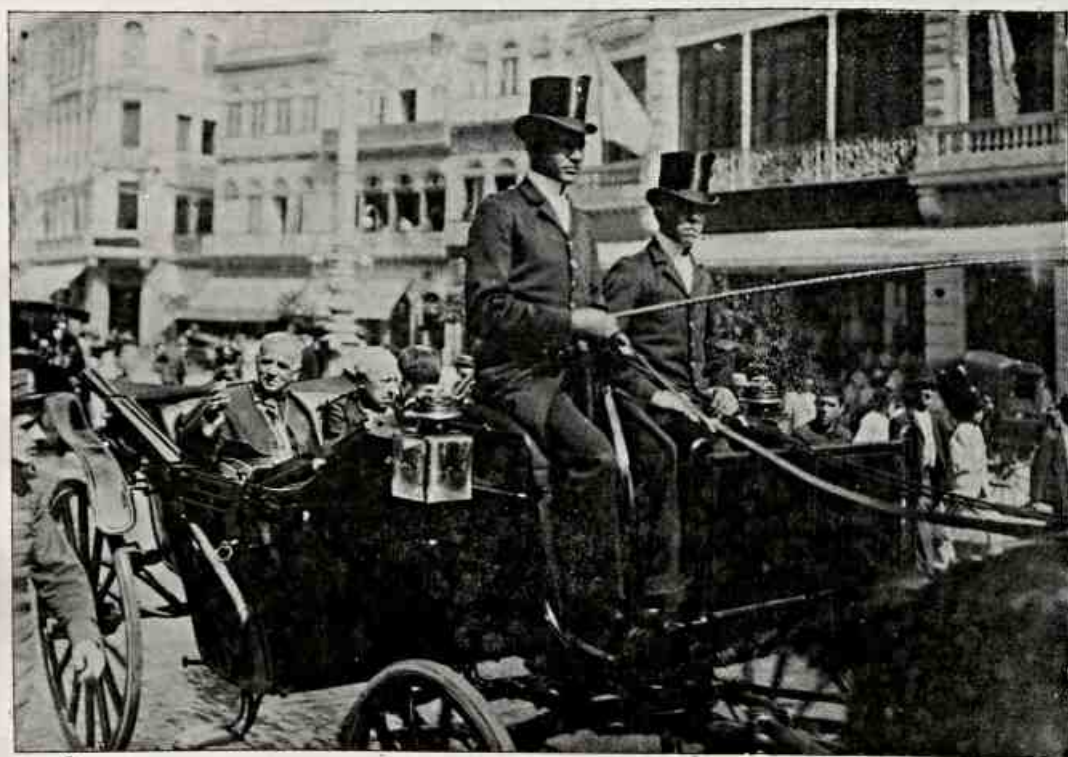
E', verdadeiramente, uma cousa terrivel, ver-se abandonado e exposto de tal modo ao perigo».

Ninguém poderia descrever melhor do que fez este incredulo, as angustias da incredulidade. Vós que ledes estas linhas, mesmo que partilheis da pobreza, continui a crer na Provi-

guas a salvação espiritual deste pode vir a quebrar-se. Todos devemos, no cuidado da nossa alma, lembrar-nos das palavras do Apostolo S. Paulo: "Com temor e tremor obrai a vossa salvação". (Phil. II, 12). Mas, principalmente o pae, que toma a peito a felicidade eterna de seus filhos, guardar-se-á de esquecer este aviso, durante os annos da sua educação.

Mais de uma vez teremos occasião de insistir sobre este ponto. Baste-nos mostrar aqui, como a educação religiosa e moral é hoje mais difficil do que outr'ora.

Tempo houve em que a educação, dada pelos paes na familia, era, por assim dizer, ajudada de



Sua Em.^{cia} o Cardeal Arcoverde em caminho para a sua residencia—10-5-09.

dencia divina e a esperar a recompensa do céo, e então sereis ricos de thesouros sobrenaturaes, e podereis transmittil-os a vossos filhos.

O pae christão terá uma solicitude ainda maior para a *educação religiosa e moral* de seus filhos. Este importante dever torna-se para elle causa de graves cuidados. O céo, eis a meta a que deve levar todos os seus. Chegará lá, elle proprio? Esta simples pergunta já o enche de anciedade. Suas inquietações duplicam quando pensa nas difficuldades e nos obstaculos de uma boa educação, nos perigos e tentações que rodeiam seu filhinho, nos escolhos de toda especie, contra os

todos os lados e não era impedida por nenhum. Os filhos cresciam sob os olhares vigilantes do pae e da mãe, que os tinham constantemente sob sua direcção e defeza, até ficarem completamente educados. A Igreja, a escola e a familia tinham o mesmo espirito; o sacerdote, o educador e os paes tinham a mesma fé, as mesmas idéas e trabalhavam de accordo. Quer quanto á fé, quer quanto aos costumes, o joven christão não corria, pode-se dizer, perigo nenhum, pois tinha, á direita e á esquerda, valiosas defesas. As más leituras, as occasiões de prazer e de gozos, e principalmente a frequencia das tavernas, as festas e os passeios

vãos eram raros e quasi desconhecidos em certos paizes. De outro lado, a consciencia publica, nos municipios e nas parochias, era animada do espirito christão e tornava-se, assim, juiz e censor severo do procedimento de cada qual.

O estado geral dos costumes e o respeito de si proprio e da familia formavam uma barreira protectora contra os perniciosos erros, afastavam o escandalo ou condemnavam-n'o inexoravelmente, e indicavam ao joven christão o caminho a seguir. Assim, os filhos eram educados e dirigidos á virtude pelas licções do catecismo, pelos ensinamentos da escola, pela piedade e pelos bons exemplos daquelles entre os quaes viviam, e crescia nelles o amor aos seus deveres de christão e o esforço de cumpril-os exactamente, quanto mais se adiantavam em idade; afeiçoavam-se á religião, eram honestos e reservados no modo de proceder, obedeciam aos paes e continuavam a servil-os até nos annos da mocidade, não exigindo delles sinão o bom exemplo. Quando os esforços de todos se reúnem e tendem a um mesmo fim, este se consegue com mais facilidade e segurança. Assim succedia, mais ou menos, no tempo de nossos paes, que foi chamado o bom tempo antigo.

Mas que mudanças não se deram, desde então! Não se diria que uma potencia diabolica destruiu e demoliu este harmonioso edificio da educação christã? A maior parte dos paes de familia não vivem mais no meio dos filhos; devem deixar sua casa para ir trabalhar ou attender aos negocios e, quando livres, muitos preferem o ar corrompido das tavernas á doce atmosphera do lar domestico. Na escola, onde as crianças passam, por longos annos, a maior parte do tempo, não se cuida mais, nem da instrução religiosa, nem da piedade; em nome da lei, ella não quer mais saber de coisa alguma disto; e até, em muitos lugares, é de julgar-se feliz si ella se limita a permanecer neutra, e não se mostra inimiga das nossas santas crencas. As crianças deixam o tecto paterno antes que a sua educação moral e religiosa esteja completa; são obrigadas a sahir cedo para ganhar a vida ou para aprender um officio. O mundo está inundado de livros impios e prejudiciaes que, infelizmente, cahem muitas vezes nas mãos da mocidade. Mais perto della ainda, estão o escandalo da indifferença religiosa, os máos exemplos, as occasiões perigosas e todas as outras tentações de uma vida de prazeres e gozos. A passo igual com estes males, já tão numerosos, andam o desprezo da autoridade dos parentes, a independencia absolutamente muito precoce da criança, que quer ser dona de si, antes de receber educação, que é impellida para o perigo antes de se ter preparado para elle. Observando a joven geração, fica-se disposto a exclamar, como Santo Agostinho no momento em que se despenhava a civilização romana: "Mudai, então, ó meu Deus, estas crianças em velhos". Com effeito, para proseguirem incolumes num mundo tão perverso, conviria que ellas possuíssem, desde a mais

tenra idade, a experiencia, o tino, a madureza e a energia que só muitos annos trazem.

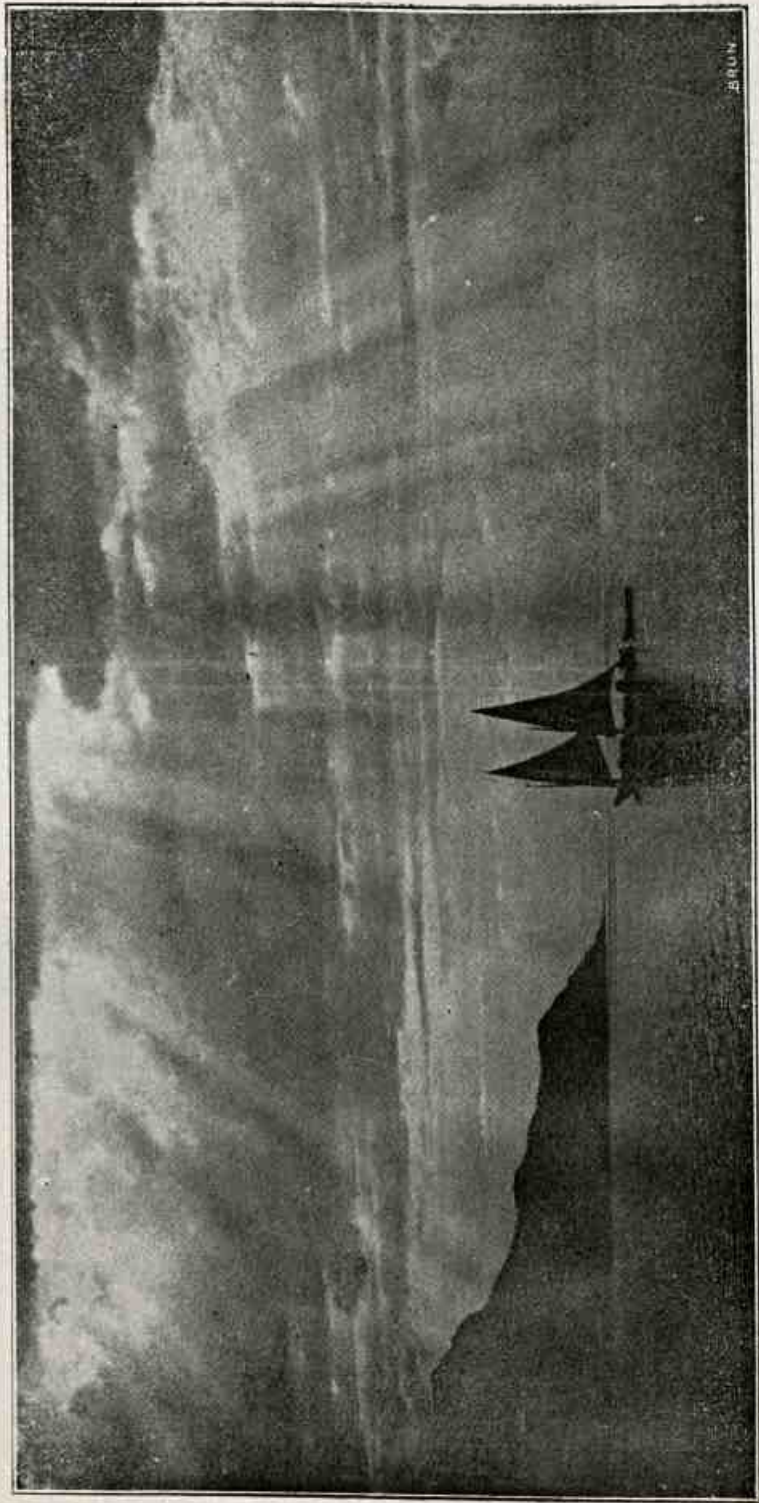
O quadro, ora esboçado, contém mais de um traço que, por boa ventura, não se encontra por toda a parte; deve-se, porém, reconhecer que elle retrata o nosso tempo e que, no conjuncto, é uma imagem bem fiel delle. Em muitos lugares a situação é justamente a que descrevemos; demais, ella tende a assumir uma physionomia unica. Em tão desfavoraveis condições, é ainda possível aos paes, criar seus filhos para o céu? Têm elles maneira de nullificar estas funestas influencias, para que as crianças fiquem crentes e virtuosas, e cresçam como bons christãos? A pergunta parece-nos tão complexa que não pode ser respondida com uma palavra. E' certo que em nossos dias o mundo está cheio de crianças abandonadas e de moços christãos que se deixam arrastar pela torrente do mal, logo que delle se approximam. E' certo, igualmente, que estas fileiras de crianças infelizes são principalmente fornecidas por aquellas tristes familias em que o pae ou a mãe não cumprem com seu dever, se mostram indifferentes e não têm o menor cuidado de suas obrigações. Pois que os factos fallam e proclamam altamente que toda a educação má ou descurada produz máos fructos. Não menos certo é que a tarefa de criar filhos para Deus e para o céu, é, sem comparação, mais difficil hoje do que outr'ora; eis porque as crianças que têm a desgraça de ter paes inficis ao seu nobre officio, correm o maior perigo de perder-se. Mas é certo tambem que a nossa santa religião possui, para toda alma desejosa de salvar-se e, em particular, para os paes que são assiduos em seus deveres, thesouros de graças e socorros sobrenaturaes aptos a fazel-os triumphar do mundo e de todos os seus perigos.

Certo é, igualmente, que os christãos dos primeiros seculos tiveram de educar seus filhos em um mundo muito mais corrupto do que o nosso, e que, entre as abominações pagãs, estes cresceram numa admiravel innocencia e caminharam heroicamente para a morte, afim de dar testemunho da fé de Jesus Christo. E' certo tambem que a Igreja possui ainda as mesmas fontes de graça e os mesmos remedios salutaes, e que os põe á disposição de todos os que querem servir-se delles resolutamente. Certo é, finalmente, que um pae crente e devoto tem mais autoridade sobre o coração de seus filhos do que todas as potencias do mundo, e que, em nossos dias, pode erial-os como bons christãos, si nas suas palavras e nas suas acções, nos seus princípios e em todo o seu procedimento, se ativer invariavelmente á maxima de Josué, commandante do exercito de Israel: « Eu e a minha casa serviremos ao Senhor ». (Josué, XXIV, 15). A' vista de seus filhos, o pae pense em seus netos e em toda a sua posteridade. Elle se tornará, talvez, a origem de numerosa descendencia, que subsistirá por varios seculos, numa longa serie de gerações. Os que della nas-

cerem levarão seu nome até ás idades mais afastadas; elle deve desejar que o bom successo e a estima os sigam na terra, e que um dia sejam felizes com elle no céo. Quanto seria doloroso para elle prever que seus netos andarão de cá para lá pelo mundo, como a escoria do povo, vegetando na miseria, na deshonra e na immoralidade, desprezados por todos, aqui na terra, e reprobos eternamente depois da morte.

Mas não se trata aqui, apenas, de temor, de esperança ou de vãos desejos, trata-se de graves obrigações do pae para com a sua posteridade. Dando aos filhos uma educação solidamente christã, elle pode tornar estavel a fé e o temor de Deus em sua familia por gerações inteiras e tornar-se, dest'arte, autor da sua felicidade temporal e eterna. Mas os erros que commetter a este respeito, ainda mesmo por simples negligencia, farão crescer, talvez, sobre o seu tumulo fructos de morte, durante seculos, para os seus netos e bisnetos. Ninguem poderia prever ou avaliar todas as consequencias de uma boa ou má educação; o seu reflexo pode fazer-se sentir até no mais remoto futuro.

Tudo isto que ha de bom ou de máo, na vida de um pae, torna-se uma benção ou uma maldição para os seus descendentes. Suas virtudes ou seus vicios serão, para elles, através da vida, uma luz guiadora ou uma sombra de cegueira. Pois que, está escripto que Deus estende a sua misericordia a mil gerações, mas pune a iniquidade dos paes sobre os filhos e os netos até á terceira e quarta geração. (Exodo, 34, 7). E, para animar os paes ao cumprimento fiel de seus deveres, o psalmista accrescenta que a geração dos justos será abençoada (Psalmo CXI, 2).





RAPIDO OLHAR

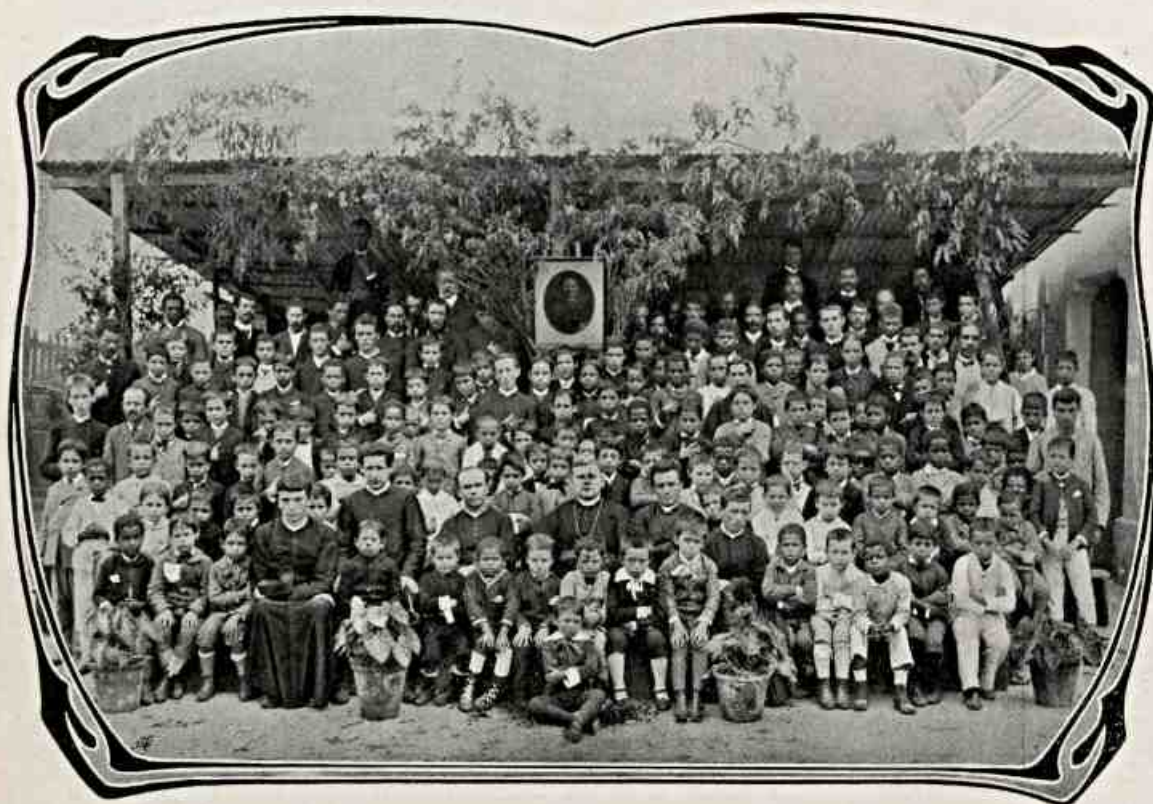
RETROSPECTIVO PHOTOTYPOGRAPHICO

AOS

PRINCIPAES GRUPOS

DO

MOVIMENTO COLLEGIAL



Grupo geral em 1888, presidido por D. Pedro Maria de Lacerda.

BOA RESPOSTA

Um honrado cura toma o trem em uma pequena estação rural, no departamento de Somma entre Compiègne e Roye. O carro vai quasi repleto. Um dos passageiros, sahindo-se de seus cuidados, interpella o recémchegado, com fingida benevolencia:

— Diga-me, Sr. Padre: sabe V. Revma. da última novidade?

— Não meu amigo. Sahi hoje muito cedo. Ainda não tive tempo de ler os jornaes.

— E' pena. Olhe, não se falla noutra cousa. O diabo morren.

— Será verdade? perguntou o sacerdote, sem se perturbar. Depois, com ar profundamente commovido e levando a mão ao bolso, acrescentou: Senhor, sempre tive compaixão dos orphãos, queira aceitar esta esmola. — Os circumstantes, entre boas gargalhadas, applaudiram a resposta. O sujeito desceu na primeira estação.



A Herança



- Então, Rosalia morreu?
— Sim, senhora Villeroy, respondeu um homem de baixa estatura, vestido de preto.
— E seu testamento?
— Será aberto d'aqui a pouco, em nossa presença.
— Caber-nos-á alguma cousa?
— Certamente, pois somos os unicos herdeiros.
— Conheceu aquella senhora mal trajada que acaba de entrar?
— Ah! é a irmã da morta; porém, coitada, não obteria cousa nenhuma.
— Então é Anna que se casou com aquelle pobretão?
— E' ella mesma.
— Oh! como se atreve essa mulher a comparecer aqui?
— Não sei.
— Estou certa de que Rosalia, apesar de religiosa, nunca lhe perdoou.

Nesse momento chegava Anna ao quarto, onde se achava reunida a familia da fallecida. Seu rosto pallido, seus olhos marejados de lagrimas inspiravam compaixão.

— Que deseja? perguntou-lhe com altivez, a senhora de Villeroy.

— Minha senhora, respondeu humildemente a pobre mulher, não venho reclamar cousa alguma, mas apenas indagar do sr. tabellião Durval se minha irmã me perdoou antes de morrer.

— Que diz? interrompeu arrogante a senhora de Villeroy, quer ser perdoada, depois de haver contrahido um casamento indigno de si e contra a vontade de seu pai?

— Senhora, sei que sou culpada, mas os soffrimentos e os desgostos que tenho passado deixam-me esperar a compaixão de Deus. Se a senhora pudesse avaliar quanto tem sido miseravel minha vida, depois de meu casamento, de certo teria piedade de mim.

— Qual! por maiores que sejam as razões que apresente, nunca poderá ser perdoada

Nisto apparece o tabellião Durval e diz com brandura: Não a reprehenda por uma falta que lhe foi perdoada pelo pai e pela irmã.

— Mas que veio fazer aqui?
— Sua presença é necessaria, replicou o tabellião com gravidade.

Minutos depois, começou a leitura do testamento: Eu, Rosalia Maury, pensionista do Collegio do SS. Coração de Jesus, em pleno gozo de minhas faculdades, declaro por meio deste testamento, a minha derradeira vontade:

Possuo, em mão de meu advogado, 200 mil francos em dinheiro, a escriptura de meu chalet tambem no valor de 200 mil francos, além das

joias e da mobilia, que igualmente se acham depositadas em mão do mesmo advogado, e um livro de orações que será encontrado no convento em que residio.

Quero que sejam feitas tres partilhas com esses objectos, constando a primeira dos 200 mil francos em dinheiro, a segunda do chalet, da mobilia e das joias, e a terceira do livro de orações.

Perdôo a minha irmã o desgosto que me causou e tel-a-ia consolado, se soubesse de sua volta para a terra natal. Quero que seja contemplada neste testamento, como prova do que digo.

A senhora de Villeroy, minha sobrinha, escolherá um dos lotes; o sr. Oliveira, meu cunhado, escolherá outro e Anna, minha irmã, ficará com o terceiro.

— Ah! Ah! D. Rosalia dispoz tudo muito bem, disse a sra. de Villeroy, entre gargalhadas; Anna ficará com o livro de orações.

O tabellião interrompeu-a perguntando: Senhora, qual dos tres lotes deseja?

— Quero os 200 mil francos em dinheiro.

— Oh! senhora, disse o tabellião procurando excitar-lhe a piedade, V. Ex.ª que é tão rica, não poderia escolher o livro de orações e ceder o capital de 200 mil francos a D. Anna que é pauperrima?

— Está gracejando, sem duvida, sr. Durval, respondeu a sra. de Villeroy; julguei que houvesse melhor comprehendido a intenção de D. Rosalia; ella bem sabia que o livro de orações caberia á irmã.

— E porque assim o afirma?

— Porque está patente que D. Rosalia quiz mostrar a Anna que, neste mundo, só deve achar recurso no arrependimento e na oração.

O sr. Oliveira, devendo por sua vez, escolher, tomou o chalet com as joias e a mobilia.

— Oh sr. Oliveira! disse meigamente o tabellião Durval, mesmo que fosse intento de D. Rosalia castigar a irmã, faria o senhor, que é quasi milionario, um simples acto de generosidade, cedendo a D. Anna sua parte e ficando com o livro de orações.

— Muito obrigado pelo conselho, respondeu ironicamente o Oliveira; o local do chalet confina com os meus terrenos, e muito me convem. Quanto ás joias devo guardal-as como lembrança.

— Neste caso, continuou o tabellião, dirigindo-se a D. Anna, não tem a senhora outro remedio, senão ficar com o livro de orações.

Anna recebeu o livro de sua irmã e, entregando-o carinhosamente ao filho, murmurou: Guarda, meu filho, guarda o livro de tua fallecida tia que, se te conhecesse, muito te estimaria. Quando souberes lêr, pede a Deus que te faça

hom e prudente como teu pai e mais feliz do que tua mãe.

A criança beijou o livro e, abrindo, exclamou: Oh! mamãe quantos santinhos bonitos!....

— Sim? perguntou a pobre mãe satisfeita, vendo a alegria infantil.

— Sim, mamãe. Olhe aqui Nossa Senhora com o menino Jesus! Mas para que os embrulharam em papel fino?

— Para não se estragarem.

— E porque deitaram tanto papel em cada imagem?

Anna volta-se para o livro, solta um grito e cae desmaiada.

fazia e que se referia ás apolices que D. Anna acaba de comprar.

— Oh! Oh! exclamou Oliveira, D. Anna compra apolices, depois de possuir palacio e carro?

— Sim, respondeu tranquillamente o sr. Durval.

— Mas, onde achou esses capitães?

— Não adivinharam?

— Não.

— Não suspeitaram cousa alguma do inesperado desmaio de D. Anna á vista do livro?

— Ainda uma vez, não.

— Pois julguei que o acontecimento lhes tivesse causado impressão; logo que assim não foi, expli-co-me: O livro continha 50 santinhos, estando cada



Egreja de Santa Maria em Bruxellas (Belgica).

O sr. Durval, porém, se apressa em dizer aos circunstantes que não se vexem, que o incommodo é passageiro e toma o livro sob pretexto de guardal-o.

A sra. de Villeroy e o sr. Oliveira despedem-se então, commentando o facto.

Um mez depois, encontram D. Anna e o filho ricamente vestidos e passeando em linda caleça.

Colheram informações e souberam que D. Anna havia comprado um palacete no valor de 200 mil francos.

Esta noticia commoveu-os tanto que pressurosos se dirigiram á casa do tabellião e, terminando as sandações do estylo, disse a orgulhosa sra. de Villeroy: Desculpe-nos se o incommodamos, mas queremos que nos conceda alguns instantes de attenção, se lhe fôr possível.

— Os senhores não me incommodam absolutamente; interrompo com satisfação o trabalho que

um delles envolvido em dez notas de mil francos; herdando, portanto, D. Anna, 500 mil francos.

— Grande Deus! bradou o Oliveira, desesperado.

— Ah! se eu soubera! vociferou a sra. Villeroy.

— São os unicos culpados do succedido. Não lhes aconselhei que ficassem com o livro? disse pausadamente o tabellião.

— Porém quem suspeitaria que tanta riqueza estava guardada em livro tão velho!

— Não obstante, replicou o sr. Durval, é facil comprehender o movel do procedimento de D. Resalia; guardava aquelle dinheiro para ter de que dispôr, caso se visse obrigada a deixar o convento.

Despediram-se a sra. Villeroy e o Oliveira, sentindo no coração todo o fel do rancor e mal podendo occultar os sentimentos sob fingida calma.

Seria muito bom que a excellente lição recebida lhes fosse proveitosa.



O ALLELUIA



Resoou pela manhã calida o brado solemne. Mais majestoso brilhou o sol e por toda a terra se derramou doce harmonia. Mil vozes cantaram o hymno da victoria, e em homens e cousas, no céo e na terra, despontou um sorriso.

Christo, triumphante da morte, resurgiu circumdado daquella gloria immortal que o proclama o rei dos seculos; o Deus tres vezes santo, que quebrou as cadeias que acorrentavam ao inferno a humanidade decahida e abria, de par em par, as portas da patria celestial: unica, suave aspiração de todos aquelles que, peregrinando por este valle de lagrimas, anhelam pela paz e pelo repouso que aqui não se pode ter!

A resurreição de Christo é evocada todos os annos, com jubilo e com a mais suave confiança, pois em Christo convergem as esperanças da humanidade, que nelle, e durante vinte seculos, reconhece o seu Salvador, o Principe da paz.

Alleluia! canta-se nas egrejas, enquanto os sinos soam festivos; *Alleluia!* repete-se, com voz solemne, enquanto em todos os semblantes paira uma alegria ineffavel, sentimento de amor que a humanidade conserva por aquelle Jesus que, para nos dar a vida, quiz morrer na cruz.

Os impios, os que receberam em herança de sordidos e vulgares mystificadores, o odio contra o Nazareno, ouvirão este hymno de triumpho indifferentes e com desprezo, mas Jesus apresenta-se diante de seus olhares ferozes, a sorrir serenamente, rodeado de gloria immortal.

Elle passa através dos seculos, invencivel e forte, em torno d'Elle esboroam-se as dynastias, ruem os thronos, desaparecem os homens, perdem-se as cousas, só Elle permanece, centro dos seculos, esperança dos povos.

A Egreja canta o seu *Alleluia!* e é esse cantico que forma a sua força mais indiscutivel: com Christo e em Christo ella estará sempre viva, pois Christo não morre.

Cantemol-o nós, christãos, este solemne *Alleluia!* e seja o cantico da fé sempre firme, da esperança sempre consoladora, afim de que, sem receio das insidias e das lutas da vida, nos lembremos, nas angustias e afflicções, daquella grande promessa de Jesus: *ecce ego vobiscum sum, omnibus diebus* (eis que eston convosco todos os dias).

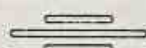
Tenhamos presente que, depois do Calvario vem a Resurreição e, cheios da esperança que nos deixou o Salvador, de irmos ter com elle para sermos consolados, ergamos o pensamento e o coração além deste mundo, para pousar o olhar languido sobre o Christo resurgido. Cantemos o *Alleluia* da fé, da esperança, do amor; o *Alleluia* da paz e da resignação, lembrados sempre de que devemos entoar esse hymno, repassados do amor que formará todas as nossas aspirações, todos os nossos ideaes, toda a razão do nosso ser, quando formos chamados áquella patria, que Jesus para nós preparou, triumphante da morte e do peccado.

Oh! como será encantador, suave, ineffavel o *Alleluia* que se canta no céo!...

MINIMUS



O PONTAPÉ



O Sr. L. Kist em suas «memorias» conta-nos o seguinte:

Em E... visitei muitas vezes meu visinho, um homem doente, que soffria as dores mais atrozes com a maior paciencia e resignação. Tinha na perna direita, do joelho para baixo, tumores e feridas, que, apezar dos cuidados dos medicos, se tornaram tão perigosas que era preciso amputar a perna. Sentindo-se fraco fez (como todas as pessoas antes da operação) o que era preciso para estar em todo o caso preparado, recebeu com grande devoção os santos sacramentos da confissão e communhão.

Na operação não quiz ser chloroformizado dizendo que sem gemido e sem queixa queria soffrer as dores da amputação para penitenciar-se dos seus peccados, olhando para o crucifixo e invocando N. Senhora e S. Sebastião, seu santo. E realmente assim fez. Sem lagrimas, sem queixas aguentou as dores horribes da operação, segurando até mesmo a perna a amputar dizendo aos medicos que não tivessem medo, que cortassem.

Depois da operação fui testemunha de uma scena tocante. Pegou na perna amputada, na qual apenas havia ossos (pois a carne e pelle tinham cahido de podre); levantou-a, olhou-a com grande serenidade e disse com voz tremula: «E' o mesmo pé, com o qual, ha vinte e um annos, dei um pontapé em meu pae, quando o puz fóra da casa e outro quando estava desmaiado em frente della; desde aquelle momento soffro da perna, castigo da violação do quarto mandamento, contra o qual tão gravemente pequei. Sim, meu Deus, Vós sois justo e castigais quem não Vos ouve. Agora, meu amigo, comprehende porque soffri tão pacientemente. Espero que Deus acceite a minha penitencia de vinte e um annos e que me perdõe os peccados de que já muitas vezes me confessei. Esta perna vai para o cemiterio, breve seguil-a-ei.

Acabava de fallar a verdade; quatro semanas depois ia descansar no cemiterio.

Honra teu pae e tua mãe! Obedece-lhes! Respeita-os sempre em toda a parte!

AN. CORD.



ANEDOCTAS



Carlos V e a má doutrina

Perguntado este insigne imperador catholico, porque não assistira ás celebres discussões publicas havidas na Allemanha entre os theologos catholicos e protestantes, nos tempos de Luthero, respondeu:

Quem creou o Demonio?

Perguntava-se um dia aos tres meninos do Senhor de Genoude, Henrique, René e Gui:

— Quem creou os anjos?

A resposta era facil: — Foi Deus.

— Mas quem creou o Diabo?

Neste caso havia difficuldade. René não queria dizer que fôra Deus; o pequeno Gui, que não tinha malicia, não sabia bem si era d'elle que se queria fallar; Henrique reflectiu e respondeu como inspirado: «Foi Deus quem o fez anjo e foi elle que se tornou Diabo!»



QUI PRO QUO!!...

Não assisti, porque sempre pensei que, como não sou theologo, si porventura se me mettesse na cabeça alguma objecção heretica e logo não soubesse comprehender a resposta, quem me tiraria esse mau germen?

Admiravel resposta que condemna os temerarios que, sem terem a instrucção religiosa de Carlos V, abalançam-se á leitura de livros impios e hereticos.

Certo provinciano hespanhol, indo pela primeira vez á côrte de Madrid, todo se desfazia em cumprimentos e salamalekes aos figurões que encontrava. Deparando-se-lhe, porém, um infante de Hespanha, a quem quiz tambem cumprimentar, quedou-se perplexo, não sabendo que tratamento dar-lhe. Sahiú-se, porém, da difficuldade reflectindo do seguinte modo:

Aos *senhores* da côrte dá-se o nome *senhoria*...

Dirigindo-se, pois, ao infante saudou-o nestes termos:

«*Beijo as mãos de vossa infantaria*».

O lenheiro descarrega o burro da lenha.

Clotilde, da janella, assiste ao serviço.

A mamãe paga e o lenheiro pedincha: «*Mais alguma coisinha, minha senhora, para matar o bicho*».

A mãe dá e, quando o lenheiro desaparece, Clotilde com lagrimas nos olhos: — «*Ora, mamãe p'ra que é que você deu dinheiro para elle matar o burro*».

O professor para o alumno:

— O senhor tem de me desenhar aqui uma locomotiva.

— Sim, senhor, diz o alumno. — Senta-se na banca e prepara-se para desenhar. Passadas duas horas, o professor levanta-se para examinar o desenho e encontra no papel apenas os trilhos.

— Então? Que é da locomotiva? pergunta o professor.

— Já passou, senhor professor, responde o moço, e levava tanta velocidade que não tive tempo de chamal-o para ver.

Um « chuva » insistia por metter na fechadura da porta um grande charuto.

Passa um policia e observa :

— Oh, « seu » bebedo ! então você quer abrir a porta com o charuto ?

— Bonito ! volta o « chuva » titubeando e apalpando-se : Querem... vê... que... eu... fumei... a... chave...

Presença de espirito.

Durante um combate simulado, Napoleão I surprehendeu um soldado que, deitado no campo, dormia descangadamente.

— E' este o seu lugar ? exclamou o imperador, acordando-o e pensando em dar-lhe uma punição exemplar.

O militar acordado de modo tão violento, abrindo os olhos e reconhecendo Napoleão, de um salto poz-se em pé apresentando armas :

— Magestade, disse, perdôe-me ; como estavamos travando um combate simulado, para que a illusão fosse completa, eu fazia-me de morto.

Napoleão não poudé deixar de rir e perdôou o soldado.

André móra no 2.º andar e seu patrão no 1.º. Este ultimo, um dia, manda chamal-o e lhe diz :

Procure não fazer barulho, quando subir as escadas á noite. Já despedi o seu antecessor por acordar-me todas as noites, visto ter eu o somno muito leve.

André, na noite seguinte, voltou á casa á uma hora, e subiu as escadas em pontinhas dos pés, depois desceu devagarinho e bateu á porta do patrão.

Ninguém responde.

Bateu mais fortemente... e fez grande ruido.

— Que diabo é isto ? gritou furioso o patrão. Para que tanto barulho ?

— Queria perguntar-lhe se me ouviu subir as escadas, respondeu cortezmente o criado.

— Meu caro pintor, eu desejo ter um retrato de minha mulher com a maxima semelhança possivel.

— E' coisa facil.

— Não tanto como pensa, minha mulher é muda.

— A pintura encontrou o meio de indicar essa deformidade: este é mesmo um dos casos em que ella prova sua superioridade sobre a photographia.

— O senhor espanta-me ; como o seu retrato fará perceber que a minha mulher não falla ?

— Perfeitamente.

Um mez depois, acabava o pintor o retrato da muda.

Na bocca... elle havia desenhado uma teia de aranha.

Visitando Napoleão, uma vez, a universidade de Pavia, viu no pateo o capim muito crescido.

— Porque não mandaes cortar este capim ? perguntou ao reitor.

— Para que saibam, respondeu este, que aqui não ha burros que o comam.

Entre amigos:

— Vês aquella senhora ?

— Sim. Quem é ?

— Não imaginas o quanto lhe devo.

— E' tua mãe ?

— Não. E' a dona da casa onde eu móro.

Um orador muito caloteiro fizera uma conferencia, cujo thema fôra :

A theoria do dever.

Um credor encontrando-o na rua :

— Diga-me cá uma cousa. Quando é que o meu amigo dissertará sobre :

A theoria do pagar!

Um grego e um veneziano discutiam acaloradamente a excellencia dos seus paizes :

— Da minha patria, dizia o grego, sahiram todos os sabios.

— Por isso lá não ficou nenhum, replicou o veneziano.

N'um tribunal. — Um mestre das duzias é citado como testemunha :

— Declinae vosso nome ! diz-lhe o Juiz.

O Mestre: — Nominativo Ponciano, — genitivo, de Ponciano, — dativo, a Ponciano, — vocativo, oh Ponciano, — ablativo, por Ponciano: Plural....

Basta ! — interrompen o Juiz. — Não é preciso o plural, pois que da raça dos Poncianos, como vós, não pode haver senão um só !

Em um barbeiro:

Official — Acha boa a navalha ?

Freguez: — Meu amigo, se não tivesses fallado, ignoraria que me estivesse passando uma navalha no rosto.

Official — (lisongeador:) Muito obrigado.

Freguez: — Pensei que o amigo estivesse usando uma lima !

Em um vagão da estrada de ferro, entre passageiros :

— Eu por mim não estranho o calor ; já em uma viagem aguntei 90 grãos.

— Isso é lá possivel ?

— E' como lhe digo. Foram tres dias, a 30 grãos, total 90.



Previsão dos terremotos



Fallemos agora de um sabio, que a estas horas está atrahindo a attenção universal. Refiro-me ao Padre Maccioni, da Ordem de S. Francisco de Assis.

Os recentes tremores de terra puzeram, mais que nunca, em ordem do dia das observações sismographicas o problema da previsão dos abalos subterraneos.

A "Tribuna" jornal anticlerical, impressionada com o que se dizia do illustre religioso, pediu-lhe uma entrevista.

Damos em seguida as passagens mais interessantes desta "interview", publicada pelo conhecido jornal italiano acima mencionado.

"Desde que me occupo de sismologia, explicou o Padre Maccioni, sempre me preoccupei muito com o phenomeno do presentimento dos animaes, assim como tambem sempre me chamou a attenção a circumstancia de despertarem as pessoas adormecidas alguns minutos antes dos abalos.

Estudei as diversas hypotheses, emittidas pelos sabios, mas nenhuma dellas me satisfiz. Fui obrigado a afastar toda a acção mecanica.

A 26 de Janeiro de 1908, antes de se dar o tremor de terra do 6º gráo, levantei-me sobresaltado, sem poder logo de prompto descobrir a causa deste facto.

Deu-se o tremor. Tomei nota das circumstancias e continuei meus estudos.

Formulei então a hypothese de que tanto o presentimento, como o despertar eram devidos á acção destes agentes, conhecidos scientificamente sob o nome de ondas electro-magneticas, que agem sobre os musculos e os nervos como correntes de inducção.

Se realmentem as ondas electro-magneticas são um phenomeno concomitante do tremor de terra, pensei que se podiam verificar com um instrumento de que dispõe a physica moderna e que se denomina resoador electrico ou coherer.

E' o instrumento que sente a telegraphia sem fios.

O Padre Maccioni explica em seguida como, nos ensaios que fez, a principio, não colheu o menor resultado. Nenhum dos coherers conhecidos, quer do typo Branly-Marconi, quer do typo Thomasius, foi de bastante efficacia.

"Acabei por fabricar um coherer, segundo o meu plano, disse elle: uma caixa rectangular de madeira isolante, cheia de limalha de metaes diversos, sobre os quaes repousam as extremidades de uma pilha ordinaria."

As centelhas provocadas pelas correntes annunciam, com antecedencia, o phenomeno. Tudo está agora em recuar a previsão o mais possivel, juntando esta previsão a instrumentos de aviso.

O eminente religioso, com uma modestia realmente encantadora, não faz segredo algum de seus estudos: muito ao contrario, tornal-os publicos o mais possivel é o seu maior interesse.

"Porque, pondera elle com uma humildade que só se encontra nos servos de Deus, o que eu não posso fazer, talvez o consigam outros mais competentes".

Nesta attitude não ha sombra de egoismo: o seu fito é mais ser util á humanidade do que procurar um pouco de gloria para o seu nome. Não aspira a glorias mundanas quem tem os olhos sempre voltados para o céo.

Isso é mais uma illustração da doutrina dos que sustentam a verdade de que não ha a menor incompatibilidade entre a sciencia e a religião.

Eis ahí um modesto religioso que conhece muito bem que tambem se serve a Deus no estudo das leis que elle em sua sabedoria, impoz á materia.

O Padre Maccioni é mais um catholico cujo nome ficará para sempre ligado á historia da sciencia.

OLIVEIRA E SILVA.



O quarto de hora de Rabelais

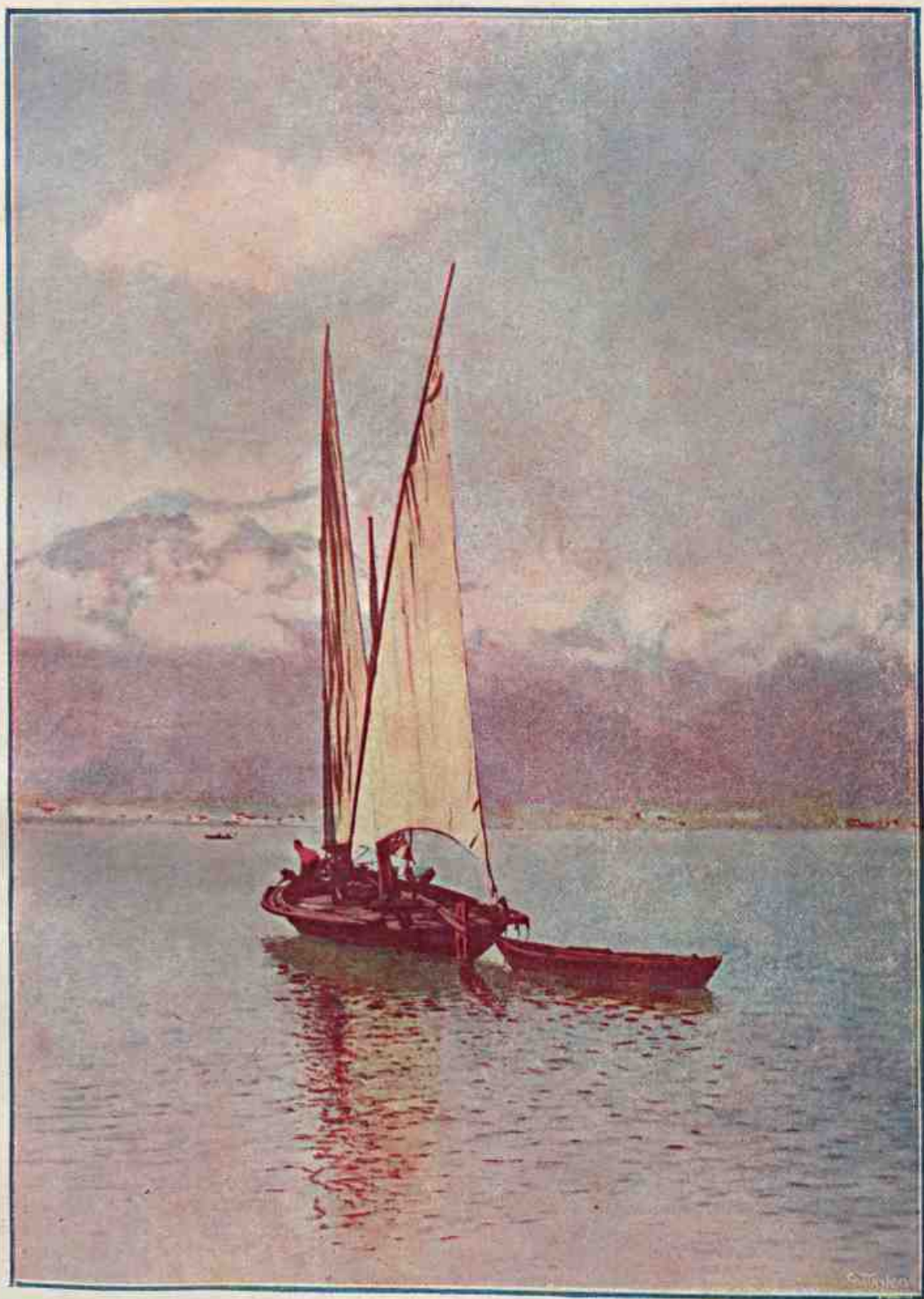


Conta-se que Rabelais, chegando a Lyon, foi obrigado a alojar-se numa hospedaria, por não ter mais dinheiro para continuar a viagem. Para sahir do aperto, lançou mão de um estratagemma que passou á historia como um proverbio: « O quarto de hora de Rabelais ».

Reuniu em torno de si todas as pessoas que estavam na hospedaria e lhes disse que queria revelar um grande segredo: « Volto da Italia, onde encontrei um poderosissimo veneno para nos desembaraçarmos do rei, o peor dos tyrannos, que devora a França. » — Diante disto; todos amedrontados se afastaram; e pouco depois, os

magistrados da cidade mandam prender o supposto envenenador, a quem, com uma boa escolta, levam para Pariz, tratando-o, todavia, com toda a consideração, como si fôra um envenenador de luxo.

Francisco I, perante quem compareceu Rabelais, sorriu ao vel-o, e da propria bocca do satyrico escriptor quiz ouvir a historia da sua extranha aventura. Riu-se de prazer, e mandou pôr em liberdade o bom homem, agradecendo, entretanto, aos magistrados e á boa gente de Lyon, o zelo que tinham demonstrado em tal circumstancia.



Falua da ilha do Governador transportando fructas e hortaliças para o mercado. Ao fando vê-se a serra de Petropolis.

O melhor vestido

(Versos para creanças)

— Oh que lindo Jesusinho
Deitadinho
No seu presepio gentil!
Anda ver, anda, Carlito!
Já viste algum mais bonito?
Os olhos são cor de anil,

A boquinha cor de rosa,
Tão mimosa!
Parece que vai falar!
Olha, Carlito, as mãosinhas
Como são alvas, gordinhas..
Se eu as pudesse beijar!

Porém... agora reparo!
Carlito, que desamparo!...
Jesus não tem
Lençóis, nem colcha nem nada!
A palha é a sua almofada,
A cama... é palha também!

Nem mesmo flores... que pena!
Só uma triste verbena,
Murcha, se vê
N'aquelle duro bercinho!...
Sem coeiros, quasi núsinho
Porque o deixaram?... porque!...

Acaso ninguém podia
Dar-lhe uma roupa macia?
Que gente má!...
Oh, uma idéa, Carlito!
Vamos vestil-o?... Está dito!
Diga o que é que você dá.

Eu tenho uma larga renda,
Rica offerenda
De nossa boa vovó;
Tenho uma seda bordada...
Porém você não diz nada
E fica sorrindo só!...

— Irmãzinha; estou disposto
A auxiliar-te com gosto,
Tens-me o ar de um cherubim
De caridade! mas ouve:
A Deus aprouve
Que Jesus nascesse assim.

Da pobreza entre os rigores,
Elle occultou os fulgores
Da divindade, em Belém;
Por isso é que, na lapinha,
Sua linda imagemzinha
Roupas de preço não tem.

Na simples palha inclemente
Põe-n'o a gente
P'ra recordar, julgo eu,
De um modo claro e bem vivo,
(Como ensino intuitivo)
A inopia em que Elle nasceu.



Porém se adornal-O queres
Com os mais bellos rosicleres,
Aqui te vou descobrir
Uma engenhosa maneira
Verdadeira
De Lhe agradar, de O vestir.

Arranca gemmas ao seio
De tua alminha. Esse meio
Facil não é?
O rubim da CARIDADE,
A amethista da HUMILDADE,
A saphira azul da FÉ.

Teece então, borda um vestido.
Que luzido,
Que primoroso será!...
Põe-lhe perolas de PUREZA,
Diamantes de FORTALEZA...
Outro igual não haverá!

E o Jesusinho adorado
Será tão glorificado
Com o teu labor,
Que dirá, enternecido:
— E' esse o melhor vestido
Que me póde dar o amor!...



Dezembro de 1908.

AMELIA RODRIGUES.

O Meniço Deus no Presepio

SONETO CLASSICO

Dos céos á terra desce a mór Belleza,
Une-se á nossa carne, e a faz nobre:
E sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica á mór alteza.

Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que como ao mundo o seu amor descobre,
De palhas vis o Corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo céo despreza.

Como? Deus em pobreza á terra desce?
O que é mais pobre, tanto lhe contenta
Que isto somente rico lhe parece.

Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto, por ser pobre, já merece,
Que quanto mais o é, mais lhe contenta.

CAMÕES.

Louvores á Mãe de Deus

*Quibus te laudibus efferam nescio
Ecclesia.*

Para cantar teus dotes, ó Maria,
Esmero da Divina Providencia,
Minha razão não tem sufficiencia,
Nem condignos louvores te daria.

Milhares de fleis em romaria,
Mil templos de immortal magnificencia,
Attestam teu poder e proeminencia:
Quem sabendo quem és, não te amaria?

Toda formosa sempre, sempre pura
Oh Mãe do Redemptor, nossa Mãe terna,
Nossa esperanza és tu, vida e doçura!

A teus pés todo o sabio se prosterna:
Em ti mais que em nenhuma creatura
Vê-se o reflexo da Bondade Eterna.

A. PIMENTEL



Página real



A campainha tocou raivosamente na saleta tranquilla e logo depois o Juquinha entrou de um salto, batendo com o pegador de livros sobre a mesa e atirando o gorro sobre a primeira cadeira que encontrou. Tinha a face pallida, os olhos humidos e um fremito convulso a agitar-lhe os labios. Dirigiu-se resolutu para a mãe, dizendo-lhe:

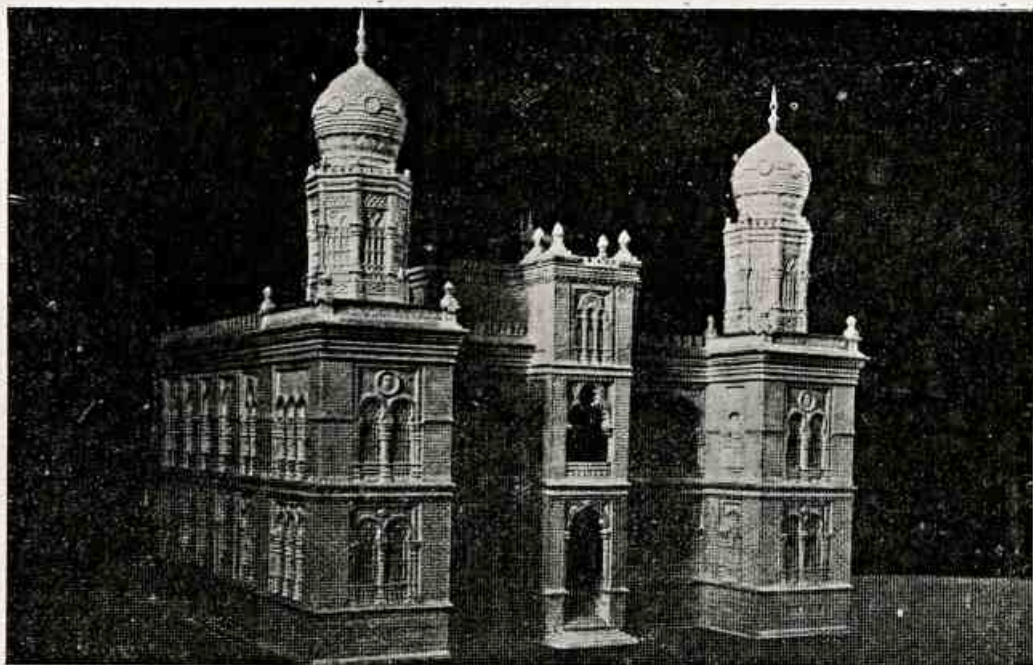
— Corja de vilões! Ralhei-lhe sem medo de ninguem. E agora estou pagando.

sobre um nariz tão extrauho, a ponto de parecerem as narinas verdadeiras janellas; as orelhas destacam-se do rosto como dous enormes funis, e....

— Chega, não?

— Chega. Para concluir o retrato, direi que o pobresinho não tem dentes e, fallando, sibila um pouco; anda a passos de dança, é tímido, tão tímido, ceremonioso. Meus companheiros o alcunharam, adivinha como? Chamam-n'o *Bugio*.

— Bugio!



Instituto de Pathologia experimental "Oswaldo Cruz" de Manguinhos.

— Quem? Que estás pagando? Porque ralhaste?

Havia nestas palavras uma tal angustia, que Juquinha, cahindo em si, passou a mão pelos cabellos e disse:

— Perdoa-me, mamãe, parecia-me que já devias saber: que queres? Estou ainda um pouco alterado.

— Porque?

— Porque?... E' um porquê difficil. Deixa-me sentar bem pertinho de ti, assim. Vou contar-te. O professor de francez é surdo, ou, pelo menos ouve pouco, muito pouco. Tu não o conheces. Tem a infelicidade de apresentar um aspecto ridiculo: é pequenino, com uma cabelleira fulva a cahir-lhe sobre os hombros; usa oculos azues

— Pintam o caneco com elle. Um dia assobiam o hymno nacional á sua entrada; outro dia beram-lhe a lição, de modo ensurdecador, gritando quaes possessos, como si o collegio estivesse a arder! E como andam de accordo esses senhores! Todos, todos elles contra o pobre professor! Canalhas!

— Estouvados, queres dizer.

— Não, estouvados, não. Canalhas, porque offendem um superior, insultam um infeliz. Eu tinha procurado formar um grupo daquelles que são apenas estouvados, para nos contrapormos aos outros: mas qual! Ganharam-n'os para si, pela troça.

— E tu?

— Eu perdi a paciencia. Hoje pela manhã entro na aula e vejo toda a classe conjurando,

à murmurar e a rir. Calam-se á minha entrada. Mas, eu tinha ouvido um « Bugio » que logo me esclareceu. Finjo não perceber o embaraço delles e fallo. Então revelam o plano da conjuração. Trata-se de ficarem todos promptos com o pegador de livros. Quando o professor entrasse, seriam todos atirados ao chão, ao mesmo tempo, para apreciarem a careta que o medo havia de produzir no rosto do pobre homem.

— Não haveis de fazel-o! digo eu a Pedro e a Antonio.

— Ora! E' uma brincadeira!

— E' uma infamia! — grito eu. Responde-me um coro de risadas, e, na primeira aula, passa por sob os bancos o meu retrato com os dizeres: O heroe da Escola! O defensor do Bugio! Porto Arthur vencido pela defesa do Juquinha...

Eu estava para arrebentar, mas ainda assim supplicava com os olhos, aos bons que conhecia bem.

Mas, acabada a aula, vi os pegadores preparados para o golpe e os rostos contentes dos companheiros a prelibarem a scena. Não sei o que teria feito, mamãe. O professor entra, os pegadores soam com um golpe secco, unico. Elle, amedrontado, detem-se, empallidece, olha para os lados. Na aula só havia carinhas innocentes, meninos silenciosos, quietos. Elle põe-se a tremer: não consegue subir o estrado, não se domina, applica o ouvido ansiosamente para apanhar o barulho, depois, agitado, ousa dizer:

— Que foi?

— São os alumnos da 2.^a classe que brincam no jardim! — responde uma cara cynica.

E elle, pobre creatura, escreve um bilhete indignado contra os alumnos da 2.^a classe, manda-o ao director, enquanto todos se riem gostosamente, comprehendes?

— Sim, comprehendo.

— Eu estava para arrebentar: ouço o Manuel atraz de mim, a dizer: Pobre Bugio, Pobre Bugio! e não enxergando mais nada diante de mim

volto-me para elle e chamo-o de vilão, vilão, malcreado!

Aqui o Juquinha levanta-se de um salto, cerra o punho como si ainda tivesse diante de si o companheiro, e, naquelle momento brilhou-lhe no olhar a sua bella alma ousada.

A mãe escondeu o rosto nas mãos, pensativa. O menino continuou com a voz alterada, interrompida pelos soluços:

— Ao voltar-me, o professor me vê: suppõe que eu esteja a fallar, sei lá de que, e me castiga. Ah! está. Os companheiros riram-se, a mais não poder, e eu...

— Tu obedeceste a um sentimento que te faz honra, meu filho.

— Mas o castigo... Eu devia tel-os desmascarado, devia ter... Depois pensei na dor, na vergonha do professor, e calei-me.

— O director do collegio ha de saber que não és um malcriado, Juquinha. Ha de saber, com tristeza, mas por amor de justiça, que muitos companheiros teus faltam ao respeito a si proprios, ao instituto que os recebe para dar-lhes educação, para fazer delles cidadãos instruidos e sabios.

Calar ao mestre infeliz é um dever de bondade; reparar um damno moral é um dever de honestidade. Mas triste é pensar nos pais que se afadigam por ter filhos instruidos, enquanto elles correspondem tão indignamente aos seus esforços! E' triste imaginar o trabalho de quem ensina e é desconhecido ou ridicularizado. Juquinha, nunca te juntes com os máos ou estouvados, para insultar a quem dá a melhor parte de si mesmo em proveito da mocidade, em prol da sciencia. Pensa que sobre o castigo que hoje recebeste innocente, baixou o sorriso de tua mãe!

Assim fallou e, depois de abraçar o menino, ergueu-lhe a bella fronte, para ler nella a serenidade costumeira, e seus olhos se reflectiram nos de Juquinha, onde fulgurava uma sagrada promessa para o futuro.

L. SCLAVERANO.

∞ BRIO CHRISTÃO ∞

Eis um dos casos occorridos ultimamente na França, durante a recente perseguição, e de que se occupam os jornaes. O Governo tinha dado ordem aos dragões do 25.^o regimento, que atacassem o seminario de Beaupréau. O tenente commandante da força, um senhor Cesbron-Lavau, recusou-se a tomar parte na iniqua operação e, por consequente, mandou ao Ministro da Guerra, general Picquart, sua demissão acompanhada da seguinte carta, da qual não pode haver nada mais nobremente brioso e francamente christão:

« Senhor Ministro,

Tenho a honra de fazer-vos conhecer os motivos da minha demissão.

Recebi ordem para, com o meu esquadrão, assistir á espoliação do Collegio catholico de Beaupréau. Pretextais a disciplina para obrigar officiaes e soldados a vis empezas. O exercito nacional não tem por missão, ajudar a perseguir e espoliar os francezes.

A liberdade de consciencia deve existir para todos; vós a negais ao official e ao soldado catholico. Não tendes esse direito, nem vós, senhor ministro, nem quem quer que seja. Demitto-me e protesto.

CESBRON-LAVAU

tenente do 25.^o dragões».

Religião e Educação

VICTOR HUGO — dizia na Assembléa Nacional Franceza:

« Devem ser levados aos tribunaes os paes que enviam seus filhos ás escolas em cuja porta está escripto: « Aqui não se ensina religião. » O ensino religioso é, em meu conceito, mais necessario hoje do que nunca.

A medida que o homem se desenvolve, deve mais erer....

Quero, pois, sinceramente; direi mais: quero ardentemente o ensino religioso ».

DIDEROT — « O primeiro conhecimento essencial á juventude, deve ser a Religião, base unica da moral. Religião deve ser a primeira lição, e a lição de todos os dias ».

E este philosopho do seculo de Voltaire, nada suspeito aos racionalistas e impios, indicou tambem qual o livro em que se devem aprender as lições diarias de moral: « Muito procurei, dizia, até encontrar livros pelos quaes ensinasse á minha filha querida, e não encontrei nenhum melhor do que o *Catecismo da diocese. Sim, não vos alarmeis; valho-me do Catecismo e nelle encontro o melhor tratado de pedagogia. Que fundamento mais solido posso dar á instrucção de minha filha? »*

GIRARDIN — « Sem instrucção religiosa não ha bom systema de educação. Não basta ensinar a religião aos que devem prégal-a; é mister ensinar-a aos que devem pratical-a, isto é, a *todo o mundo*. Crear escolas industriaes sem ensino religioso, é organizar a barbarie, e a peor de todas as barbaries ».

DISRAELI — estadista da Inglaterra — « Tenho por certo que um systema de educação nacional, não baseado no conhecimento da religião, produzirá um desastre nacional mais funesto para o Estado do que para a Igreja ».

GUIZOT — « Todos reconhecem que a instrucção primaria deve ser *essencialmente religiosa*; mas não basta que isto se diga e se considere como uma vulgaridade; é necessario, é preciso que chegue a ser uma realidade pratica. Pois bem, em que consiste uma verdadeira instrucção religiosa e popular? Não consiste unicamente na recitação do Catecismo, nem na explicação do dogma e dos principios fundamentaes do Christianismo; requer-se a presença constante e sempre activa da fé e da influencia religiosa nas escolas; deve ser uma educação popular, dada em meio de uma atmosphera e de uma vida essencialmente religiosa ».

JOUFFROY — « Não ha mais do que uma voz para proclamar que, *sem a religião, não ha educação moral possivel*, e que deve ser a alma das escolas normaes de mestres ».

LEGOUVÉ — membro da Academia Franceza — « *Não ha educação possivel sem ideas religiosas*. Emquanto a mim, não temo de affirmal-o: si me achasse na imprescindivel necessidade de escolher para um menino entre o saber profano e o saber rezar, *que saiba rezar!* diria; pois rezar é ler no mais bello dos livros, na mente d' Aquelle de quem emana toda luz, toda justiça e toda bondade ».

THIERS — « ... Eu peço formalmente outra cousa: que se eliminem esses professores leigos em grande numero detestaveis. Quero Irmãos (professores de Congregações Religiosas, como os Maristas!), ainda que em outro tempo haja podido desconfiar delles. Quero fazer omnipotente a influencia do clero. Quero que a acção do parochio seja forte, muito mais forte do que hoje em dia; porque conto com elle para propagar a boa philosophia, que ensina ao homem que está na terra para soffrer.. Sim, nunca o repetirei bastante: o ensino primario não produzirá bons resultados senão quando o Clero exercer nelle grandissima influencia ».

JULIO SIMON — « Não só a titulo de protesto: desejo ver o nome de Deus escripto na lei; e o desejo tambem, porque me repugna, a mim antigo professor, ver este nome excluído de uma lei sobre ensino, sobretudo ensino primario. Isto me choca, me afflige, entristece-me a vida. Não me parece já estar no mundo em que tenho vivido, no paiz onde tenho ensinado. N' aquelles tempos consideravamos nosso primeiro dever falar de Deus ás creaturas ».

PORTALIS — « Não ha instrucção sem educação, sem moral e sem Religião. Os professores e mestres são voz que clama no deserto, porque promulga-se imprudentemente que, nas escolas, não se deve fallar em Religião.

« E' necessario pôr a Religião como base de educação.

« ... Sem ella os costumes se corrompem, e, então, se levanta das escolas um povo feroz ».

GUILHERME — imperador da Allemanha — « E' bem que se instrnam os moços na sciencia; mas é mister não esquecer o que tem importancia capital na educação: a Religião antes de tudo e sobretudo. Vossa missão é muito difficil e importante, é educar a juventude no temor de Deus e ensinar-lhe o respeito ás coisas santas ».

Ao sahir de um *restaurant* conhecido pelos seus preços elevados, um freguez, chegando á porta, hesita um instante e pergunta ao criado:

— Diga-me, por favor: paga-se alguma cousa para sahir?

O patrão ao novo empregado do escriptorio:

— O guarda-livros já te disse o que tens a fazer á tarde?

— Já, sim, senhor; disse-me: Logo que o patrão chegar, acorda-me.

Canalha!

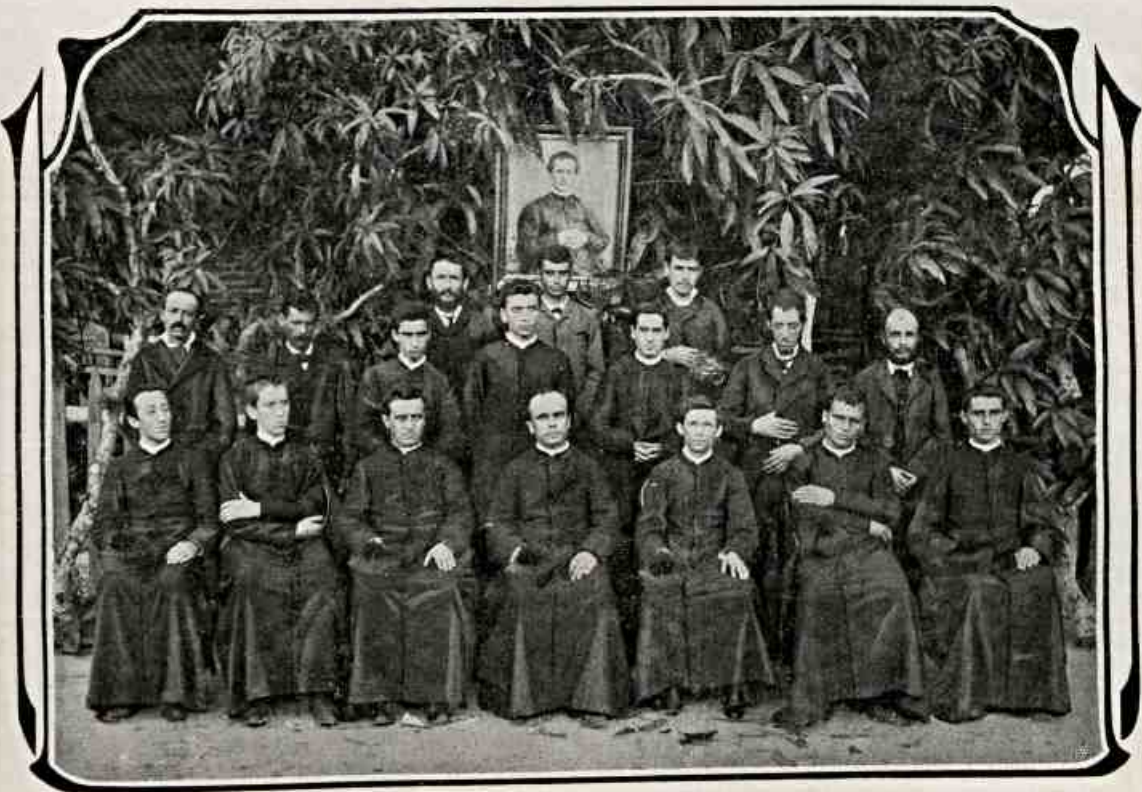
Nem um sopro de ar sob o céu implacavelmente azul da Tunisia: a atmosfera chammejava como uma estopa embebida em alcohol. Respirava-se fogo.

O thermometro á sombra marcava 47 grãos. Depois do meio dia, ainda tinha subido na sua escala homicida.

O mar, qual um espelho immenso, reflectia, sereno, os raios do terrivel sol africano. Sousse,

Oh, interessava-lhe muito o numero 37! Ha trinta e dous dias, que foi levado para a sua sala, aquelle colosso. Era uma verdadeira massa inerte, que respirava apenas, e estava prestes a exhalar o ultimo suspiro. Quando o medico o viu, fez um gesto significando que nada havia a esperar.

Mas a irmã Joanna assim não entendia. Porque não usar de todos os meios para disputar á morte aquelle desgraçado?



Pessoal em 1889.

alva cidade da Tunisia, assentava sobre a areia ardente da praia. Os enfermos, mais ou menos graves, haviam adormecido, respirando a custo, como si um peso lhes opprimisse o peito. Só a irmã Joanna vai, vem, passa ligeira como uma apparição angelica.

E é feliz, a irmã Joanna, mais feliz do que nunca, porque o medico lhe disse, com a sua voz grossa: Pois, olhe, o seu numero 37, que tanto lhe interessa, está em via de restabelecer-se.

Não é possivel descrever os cuidados, as sollicitudes mais carinhosas que a pobre filha de S. Vicente de Paulo teve, para debellar a terrivel febre africana que, sem cessar, atormentava o seu doente. E os longos dias, seguidos de noites ainda mais longas, para ver si seus labios decolorados se abriam ao fremito da vida. Oh! aquelle silencio espantoso que lhe dilacerava a alma... si elle morresse? — Mas elle vivia, a respiração se accentuava, e bem depressa, assim, á pros-

tração, succediam crises terriveis. Causa extranha! aquelle colosso, refazendo-se ás vezes, de forças, queria absolutamente sahir da cama, mas uma unica palavra docemente murmurada pela irmã Joanna, bastava para acalmal-o. Frequentemente delirava: nos momentos de calma extendia os braços a alguma cousa de invisivel, pronunciando, entre um sorriso, o dulcissimo nome de mãe.

Por algumas semanas, a irmã Joanna quasi se esqueceu de si propria: sua saude soffria com isto.

— Conhece esta letra? disse-lhe finalmente, mostrando a carta.

— Sim, responde o convalescente: é uma carta de meu pae. A senhora não sabe que meu pae tem muita influencia.

— Ah!

— Sim, elle é prefeito do nosso municipio: foi elle que fez eleger o nosso deputado; quando eu lhe escrever que a senhora me salvou, fará condecoral-a.

— Ora, faça o favor de calar-se.



Estudantes menores em 1890.

O medico, um dia, ameaçando-a com um gesto, lhe disse: — eu a denunciarei á superiora!

— Não faça isto, responden assustada... E a minha carta?

Devemos explicar que o numero 37 recebera, ao entrar para o hospital, uma carta, de seu pae, sem duvida.

A religiosa lhe promettera um dia que lh'a faria ler, e agora era chegado o momento. O rosario da irmã Joanna estava quasi gasto, de passar e repassar entre seus dedos delicados.

— Sim, sim, — continuou o doente — ha de ver. Entretanto, irmã, leia-me a carta de meu pae: eu ainda não posso ler.

A irmã Joanna rompeu o envelope e leu:

« Meu caro filho,

Apresso-me em annunciar-te uma grande victoria. Conseguimos tornar leigo o hospital. As religiosas tiveram de arrumar a trouxa, e eu, teu pae, ando orgulhoso de ter libertado o Municipio desta canalha!... »

AMINA MONTENOVESI.

A proclamação de Roosevelt em agradecimento a Deus

O ex-presidente Roosevelt baixou sua proclamação annual do Thanksgiving Day, fixando o dia 29 de Novembro de 1907 para o agradecimento a Deus.

Eis o teor da proclamação:

«Chegou o momento do anno em que, conforme o costume adoptado por nossos paes, é meu dever designar um dia especial de agradecimento ao Altissimo, pelos beneficios que delle recebemos e iremos receber. Um outro anno de grande prosperidade está para acabar. Nunca, no correr da nossa historia e no das outras nações, verificou-se tamanha prosperidade como neste anno, nos Estados Unidos. Tal prosperidade, porém, não deve impelir-nos a um orgulho temerario e tolo, que nos faça perder o espirito da responsabilidade. Ao contrario, devemos nutrir sentimentos sobrios, ser reconhecidos pelas bençãos divinas derramadas sobre nós e ter a intenção decidida de, com o auxilio da Providencia, não praticar acção nenhuma digna de reprovação.

O bem estar material, se bem que seja indispensavel, contudo não pode ser outra cousa sinão a base da grandeza verdadeira de uma nação. Si, sobre esta base não construímos nada, a nossa vida nacional não terá razão de ser e será deserta

como uma casa, da qual só se tenham construido os alicerces.

Sobre o nosso bem estar material, deve elevar-se o edificio da nossa vida nacional e individual, de accordo com as leis eternas da moral.

De outro modo, a nossa prosperidade, depois de um certo tempo, declinará e desaparecerá completamente. Então teremos sobre nossa cabeça maldições em vez de bençãos.

Devemos ser todos respeitosaente gratos ao Senhor pelo que temos recebido e devemos seguir uma linha de conducta que nos leve sempre a maior florescimento e não á destruição.

É por isto que eu, Theodoro Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, por vontade da Nação, fixo pela presente proclamação, como dia de acção de graças geral, quinta-feira, 29 de Novembro, durante o qual recomendo que em todos os Estados da União, todos se abstenham das occupações habituaes e nos seus lares domesticos e nas egrejas rendam graças ao Omnipotente pelas numerosas bençãos que nos concedeu neste anno.

Em firmeza do que, assignei de proprio punho a presente proclamação e mandei appôr-lhe o sello dos Estados Unidos».



FALLEMOS DE PIO IX

O TALHER DE PRATA



A caridade de Pio IX e a sua misericórdia para com os pobres não tinham limites: e por isso dava tantas esmolas que muitas vezes ficava sem um ceutil.

Narremos o seguinte episodio, occorrido quando elle era Arcebispo de Espoleto.

Um dia uma pobre velha, abatida pela miseria, foi visital-o para pedir-lhe uma esmola, afim de acudir a uma necessidade urgente.

O Arcebispo comprehendeu a urgencia da situação da desventurada, mas os seus recursos haviam-se exgotado, pois o Prelado tinha dado até o ultimo ceutil.

Em taes apuros lembrou-se de que havia de possuir algum objecto de valor; foi ao aparador, tirou um talher de prata e, entregando-o á pobre velha, disse-lhe: — Pegue neste talher e leve-o ao Monte de Soccorro, que eu o desempenharei quando tiver dinheiro.

A infeliz, muito reconhecida beijou a mão bemfazeja e foi empenhar o talher do Arcebispo.

A' noite o mordomo do paço apresentou-se muito afflicto ao Prelado, dizendo-lhe:

— Monsenhor, temos ladrões em casa!

— Não o creio, respondeu o Arcebispo.

— E' certo, replicou o mordomo; hoje desapareceram um talher de prata do aparador.

— Ah! já comprehendo, disse o Arcebispo sorrindo-se. Não te assustes, meu amigo, porque foi Deus quem dispoz delle.

O mordomo, antigo familiar do Prelado, comprehendeu então o motivo do desaparecimento do talher e com a franqueza a que a fidelidade dá certo direito, começaram a reprehender a excessiva generosidade do coração de seu amo.

— Mas onde iremos parar, Monsenhor, lhe disse elle, com o systema que adoptaes? Parece-vos pouco não ter quasi nunca dinheiro em casa, ver-vos ameaçado de comer com talheres ordinarios? Ponde, pois, limites á vossa perigosa munificencia e attendei mais um pouco ao que reclamam a vossa dignidade e posição.

O Arcebispo recebeu com um sorriso a reprehensão do seu fiel criado e quando este deixou de fallar replicou-lhe:

— Se fosses pae de filhos sem pão, preferirias com certeza tomar sopa com um talher ordinario, a deixar teus filhos a lutar com os horrores da fome, emquanto tu comesses com talheres de prata.

Não sabemos si o mordomo se retirou convencido; o certo é que o Arcebispo não quiz emendar-se e continuou a dar esmolas e a empenhar-se para soccorrer os seus filhos indigentes.

M. DEL FAX.

🌿 O General Cambronne 🌿

O valente general francez Cambronne começou a carreira militar como simples soldado.

Em 1795 tinha vinte annos, era cabo e estava de guarnição em Nantes.

Era um moço de bello aspecto, valoroso, energico, intelligente, mas tinha um feissimo vicio... o

As leis militares eram severas mesmo sob a republica. E Cambronne, submettido a conselho de guerra, foi condemnado á morte. Seu coronel, um bravo soldado que estimava os jovens valorosos e intelligentes, ficou afflictoissimo, sentindo muito o fim miseravel de um moço em quem via —



Marechal Hermes da Fonseca.

de embriagar-se e, uma vez embriagado, perdia a cabeça e entregava-se a ímpetos de ira, a actos de indisciplina, tanto que um dia, achando-se em tão deploravel estado, não só se recusou a cumprir uma ordem do seu official, como revoltou-se e chegou a vias de facto!

naquelles tempos tempestuosos para a França — um intrepido defensor da patria.

— Si eu pudesse salvar-o! Si conseguisse obter o seu perdão! — pensava consigo mesmo o coronel.

E com esta esperanza, procurou o commissario do governo, que estava em Nantes com os mais

amplos poderes e pediu-lhe o perdão do seu cabo. — Impossível! — respondeu o commissario. — E' preciso acabar com isto. E' necessario um exemplo, sem o qual a disciplina no exercito está perdida. Cambronne deve morrer.

Mas o coronel não desanimou á primeira recusa. Tenaz até á temeridade diante do inimigo, no campo de batalha, não podia ceder ao primeiro obstaculo, quando se tratava de ser bem sucedido numa idéa. E perorou a causa do seu protegido, supplicou e instou tanto, que o commissario acabou annuindo e concedendo o perdão, sob uma condição: que o condemnado desse sua palavra de honra como nunca mais se embriagara.

O coronel, contente pelo que obtivera, voa á prisão e vai ter com Cambronne.

— Cabo, commetteste uma grave falta!

— Bem o sei, coronel; triste condição é a minha; mas pagal-a-hei com a morte.

— Talvez... exclama o coronel.

— Como... Talvez? Coronel, V. S. já sabe da minha condemnação, e eu não espero, não attendo o perdão e preparo-me para morrer.

— Pois não, tu não morrerás ainda. Trago-te o perdão que não esperas. Obtive-o a muito custo do commissario do governo, mas sob uma condição.

— Uma condição? Diga, coronel, diga, e eu farei tudo para salvar a minha vida, para reabilitar a minha honra!

— A condição é facil. Não deverás embriagar-te nunca mais, no futuro.

— Ah coronel! Isto é impossível!

— Porque impossível? para escapar á morte, á deshonra. Mas, desgraçado, serás fuzilado amanhã!

— Mas, coronel, para que eu não me embriagasse mais, seria preciso que não bebesse mais vinho; ora, Cambronne e a garrafa estimam-se tanto que, quando se começa, é impossível parar.

— Então te negas a prometter-me que não beberás mais vinho?

— Não beber mais nada absolutamente?

— Não beber mais absolutamente.

— Ah, coronel, é um grave sacrificio que está exigindo de mim! Não beber mais vinho!.. Não beber nada! — E, pensativo, baixou a cabeça. Depois continuou:

— Coronel, suppondo que eu lhe promettesse não beber mais vinho, durante toda a minha vida, que garantia V. S. teria da minha promessa?

— A tua palavra de honra. Basta-me. Conheço-te e sei que és incapaz de faltar á palavra dada.

O cabo abaixou a cabeça e tornou a pensar.

— Vamos, cabo Cambronne, que escolhes? A vida ou a morte? Decide.

Então Cambronne erguendo-se todo, como si despertasse de um sonho, deu um passo para o coronel e em tom grave e commovido exclamou:

— Coronel, bom sempre com todos os seus soldados, V. S. é duplamente bom commigo. Agradeço a sua confiança, que me choca o coração, e que aprecio ainda mais, do que o perdão que me traz...

Deus me ouve! E, levantando a mão em acto solenne: — Eu, Cambronne, juro que durante a minha vida, nunca mais meus labios tocarão uma gota de vinho! Está satisfeito, coronel?

— Sim, respondeu este, commovido até ás lagrimas, pelo juramento que conseguira. Sim, estou contente contigo. Amanhã serás posto em liberdade. Sé um valoroso soldado, como te mostreste até agora, e, sendo preciso, dá em defesa da patria a vida que ella hoje te restitue.

No dia seguinte Cambronne voltava ao batalhão e retomava o serviço.

* * *

Passaram-se vinte annos de lutas titanicas em que as aguias de Napoleão I fluctuaram victoriosas por toda a Europa. O cabo Cambronne, subindo de grão em grão, tornára-se o General Cambronne e commandava a velha guarda imperial, no campo de batalha de Waterloo, com aquella maravilhosa coragem que a historia transmittiu aos posteros, na resposta que elle deu ao inimigo, que o intimava a render-se: *A guarda morre, mas não se vende.*

Com a queda de Napoleão e seu desterro em Santa Helena, Cambronne deixou o serviço militar e se retirou para Paris, onde vivia amado e estimado de todos.

O seu velho coronel, carregado de annos e cansado pelas fadigas do serviço militar, tinha tambem voltado ao seio da familia. Sabendo, um dia, que o general Cambronne achava-se em Paris, quiz convidal-o para jantar. Reuniu para isso alguns velhos companheiros de armas e fez preparar-lhes o melhor jantar que soube imaginar. Como era natural, o lugar de honra foi occupado pelo general Cambronne.

Durante o jantar, o coronel offerece ao general um copo de vinho velho, de alto preço, e preciosamente conservado para as grandes occasiões.

Cambronne olha para o coronel e com surpresa e vivacidade:

— Que me está offerecendo, coronel?

— Vinho do Rheno, general, e excellente. Tem mais de cem annos e não acharia igual em Paris.

E como Cambronne parecesse incomodar-se com taes affirmativas:

— General, garanto-lhe que é excellente — insistia o coronel — experimente e verá...

— E a minha palavra de honra, coronel? a minha palavra de honra! — exclamou Cambronne, dando um murro sobre a mesa. — E Nantes? e a prisão? e o meu juramento? Esqueceu-se de tudo isso? Por quem toma Cambronne? Desde aquelle dia, nem mais uma gota de vinho tocaram meus labios. Tinha-o jurado, meu coronel, e mantive minha palavra.

O coronel, admirando aquella energica fidelidade, guardou-se bem de insistir na sua offerta e regressou-se mais uma vez por ter conservado tal homem á França.

UM PUNHADO DE BOAS RESPOSTAS

Já ouvistes um papagaio a fallar? O que elle diz é insipido e mais insipido ainda é o modo por que o diz.

Assim são aquelles engraçados, aquelles tolos que fallam contra a religião, e que repetem se sempre a mesma cousa; mas é muito facil fechar-lhes a bocca.

Exemplos:

A religião já passou do tempo. — Ha 1909 annos que se repete isto, e no entretanto a religião se estende e se propaga cada vez mais.

Acredito só no que comprehendendo. — Então não deveis acreditar na electricidade, porque não sabeis o que seja ella.

Com a morte tudo acaba. — Sois, portanto, um bom animal e entré vós e o burro não ha nenhuma differença.

Hoje a sciencia é quanto basta. — Si a vossa é bastante, é signal que ha muito pouca necessidade della.

Acima de tudo, é preciso viver. — Não! Depois de tudo é preciso morrer. Estais prompto!

E' preciso passar bem a mocidade. — Mas não a fazer asneiras.

O inferno! Ninguém ainda voltou de lá! — Procurai, então, não cahir nelle, porque então ficareis lá para sempre.

Ha padres muito mãos. — Mas Judas não impediu que o Evangelho seja a verdade!

A religião catholica é uma religião de dinheiro. — E eu sustento que é uma religião de ouro. Praticai-a e vereis.

Os vigarios passam bem o tempo e vivem no meio das saias. — Fostes tolo em não vos fazerdes vigario!

E' muito feio ser carola! — E' verdade; mas é sempre melhor ser carola, do que não ser cousa alguma.

Sabeis o que vos digo? Sou e sinto-me livre. — E' justamente por isto que um dia respondereis pelos vossos actos diante d'Aquelle que vos deu essa liberdade.

E' preciso ser homem do seu tempo. — E' preciso ainda mais ser homem da eternidade.

Não tenho fé. — Razão de mais para procurardes tel-a.

Ha sabios que não têm fé. — E' signal de que não são sabios como dizeis, mas precisam aprender muito.

E' preciso fazer como os outros. — Com certeza! mas quando fazem o bem.

Si eu acreditasse, fariam burla de mim. — E' mister fazer o bem e deixar que os outros digam o mal.

A religião é a ignorancia. — Li, em vossa pessoa; pois que, si assim fôra, fallaríeis muito diversamente.

Leio nos jornaes. — Tendes estomago de avestruz! Vejo que engolis tambem os seixos que encontrais pelo caminho.

Incomoda-me ouvir falar de religião. — Isto demonstra que a vossa consciencia não está tranquillã.

Fiz uma religião para mim. — Que desgraça que seja só para vós! O bem é por natureza, expansivo.

Mas como vossa religião não se expande, devo crer que ella é um mal, ou talvez estulticia.

Basta-me a razão. — Uma lamparina pode acaso substituir a luz do sol?

(Da Palestra do Clero de Roma).

ENTREVISTA COM O HOMEM FELIZ

Puz-me em viagem, passei os Alpes, cheguei á Suissa.

— Finalmente! — disse com meus botões — posso agora admirar este novo phenomeno, um homem feliz.

Era o senhor Leemann, o afortunado vencedor do milhão na loteria de Milão. Não foi preciso muita cousa para descobri-lo; todos fallavam delle, até as pedras das estradas.

Logo que soube da minha presença, sem incomodar-se em olhar-me para o rosto, disse ao seu primeiro ministro: — Dê trezentos francos áquelle pobre diabo!

Fiz comprehender que não tinha ido lá por dinheiro, mas sómente para observar o phenomeno.

— Todos dizem que sois o homem feliz.

— Feliz uma ova, meu caro! Desde o momento do milhão perdi a paz, perdi a saude, o appetite, perdi o somno, perdi...

— Mas, em troca de tudo isso que perdestes, possuis o vosso milhão.

— Qual milhão do Egypto! tres quartas partes já lá se foram. Imagine que chegam-me diariamente umas mil cartas e pedidos.

— Mas, pelo menos pudestes satisfazer vossos desejos.

— Está caçoando commigo, meu amigo; isto chama-se ser cruel com um desgraçado! E tenho compaixão de V., infeliz, que tinha cá vindo para encontrar um homem feliz e encontrou um verdadeiro miseravel.

E agora, ide vós atraz de um homem feliz!

CARIDADE RECOMPENSADA

Em magnifico jardim publico de uma bella capital, passeavam dous jovens pintores, amigos desde a infancia. Em seus olhos resplandecia o verdadeiro entusiasmo, e, em suas physionomias, adivinhava-se o anhele ardente de attingir, na arte, o mais alto grau de perfeição.

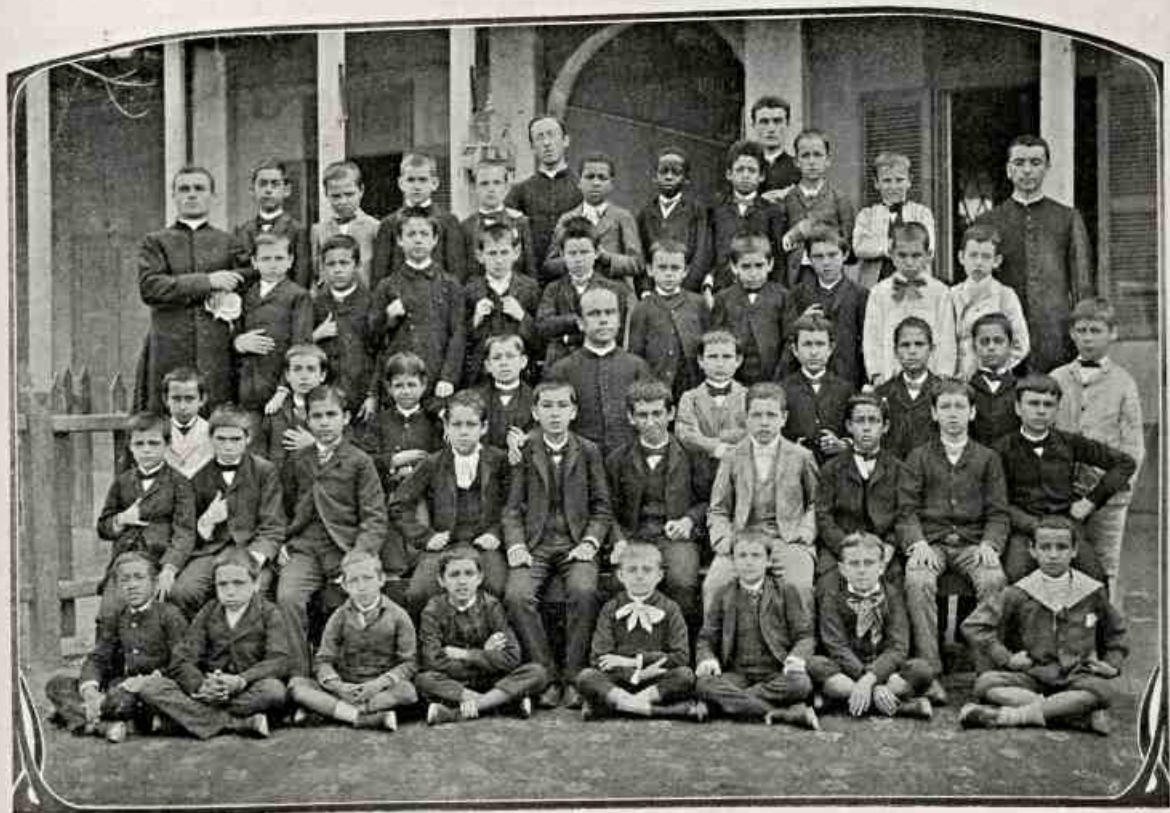
Comtudo quão differentes eram no exterior!

Cesar, moço robusto, de olhos escuros e sãude invejavel, apresentava o aspecto de um rapaz protegido pela sorte; enquanto Othoniel, seu

— Ainda não? E como perdeste negocio tão bom e quasi certo?!...

— Vamos, Othoniel, desejo que me expliques o motivo de teu silencio, porque não posso achar a razão desta recusa; ninguém ignora que manejas o pincel com a habilidade de perfeito artista.

— E' verdade, replica finalmente Othoniel, não é neste recio que funda o mallogro de minhas esperanças; mas sou tão pobre!...



Estudantes maiores em 1890.

collega, parecia muito pobre; trazia vestes antigas e remendadas e, em seu rosto, cujas feições eram aliás bem conformadas, lia-se o desgosto produzido pelas necessidades da vida.

— Othoniel, qual o resultado da encommenda do grande quadro da igreja de N. Senhora, que te queriam dar? perguntou Cesar. Já te confiaram definitivamente o trabalho?

Um profundo suspiro foi a resposta.

— E tua pobreza prejudica-te?

— Certamente; para pintar aquelle quadro é preciso fazer despesas e não disponho da importancia necessaria para esse fim.

— Então, estás outra vez sem meios? pergunta Cesar a quem a afflicção do collega cortava o coração.

— Sim, Cesar, ha alguns dias, falta-me até o necessario.

— Infeliz! exclama o amigo, e tirando uma cedula de dez mil reis, entrega-lh'a dizendo: Sinto não poder ser mais generoso contigo; sabes que só disponho do necessario.

— Deus te pague, Cesar!

Jamais me hei de esquecer das vezes que me tens servido; mas dize-me: teu quadro da adoração dos pastores já está prompto?

— Não; estou desenhando actualmente o pastor principal; creio que ha de sahir excellente; tenho um modelo esplendido.

— Sim? e eu que não conheço o original?!...

— O velho que me serviu de modelo quer ser desconhecido, respondeu o pintor sorrindo; entretanto, para satisfizeres a curiosidade, vem amanhã á minha officina.

— Bem, irei; que desejo ver o adiantamento de tua obra.

Na manhã do dia seguinte, Othoniel dirigiu-se á residencia de Cesar; ao entrar no gabinete do amigo, um grito de surpresa escapou-se-lhe dos labios.

Na verdade Cesar não havia exaggerado, elogiando o modelo de seu pastor. Um velho de feições nobres e entusiasticas, geitosamente vestido á moda oriental, um pouco inclinado para frente, apoiado em forte bastião, parecia completamente absorto em adorar o Filho de Deus encarnado.

— Bello! foi esta a exclamação que irrompeu dos labios de Othoniel, comprehendendo o que se passava; e, desviando-se do pastor, fitou o olhar de mestre no quadro do amigo, onde já se achava prompta a imagem da Mãe de Deus, contemplando o menino Jesus. Bem, muito bem! continuou Othoniel cheio de satisfação, em seguida indicou a seu collega alguns retoques necessarios á perfeição do quadro.

Os conselhos foram aceitos de boa vontade, pois Cesar descobria nelles a grande pericia do artista e seu inteiro conhecimento, na proporção das côres.

Afastou-se o pastor um pouco, sem deixar de prestar attenção á conversa dos dous amigos.

Terminada a critica sobre o desenho, Othoniel lembrou-se de novo do pastor, que lhe excitava compaixão, e, generoso como era, tirou da carteira dous mil réis dos dez que, na vespera havia recebido do amigo, e offereceu-os ao ancião, dizendo:

— Aceite; o senhor agradou-me tanto no seu officio que não posso esquivar-me de lh'o demonstrar.

Cesar quiz fazer-lhe uma observação porém um olhar do velho impediu-o.

Este recebeu a esmola mostrando-se muito agradecido.

Othoniel tomou o chapéo e, despedindo-se do amigo, disse: Não te quero embaraçar por mais tempo, desejo que brevemente concluas tua obra.

— Obrigado, Othoniel.

Depois de saudarem-se amigavelmente separaram-se.

Apenas ficaram sós o pintor e o pastor romperam em estrepitosa gargalhada.

— Que negocio importante!

Dous mil réis ganhou tão inesperadamente.

— Sur. Commendador, não se offenda; meu amigo não podia imaginar que sómente a grande veneração que dedica á Sagrada Familia e o amor da arte o obrigassem a tão incommodo papel.

— Offendido? não pense em tal; seu amigo não me quiz mal; sinto-me orgulhoso de ter representado tão bem quanto desejava, pois consegui transformar o exterior a ponto de enganar um perfeito artista.

— Mas o obolo? Dar uma esmola a V. Ex.^{na}!

— Isso não quer dizer nada, prova apenas o generoso coração de seu amigo, que me parece um homem excellente.

— Tem razão, Sur. Commendador, se soubesse as condições tristes em que se acha, então ainda mais lhe apreciaria o bondoso coração.

— Deveras?

— Imagine o Sur. que este dinheiro que lhe offereceu foi tirado de dez mil réis que hontem lhe dei por ver os apuros em que se achava.

— Então, o rapaz é sem recursos?

— E' muito pobre! E, com palavras dictadas pela amizade, Cesar narrou ao Commendador a falta de meios de Othoniel, fazendo comprehender a impossibilidade em que se achava de aceitar a encomenda do quadro de N. Senhora, por falta de recursos e elogiando-lhe ao mesmo tempo o raro talento.

— Então é preciso soccorrel-o, disse o Commendador, depois de ouvir toda a explicação; seria doloroso perder-se tão grande talento.

— E' exacto, respondeu o pintor, porém como vencer a difficuldade.

— Espere, meu filho, vou tratar do assumpto.

No dia seguinte ao da entrevista dos dous amigos, achava-se Othoniel melancolico e pensativo, em seu pobre quartinho.

Havia recebido uma carta, exigindo resposta definitiva sobre a encomenda que lhe tinha sido proposta, pois no caso em que não lhe fosse possível incumbir-se da obra, seria esta dada a outro.

Uma recusa traria grande prejuizo.

Não contava com parentes ou amigos que lhe pudessem auxiliar; seus paes tinham morrido deixando-lhe apenas o estricto necessario para que finalisasse os estudos.

Não podia exigir pagamento adiantado da commissão que tomara a encomenda, porque ella havia estipulado, em um contracto, as condições a respeito da gratificação que deveria receber o artista, depois de concluido o trabalho.

A sorte lhe era avessa; obrigava-o a desperdiçar o talento, trabalhando em cartões postaes e outros desenhos que pouco lhe rendiam.

Profundamente abatido pela indecisão, poz-se a meditar, quando sentiu passos pela escada e ouviu bater á porta.

— Entre, disse, enxugando as lágrimas que se lhe desliziavam pelas faces.

— O pintor Othoniel Teixeira? perguntou o carteiro.

— Sou eu, senhor.

— Venho trazer-lhe cinco contos de réis.

— A mim, cinco contos?!...

— Sim senhor, olhe a carta; é enviada pelo Commendador Simões.

— Impossível, replica Othoniel, deve ser engano, não conheço ninguém com este nome.

— Mas o senhor não é o pintor Othoniel Teixeira? perguntou novamente o recém-chegado.

— Sim, senhor.

— Não ha duvida alguma. O endereço está bem claro, e, assim fallando, começou a contar o dinheiro, enquanto Othoniel seguia-lhe os movimentos com uma admiração inexplicavel, julgando sonhar.

— Sr. Teixeira, disse finalmente o carteiro, eis aqui os cinco contos de réis que lhe pertencem; faça o obsequio de tornar a contal-os e passar-me o recibo.

Othoniel obedeceu meccnicamente e acabou tão atordoado que tirou apenas dez tostões para gratificar o portador de tão feliz presente.

O carteiro estupefacto, sahii resmungando entre dentes:

— Geralmente os rapazes mostram-se satisfeitos, quando lhes trago uma diminuta quantia, entretanto este fica como petrificado e nem sabe o que faz nem o que diz, recebendo tão vantajoso cheque.

Ficando só, Othoniel não teve coragem de tocar na importancia, certo de que haveria algum mysterio, pois não podia comprehendere como um homem desconhecido lhe enviasse tão grande somma.

Repentinamente reparou na carta a que, não ligara importancia até aquelle momento, abriu-a e leu o seguinte:

Accite, Sr. pintor, estes cinco contos de reis, como juro dos dous mil réis, que, por sua bondade, offereceu de esmola ao velho pastor, no gabinete de seu amigo.

Novo sobresalto invade-lhe a alma.

— Ah! comprehendendo: foi Cesar!

Cesar é o meu anjo da guarda!.... Ainda não tinha acabado de pronunciar esta phrase, quando o amigo entrou inesperadamente.

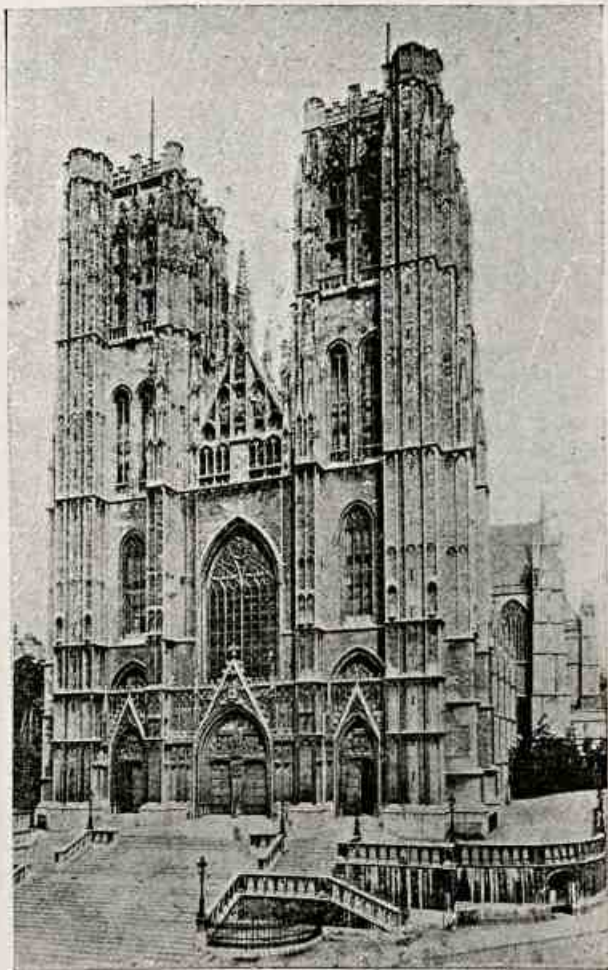
— Oh! que fortuna! exclama entusiasmado, vendo as cedulas espalhadas sobre a mesa. Othoniel, nunca mais lutarás com a miseria; graças ao Altissimo, poderás tomar tua encomenda e mostrar-te habilissimo artista.

Em poucas palavras, expoz a seu amigo as boas condições do velho pastor e quanto se esforçava para que a arte attingisse ao mais elevado gráo

de perfeição, offerecendo-se até para servir de modelo por ter ouvido dizer que suas feições lembravam as de um pastor oriental.

A esmola é a semente bemfazeja que, regada pelo orvalho celeste faz brotar campos improduttivos.

A de Othoniel é uma prova evidente das bençãos que o Senhor concede aos caridosos da terra. Othoniel não sabia que dizer; com os olhos rasos



S.^{te} Gudule, cathedral de Bruxelias (Belgica).

de lágrimas, apertou a mão do amigo, pronunciando, com voz tremula de emoção:

— Vamos, Cesar, vamos á casa de meu bemfeitor; cumpre-me agradecer-lhe, pessoalmente tanta generosidade e tanta dedicacão á arte.

Este bom e reconhecido pintor executou, com admiravel pericia, o difficil trabalho do quadro de N. Senhora, que se tornou uma verdadeira obra prima e serviu de incentivo, para augmentar a devoçáo dos fieis á mãe de Deus.

Além disso, todos os que contemplavam trabalho tão extraordinario sentiam-se penetrados de respeito para com o joven artista, que, desta data em diante, viveu sempre considerado e amado, principalmente pelo Commendador Simões, que se lhe tornara extremamente afeiçoado. Nunca mais se viu a braços

com a miseria, nem lhe faltaram trabalhos lucrativos que todos executava com habilidade inexcedível.

Muitas são as egrejas e casas particulares adornadas com as obras destes dous amigos, que continuaram sempre unidos pelo duplo e forte laço da amizade e da arte.

Carta de um sujeito em apuros

Caro amigo,

Já alguém disse que as desgraças são uma lampada, á luz da qual se distinguem os verdadeiros dos falsos amigos. Aqui, pois, venho experimentar a tua amizade para commigo, pedindo-te auxilio e conselhos no mar de atribulações em que estou para naufragar. Preciso de um coração que me compadeça, de uma alma que tenha piedade de mim, de alguém que me comprehenda e eu espero encontrar na tua bondade a ultima taboa de salvação.

Deixa, portanto, que derrame no teu indulgente coração a primeira das minhas humilhantes magoas.

Para que apprehendas perfeitamente o estado psychologico da minha alma, preciso contar-te resumidamente a historia da minha vida, historia que, em parte, já conheces, mas da qual ignoras outra parte.

Sou de compleição alto e magro, pelle alvissima, olhos azues, pouca barba e molle, e cabellos louros claros. Quanto ás minhas qualidades mornas, bem me conheces: sou bom, doce, sincero, mas de tal maneira retrahido, medroso e envergonhado que, quando me acontece commetter publicamente o menor erro, sobe-me o sangue ao rosto, e fico vermelho como uma rosa escarlata.

A consciencia desta minha infeliz fraqueza, leva-me sempre a fugir de toda sorte de conversas e de companhias, que só si eu cultivasse é que poderia corrigir-me do meu natural acanhamento e timidez; e assim, no fim do meu curso da Universidade, estava ainda com os mesmos modos brutos e grosseiros que quando chegára da roça. E não é que eu não seja intelligente: formei-me em letras e adoro o estudo; mas receio muito que o meu acanhamento seja um vicio physiologico, inherente á minha natureza e, portanto incuravel.

... Finalmente, resolvido a vencer, de uma vez para sempre, a minha timidez, acceitei, ha tres dias, um convite para jantar com os senhores Friendly, gente rica, culta, delicada e que mora em uma bella villa, a duas milhas da minha.

Antes, porém, de começar a enumeração das minhas desgraças, devo notar que, convencido da minha patetice e dos meus movimentos desagraciosos, chamára de Londres, um mez antes, um dos melhores mestres de dansa, para que fizesse de mim um homem de sociedade.

Confesso que as primeiras lições tornaram-se-me summamente difficeis, recusando-se meus musculos a dobrar-se segundo as regras da arte. Mas, hoje, amanhã, nuns vinte dias, graças tambem ao conhecimento que tinha das mathematicas, consegui aprender a maneira de fazer com graça uma curvatura a uma senhora, de andar sem cambalear e de dobrar o corpo segundo as cinco posições da arte coreographica, sem perder o centro de gravidade, cousa absolutamente necessaria a quem quer ficar de pé.

Animado, pois, pela nova arte que tinha aprendido, montei a cavallo e dirigi-me para a villa dos senhores Friendly.

A familia Friendly compõe-se do cavalheiro Thomaz, de uma sua irmã solteira, de sua senhora, de dois filhinhos e de cinco filhas entre dezeseis e vinte e dous annos.

Eu acabava apenas de entrar no portão da alameda que leva á villa, quando o som do gong, annunciando o jantar, lançou-me na maior consternação e fez-me subir o fogo ao rosto. Olhei para o relógio e me convenci de que não podia ser o signal do jantar; criei coragem e continuei.

Na porta da casa, esperava-me um criado em libré; pelas escadarias, outros criados fizeram-me uma quantidade de mesuras, ao mesmo tempo que, em altas vozes, annunciavam meu nome aos donos da casa, que me esperavam na ante-sala da bibliotheca. Cheguei á presença dos senhores Friendly tão atrapalhado, que não sabia mais si estava vivo ou morto. Deixára o cavallo diante do portão, mas trazia ainda na mão o rebenque e não sabia onde pô-lo. Jogue-o ao chão não convinha, no bolso elle não ficava, cadeiras não havia, e, enquanto o cavalheiro Thomaz e todo o ramo feminino de sua familia me rodeavam, para obsequiar-me, eu olhava para o maldito rebenque, que não sabia mesmo onde pôr. Finalmente, desesperado, rompi o circulo dos meus amigos, corri até á janella e por ella atirei o rebenque, com enorme allivio para o meu espirito.

Os senhores Friendly, como gente finamente educada, fizeram conta de nada terem percebido, e com seus amaveis sorrisos procuraram fazer-me sentir que eu estava no meio de amigos.

O cavalheiro collocou-se a meu lado e, achando-se meio passo atraz de mim, começou a

apresentar-me, um por um, os membros de sua família, a cada um dos quaes eu fazia uma curvatura, levando o pé para traz na terceira posição. Mas, infelizmente, inclinando-me eu para a senhorinha Elvira, não tomei as devidas medidas e ferri em cheio o calcanhar sobre o dedo pollegar do cavalheiro, ainda doente de gota. Soltei um grito, pedi mil desculpas e, envergonhado do acto incivil, meu rosto tingiu-se de carmin. O senhor Thomaz supportou tudo pacientemente, culpou o acaso, e levou-me para a bibliotheca, onde nos sentámos para esperar que a campainha nos chamasse para o salão de jantar.

Na bibliotheca comecei a reanimar-me um pouco. A senhora Friendly fez-me perguntas sobre a minha villa, o cavalheiro e os filhos juntaram-lhe suas observações, as moças tiveram os mais bellos sorrisos, de modo que eu, pouco a pouco, voltei á calma e a côr do rosto foi desaparecendo.

Nas estantes á nossa frente, havia alguns volumes de poetas e prosadores gregos, encadernados em pellica e ouro. Eu por ahí, deduzi que o cavalheiro era homem de letras; pelo que levei a conversa para a litteratura grega e para as vantagens que o seu estudo tem trazido á civilização. O senhor Thomaz como era natural, concordou inteiramente com as minhas idéas, e até accrescentou que não podia comprehender como houvesse quem pretendesse banir o estudo do grego dos gymnasios e universidades. Eu estava para replicar, quando meus olhos cahiram sobre as obras de Xenophonte, que, encadernadas em dezeseis volumes, de pellica e dourados, faziam bella figura. A vista do meu autor predilecto, impresso em tantos volumes, como eu antes nunca vira, arrebatou-me maravilhado e, assim, pondo-me de pé, approximei-me da estante para examinal-os mais de perto.

O cavalheiro tambem se levantou, de sorte que eu, julgando que elle, por cortezia, quizesse apanhar um volume para mostrar-m'o, achei bom precedel-o, extendi o braço e, com grande energia, procurei tirar o primeiro volume que me cahiu sob a mão. Não o tivesse nunca feito! Ao encostar os dedos, cahiram todos os dezeseis volumes juntos, e ao cahir quebraram o tinteiro da eserivanhinha que ficava em baixo. Os dezeseis volumes de Xenophonte não eram sinão uma taboa de madeira, a qual, coberta de pellica pintada de bella maneira e com as devidas inscrições em ouro, simulava perfeitamente os dorsos dos livros.

Ao barulho da queda e á vista daquelle logro, fiquei branco como a neve; mas a minha confusão cresceu ainda mais quando vi um filete de

tinta sahir debaixo daquelle maldita taboa, e gottejar silenciosamente sobre o tapete da bibliotheca.

Diante daquillo, meu rosto ficou em chamma, de vergonha: tirei o lenço branco, abaixei-me e procurei com elle impedir que a tinta continuasse a cahir sobre o tapete. O cavalheiro pediu-me que não fizesse caso, as moças exclamavam em coro que não era nada, e nessa occasião foi dado o annuncio do jantar. A senhorinha Dina offereceu-me o braço, eu puz o lenço



FAZENDO TOILETTE

no bolso e, seguidos das outras pessoas da familia, encaminhei-me para o salão de jantar. Rezada a oração do costume, sentámo-nos á mesa e os criados trouxeram a sopa. Eu estava sentado entre a senhora Friendly e a senhorinha Dina, a irmã mais velha. Depois de receber o meu prato de sopa, percebi que minha cadeira ficava muito longe da mesa, de modo que, para levar a colher á bocca, tinha de inclinar-me desgraciosamente. Chegar um pouco mais a cadeira, parecia-me, agora, muito tarde, de sorte que apeguei-me ao unico partido que restava e approximei o prato, o mais que pude da beira da mesa. Mas, ao fazer uma mesura á senhorinha Dina, não sei como, meu prato perdeu o equili-

brío e cahiu-me por cima. O caldo estava quasi fervendo, minhas calças de seda preta, eram muito finas, de maneira que, ao sentir-me queimado de repente, senti uma dor horrivel. Os senhores Friendly tiveram exclamações de compaixão, os criados correram a enxugar-me as calças com meia duzia de guardanapos e eu fiquei ali, inteiramente estúpido pela dor e pela vergonha, com as coxas meio escaldadas e entre as risadas mal contidas dos filhos mais moços. De todo modo, este tormento tambem passou e poude-se reatar o jantar interrompido e a gentil conversação.

Usa-se, em certas familias, offerecer ao hospede, o trincar a carne ou o frango. O cavalheiro, num momento infeliz, offereceu-me o trinchante e o garfo, e o criado poz diante de mim os frangos. Malditos os frangos, suas mães, os ovos e toda a geração dos volateis! Eu, inteiramente novato nesse genero de operação, empunhei a faca e o garfo e enterrei-os com tanta energia no seio das minhas victimas, que, de repente, sem que eu saiba como, as vi desaparecerem da minha frente. Um frango tinha voado sobre o peito da senhorinha Elvira, outro correrá a dar um beijo ao cavalheiro, e o terceiro batendo contra uma garrafa de vinho, a entornára sobre a saleira, pondo o sal, a pimenta e a toalha no estado que podes imaginar. Não esquecerei jamais a impressão que tive deste accidente e da finissima educação dos senhores Friendly. As moças riam-se, e si bem procurassem tossir, cobrir a bocca com o guardanapo, contudo, de vez em quando, arrebentavam numa risada inextinguivel, mas o cavalheiro e sua senhora ralhavam com ellas e, fulminando-as com os olhares, conseguiram restabelecer a calma.

Seria enfadonho descrever mais outras pequenas desventuras que me aconteceram durante a segunda e terceira parte do jantar; será bastante narrar-te fielmente a desgraça final, a derradeira, para que possas julgar si eu ainda devo presumir que faço parte da sociedade humana.

Os criados tinham trazido á mesa um pudim, não muito quente, na apparencia, mas que, realmente queimava como azeite a ferver. Todo occupado em falar de Oxford ao cavalheiro, não reparei na quentura do pudim, de sorte que, quando a senhorinha Elvira me pediu que lhe passasse um prato de pombinhos que estava na minha frente, na anciedade de servil-a, botei na bocca sem mais, o pedaço de pudim que tinha no garfo: Ai de mim! como poderei narrar a scena tragica que se seguiu? O pudim estava quente, fervendo: eu fechei a bocca e queimei-me horrivelmente a lingua, o paladar, as fauces;

tentei engulil-o, mas em vão, porque a dor não m'o permittiu: por fim, o espasmo vencendo a vergonha, abri a bocca e cuspi aquelle maldito pudim no prato. Meu rosto estava em chamma, os olhos giravam-me nas orbitas, a bocca doia-me horrivelmente, e, pelo esforço que fizera para vencer-me, todo o corpo se banhara em suor. Desta vez, ninguem se riu, mas todos a lastimar-me e a suggerir-me diversos remedios para acalmar o ardor. Entre os que foram suggeridos, prevaleceu o do cavalheiro, que aconselhou um copo de vinho de Xeres, para eu enxaguar muito bem a bocca e depois engulil-o.

Mas, quer fosse a adversidade a perseguir-me, quer fosse maldade do criado, em vez de vinho Xeres, foi-me offerecido um copo cheio de fortissima aguardente, que eu, tomando por vinho, empreguei largamente no enxaguar a bocca e tentei, depois, engulir.

Foi baldado, porém, todo o meu esforço para isso. Absolutamente desacostumado aos licores, com a lingua, o paladar e as fauces em carne viva e cobertas de bolhas, ao contacto da aguardente, senti uma dor tão aguda que, levando impetuosamente as mãos á bocca, o maldito licor saiu-me pelo nariz, por entre os dedos e pelos cantos da bocca, borrifando a toalha, as garrafas e as duas senhoras ao meu lado. As moças diante desse espectáculo, rebentaram numa tremenda gargalhada e, inutilmente por meio de gesto e com o olhar, o cavalheiro procurava socegar-as.

Mas as minhas desgraças ainda não tinham chegado a seu termo. Banhado em suor, como estava, comecei a enxugar o rosto e a testa com aquelle maldito lenço da bibliotheca, ainda todo molhado de tinta, e, naturalmente a minha cara appareceu, repentinamente, sulcada, em todas as direcções, de tiras pretas e azuladas, que fizeram de mim uma palheta de pintor, um mascarado, um monstro. Diante disto, até o cavalheiro e sua senhora deram-se por vencidos, e unram-se aos filhos e aos criados, num riso universal.

Quando percebi este ultimo facto, levantei-me e, gritando como um possesso, fugi daquella casa, mais sentido, mais amesquinhado, mais envergonhado, do que si tivesse commettido o maior dos crimes.

Eis ahí, meu amigo, a historia das minhas desgraças; si depois de a teres lido, julgas que eu ainda posso viver, vem aconsellar-me o que devo fazer. Com o que, farás uma bella acção e salvarás a vida do teu infelicissimo

HENRIQUE.

(Da *Civiltà Cattolica*: « Autobiographia de um homem celebre »).

Suspirae, depois do alimento espirital, pela graça que faz viver para a vida eterna.

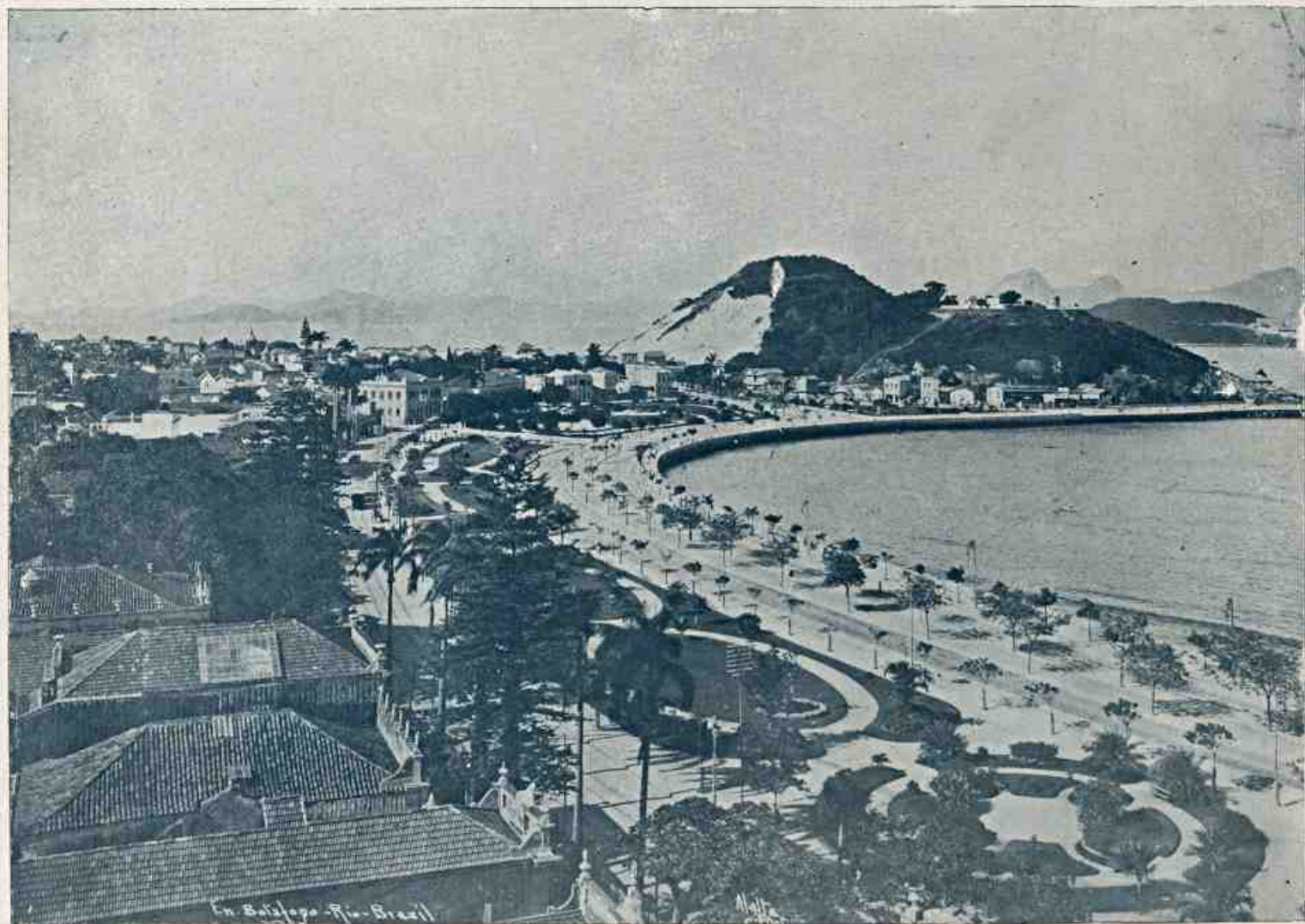
S. MAXENCIO.

Não devemos comer nem beber sinão nas horas do costume, rendendo então graças a Deus.

S. THEREZA.



AVENIDA CENTRAL. ∞ PARADA NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1909.



AVENIDA "BEIRA-MAR". ∞ ENSEADA DE BOTAFOGO.

Metamorphoses

(A UM JOVEN... MODERNO)

Has de morrer, amigo. E' lei da natureza!
O universo não é mais que uma lauta mesa
Que a Vida põe á Morte, — ou é uma retorta,
(Como se diz agora ahí em qualquer porta
De escola). Tudo morre... ou tudo se transforma,
Eis o caso. Tambem, seguindo a grande norma
Traçada a toda gente, has de mudar-te um dia
Em trevo ou cogumello, ou mesmo... que honraria!
Em cacho d'uvas!... e... quem sabe? hão de gostar
De ti, feito salada ou pão, n'algum jantar!

Ha, porém, *qualquer coisa* em teu gentil pedaço
De materia, que indaga: — «Acabou-se o embaraço
Se chegares a ser uma rosa bonita,
Um ramo de amoreira e afinal... uma fita?..
De modo algum!.. Espera! aquieta a effervescencia
Da mocidade e olha ao fundo da consciencia.
Olha!.. porque tens medo?.. és acaso covarde?
Olha agora!.. depois... talvez já seja tarde!

Olha e responde!.. — Estás mathematicamente
Certo de que não ha mais nada, realmente,
Que viva, que perdure além do cogumello,
Da folha ou do farrapo?.. Esse fructo amarello,
Que comes, pensará como tu estás pensando?
Não!.. comtudo talvez fosse cerebro, quando
Era parte de alguém, se o foi!.. Que fim levou,
Então, aquelle *ser* que elle outr'ora encerrou?
Aquelle ser melhor, mais perfeito e mais nobre
De quantos, céos abaixo, o nosso olhar descobre?
Aquelle ser consciante e bom, que recebem
O dom de contemplar-se e responder: Sou *eu*,
Eu, Fulano de tal, velho, moço ou menino,
— Causa que não fará o macaco mais fino!..
Que fim levou, então?.. Voltaria para o *nada*,
Como o aroma subtil de uma flor esmagada?

Não!.. por maior que seja o mysterio em que entron,
Não podes garantir que elle se aniquilou,
Que cessou de existir!.. Dessa *operação* nova
Tu não tens nem terás nunca a mais leve prova!..»

Isso a Razão te diz, se imparcial a escutas!
Ella afirma que sempre, após a vida e as luctas,
Após a morte e o pó, a flor e a gramma verde,
(Visto que da materia um só grão não se perde)

Existirás ainda!.. existirás comtudo!..
E tu crês!.. sim, tu crês!.. Como *stylete* agudo
A traspassar-te a carne, essa crença traspassa
A tua consciencia! e até mesmo embaraça
Quem sabe?.. alguma vez,
A criminosa acção que ias fazer talvez!
Com a força de um instincto, essa crença te leva
A desejar a luz, quando te opprime a treva!
A desejar o bem, quando o mal vês em ti,
— Luz e bem que jamais se acabam, como aqui!

A deshoras, a sós contigo, ella murmura
Phrases de paz; aclara a tua noite escura;
Enche o teu coração de esperanças supremas
E te consola mesmo as dores mais extremas!
E tu dormes feliz, com o sentimento fundo
De que ha um Deus que emenda os erros deste mundo!..

No emtanto, horas depois, risonho, motejante,
Forte por um instante,
Insultas esse Deus, cujo abraço elemente
Todo o teu ser reclama imperiosamente!!!..
— Presta mais uma vez culto á sinceridade
E confessa: E' verdade!..

Mas, reflecte. Sem Deus, que será de ti, verme,
Na engrenagem da dor caracolando inerte,
Sem saber se amanhã teu sangue fará lama,
E se o raio de sol que hoje os nervos te inflama
Vae abrir-te, bem cedo, uma imprevista cova!
Vamos!.. deixa de lado a mentirosa trova
Dos cegos, a cantar do precipicio á beira!

Reflecte que, se a poeira
De teu corpo perdura e n'outro ser se torna,
Como ha de aniquilar-se a alma livre, que a orna
De talento e ambições, ou de amor impolluto,
Qualidades e dons que te extremam do bruto?
Não tens visto no campo uma lagarta preta
Do casulo sahir mudada em borboleta?
Pois assim de teu corpo, — um casulo tambem,
P'ra o seio do infinito ha de voar *alguem*!

Vamos! não tenhas medo no mundano escarcéo
Se norteias o olhar para as bandas do céo.
Que te dará o mundo á hora derradeira?
Mesmo a sciencia, a tua amada companheira,

O dinheiro, a grandeza, a arte, o amor, a glória,
— Ainda que o teu nome escreva em oiro a Historia,
Que conforto darão ao teu final gemido?
Nenhum!.. bem sabes disso!.. O teu filho querido,
A esposa, a irmã, ninguém te poderá livrar
D'aquelle passo atroz; só poderão chorar!
E has de comparecer no tribunal divino,
Para que Deus te aponte o ultimo destino!..

Coragem, pois!.. coragem
Pede á Fé e á Esperança o bordão p'ra a viagem!
Tudo com Deus é vida e para Deus se volve,
Tudo é morte, sem Deus. Pensa nisso e... resolve!..

Junho de 1909.

AMELIA RODRIGUES.



Maviosas notas crepusculares.

Quem está contente?!

- Estou mais rico do que hontem, 25 contos.
- Nem por isso pareces mais contente!
- Não, envelheci dous dias.

Entre amigos.

- E então? Não conheces a Iliada de Homero?
- Que queres? Saio tão pouco de casa...



É digna de ser contada.

Em Turin Severin, aconteceu um facto bem estranho. Um cortejo fúnebre em regra, seguia pela rua principal da cidade, quando um piquete de soldados, sob o commando de um capitão, o deteve. Este intimou o pope a parar. Os que carregavam o feretro, tendo-se recusado a depôr por terra o caixão mortuario, foram brutalmente repellidos. O caixão, em seguida, foi aberto a ponta de bayoneta e, quando a tampa pulou fóra, descobriu-se que, em lugar do cadaver, havia carabinas, facas e bombas, evidentemente destinadas aos revolucionarios.

Todos os que tomavam parte no funeral, inclusive o pope, foram presos.

Inventam cada uma!

Oito maravilhas.

- 1.^a Um medico convencido.
- 2.^a Um sabio confessar o erro.
- 3.^a Um historiador verídico.
- 4.^a Um philosopho entender o que escreve.
- 5.^a Um man poeta cangado de escrever.
- 6.^a Um colleccionador de juizo.
- 7.^a Um soldado que sabe por que manda morrer.
- 8.^a Um candidato que cumpre as suas promessas.

M. C. P.

Para os irasciveis.

Enquanto o Imperador Guilherme II passeiava, de automovel aberto, pela porta de Brandeburg, alguns moleques que se divertiam em atirar bolas de neve, jogaram uma contra o automovel. A bola apauhou em cheio o rosto do Imperador, que riu-se muito, ameaçando os meninos, com a mão, de brincadeira.

Os progressos do Japão.

Em 1892 o Japão contava apenas 3.000 kilometros de via ferrea, que transportavam 28 milhões de viajantes e 2.700.000 toneladas de mercadorias.

Doze annos depois o Japão tinha construido 7.690 kilometros de caminhos de ferro para 114 milhões de viajantes e 21 milhões de toneladas.

A marinha, no mesmo anno de 1892, comprehendia 642 navios, attingindo em 1906 a cifra de 1.077; e o commercio exterior sextuplicou as suas receitas no espaço de 13 annos.

Não ha nenhuma nação européa em que tal desenvolvimento se operasse com tamanha rapidez.

A propria Alemanha fica muito abaixo desse augmento gigantesco.

O Japão fez sacrificios enormes em virtude de seu serviço militar e naval.

O seu orçamento subiu de 208 milhões de francos em 1893, a 1.905 em 1907.

De atalaia...

Pertence á moda fallar mal dos frades e freiras. Pertence isto á nossa gloriosa civilização como a gravata ao homem. Entretanto são elles os unicos nos quaes não se suppõe mal algum. Isto mostra-se pela confiança que os paes têm nos collegios dos religiosos e pelo desejo dos doentes de serem tratados pelas religiosas. Até o ex-sultão da Turquia, Abdul-Hamid, julgava os religiosos incapazes de praticarem uma acção má. O ex-sultão vivia no medo de ser envenenado por seus cozinheiros e para livrar-se, de uma vez, de todo este medo (talvez muito fundado!) mandou vir irmãs de caridade e lhes entregou sua cozinha no Jildis. As irmãs de caridade moravam no palacio do Jildis e podiam livremente cumprir com todos os seus deveres. O ex-sultão realmente achou-se livre de todo medo de ficar envenenado e nunca mais perdia o appetite. Casos desta natureza dão-se aos milhares, mas nem por isso deixam os *civilizados* de calumniar os religiosos e imputar-lhes todo o mal. Teve razão Schiller quando disse: O mundo gosta de ennegrecer o brilhante e arrastal-o pela lama.

* *

— Após tres dias de enfermidade, falleceu no dia 22 de Setembro de 1907, em Garrison, Estado de New York, o conhecido capitalista americano Samuel Sloam. O finado, que occupou com capacidade e dedicação, durante trinta annos, o cargo de Presidente da Estrada de Ferro Lacawanna, foi Director de dezeseite linhas ferreas.

Ha sete annos, quando se retirava da presidencia daquella estrada, perguntaram-lhe o que elle considerava "Segredo do successo" na vida e elle respondeu que era apenas dizer: "Eu von experimentar, mas que era preciso dizel-o, pensal-o e pratical-o sem temores nem vacillações". Nunca dignais: "Não posso fazer isso". Essa phrase é fatal. Nem sempre podemos fazer as cousas, mas devemos-nos habituar a tental-as. Conservai-vos occupados. Eu estou sempre occupado. Quando não estou occupado trabalhando, estou occupado descansando.

Para o necrologio de um homem da tempera de Samuel Sloam, cremos nada mais é necessario dizer além do que ahí fica. Em meia duzia de phrases elle proprio disse qual era o seu valor.

* *

O senhor Van Allen, de Paris, inventou uma engenhosa machina, graças á qual se pode enfiar automaticamente objectos de qualquer dimensão, formando volumes amarrados e sellados, promptos para serem expedidos. Affirma-se que, com essa machina, pode-se fazer quarenta amarrados por minuto.

A produção do vinho no mundo.

Calcula-se que cada anno são produzidos em todo o mundo 124 milhões de hectolitros de vinho, divididos da seguinte maneira: França 39. 000, Italia 35. 000, Hespanha 16. 000, Austria 7. 000, Portugal 5. 000, Algeria 3. 500, Rumania 2. 700, Chile 2. 500, Russia 2. 300, Bulgaria 2. 300, Allemanha 2. 700, Turquia 1. 800, Argentina 1. 500, Estados Unidos 1. 100, Grecia 800, Suissa 700.

A energia electrica no liquido.

Uma importante descoberta que causará verdadeira revolução no mundo industrial, foi feita pelo electricista senhor Adolpho Tamé, da Italia.

A' custa de estudos, investigações e de continuadas experiencias, conseguiu elle resolver o problema do armazenamento da energia electrica no liquido, transportando-a para o lugar onde deve ser utilizada, com uma despesa minima. Na operação de armazenar tem-se uma perda de 1,75 %, isto é, armazenando-se 100 cavallos em um dado liquido, d'elle se retirarão depois 98,25, havendo uma perda de 1,75.

A energia assim produzida virá a custar ao commercio francos 0,10 o kilowatt-hora. Hoje o preço medio de um kilowatt pode oscillar por 15 centimos. Outra especialidade dessa energia assim armazenada, é a de dar a voltagem que mais aprouver ao consumidor. Naturalmente as applicações serão as mais variadas, desde a illuminação até á força motora, em todas as suas multiplas formas e é destinada a levar ao *non plus ultra* a industria dos automoveis.

* * *

O primeiro LITRO DE AR LIQUIDO, preparado pelo professor Dewar, custou cerca de 25 mil francos; hoje, em vez, paga-se a 2 francos o litro.

Os jornaes illustrados japonezes.

Têm de 60 a 70 paginas *in quarto*; as gravuras a cores são impressas por um processo descoberto ha alguns annos já, por um chimico japonês e que dá a illusão de um desenho colorido a pincel; as paginas pares são numeradas em baixo, as impares no alto.

* * *

As perolas perdem a belleza com o tempo, e assim diminuem de valor. Actualmente a perola mais cara que se conhece é a que, ha poucos annos, um ourives de Paris comprou a um mercador arabe em Califa, pela quantia de 2.750.000 francos.

* * *

Um rico senhor de Milão fez constar que está prompto a conceder meio milhão de francos, ao syndicato que souber praticar a abertura ou o melhoramento do canal que possa, o mais breve possível, communicar Milão com o Pó.

Os trabalhos para o Canal de Panamá.

Randolf, engenheiro, conselheiro do canal de Panamá declara que este ficará concluido em 1915. Quando os trabalhos estiverem organizados, serão necessarios 124 mil operarios.

O material mecanico francez, que custou 30 milhões de dollars, está agora sem valor.

O conselho dos engenheiros da Commissão do canal de Panamá pronunciou-se, por grande maioria, por um canal de nivel.

Outra descoberta de Christovão Colombo.

Todos sabem que Colombo descobriu a America, mas nem todos conhecem igualmente uma outra descoberta sua, não inferior áquella. Elle descobriu tambem a lei cosmica em virtude da qual a agulha magnetica da bussola desvia-se constantemente no espaço e no tempo, ora para oeste, ora para leste da direcção do polo: em outros termos descobriu a declinação magnetica.

A linguagem das joias.

Do mesmo modo que as flores, as gemmas tambem têm a sua significação.

A saphira (azul) denota justiça e nobreza de pensamento, e tambem belleza. A esmeralda (verde) é symbolo de misericordia, esperanza e alegria, ao passo que o diamante abranda a ira e reforça a fidelidade. No topazio (amarello) espelham-se a mansidão e a clemencia; o rubi (encarnado) expulsa a melancolia; e o coral é bom remedio... contra máos sonhos e presumpções: a amethista (roxo claro) illumina a cabeça e a turqueza é o « *vergissmeinnicht* » das pedras preciosas.

A maior igreja do mundo.

Foi iniciada em New-York, e custará 125 milhões de francos.

A nova igreja terá o comprimento de 167 m. e a altura de 145, excedendo assim em dimensões, São Paulo de Londres (152 m. de comprimento e 110 m. de altura) e S. Pedro de Roma (187 m. e 139 m.) e será notavel tambem por sua belleza.

O estylo será puramente catholico, sem nada conter de byzantino e esta maravilha da christandade poderá conter em suas naves 60 mil fieis. S. Pedro de Roma pode conter 54 mil pessoas, a Cathedral de Milão 37 mil, S. Paulo de Roma 32 mil, S. Paulo de Londres 35 mil.... Terá o nome de Santa Sophia.

* * *

O joven sabio americano *Jorge T. Moore* — baseando seus estudos na conhecida propriedade microbicida do cobre — descobriu o modo de utilizar este metal para purificar a agua empregando uma solução de sulphato de cobre, tal que mata em quatro ou cinco horas os microorganismos mais virulentos — como sejam os do cholera e da febre typhoide — e ao mesmo tempo tão innocua que não pode causar damno ao organismo humano.

© novo edificio do Ministerio da Guerra, no Rio de Janeiro.



Projecto e construcção do tenente-coronel dr. Maciel de Miranda.

Uma força motora inexaurível.

Lembramo-nos que, em 1885, o illustre Padre Denza, barnabita, então director do Observatorio do Vaticano, fez na bahia de Varde e em outros pontos da Liguria muitas experiencias, para fixar a theoria e a pratica de sua idéa de aproveitar a força motora das ondas do mar em favor da industria.

Agora o capitão E. Pirandello, num seu opusculo recentemente publicado, trata justamente da utilização nas industrias, da força motora das ondas do mar e dos lagos.

O systema imaginado pelo autor é simples e pratico, e funda-se essencialmente na theoria dos corpos immersos nos liquidos, combinada com o movimento real das ondas e applicado de modo a produzir força motora « qualquer que seja o estado do mar ou do lago ».

A principal vantagem do systema consiste em produzir força motora sem interrupção e no poder ser applicada em qualquer praia, com diminuta despeza de installação e de conservação.

* * *

Drummel, o typo da elegancia ingleza, que nunca foi visto zangado, nem a rir, passava um dia ás margens do Tamisa, onde alguns rapazolas procuravam atirar ao rio um marinheiro. Ao vel-os exclamou: « meus amigos, que fazeis! Si atirdes n'agua este homem suado como está, lhe fazeis apañar uma boa constipação ».

Os malvados ficaram tão surprehendidos por este acto de espirito, que se detiveram, e o marinheiro poude desvencillar-se mais que depressa.

Qui Pan (jornal chinês).

É o jornal mais antigo do mundo, tendo começado a sua publicação no anno de 911. Tornou-se semanal em 1361, quotidiano em 1800. Actualmente tira tres edições por dia e com uma tiragem de 8000 numeros diariamente.

A edição da manhã é impressa em papel amarello, e só se occupa de assumptos commerciaes, a do meio dia é branca e publica noticias officiaes; a da tarde é em papel escuro e occupa-se um pouco de tudo.

O telephone na antiguidade.

Um official inglez residente no Indostão, descobriu que varios templos indigenas situados nas regiões mais afastadas, estavam em comunicação entre si por meio de um telephone de fios metalico. Após investigações archeologicas, o official chegou á conclusão de que taes communicações já existiam ha cerca de 2000 annos, isto é, desde os tempos das antigas dynastias hindús. Amanhã descobrir-se-á que Poncio Pilatos andava de automovel e que o rei David jogava o *lawn tennis*.

Curiosidades dos genios.

Anacreonte quando queria cantar toda a embriaguez da vida e hauria della o motivo lyrico, corroava-se de rosas. Guido Renis, Vernet, Chopin tomavam ao luxo a sua individualidade artistica. Machiavelli ao entrar na sala de estudo vestia trajés sumptuosos. Buffon era celebre tanto pela sua historia natural, como pelos seus punhos. Gauthier não conseguia escrever uma linha, sem estar vestido de encarnado; Newton antes de compôr empoava-se, vestia-se como se tivesse de ir á côrte; Ricardo Wagner rodeava-se de pannos preciosos; o rapsoda Liszt punha-se ao piano, de luvas e depois de tocar o teclado tirava-as, atirando-as de um lado e do outro, com largo gesto; Milton comprazia-se, mais que tudo, em ficar só a pensar; trabalhava sempre á noite, estirado numa poltrona; Montesquieu preferia, ao contrario, escrever de carro, e Bonnet num quarto frio com a cabeça bem coberta; Schiller para compôr tinha de mergulhar os pés em agua gelada.

Buffon bebia muito café; Schelling vinho, Cuxt agua; simão, não se sentiam com força para despejar os pensamentos.

* * *

Na America do Norte começa a propagar-se o uso de um aparelho descoberto por Poulsen, e que, depois de aperfeiçoado, já revelou suas preciosas qualidades.

O TELEGRAPHONE, até agora quasi desconhecido, constitue uma invenção extremamente original: trata-se de um phonographo reduzido a um unico fio de aço. Uma barra ou fio de aço qualquer é magnetizado na razão da energia do electro-iman diante do qual for collocado; pode-se produzir no mesmo fio, um após outro, polos magneticos de intensidade variavel.

O inventor da estenographia.

Um erudito francez, o senhor Havette, numa publicação recente, demonstrou que a estenographia actualmente em uso, foi inventada por um nobre, o senhor Valode. Mas chronologicamente fallando, elle teve um precursor em Tyro, antes escravo e depois liberto de Cicero, que imaginou um methodo de escripta rapida — *as notas tyronianas* — que muito depressa se propagou, e que induziu os Romanos a servir-se de escravos que o conhecessem, justamente como os homens de negocios de hoje empregam doctylographos.

Os paes dos homens celebres.

O pae de Demosthenes era ferreiro; de Euripedes, um vendedor de fructas; de Socrates, um mediocre escultor; de Virgilio, um taverneiro; de Colombo, um escultor em madeira; de Shakespeare, um carnicero; de Xisto V, um guardador de porcos; de Franklin, um fabricante de sabão.

Aurora e pôr do sol

(REAL)

Irmão — murmura uma voz fraca e cavernosa — irmão, abre a janella... oh, para que eu veja ainda uma vez as doces plagas da minha Lisboa... e me inebrie deste bello sol que, dentro em breve, apa-

moço, pode triumphar da morte... oh não! não me deixe só nesta terra... Deus é bom...»

«Deus é bom, amigo, e por isto mesmo é que me chama... oh si não fosse por ti, pensas que eu cho-



Almirante Barroso.

gar-se-á para sempre na escuridão do tumulo...»
E o moribundo agita-se febrilmente sobre o pobre catre do hospital, e o seu olhar quasi extinto, busca a luz que foge. Um negro se lhe approxima:
« Coragem, senhor, coragem; o senhor ajuda é

raria uma vida semeada de tantas cruces, amargurada pela ingratidão humana: uma vida que foi um tecido de lagrimas ardentes, de angustias supremas, de martyrios sem nome?... Deixa-me ir descansar tranquillo no tumulo, longe do odio e

do desprezo dos homens... e tu, meu caro, tu que foste amigo fiel no dia da desventura, vem muitas vezes ajoelhar-te sobre a relva desconhecida que cobrirá meus tristes despojos... reza e espera... um dia tornaremos a ver-nos lá em cima... Agora vai, amigo, sinto que as minhas forças diminuem... traze-me um sacerdote...»

atirára-se nos braços do filho de Java, e seus corações se comprehenderam... Oh, os dias amargos passados juntos na terra extranha; as longas noites de vigília passadas na escura caverna suspensa sobre o abysmo, ou sobre as praias de um Oceano ainda quasi desconhecido, cujos gemidos selvagens pareciam responder aos gemidos do Grande e-



Contra-Almirante Saldanha da Gama.

Todo absorto na sua dor, o negro depoz um beijo ardente na mão do patrão, murmurando: «Bemdito sejas tu que me ensinaste a esperar e a amar!» e depois saiu apressado. Que lhe importava que os garotos se rissem da sua feia cara negra, que lhe atirassem ao rosto lama e pedras! Oh, pudesse elle salvar o seu Luiz! com que alegria não teria sacrificado a sua vida! Ha tantos annos andavam juntos... tinham-se encontrado, um dia, num escolho, diante do mar encapellado... o exul infeliz

xilado! Houve um momento em que Luiz sorria á esperanza de rever a patria, e, então, o pobre escravo, dando um adeus eterno ás suas florestas perfumadas, embarcou para a Europa. Mas Lisboa devia ser fatal... em vão Luiz procurou apoio e trabalho... em vão chorou, em vão supplicou aos grandes que tivessem compaixão das suas angustias: cançado de humilhações e de lutas, zangado com todos, refugiou-se em um pardieiro, onde bem depressa reinou a mais espantosa miseria. O negro

fiel correu as ruas da capital extendendo a mão; mas ah! a esmola, atirada com soberbo desprezo, não chegava, e um dia viu-se obrigado a levar o seu Luiz para um hospital, onde, á força de lagrimas e de supplicas, obteve permissão para velar o dilecto infermo!

* * *

O sacerdote entrou, seguido pelo negro e por um sacristão que trazia o thuribulo: depez o sagrado Ciborio e approximou-se do moribundo: «A paz de Deus seja contigo, meu filho; tem confiança.»

«Oh sim, Padre, confiança na morte que não engana.»

«Antes de receber, talvez pela ultima vez, o Deus do amor, perdões aos que, por acaso, te hajam offendido?» O doente ergueu-se, seus olhos scintillaram, um suor frio banhou-lhe a fronte: «Não, não, gritou, não ha perdão para ti, Affonso Athayde!»

«Silêncio! intimou o sacerdote; desgraçado! suspiras pelo osculo de Deus e negas o perdão aos teus irmãos? Por outra parte, que pode ter feito a ti, ente desconhecido, o chefe de uma illustre familia?»

«Eis os juizos dos homens! murmurou o enfermo com amargo sorriso; diga-me, é maior aquelle que se vale do seu poder para esmagar um humilde, ou quem, perseguido no seu genio e no seu amor, morre miseravel num hospital, depois de ter erguido á patria ingrata um monumento de imperitura grandeza?»

O sacerdote, commovido, calara-se, o negro olhava para o patrião com expressão de pezar indizível, enquanto que o sacristão, pouco a pouco, se tinha approximado do leito e fitava o moribundo com olhar radiante.

«Mas quem és tu, que fallas de tal maneira?» perguntou finalmente o sagrado Ministro.

«Quem sou? Lisboa viu-me nascer... esperava passar nella em paz a minha vida... o odio de um homem impelliu-me para além-mar, e me fez tragar o amargo pão do exilio. Deus me deu a

scintella do genio e em meus sonhos vi o Rei das tempestades, o soberbo Adamastor, erguer-se, activo e tremendo, sobre o escolho e amaldiçoar os Lusitanos que ousavam atravessar o seu reino. Novo Julio Cesar, lutei contra o oceano enfurecido, apertando entre os dentes o meu precioso volume... Dei os Lusíadas a Portugal e Portugal deixa-me morrer num hospital!»

«Luiz de Camões!» exclamou o sacerdote, juntando as mãos.

«Luiz de Camões!» repetiu o sacristão, cujo olhar se illuminou de uma luz extranha.

«Sim, Luiz de Camões, suspirou o agonizante: — os homens me perseguiram, me amaldiçoaram, e o senhor quer que eu perdoe?»

O sacerdote, com gesto eloquente, mostrou o Crucifixo, fallou-lhe a linguagem do amor e da esperanza, e quando, finalmente, se calou: «Sim, perdão a todos... dê-me o meu Deus!» sussurrou entre lagrimas o arrependido.

Accenderam-se as velas, a Hostia bendita foi levantada entre o céu e a terra... o Sacerdote approximou-se, tremulo, do leito de morte... o grande moribundo sorriu de ineffavel alegria... abriu os labios ao mystico alimento e tornou a cahir num extasi de amor e de fé! O sacristão fitou com extranha insistencia aquelle vulto transfigurado: depois, como tomado de subita inspiração, tirou um carvão do thuribulo, e, com a mão firme, traçou na parede os lineamentos do martyr illustre.

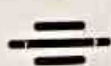
Olhou para a sua obra: Camões revivia naquellas linhas. Sorriu o menino e sobre aquella fronte, que fulgia pela dupla aureola do genio e da dor, assignalou uma coroa de espinhos. Então sentiu um beijo ardente imprimir-se-lhe na testa e uma voz repassada de choro, dizer-lhe: «Obrigado, por ti elle não morreu de todo; o teu nome, para que eu possa repetil-o, com o delle, nas minhas orações?»

— «Sebastião Murillo!» respondeu o menino.

* * *

Portugal assistira ao occaso de um astro radiante: via agora romper a aurora de um novo astro!

GRAÇA.



© nome mais bello



A falecida imperatriz Elisabeth, quando vera-neava em Campiglio, emprehendeu um dia uma excursão aos arredores e foi descansar na choupana de uns camponezes. Estes, trajando vestes domingueiras, estavam de pessimo humor. Interrogados sobre o motivo disso, responderam que tinham de baptizar uma recém-nascida. Como não houvesse apparecido a madrinha, era preciso adiar a cerimonia.

A soberana offerceu-se para servir, ella propria, de madrinha. Como os camponezes não co-

nhecessem a senhora, perguntaram-lhe qual o nome que haviam de dar á criança. Ella respondeu: Meu nome não é usado neste paiz; dai á criança o nome mais bello que o christianismo conheça; chamai-a Maria. O velho Vigario ficou petrificado ao ler a assignatura da madrinha. Ella pediu que não dissesse nada. Logo no dia seguinte, quando um criado da corte levou aos pais da baptizada um rico presente em dinheiro e um cesto cheio de mil objectos, elles vieram a saber que a pequena Maria era afilhada da Imperatriz.

PAGINA PARA AS CRIANÇAS

● BRILHANTE MARAVILHOSO ●

Era um paiz encantador, o pequeno reino de Ramalalo, um paiz encantador, onde as flores cresciam viçosas em variedades sem numero, as arvores tinham bellos e saborosos fructos, o trigo espigava tres vezes por anno.

O que tornava ainda mais delicioso aquelle afortunado reino, era que nelle todos pareciam, e eram realmente, muito felizes. O Rei conhecia seus subditos e estava constantemente de viagem para visitar ora uma, ora outra aldeia. Era o rei que superintendia as escolas e queria que todos aprendessem consas uteis e boas, sem cançar a memoria com banalidades; o proprio Rei distribuia os auxilios, para ficar certo de que chegavam a seu destino. Os habitantes o tinham appellidado *Slinplaplulé*, que significa *o optimo entre os optimos*.

O paiz de Ramalalo era tão privilegiado, que a mesma morte parecia ter recio de contristal-o e, expulsa de lá pela salubridade do clima e pelas sabias leis de hygiene, fazia visitas rarissimas. Si não fosse isto, os seus habitantes podiam ter-se esquecido de que estavam na terra.

E' facil imaginar si tamanha felicidade não era invejada pelos povos vizinhos! *Semblaló*, que significa *Tigre rapace*, um máo rei que tyraniçava os subditos e os reduzia á miseria com enormes tributos, odiava seu visinho Ramalalo pela immensa prosperidade de que o seu Estado gozava, pelo affecto que os subditos lhe demonstravam, mas ainda mais pelo brilhante que possuía e que fulgia em sua coroa. Era a joia maior do mundo, muito maior do que o Grão Mogol, e do que o Schá, que são os brilhantes mais celebres. Era limpidissimo, reflectia todas as cores do arco iris e tão leve, não obstante o tamanho, que parecia nem pesar sobre a cabeça do ditoso Rei.

Semblaló mandou um embaixador a seu visinho, para que lhe cedesse o brilhante! Offerecia em troca um thesouro, resolvido como estava, no seu intimo, a pagar com má moeda; mas Ramalalo sorriu ao ouvir a proposta e respondeu não poder ceder-o. *Semblaló* não teve socego. Um Rei de tão pequeno Estado possuir uma gemma extraordinaria, enquanto que elle, senhor de tantas provincias, só tinha brilhantes communs! Irritado diante da negativa, queria-o com verdadeira ancia e, comprando alguns esbirros, mandou-os assaltarem a Ramalalo, que, confiante e inerte, se dirigia para a choupana de um doente.

Os ladrões roubaram o brilhante da coroa; mas Ramalalo não ficou sentido por isto, nem, o que é ainda mais extranho, os subditos deram pela falta.

No centro do diadema real, brilhava sempre uma luz fulgurante, como si a joia roubada tivesse deixado ao bom Rei os seus reflexos.

Semblaló recebeu os ladrões com uma cortezia insolita e com prazer apoderou-se da gemma: mas, oh! maravilha! ella parecia mudada numa grande pedra opaca!

— Enganastes-me! — gritou aos ladrões — ai de vós! vos condemnarei ao Lan-chi. Mas elles, prostrados por terra, juraram que era mesmo o famoso brilhante de Ramalalo, e affirmaram que este retomaria o brilho na cabeça do angusto Senhor. *Semblaló* adaptou-o logo á coroa e poz-se a correr como louco, diante de todos os espelhos, para ver o brilho maravilhoso. A pedra estava escura como um seixo, mas, na sua phantasia, elle via irradiações avermelhadas e a satisfação viçissima provocon-lhe uma pontada que, qual agudo espinho, lhe torturava o cerebro.

A dor porém, tornava-se cada vez mais forte; em pouco tempo era insupportavel e *Semblaló* teve de depor a coroa.

Mesmo sem ella perdurava a pontada atroz, e todos os feitiçeiros do reino foram chamados para suggerir um remedio.

Em vão! elles sacudiam as longas barbas brancas, sem saber o que proporem, e estavam tremulos perto do terrivel Rei, que costumava vingar-se nelles quando não sabiam curar seus males.

Semblaló tinha posto de novo a coroa e com o sobrececho carregado pelo espasmo, inventia ainda mais terror.

Os feitiçeiros consultavam-se uns aos outros e levavam constantemente as mãos tremulas ao pescoço, como para se certificarem si as cabeças venerandas ainda tinham o seu sustentaculo natural. Eis quando um delles, mais corajoso, adiantou-se e murmurou ao ouvido do Rei, algumas palavras: — Tu possues um objecto tirado violentamente; si não o restituíres, a dor te fará enlouquecer.

Semblaló voltou-se para o conselheiro com olhar feroz, mas não ousou mandal-o para o supplicio, como fôra seu desejo; e vencido pela tortura persistente, mandou os mesmos salteadores a Ramalalo, para lhe restituírem o brilhante.

Este o repoz na coroa, e perdoou aos ladrões, que tornaram a *Semblaló* para dar-lhe conta da missão.

No reino do *Tigre rapace* esperava-os bem outra recompensa! Foram condemnados pelo perverso, que não queria testemunhas importunas, ao *Lan-chi*, pena chinesa em que o corpo é cortado em dez mil pedaços, o cadaver decapitado e a cabeça espetada na ponta de uma vara!

Aquellas pobres cabeças sangrentas podiam servir de exemplo a todos, do quanto são desgraçados os mãos servos, que obedecem a mãos senhores.

Entretanto Ramalalo vivia sempre feliz com os subditos!

O brilhante continuava a fulgir em todas as cores do arco iris; provocando a admiração dos estrangeiros: a sua fama voava longe, contavam-se as suas maravilhosas bellezas, tanto assim que o Rei *Lao-tchú*, ou seja *Raposa Astuta*, tambem teve von-

A principio, *Laotchú* pensou que era porque não podiam supportar o fulgor vivissimo da preciosa gemma, mas depressa se convenceu do contrario.

Os espelhos, os vasos de porcellana, as grandes bacias de prata, e até as copas das espadas reflectiam, não a iridente luz do portentoso brilhante, mas uma nojenta cabeça de *Naia*. Elle empallideceu: de pé diante do espelho, não ousava levar a mão á fronte, onde via luzirem os olhos da cobrinha e mover se sua immunda cabeça...



Aprendizes em 1890.

tade de possuir um igual. Fez excavar as minas de Golconda, mandou ao Ceylão, e até ás minas do Transwaal, até que, desesperando de encontrar um brilhante igual ao de Ramalalo, decidiu obtel-o pela astucia.

Um enviado seu foi ter á corte do Rei bom e tanto soube insinuar-se e prometter, que um corteção infiel tirou a joia maravilhosa de Ramalalo.

Laotchú pagou generosamente o trahidor e, soberbo, collocou o brilhante na cabeça, apresentando-se logo na corte.

Todos recuavam horrorizados!

Comprehendeu a sua falta e supplicou que o livrassem daquelle singular e perigoso ornamento da coroa!

Quasi no mesmo instante entrava o trahidor, que tinha roubado a seu Rei. O desleal corteção, atormentado pelos remorsos, atirou ao chão as moedas, prego de sua trahição, e exclamou:

— Restitue-nos, ó Poderoso, a joia do meu soberano, eu comprehendi que andei mal e que injuriei ao melhor, ao mais leal Senhor!

Laotchú ficou bem contente de deixar-lhe o encargo de enfrentar o *Naia* venenoso, e o corteção, apesar de aterrorizado pelo portento, não hesitou

em arrancar a serpente da coroa, feliz de reaver a joia e de levá-la a seu dono!

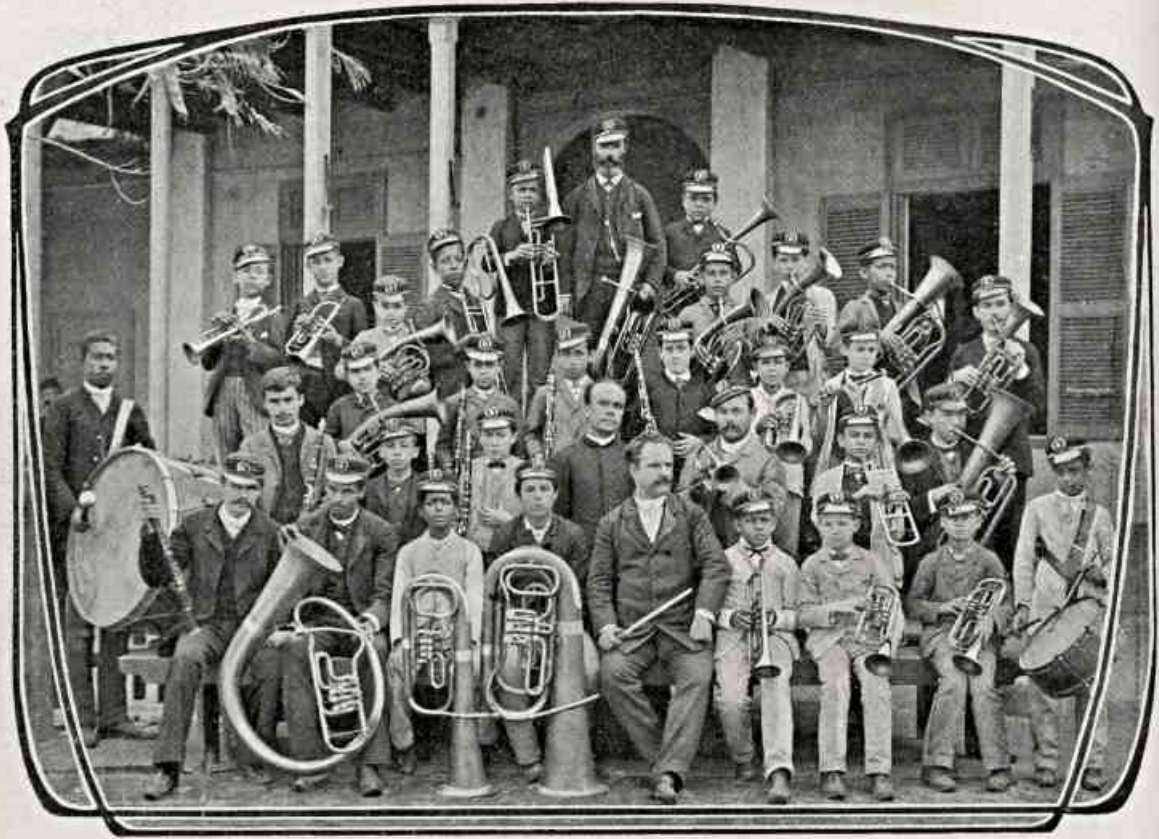
Effectivamente, sabiu-se bem da empreza: o reptil deixou-se fechar numa caixinha de prata, presente de Ramalalo, e quando esta foi aberta na presença de Ramalalo, não se encontrou mais ali a viscosa serpente, mas o soberbo brilhante a esplender em fachos de luz.

O bom Rei perdoou ao cortezão arrependido, e impoz-lhe que não fallasse do prodigio: mas um

Ramalalo acolheu a todos festivamente e era tão bom, que prestou grandes honras tambem a Semblaló e a Laotchú, que o haviam mandado roubar.

Deu aos seus hospedes os melhores lugares e sentou se humildemente no fundo do salão, mas a luz extraordinaria do brilhante fazia-o resplender entre todos!...

Por occasião dos brindes, quando foram erguidas as taças cheias de prelibado vinho, soltaram-se as



Musicos em 1890.

canarinho, preso numa gaiola, cantou-o a um rouxinol que gorgeiava na arvore proxima; este, voando para o reino de Laotchú, repetiu-o a um papagaio, e então todos vieram a saber; não só os habitantes dos paizes de Laotchú e de Semblaló, mas ainda os dos mais remotos.

Não havia pequeno e esquecido Rajá, que não conhecesse as maravilhas do brilhante de Ramalalo! Trocaram-se embaixadas entre os varios Estados, e os diversos Soberanos decidiram ir ter, juntos, com o bom Rei, para conhecerem o mysterio da prodigiosa joia.

linguas, e vendo-se mais facilmente a verdade, o Rajá de Bentovai, o mais velho de todos os reis presentes, tomou a palavra:

— O' Ramalalo — disse — ó Potente e justo Senhor do mais bello Reino do Oriente, que o sol fecunda e a lua illumina de candidos raios, explica-nos, te peço, o segredo da tua maravilhosa joia, e dize-nos porque não pode ser adquirida com thesouros deste mundo, e parece ser inseparavel de ti.

— A tua pergunta, ó venerando soberano, é lei para mim. Fica, pois, sabendo que: *minha*

joia não se extrae das entranhas da terra, mas do coração dos homenes.

Admiraram-se muito os Reis presentes, e Ramalho continuou:

— Quando meus subditos estão na miseria, vou ter com elles, os conforto, troco suas lagrimas dolorosas em choro de alegria. Si são felizes, participo do seu contentamento e elles choram

de reconhecimento. Si estão tristes pela morte de seus caros, eu tambem choro e meus subditos, apoiados em meu coração, derramam as lagrimas da angustia. Assim se forma a minha joia. *São lagrimas de alegria, de reconhecimento, de dor, que compõem o iris maravilhoso.*

CONDESSA AMALIA CAPELLO.

(Da *Felicità*, Phantasias para erianças.)

Generosidade de um ladrão

Não ha muito tempo, os habitantes de Costolovitz, na Bohemia, foram espectadores de uma scena original.

Numa localidade proxima, dous gendarmes tinham prendido um ladrão — um tal Patrick — que penetrára numa pharmacia e roubára todo o dinheiro que havia encontrado na gaveta do balação.

Preso e bem algemado, os dous soldados encaminharam-se para Costolovitz, afim de entregal-o naquella prisão judicial.

Mas a caminhada ia ser fatal aos dous gendarmes.

Assim é que, a um certo ponto da estrada, um delles foi subitamente atacado de mal gravissimo e cahiu por terra como morto.

Que fazer? O lugar era deserto. Não se via alma viva, nem de um lado, nem de outro, da longa estrada.

O outro gendarme ficou algum tempo perplexo sobre o que devia fazer, mas não encontrava uma boa sahida.

Patrick suggeriu:

— Solte-me, eu o ajudarei a levar seu companheiro até ao lugar mais proximo.

O conselho era bom mas, entretanto, ia de encontro ao regulamento, que prescreve taxativamente que os presos sejam algemados. Por isso o gendarme, firme no cumprimento de seu dever, acolheu o conselho só pela metade: pegou na sua carabina e na do companheiro e amarrou-as ás costas do preso; depois collocou sósinho, o doente em seus robustos braços e, precedido pelo ladrão, proseguia no caminho.

Quando, uns vinte minutos depois, por causa da neve congelada que havia na estrada, o pobre gendarme, que caminhava a custo e cansado, escorregou e cahiu tão mal, que quebrou uma perna!

Eis então o pobre Patrick, impotente diante de seus gendarmes.

— Desta vez será bem preciso que o senhor me solte — repetiu elle — para que eu possa ir pedir soccorro.

O gendarme esteve quasi accedendo, mas, ainda uma vez, a voz do dever levou de vencida a necessidade.

— Não — disse elle — prefiro esperar que passe algum viajante.

— Como queira.

Passa-se meia hora, uma hora e não apparecia alma viva.

Então o bom Patrick tomou, de iniciativa propria, uma resolução energica:

— Irei assim mesmo, como estou, buscar soccorro — disse elle. E afastou-se, dirigindo-se para Costolovitz.

Ali chegou duas horas depois.

E' facil imaginar qual o estupor dos moradores ao verem pelas ruas, o desconhecido viajante algemado e trazendo a tiracollo duas carabinas de gendarmes!

Meia hora depois, um carro, em que estavam outros gendarmes e o preso, dirigia-se á procura dos dous soldados e os trazia para a cidade.

Provavelmente, no lugar será erigida uma lapide tendo o retrato em baixo-relevo, do bom Patrick, como lembrança perpetua do memoravel facto.

A bondade de Deus não deve dar-vos occasião de differirdes a vossa conversão, e de perseverardes no peccado; temeí que, abusando da sua graça, elle vos abandone e por isso chegueis a morrer na vossa iniquidade.

Deus não é misericordioso a ponto de ser injusto para deixar de castigar o peccado; nem é injusto para deixar de ser misericordioso e não perdoar o peccador penitente.

S. AGOSTINHO.

Pouco de cada vez. Ninguem pôde tornar-se santo num dia.

Quem reza com attenção o Rozario de N. Senhora experimenta, na pratica de tão amavel devoção, um poderoso auxilio contra todo o inferno.

Cada vez que repetimos devidamente as bellissimas palavras: *Ave Maria, cheia de graça*, afugentamos os inimigos infernaes, augmentamos a devoção, e as graças do Senhor descem para as nossas almas.

B. ALANO.

INSTANTES DE HUMORISMO

Um... afrancezado. — Joaquim, um rapaz imberbe, de uns vinte annos, moe-se por saber francez... — Oh que regosijo! Hoje, finalmente, depois de tanto suspirar por tamanha sorte, chegou, de vez, á França, em Beaulieu, a muitos kilometros da sua terra.

Por uma inesperada conjunctura, ao sair da estação vê uma senhora que, como quem tinha pressa, caminhava-lhe um pouco á frente, levando consigo uma malinha.

« Monsieur, » « monsieur, » diz elle, apressando o passo e levantando a voz. Mas a senhora continúa seu caminho.

« Monsieur, » « monsieur, » grita elle ainda mais alto.

A senhora, aborrecendo-se e receiosa ella propria de se comprometter com aquelle encanto de lingua franceza, volta-se para elle e lhe diz:

« Monsieur » à moi? Diable! quel étourdi! ne voyez-vous pas que je suis une dame?

Pobre Joaquim! A primeira experiencia sahio-lhe tão mal (foi bom para elle) que logo perdeu a vontade de mostrar-se sabido.

Authentico.

Endereço errado. — O senhor X quer telephonar ao seu viajante, que se acha numa cidade do interior, e chama ao aparelho o numero que suppanha ser do Hotel.

— Allô! Quem falla? E' o Senhor Z?

— Não, não é!

— Elle não tomou ali um quarto?

— Não, nós não alugamos quartos.

— Mas sabe dizer-me si irá ter ali, quando chegar?

— Pode ser que sim, mas não temos certeza!

O Senhor X perde a paciência:

— Si imaginam caçoar commigo, estão muito enganados. Não admitto semelhantes respostas! Vou queixar-me ao dono do Hotel! Entendem?

Uma sonora gargalhada foi a resposta, seguida desta declaração:

— Desculpe, senhor, mas isto aqui não é Hotel. O senhor está fallando com a Casa de Correção!

Um dos Rothschild quebrára um braço: foi tratado pelo celebre Dupuytren. Logo depois de curado, o Cresco moderno manda ao medico 20.000 francos.

Dupuytren passa recibo da quantia e accrescenta um *postscriptum* assim concebido: Não imaginava que um Rothschild tambem fizesse pagamentos por conta!

Boa sahida. — Numa das ultimas commoções de S. Petersburgo, o filho de alto funcionario gritava a plenos pulmões: *Viva o Czar!* Um negociante, que estava á porta da sua loja e que era de ideas revolucionarias, deu-lhe um formidavel ponta-pé; mas logo sentiu-se preso por dous soldados de policia. Elle então, para sair-se do aperto, tocou com uma mão, o hombro do aclamante e disse-lhe em acto de censura:

— Então, não sabes que ao nome venerando do Czar, deve-se juntar o da Czarina? Gritemos juntos: *Viva o Czar, viva a Czarina!*

E assim o espectralhão sahio-se da alhada.

No hotel.

O senhor Malaquias entra no hotel, senta-se a uma mesa, e dá logo uma gorgeta ao criado, a quem pergunta:

— Que me aconselhas, conscienciosamente, a tomar?

— Eu, si fosse o senhor, tomaria o caminho da porta e iria embora!

— Pintei um pedaço de madeira a fingir marmore e sahio-me tão natural, que atirando-o a um rio, se foi logo ao fundo.

— Grande coisa! Melhor fiz eu. Pintei ha dias uma paisagem representando uma região polar: chego-lhe um thermómetro e marcou logo 40° abaixo do zero.

Um sujeito encontra o medico, amigo seu.

— Oh! doutor, você parece que se enganou quando disse que o cholera que flagella Toulon e Marselha é asiatico.

— E' asiatico, responde o medico, mas si não faz tantos estragos como da outra vez, é porque vem da Asia Menor.

Mariasinha passeando de carro, vê um automovel pela primeira vez:

— Olha mamãe! Os cavallos fugiram e o carro vai á procura delles! é engraçado, não é?

Numa escola. — Qual é o fim da grammatica?

— O indice.

— E para que serve a geographia?

— Para fatigar a memoria.

— Muito bem. Agora diga-me: a palmatoria para que foi inventada?

— Para fazer lume.

— Nesse caso vou transformar as suas mãos em fogareiro.

Em um café, fallava-se das emoções produzidas pela pintura.

— Eu, disse um, recordo-me de um quadro que me fez chorar bastante.

— Algum assumpto pathetico?



Solicitando um obsequio.

— Não, senhor: era um bellissima paisagem de Rowley Mendes; mas quando estava a olhar para ella cahiu-me em cima da cabeça e abriu-a.

Um eleitor: — Ora, aqui tem, Doutor; o senhor precisa encontrar um lugar para meu filho, em alguma repartição publica.

O recém-eleito — Vamos ver; que é o que seu filho sabe?



Gentileza..... excepcional.

O eleitor — Que é o que sabe? A pergunta é curiosa. Si elle soubesse alguma cousa, eu não estaria aqui a importunal-o.

O papae. — Viste com o microscopio todos os bichinhos que estão na agua?

Raulzinho. — Sim, papae, vi. Estão na agua que bebemos?

— De certo.

— Ahn, agora fico sabendo o que é que canta na chaleira, quando a agua começa a ferver.

No tribunal correccional:

— E você, depois de viver honestamente até á idade de quarenta annos, manchou seu nome, deshonrou sua familia e tudo isto para roubar cinco miseraveis mil réis!

— Desculpe, senhor Presidente, não tenho culpa de não haver mais dinheiro na occasião.

Como se criam os canarios

A criação dos canarios, que muitos julgam tão difficil, é, pelo contrario, relativamente facil, tanto que dá intensa satisfação a quem lhes prodigaliza os necessarios cuidados.

Com alguma paciencia sae-se a gente muito bem e torna os filhotes ageis e intelligentes, chegando-se a lhes dar aquelle brio e desembaraço de movimentos que, por natureza, lhes faltam e que, depois, os tornam tão lindos.

Todo o segredo consiste em criar-os em liberdade; liberdade relativa, entende-se, pois que se trata de substituir a gaiola commum por uma sala, cujo espaço seja sufficiente para lhes dar a illusão de não estarem absolutamente presos. Eis como se faz:

Logo depois de nascidos, os filhotes devem ser deixados com a mãe, nunca mais de cinco ou seis dias, depois do que tiram-se-n'os della sem piedade e começa-se a criação artificial, continuando até que elles estejam em condições de comer sósinhos. Então, já quasi se alcançou o que se queria, pois já elles podem viver em liberdade.

Como nutrição artificial é preciso dar-lhes, diariamente, uma pasta composta de milho e alpiste, finamente moídos de fresco (para isto serve muito bem um desses moinhos communs de pimenta, para mesa, desde que seja novo e limpo), miolo de pão molhado no leite, um pouquinho de assucar e uma ou duas folhas de alface, tanto quanto pode cobrir com a sua superfície, uma moeda de cem réis. Tudo bem misturado, de sorte que forme uma pasta homogenea e sem falhas. Optima a gemma de ovo duro. A pasta deve ser preparada todos os dias.

Para dal-a aos filhotes, emprega-se uma palha flexivel e subtil, o mais possível. Uma palha de vassoura, serve muito bem para isto. De cima della, pela parte mais fina, applica-se uma bolinha de pasta e dá-se aos filhotes que estão esperando a embocadura. A operação repete-se para cada um, até que elles, recusando abrir o bico, dão signal de estarem fartos. Será bom, depois de terem elles engulido uma bolinha da pasta, dar lhes de beber — servindo-se da mesma palha banhada na agua — uma gotta, que é mais que sufficiente.

Acontece, ás vezes, nos primeiros dias, o filhote não saber abrir o bico; então obriga-se-o a

isto, apertando-lhe de leve, entre o pollegar e o indicador da mão esquerda, os cantos da boeca. Este inconveniente, porém, dá-se raramente e quando acontece, passa depressa, pois o passaro conhece immediatamente aquelle que lhe dá de comer.

Quando os filhotes já adquiriram alguma força, em vez de nutril-os deixando-os no ninho, como até então se fazia, começa-se a segural-os na mão esquerda, o que os acostuma a serem pegados e lhes tira todo o medo.

E' inútil cortar-lhes mais tarde as pennas das azas; antes deixal-os voar livremente.

As tendencias dos canarios devem ser estudadas attentamente, porque concorrem para a sua educação. Elles são extremamente curiosos e este defeito pode servir para tornal-os obedientissimos.

Si, por exemplo, quer-se fazel-os entrar na gaiola onde passam a noite, é bastante collocar dentro della um objecto reluzente e brilhante, um botão, um alfinete grande, uma rolha de chumbo, etc. Elles accorrerão immediatamente para vel-o.

Uma vasilha de barro ou de folha, cheia d'agua servirá de banheira. Si não entrarem nella espontaneamente, dever-se-á forçal-os nos primeiros tempos; depois, o habito converter-se-á para elles num prazer e numa necessidade. Na sala, proximo á janella, construir-se-á um poleiro, como os que se usam para os papagaios, sobre o qual os canarios vão empoleirar-se.

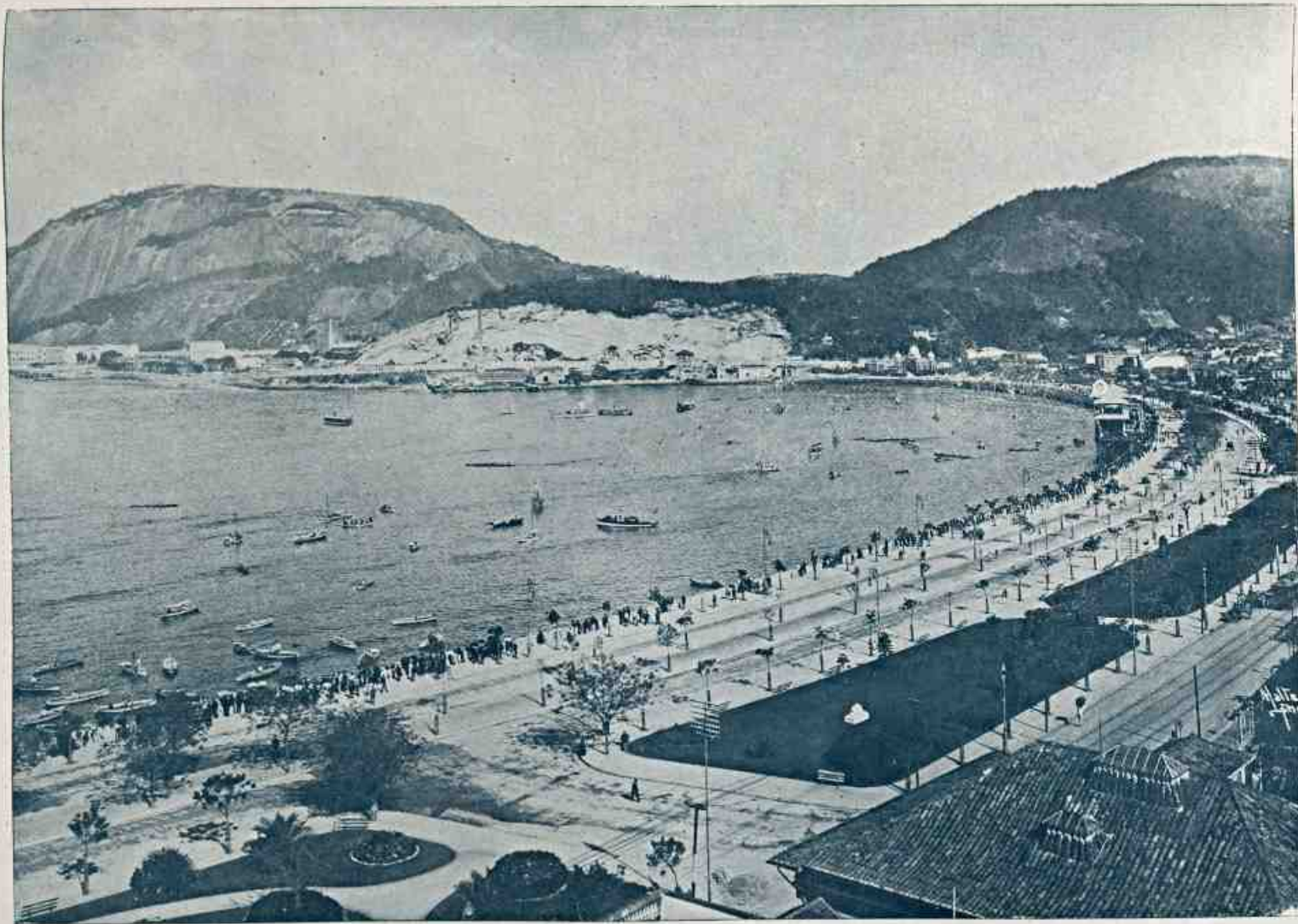
Mas, como elles estão muitas vezes tambem no chão, e acostumados ao patrão, não se assustam absolutamente quando este entra na sala, é preciso ter cuidado de não pisal-os distrahimamente, como é preciso ver que não estejam empoleirados na porta antes de fechal-a.

Cuide-se de variar frequentemente sua comida e não se esqueça a verdura, que é parte indispensavel della.

Os canarios vivem, em geral, 10 annos, mas podem muito bem durar uns 15.

O preço de um canario varia de 2 a 20\$, conforme a pureza da raça. Os canarios do reino cruzados são os mais communs, na Europa.

Todas as especies criam-se facilmente.



AVENIDA "BEIRA-MAR". ∞ ENSEADA DE BOTAFOGO.



AVENIDA "BEIRA-MAR". ∞ ENSEADA DE BOTAFOGO.

Saudades da Virgem Maria

Vivo no mundo
Como em desterro,
Por onde éro
A suspirar:
Ternas saudades,
Pungem minh'alma,
E nada acalma
O meu penar.

Além do espaço
Que o sol caminha
Na patria minha,
No eterno Eden,
Em throno de ouro
A Deus chegada,
Vive adorada
A minha Mãe!

Mas do desterro
Entre os espinhos,
Com mil carinhos
Cercar-me vem;
No céu me tece
Formosa c'róa...
Oh! como é boa
A minha Mãe.

Iman suavissimo
E' do meu seio,
E' meu enleio,
Todo o meu bem.
Na atroz procella
Dá-me bonança
Terna lembrança
De minha Mãe.

Por isso esta alma
Na natureza,
A nada preza,
Nada a detém:
Só ver desejo
A formosura
Da face pura
De minha Mãe!

Já que em teu curso
Sol rutilante,
Passar diante
Vais do Salém,
Prende-me a um raio
Da aurea madeixa,
E aos pés me deixa
De minha Mãe.

Ligeira nuvem,
Que a alva donosa
Veste de rosa
E de ceçém,
Contigo sobe-me
Por esse espaço
Té ao regaço
De minha Mãe!

Conter não posso
Amor que inflamma,
E em viva chamma
Meu peito tem!...
Anceio, sôltos
Do corpo os laços,
Voar aos braços
De minha Mãe!

Piedade ao menos,
O' Anjos santos,
Que amais a quantos
A amam também!
Minhas saudades
Meu terno anceio
Ide, dizei-o
A' minha Mãe!

No emtanto o mundo
E' meu desterro,
Por onde éro
A suspirar:

Ternas saudades,
Pungem minh'alma,
E nada acalma
O meu penar!...

L. G. F.

A' MARIA AUXILIADORA

A Virgem Mãe de Deus refulge no infinito
Coroada de luz, na mão o sceptro santo,
Traz ao collo o Menino, e sob os pés o mundo
Que domina e protege á sombra de seu manto;

Dos mortaes esperança e perpetuo soccorro
E' nossa Medianeira e nosso doce encanto;
Com piedade Ella attende a nossos ais e penas
E ouve compassiva a voz de nosso pranto!

Das Virgens no aureo côro eleva-se radiante
E, Auxilio dos Christãos, com graça soberana
Reina sobre o universo excelsa, deslumbrante.

Toda a côrte celeste em jubilo delirante
A proclama do Céu Rainha bella e pura
E Deus lhe dá na gloria um throno rutilante!

Dezembro — 1906

MARIA DULCE MONTEIRO DE OLIVEIRA.

CHROMO

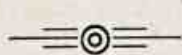
Paisagem simples. Bem ao pé do outeiro
Ergue-se a casa, no conjuncto austera;
Tem nas paredes verde manto de hera
E junto á porta o leque de um coqueiro...

Começa o poente. Na celeste esphera
Brilha do sol o raio derradeiro;
Ouvem-se ao longe os gritos do campeiro,
Tangendo o gado nedio que prospera...

A Tarde morre. Pela estrada passam,
Buscando o pouso junto á casa antiga,
As grandes vacas timidas e mansas;

E na varanda, que os rosas enlaçam,
Meiga velhinha, erguendo a voz amiga,
Chama á oração os netos e as creanças...

ERNESTO CERQUEIRA.



O grande segredo



Destruido o poder militar da Hespanha, na batalha de Alacucho e apertado o sitio de Callão pelos vencedores, o Padre Marielux não quiz abandonar o governador do castello chamado do *Rei Philippe*, o Brigadeiro D. Ramon Rodil.

Ora, em Setembro de 1825, após nove mezes de sitio, a escassez dos viveres e o escorbuto começaram a levar o desanimo aos sitiados e a conspiração principiou a tomar corpo.

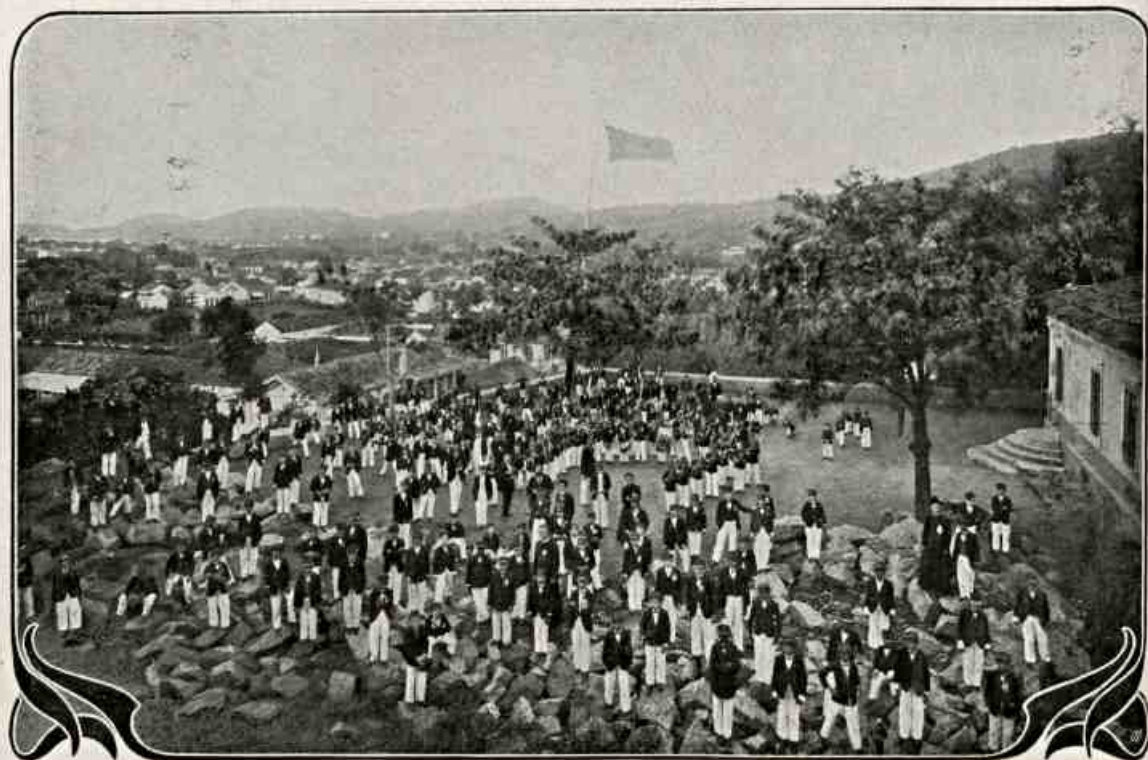
Estavam a 25 de Setembro, quando o Brigadeiro recebeu denuncia de que ás nove horas da

todos, innocentes e culpados, ás nove horas da noite, isto é, á mesma hora em que os conjurados pretendiam prendel-o, ou tirar-lhe a vida.

— Capellão — disse Rodil ao Padre Marielux — são seis horas: que em tres horas V. Rvma. confesse estes revoltosos. E sahia do calabouço.

A's nove horas, os treze condemnados já estavam na presença de Deus.

Mas, não obstante esse castigo, Rodil não se julgava seguro. Quem sabe, dizia consigo, si não deixei talvez vivos, outros conjurados e quiçá



Recreio superior em 1896.

noite rebentaria uma formidavel revolução, capitaneada pelo commandante Mouliero, o mais influente dentre os lugares tenentes de Rodil. Os homens mais intimos d'elle figuravam entre os conjurados.

Rodil sem perder um minuto, fel-os prender; mas por esforços e ameaças que empregasse, não chegou a arrancar-lhes da bocca a menor revelação, negando elles obstinadamente a existencia da conspiração revolucionaria. Então o Brigadeiro, para não ter mais que pensar no caso, decidiu fuzilar

ainda mais compromettidos do que os que foram fuzilados?... Não, não posso ficar tranquillo. O confessor, com certeza, deve saber tudo, ponto por ponto. Olá, chamem-me ali o Capellão.

Assim que este chegou, Rodil fechou-se com elle e lhe disse:

— Padre, sem duvida estes sclerados revelaram na confissão todos os seus planos, e os elementos com que contavam. Preciso conhecer tudo, e em nome do Rei exijo que V. R. me conte tudo sem omitter nem um nome, nem um detalhe.

— General — responde o Padre Marielux, pede-me uma cousa impossível, porque eu não sacrificarei jamais a salvação da minha alma, revelando o segredo do penitente, ainda que m'o impuzesse o Rei, que Deus guarde.

O sangue subiu ao rosto do Brigadeiro e atirando-se contra o sacerdote, segurou-o pelo braço, gritando:

— Frade, ou contas tudo, ou fuzilo-te.

O Padre Marielux, com serenidade verdadeiramente evangelica, respondeu:

— Si Deus quer o meu martyrio, faça-se a sua santa vontade. Nada pode dizer, a ninguem, o ministro do altar.

— Então não fallas — retruca Rodil, — ó frade trahidor do teu Rei, da tua bandeira, do teu superior!

E o sacerdote:

— Sou fiel ao meu Rei e á minha bandeira, tanto como ninguem; mas ninguem pode exigir que eu seja trahidor de Deus: é-me prohibido obedecer-vos.

Rodil incontinenti abriu a porta e gritou:

— Olá, Capitão Ituralde, traga quatro *budingas* com os fuzis carregados!

E os quatro *budingas* se apresentaram immediatamente. Na casa onde tinha lugar esta terrível scena, havia diversos caixões, entre os quaes um que media duas varas.

— De joelhos, frade, — rugiu a fera de Castella. E o sacerdote, como si presentisse que o caixão estava preparado para sua sepultura, dobrou os joelhos perto delle.

— Carregar! pontaria! — Ordenou Rodil, e voltando-se para a victima com voz imperiosa:

— Pela ultima vez, — disse, — em nome do Rei, vos intimo a revelar o nome dos cumplices!

— Em nome de Deus recuso-me a fallar — respondeu o religioso com accento franco, mas calmo.

Fogo! — manda então Rodil; e o Padre Pedro Marielux, illustre martyr da Religião e do dever, cae com o peito crivado de balas.



O ENVIADO DO ANJO

(*Legenda*)



Uma vez, um viajante pediu hospedagem na tenda de um homem justo, que lh'a deu. Por volta da meia noite, o estrangeiro não podendo conciliar o somno, por causa dos mosquitos que o incomodavam, proferiu uma blasphemia. O dono da tenda, tendo-o ouvido, não ponde conter a sua indignação pela offensa feita a Deus e gritou immediatamente: Sac da minha tenda, homem blasphemio; attrahes sobre mim os castigos de Deus. E descendo do leito, elle mesmo impelliu o desgraçado para fóra da porta. — Na manhã seguinte,

appareceu um anjo radiante, ao homem justo e perguntou-lhe: Onde está o estrangeiro que hontem, á noite, mandei pedir-te hospedagem? — Não permitti que ficasse aqui mais tempo, porque elle proferiu uma horrível blasphemia, respondeu o homem.

Mas o anjo não approvou esse zelo tão indiscreto. Em vez de expulsal-o, devias tel-o corrigido com caridade, do seu peccado. Ha quarenta annos que Deus supporta aquelle peccador; e tu não soubeste supportal-o nem por uma noite!

(*Do inglez*).



— Olha, maninha, quando nós formos maiores, tu farás como a mamã e eu como o papá.

Ouviu a mãe aquillo e perguntou ao pequeno que calculos eram aquelles para o futuro.

— A maninha, tornou elle, ha de rezar, ouvir missa, confessar-se e commungar como a mamã; e eu hei de ser como o papá, que não faz nada disso.

A pobre mãe, com o coração traspassado, pega no filho pela mão, leva-o ao escriptorio do marido e manda-lhe que repita alli ao papá o que tinha dito a ella.

Assim o fez a criança, sem saber que estava dando uma terrível lição a seu pae.

Ouvia a este, immovel, e ficou alguns instantes mudo e queado; depois, soluçando de commoção:

— Sim, filhinho, quando fores maior, imitarás a teu pae, porque de hoje em diante teu pae vai rezar, ouvir missa, confessar-se e commungar como faz tua mamã.

E assim o cumpriu.

Ingenua resposta. — No exame de uma escola da roça, os meninos foram interrogados sobre as noções elementares de historia natural. Depois de algumas perguntas, o inspector interroga a um menino:

— Qual é a ave que vem da Africa e tem azas, mas é incapaz de voar? (O inspector queria referir-se ao avestruz).

Não só o interrogado, como outros ainda, não souberam responder.

— Dou o premio de uma prata a quem me responder, exclamou o inspector, mostrando uma moeda de mil réis.

Após um momento de hesitação, um menino de sete annos levantou a mão.

— Bem, animo! disse o inspector, qual é esse animal?

— E' uma ave morta.

O inspector ficou mortificado e passou a outro assumpto.

QUANTO GANHAVAM OS ARTISTAS ANTIGAMENTE ⁽¹⁾

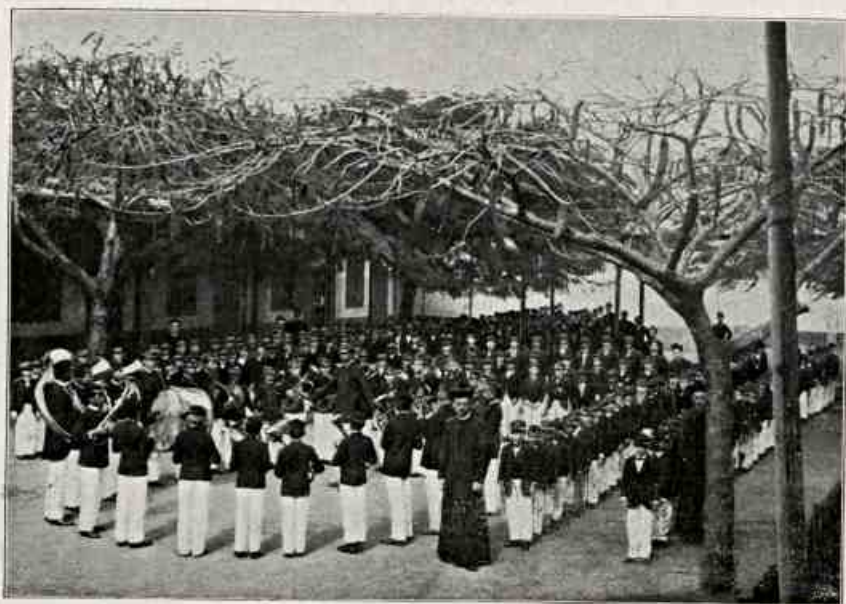
Os pintores

Os nossos artistas de hoje, quer os desconhecidos, quer os celebres, que hoje na França ganham de 200 a 300 mil francos e, na Inglaterra, vão além de 500 mil francos por anno — achariam extranho que se lhes propuzesse trabalharem por dia, como fazia Cimabue, que junto com seu ajudante, ganhava 23 francos por dia.

Francisco de Volterra e Nerussio, para executarem os *affreschi* do Cemiterio de Pisa, recebiam

comer queijo, fugiu e não voltou sinão mediante promessa de uma mesa mais variada e abundante. Eram pouco exemplares, esses artistas!

Miguel Angelo e Leonardo de Vinci, tambem foram pagos por mez: 645 francos cada um para pintar os cartazes da *Batalha de Anghiari* e da *Guerra de Pisa*. Em Dijon, no anno de 1521, um pintor de quadros era pago á razão de 12 francos por dia; em Arras, em 1501, o pintor do archiduque, rei da Hespanha, tinha um ordenado de 3100 francos por anno. Mais tarde, este modo de



Recreio inferior em 1896.

o primeiro 16 francos por dia, o outro, 10. Estas cifras representam a tabella ordinaria dos pintores. Hugo de Gand, o autor da *Natividade*, que se acha hoje na Galeria dos *Uffizi* em Florença, tinha o salario de 22 francos por dia, em 1468, para preparar as decorações para a entrada de Carlos o Temerario, em Bruges. Em Orvieto, o Bemaventurado Angelico, recebia 576 francos por mez, além da comida. A comida, que muitas vezes tambem se dava aos pintores, principalmente nos conventos, quasi sempre era bem má. David Ghirlandaio, descontente com a comida que lhe era ministrada no convento de Passignano, partiu os pratos na cabeça do irmão leigo, que o servia, e feriu-o gravemente. Paulo Uccello, cansado de só

recompensar cahiu em desuso, a não ser para trabalhos collectivos.

Os pintores da Idade Media não se encarregavam nunca de duas das materias primas que lhes eram necessarias: o ouro e o azul d'ultramar; estas substancias preciosas eram, em geral, fornecidas pelos proprios committentes dos pintores.

Assim Philippe II, por uma copia da *Adoração do Cordeiro*, de Van Dyck, que mandou fazer por Miguel Coxie, teve de pagar 825 francos pelo azul d'ultramar, que Ticiano lhe havia mandado da Italia.

(1) De um artigo do Visconde GEORGES D'AVENAL, *Revue des Deux Mondes*

Raphael e Miguel Angelo

Na Italia do seculo XV, os pintores eram, sob o ponto de vista financeiro, pouco superiores aos pequenos commerciantes. Raphael e Miguel Angelo foram os primeiros que, juntamente com Ticiano, chegaram a um bem estar real. E' verdade que esses artistas sabiam zelar bem pelos seus interesses. Por causa do pagamento do *affresco* das Sibyllas, em Santa Maria da Cruz, por pouco Raphael não se zangou com o seu Committente, o principe Chigi. Este recorre ao arbitramento de Miguel Angelo, que mostrando com o dedo uma das Sibyllas, disse: « Esta cabeça vale, sósinha, cem escudos ». « E as outras? », perguntou o thesoureiro. « As outras não valem menos, » respondeu Miguel Angelo. Chigi aceitou o *veredictum* e mandou pagar cem escudos, ou 2700 francos, por cada uma das quatro figuras.

Raramente se encontram semelhantes Mecenas. Raphael mesmo, em 1516, anno do seu maximo esplendor, pedia 5000 francos por um quadro grande: *A Coroação da Virgem*. E o duque de Ferrara, pelo deluxo do seu *São Miguel*, mandou-lhe, em 1518, a quantia de 675 francos. Pelas tapeçarias representando os *Actos dos Apostolos*, cada cartaz lhe foi pago á razão de 4300 francos.

Miguel Angelo fez-se ajudar por cinco discipulos, no trabalho da Capella Sixtina, e gastou quatro annos para pintar-lhe a abobada, pela qual lhe pagaram 280.000 francos. Quanto ao grande *affresco do Juizo Universal*, fez-o em cinco annos, de Maio de 1536 a Novembro de 1541, e por esta obra não recebeu outra recompensa mais do que o seu ordenado ordinario de architecto, esculptor e pintor dos Palacios Apostolicos. Si bem que Miguel Angelo se tenha queixado das suas tristes condições de fortuna, por sua morte encontrou-se em sua casa, de 180.000 a 200.000 francos, em moedas sonantes e valores. Elle possuia tambem immoveis.

Raphael deve ter ganho mais ainda, a julgar pela cifra da sua herança; mas suas posses em fundos reduziam-se a pouco: uma vinha do valor de 13.000 francos, um terreno na via Julia, e a casa em que morreu Borgo Novo, construida por Bramante.

Conta-se uma anedocta do rei D. Carlos de Portugal, que deixa transparecer ao mesmo tempo o seu espirito e o seu bom coração.

No começo do seu reinado apresentaram-lhe o memorial de um condemnado cuja graça fôra solicitada. — Na margem o ministro escreveu:

« Perdão impossivel; conservar no calabouço ».

O rei mudou o ponto e virgula do lugar; e sob a phrase assim modificada:

« Perdão; impossivel conservar no calabouço », traçou estas palavras: Concedido. — Carlos.

Esta casa era bem modesta, embora a chamassem palacio. Nella o grande artista tinha recolhido tapeçarias e uma quantidade de objectos antigos que elle nunca teve tempo de pôr em ordem: custára-lhe 129.000 francos. No seculo XVII, o Papa Alexandre VII comprou-a por 7700 francos apenas e demoliu-a para alargar a Praça de S. Pedro.

Escultores

A historia pecuniaria dos escultores é mais difficil de conhecer-se, do que a dos pintores, porque para elles tem muitissima importancia a materia prima.

As despezas de extracção e de transporte da pedra e do marmore, o valor dos metaes de que se compõe o bronze, o custo do modelo, entram, em boa parte, no preço de um busto, de uma estatua, de um baixo relevo.

Estas despezas, antigamente, eram ainda maiores do que hoje. A extracção do famoso marmore de Campai nos Pireneos, ao qual Versailles deve o seu esplendor, foi suspensa por causa do preço elevado do material. Aquelle marmore foi substituido pelo material fornecido por outras pedreiras francezas e belgas. Quanto ao marmore de Carrara, os productos destas pedreiras augmentaram quatro vezes, de meio seculo para cá. O preço do marmore de Carrara na França, diminuiu, em cincoenta annos, de cerca de metade, em proveito dos negociantes por atacado, que se servem da estrada de ferro, para o transporte.

Mudanças analogas succederam no custo do cobre, nos processos de fusão e de modelação dos bronzes, desde o anno de 1501, em que Miguel Angelo compromettia-se a executar por 21.500 francos quinze figuras de apostolos e de santos destinados ao altar da familia Piccolomini, na Cathedral de Sena: eram pequenas estatuas, a julgar pelas tres ou quatro que ainda se conservam. O contracto successivamente estipulado por Buonarrotti, com Julio II e com seus herdeiros, para a execução do tumulo deste papa, o qual não ficou concluido, dá-nos a conhecer o preço combinado para o Moysés: esta obra immortal foi paga á razão de 22.150 francos.

Muitos escultores recebiam mil francos por uma estatua e algumas centenas por um busto.

Ha tempos, andava o rei da Inglaterra em excursão perto do lugar de uma das historicas batalhas de Cromwell. Passeiando um dia tranquilamente, pelo campo, encontrou o ferreiro da villa e lhe disse em tom de amizade:

— O' bom homem, dizem-me que aqui perto foi travada uma grande batalha.

— E' verdade, Magestade — balbucion o ferreiro, que reconheceu o Rei. — Trocámos alguns soccos eu e o carpinteiro; mas não suppunha que Vossa Magestade tambem viesse a saber disso.



Como devemos escrever.

Senhor Director...

Escrevo-lhe para fazer-lhe conhecer as injustiças de certos professores.

Foi no anno passado; eu cursava a primeira aula: no exame de geographia, o professor, que tinha raiva de mim, perguntou-me:

— Que é Bramaputra?

Elle, ás vezes, fazia perguntas de historia, em vez de geographia e eu, pensando que fosse de proposito, respondi:

— Um imperador romano. —

Perguntou-me então:

— Qual é a capital da Bohemia? (1)

E como eu não me lembrasse, elle, em tom de quem ia contar um caso, disse:

— A primeira praga, que affligiu o povo de Deus...

Eu, lembrando-me logo das pragas do Egypto, atalhei.:

— Egypto.

E fui reprovado; mas foi elle que me atrapalhou; porque, quando certos professores começam a tomar raiva da gente, acabou-se.

Um repente.

Um balão.

Agora, na epocha dos balões, é lembrado um facto que se deu com Napoleão. No dia de sua coroação realizaram-se grandes festas e de noute soltou-se um grande balão pintado de varias côres. A subida do balão assistiram milhares de pessoas e todos ficaram anciosos de saber, aonde o balão cahiria. O mais ancioso era Napeleão, que pela sorte do balão esperava uma boa sorte para si. Qual não foi seu desengano, quando lhe annunciaram que o balão foi cahir em Roma sobre a sepultura de Nero, o nefando e sanguinario tyranno. Muito desgostoso, prohibiu que se publicasse o facto e nunca mais quiz saber de balões, o que atrazou por dezenas de annos a industria dos balões.

Justo castigo de Deus

Um avarento molciro da diocese de S. João de Corcue, na Vendéa, trabalhava quasi todos os domingos, e até algumas vezes fazia andar o seu moinho de vento durante os officios divinos com grande escandalo do povo catholico. Num dia de festa principal, em vez de estar na Igreja e cumprir o seu sagrado dever de ouvir a santa missa, esteve até o meio dia no seu trabalho. A sua mulher esperou-o por muito tempo, e afinal pela tarde foi procural-o, e encontrou-o. Mas como? Cahido por terra, morto. Uma das azas do moinho, tinha-lhe despedaçado o corpo.

(1) Praga.

A industria da publicidade.

E' bastante lançar um olhar sobre as estatisticas mais recentes, para ver que enorme contingente de capitaes afflue diariamente aos jornaes e revistas dos Estados Unidos, vindos de homens que sabem avaliar e explorar o commercio.

Desde o *New York Herald* — que pode publicar um numero trazendo 391 paginas de *réclame* e embolsando 525 mil francos — até ao — *Mac. Clure's Magazine*, — que com 171 paginas de annuncios, ganha em um só numero 350 mil francos, — desde a *Munsey Magazine* — que lucra em cada numero 375 mil francos, até a — *Ladies Home Journal* — que ganha 30 mil francos em cada pagina — que movimento de dinheiro é de cifras!

E, entretanto, sabe-se que a *réclame* nos jornaes americanos é cousa que anda muito longe da barateza. Cada linha custa, na media, de 25 a 30 francos: assim é na *Comfort*, nos *Butterik trio*, no *Munsey*.

As paginas dos jornaes menores, como o *Century*, o *Scribner*, o *Harper's*, são pagas á razão de 1250 a 2500 francos a pagina.

Serviu-lhe.

Um soldado chamado — Beau-Séjour — costumava recitar todo o dia, certo numero de Ave-Marias em louvor de Nossa Senhora. Em uma occasião de combate, tendo o inimigo em frente e se achando na primeira linha, lembrou-se de não ter ainda rezado a sua costumada oração e começou a fazer-a com o signal da Cruz. O que percebido pelos camaradas romperam num chuveiro de dieterios e gracejos; — *Beau-Séjour está com medo; — devoto, sae-te daqui medroso, mofoño, beato etc.* Dahi a nada rompeu o fogo, choveram as balas; cahiram mortos todos os zombadores, ficou illeso o devoto; venceu-se a batalha, deram-lhe uma baixa honrosa e foi em paz para sua terra viver com sua familia.

Voltaire escreven: «Se fosse rei, não desejaría viver com cortezãos irreligiosos, porque trataríam com certeza de me envenenar e seria obrigado a tomar preventivamente todos os dias, um contra-veneno.

Si se quizesse saber qual é a alma mais santa da terra; dever-se-ia dizer: E' a que mais faz, mais se escondendo.

O anjo das flores perguntou um dia á violeta, que recompensa queria pelo perfume que exhalava: a violeta respondeu: *Um pouco de herva para me esconder.*

Combes e o Cura d'Ars.

Os jornaes da Republica franceza dizem, sem que tenha apparecido um desmentido, que sendo conduzido Combes por pessoas de sua familia ao santo cura d'Ars, quando apenas contava 10 annos de idade, o santo varão ao vel-o deu um signal de surpresa e de horror ao mesmo tempo, exclamando: Oh! quanto mal fará este rapagote com o tempo! Seja ou não verdadeira a anedota, todos os nossos leitores sabem dos grandes males que tem feito e está fazendo em França aquelle apostata.

Juramento falso.

Um sujeito accusou uma senhora de lhe dever 18\$000. A accusada protestou contra semelhante calumnia, afirmando que nada devia. O juiz ordenou que fizessem o respectivo juramento. A accusada instou com o accusador que se guardasse de prestar o juramento falso; porém, como as paixões fazem muitas vezes calar a voz da razão, o homem abalançou-se a provocar o proprio Deus e, obstinado, estende a mão para o Crucifixo e jura. No mesmo instante cae em terra fulminado pela morte.

No seminario de Bac existe uma sala para serem expostos os quadros dos martyres das missões catholicas. Certo dia veio visital-a um joven de familia fidalga e, quando os outros visitantes se tinham retirado, elle disse ao seminarista que estava na sala:

— Diga-me, senhor, a razão porque os sacerdotes não se casam?!

O seminarista conduziu o joven á presença d'um quadro que representava o bemaventurado Cornay a quem os verdugos cortam em pedaços, e disse:

— Veja este quadro e diga-me se alguem se quereria sujeitar a estes supplicios e a uma vida tão dura, tendo mulher e filhos.

O interlocutor pediu respeitosamente para beijar a mão do seminarista e retirou-se desejando mil felicidades.

Estatua colossal de São José.

Na fachada do historico palacio de Espaly, proximo de Puy (França), vae ser collocada uma estatua colossal de S. José, modelada pelo esculptor Bersent.

Esta estatua, unica no seu genero, é em cimento armado; a cabeça do santo patriarcha mede 2,40 m. de altura e 5 m. de circumferencia. O braço direito, apontando para o céo, tem 5 m. de altura e 4 de circumferencia, no cotovello. O menino Jesus que sustenta ao collo, tem 5 m. 70. A altura total da estatua é de 14 m. A ossatura metallica está concluida, e um grupo de artistas superintende na execução dos trabalhos que são muito delicados.

A inauguração da estatua do patriarcha será realizada com grande esplendor.

“Ex ore infantium”.

Innocente menina em cuja presença fallava-se, ha pouco, dos numerosos e grandes males produzidos pelas más leituras, fez a reflexão digna de profunda meditação: « Pois a nossa vida deste mundo é tão curta e os livros bons são tantos, como poderia um christão perder o seu tempo tão precioso na leitura dos livros más? »

Outros retrogrados.

— O grande Silvio Pellico no seu livro, « Os deveres dos homens », referindo-se a *Volta*, apresenta-o como modelo do sabio christão.

« Vejo, diz elle, que um catholico pôde, como o grande *Volta*, recitar humildemente o seu *rosario* e continuar a ser ao mesmo tempo uma intelligencia sã, lucida e robusta. »

— André Maria Ampère sabia de cór a *Imitação de Christo* e rezava diariamente seu *rosario*. Um dia *Ozanam* atormentado por algumas duvidas sobre a fé, entrou pertur-

bado numa Egreja. Deu logo de cara com Ampère da Escola Polytechnica e do Instituto, que ajoelhado num canto rezava humildemente o seu *rosario*. A' vista de um christão dessa tempera as suas duvidas cessaram por completo.



Busto do Almirante Marquez de Tamandaré, na Avenida Central, Rio de Janeiro.

O Papa e a Eucharistia.

Mons. Isart, bispo de Pamiers (França), em seu *Mandamento* da Quaresma p. p. trata da sobrevivência de J. C.—N. S. sobrevive primeiro na Eucharistia, segundo no Papa.

« O Papa e a Eucharistia, são no organismo vivo da Igreja o que a cabeça e o coração são no corpo humano. Ora estes dois órgãos fazem entre si a troca de serviços tão essenciaes, que a vida physica depende da harmonia de suas relações. — Receptaculo maravilhoso, o coração tem seu fluxo e seu refluxo e suas ondas purpureadas levam até a cabeça o sangue que a aquece e vivifica. A cabeça, por sua vez, retribue este serviço do coração pela dupla influencia que exerce sobre elle: influencia interior de sensibilidade que faz o coração o organo do amor e influencia de protecção pela qual a cabeça vê o perigo e manda a mão que repilla a espada que poderia ferir o coração. »

Conservação das pennas de aço.

Diversos meios são empregados para preservar as pennas de aço da corrosão resultante das tintas de base de tanino ou de anilina. Os limpa-pennas, a lavagem pela agua, a limalha de chumbo, etc., não apresentam resultados completamente satisfactorios.

Eis um processo de facil emprego: basta ter sobre a mesa de trabalho um pequeno frasco qualquer, um pires ou um copo, por exemplo, no fundo do qual se colloca um pedaço de carbonato de potassa e por cima, uma pequena esponja humida. Neste vaso deixa-se a caneta, uma vez terminada a escripta; graças á dissolução alcalina, que se oppõe á oxydção, a penna torna-se, após rapida limpeza com um panno secco, nitida e propria para novo e prolongado uso.

Um outro meio, talvez mais rustico, porém baseado sobre o mesmo principio, consiste em picar simplesmente a penna em uma grande batata crua. O succo alcalino desse tuberculo neutralisa a acidez da tinta, assegurando á penna uma duração conveniente.

NEMO

* *

Na Italia, a partir de 1870 — sempre em periodo de paz — foram gastos nove mil milhões com o exercito e dous mil e quinhentos milhões com a marinha ou um total de onze bilhões e meio. O exercito e a marinha absorvem annualmente 400 milhões. As quantias votadas para a instrucção e agricultura não chegam a 60 milhões annualmente.

No Brazil tambem, gasta-se mais com a força publica, do que com o ensino e a industria: sobre um orçamento de 445.866 contos, são destinados aos Ministerios da Guerra e da Marinha 119.334 contos, ao da Industria 100.103 e ao da Justiça e Interior 36.171.

A embarcação automovel.

Quando o Senhor Benz, allemão, em 1885, sahio em publico, por primeiro, com a sua nova machina movida a vapor de benzina — o primeiro automovel, depois que no anno anterior, Daimler fornecêra o primeiro motor possivel de se empregar — os passageiros estavam attonitos como si assistissem a um phenomeno. Parecia que a tal machina devia constituir o vehiculo ideal. Já merecia agradecimento o bom Lenoir que, em 1869, fora o primeiro a applicar motores de explosão.

Mas quem pode deter a força do ingenho humano? O caminho que o motor a benzina em vão procurou na terra, para desenvolver toda a velocidade de que é capaz, (de 28 kilometros por hora, ao principio, até a vertiginosa rapidez de hoje, de 200 kilometros por hora, ou seja 55,5 metros por segundo), parece que o encontrou na agua. A rapidez que obtinha pelas rodas applicou-a elle no helice, que o fará voar na superficie das aguas, enquanto o não impellir á conquista do ar.

Depois do automovel, a aeronave, depois da terra o céu; e eis o barco automovel que, desorganizando toda a actual locomoção aquatica, está entrando a prestar os mais assignalados serviços no grande e immenso campo do reino da agua.

A não serem os peixes, a ninguém incommoda o barco automovel; não levanta poeira, não espanta cavallos, não investe contra os transeuntes; portanto, não ha receio de que para elle seja preciso crear uma sabia e previdente postura municipal.

As primeiras experiencias dos barcos automoveis feitas com optimos resultados no anno de 1905, na França e na Italia, foram repetidas em 1906.

A industria franceza entretanto, no mesmo anno de 1906, forneceu os cascos mais velozes, demonstrando mais uma vez quão formidaveis são os seus motores quer nas estradas poeirentas e nas aguas tranquillias do Sena, quer nas ondas agitadas do Mancha.

Entre delegado de policia e gatuno.

— Si és capaz, dizia um delegado de policia a conhecido gatuno de Napoles, de roubar, dentro de um quarto de hora um objecto, a qualquer pessoa, não só te deixarei em paz, como te darei dois francos. Passaram-se dez minutos apenas, quando o gatuno chegou-se ao delegado e lhe diz baixinho, ao ouvido:

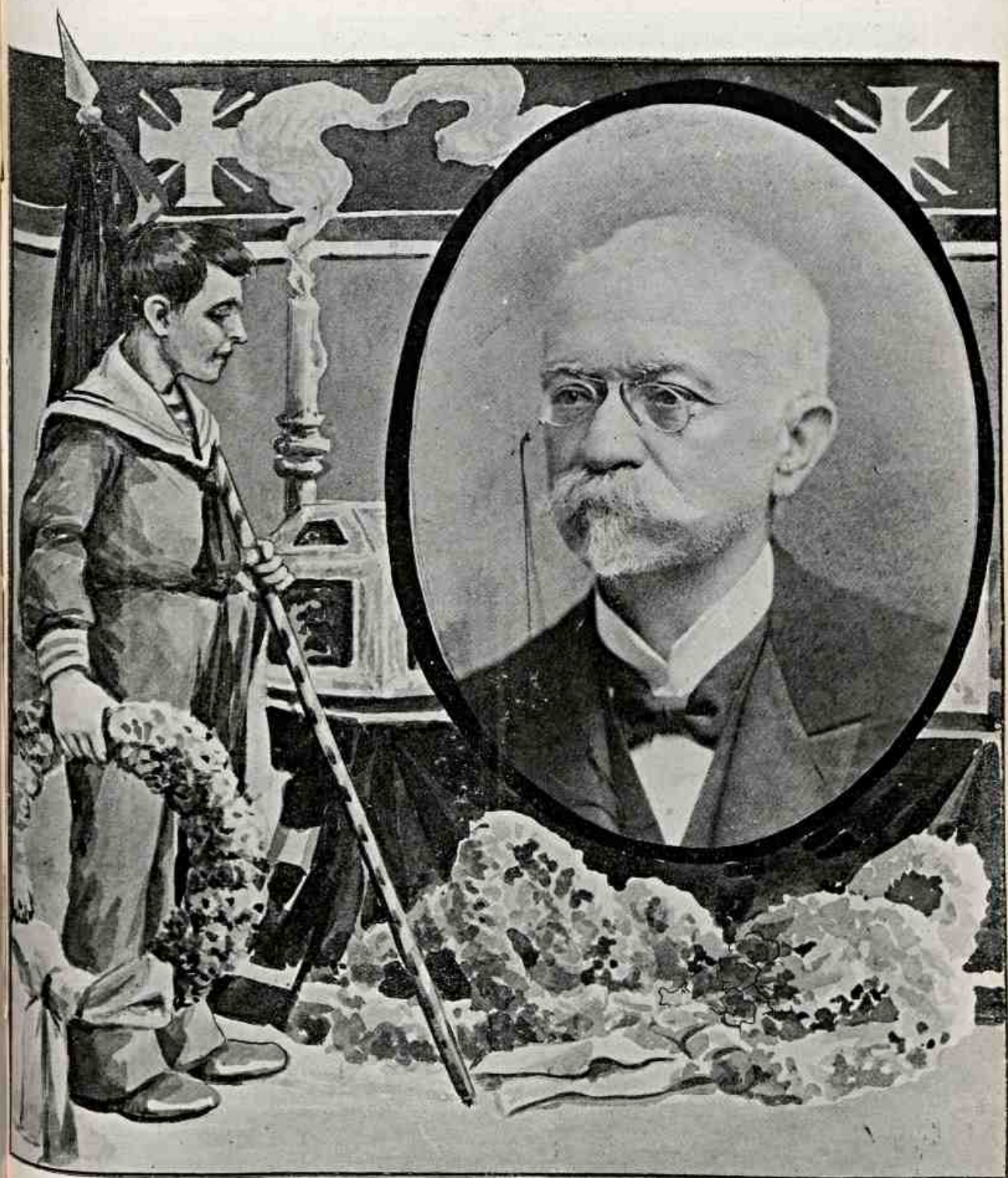
— Está feita a operação.

— Sim?

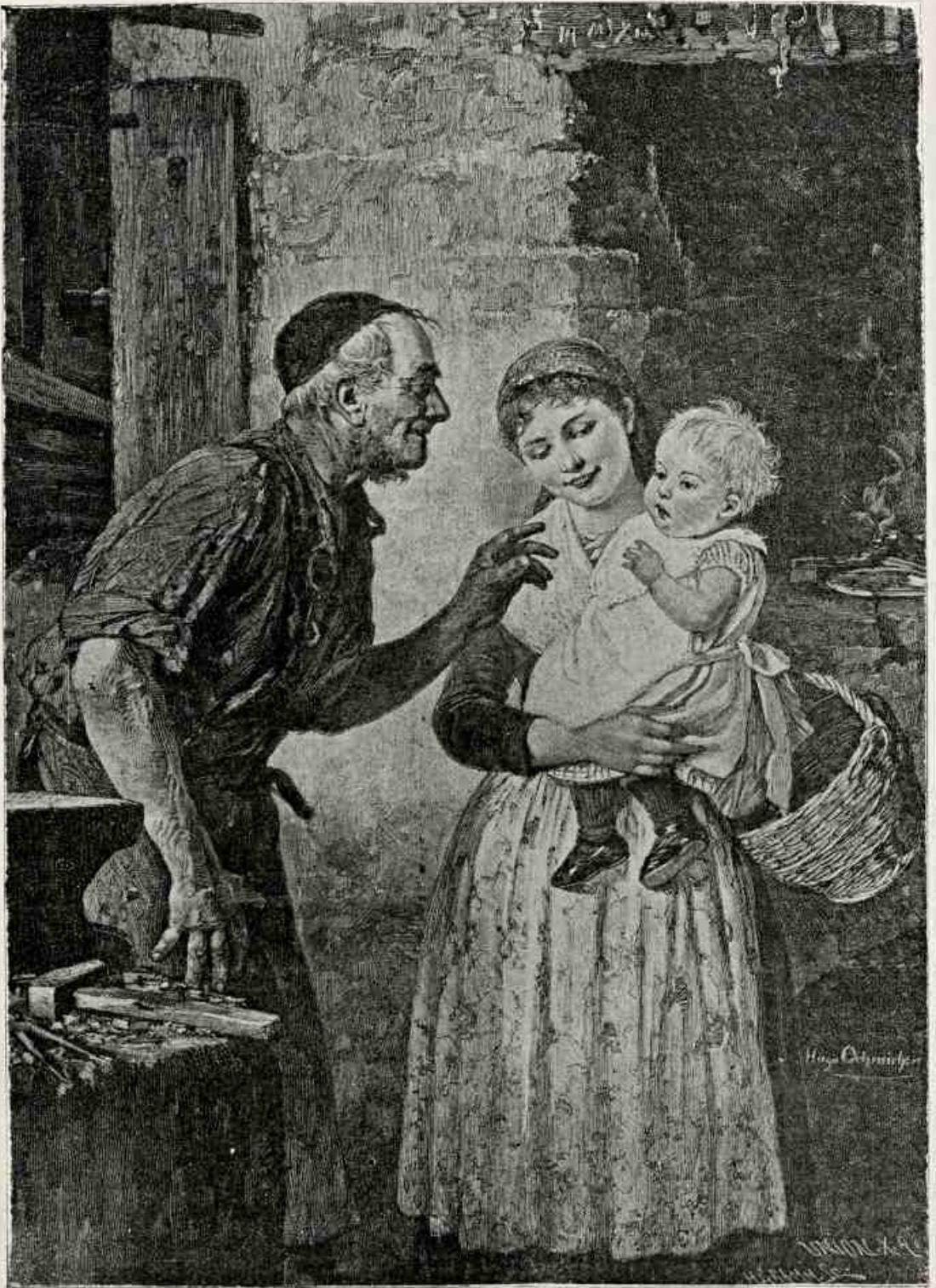
— Aqui está o seu *remontoir de ouro*.

— Ladrão canalha, pregaste-me uma peça, mesmo a mim. E ainda tenho de pagar-te!! Não tinha previsto o caso: eu entendia que tu *limpasses* um transeunte. Mas... é preciso ter palavra.

E lhe deu os dous francos.



Homenagem ao Dr. AFFONSO PENNA, Ex-Presidente da Republica.



Delicias do lar.

O MESTRE-ESCOLA

As vozes dos meninos repetiam em coro a lição de grammatica, enquanto o professor, de pé, escrevia na pedra os exercicios que os alumnos deviam decorar.

Depois passeava o olhar pela sala, para ver si todos estavam attentos á explicação, seguindo especialmente de vista um alumno, de cabellos louros e rosto desfigurado, que, por momentos, abandonava-se sobre o banco com signaes de evidente abatimento, e depois se reerguia confuso, pondo mais força na voz, que, porém, tornava logo a abaixar-se, abafada pela voz resoante dos companheiros.

E assim continuava, a curtos intervallos de repouso, em que o louro menino parecia gozar, feliz, daquelle momento de socego, sem procurar mover-se, enquanto os outros, aproveitando a tregua, logo se entregavam a alguma tentativa de rumor. A lição acabou de todo e, quando o mestre levantou-se para sahir, seguiram-n'o os alumnos, que, agora, com liberdade, se entregavam ao mais alegre barulho. Só aquelle, com os livros debaixo do braço, serio e comedido, afastava-se contente, em silencio, não se importando com as risadas e motejos com que os companheiros mais impertinentes saudavam diariamente a sua sabida.

Naquelle dia, porém, alguns dos maiores murmuraram algumas palavras em baixa voz. Todos se agruparam em torno delles com curiosidade; depois, de repente, tristes, volveram a olhar o companheiro, que já ia longe, a um bom pedaço de caminho. Entretanto, o mestre, na sabida de um atalho, encontrára o menino que o comprimentou com respeito. Depois ansioso:

— «Tem trabalho, senhor professor?»

— Não, meu pequeno; vem commigo; irás mais tarde ter com a mamãe.

— Oh! não, obrigado, ella me espera... e, sempre com o gorro na mão, despediu-se sorrindo. O professor ficou a olhar-o um instante, abanando a cabeça melancolicamente.

No cantinho de uma mesa toda occupada, em que a mamãe engommava, o louro menino tinha aberto o livro da lição. Lia repetidamente algumas linhas e quando se sentia certo, passava a estudar adiante com paciencia, erguendo de quando em vez, com prazer, os olhos para sua mãe, que lhe sorria docemente. Depois o lume esmaecia, a chamma incerta oscillava, e o menino levantava o livro para reler, toda de uma vez, a lição que aprendéra, enquanto a mãe, cada vez mais

abaixada sobre a mesa, dava as ultimas passadas a ferro sobre as pregas de um vestido cor de rosa que, na manhã seguinte, devia ser usado por uma bella menina, rica e feliz.

A luz piscou incerta, por alguns momentos ainda, depois extinguiu-se de repente: e elles, com os olhos encadados, tiveram quasi uma sensação de bem estar pela imprevisita escuridão que os rodeava.

— Mamãe — exclamou o menino que parecia acostumado a não queixar-se de cousa nenhuma, — já tinhas acabado?...

— Sim, tudo; mas, e a tua lição?...

— Já sei, quasi, mamãe; e depois, amanhã de manhã, terei tempo de repassal-a.... já não tenho que fazer, não tive trabalho nem do senhor patrão.

— Compreende-se, meu filho; a fabrica está sempre fechada... O mal é — continuou a mãe com um suspiro, — que não ha nada para esta noite; não tenho nem pão mais.

— Que importa, mamãe, eu não tenho fome — apressou-se em dizer o pequeno, sabendo que mentia; e tambem o sabia a mãe, que até então observára com pena o rostinho macilento delle. Approximou-se della, como para animal-a... ella o apertou contra si, levantou-o quasi sobre os joelhos, beijou-o longamente, tentando conter as lagrimas! Mas elle as sentiu; passou-lhe o braço pelo pescoço amorosamente e disse: — Vamos, mamãe, o dia de hoje tambem passou; amanhã pode vir trabalho... verás, amanhã será um bom dia... não chores... vem, rezemos juntos, depois... dormiremos, mamãe. — Ella abalou-se á vaga esperança do filho, ergueu-se com elle e com elle foi até ao outro canto do pobre quarto.

Prostraram-se ambos diante da imagem da Virgem, junto á qual rescendiam humildes flores do campo. Atravez dos vidros quebrados da janella baixa, passou uma luz, um raio brilhou rapido e sacudia os dous que estavam ajoelhados; voltaram-se... a luz se afastava; e o raio ainda banhava, como que a acariciava, o vestido cor de rosa, da menina rica e feliz...

O dia seguinte era feriado. O menino louro, mais pallido que de costume, sahia de uma casa nobre, aonde levára o trabalho feito pela mãe e com o dinheiro recebido deviam matar a fome naquelle dia. Ia passando de uma mão para outra um punhadinho de moedas; contava-as a cada instante, esperando vel-as augmentar á força de desejo. Sentia o estomago vasio, com

dores de fome; as pernas mal o sustiam, e comtudo, queria andar depressa para chegar cedo à casa, onde a mãe talvez soffresse mais do que elle... O esplên-

quarteirão estavam cheias de gente. Mas o menino parecia não fazer caso de ninguém, vencido pelo exgotamento que se apoderára d'elle, tomado de



Reciproca amizade.

dido dia de primavera tinha feito sair de casa mesmo os mais obstinados: as raas do populoso

desconforto, extranho naquella jucunda idade, que elle devia atravessar com provações tão duras.

De repente, ao dobrar uma esquina, quasi perto de casa, ouviu um gemido. Uma mulher, sentada no caminho, tinha, ao lado, uma menina a chorar e pedindo esmola. O menino olhou-a piedosamente, mas seguiu o caminho; deu alguns passos, o gemido continuava... O menino parou, tirou do bolso as formosas moedas e olhou-as ainda... — Não são minhas, são de mamãe, — pensava elle, — não posso fazer caridade com o que não é meu.

— E eu tambem tenho fome... a mamãe terá tanta tambem... com isto — e tocava o dinheiro, — comeremos um bocado de pão hoje... talvez mesmo amanhã... — O gemido continuava, de cortar o coração.

— Senhora, uma caridade — ouviu a mulher dizer com um fio de voz, ao mesmo tempo que a mão da pobresinha se extendia para o vulto elegante de uma moça que passava na occasião.

Ella pareceu nada ouvir. Roçou com os vestidos de seda, os andrajos da mendiga e, com olhar distraído, passou adiante, sem voltar-se, sem parar, como quem, todo compenetrado de si mesmo, não cuida sinão do que possa interessar-lhe. O menino deu um salto... correu para a infeliz e depoz algumas moedas em sua mão, sempre extendida para a transeunte. Em seguida afastou-se quasi fugindo.

O professor, que ha algum tempo o ia seguindo, tinha visto tudo, comprehendido tudo. Ficou, por um momento, perplexo, depois rapidamente alcançou o seu alumno, que, fóra do olhar de quem podia ter notado o seu acto, já havia retomado a marcha lenta e cansada. Pousou-lhe uma mão no hombro. Elle se voltou...

— ...Oh! senhor professor, — prorompeu confuso; e seu semblante tingiu-se vivamente. — Es-

tava á tua procura... podia encontrar um pequeno trabalho para ganhares alguma cousa... queres vir? — Os olhos do menino brilharam subitamente. — Oh! obrigado, senhor professor, vou prevenir a mamãe, vou levar-lhe o dinheiro que ella está esperando para fazer a comida, e volto já. — E tu, não comes?... — Oh! para mim ha tempo, não tenho fome... — Mas o menino não se movia, como si fosse presa de um pensamento repentino. «Então vai!» — Senhor professor... — Este olhou-o, vencido já inteiramente, por aquelle vivo sentimento de piedade e de amor que lhe inspirava o pobre menino. Comtudo, quiz mostrar-se indifferente para perscrutar até o fundo, o seu animo. Falla, que queres?

— Senhor professor — repetiu ainda, sem levantar os olhos; — o dinheiro que tenho é de mamãe...

— Já sei, e então?... —

— Gastei alguns vintens...

— Fizeste mal — interrompeu o professor, falando em tom severo.

— E' verdade; não o farei mais... si pudesse...

— Que?... pergunta o professor, fingindo impacientar-se. O menino calou-se um instante, depois com calor: — Senhor professor, peço-lhe que arranje as cousas; trabalharei emquanto o senhor quizer... não me dará nada mais depois... só agora, si puder, as moedas que gastei... mamãe pode ter contado com ellas... — e não continuou, suffocado por uma explosão de choro.

O professor, tentando em vão dominar a sua commoção, passou docemente a mão sobre a cabeça do menino... — Vi tudo, sabes?... ha tempo que te seguia: ha muitos mezes ando a vigiar-te, amando-te como si fóras meu filho; vem, vamos juntos ter com a mamãe, nada receies... darei contas a ella....

TULLIA.

PARA RIR

Na pharmacia.

Uma senhora pede ao pharmaceutico:

— Pode preparar-me oleo de ricino que se tome sem sentir-lhe o gosto?

— Nada mais simples, vou já preparal-o. Entretanto, queira accomodar-se e aceite um calice de xarope de morangos.

— Quanta gentileza!

Momentos depois:

— Então já preparou o oleo?

— Ah, ah! vejo que não percebeu!

— O que?

— O oleo de ricino, que estava no xarope de morangos que lhe dei a beber.

— Oh pobre de mim! Mas eu tinha mandado preparar para meu irmão!

A moral de um gury

A professora do Carlinhos deu-lhe como tarefa, o seguinte thema, que elle desenvolveu immediatamente:

«Sucedeu uma grave desgraça a Julio, que era um menino muito distraído, quando ia para a escola. Contem o facto, tirando-lhe a moralidade.»

Desenvolvimento

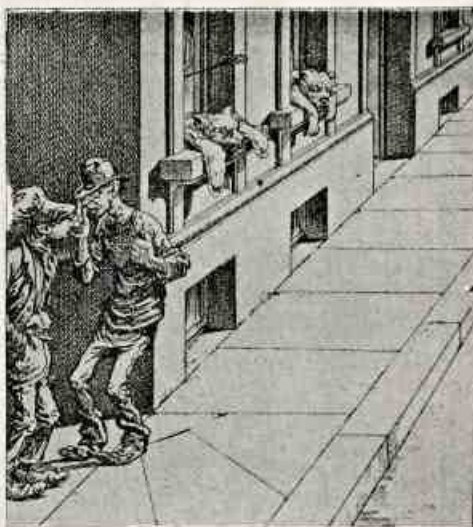
«Julio, indo para a escola, pisou distraidamente numa casca de banana; escorregou, cahiu e quebrou uma perna.

Moralidade

Crianças, não deveis ir á escola.»



— Magnificas pelles de onça!...



— E si lhes dessemos outro lugar?...



— Coragem com a empresa!.....



— Tristes... resultados!!....

Sabia resposta.!— Um bom medico conversa com uma doente imaginaria, que lhe diz:

— Sinto não sei o que, tenho dores...

— Dorme bem ?

— Muito bem, um somno só.

— Tem appetite ?

— Excellente, como muitissimo.

— E digere ?

— Perfeitamente.

— E quer tomar remedio para perder... todas estas cousas ?

Diante do campanario de S. Marcos... (quando ainda estava em pé!)

Antonio, camponez, ao tio a quem vae procurar pela primetra vez na cidade: — Meu tio, que magnificencia, este campanario! Aposto que custa uns 100 francos.

O tio receioso de que o ouçam: — Mas, Antonio, que dizes ?

Antonio pensa que foi exaggerado e immediatamente corrige-se: — Cem francos, digo eu, mas junto com a igreja, a praça e todos os palacios proximos.

Aboboras.

— Que fizeste das sementes de abobora que te dei?

— Plantei-as na sacada, em um vaso, molhando-o dia e noite.

— E dahi?

— Um guarda municipal veio multar-me por infração de posturas.

Écos das manobras.

— Coronel, não temos mais cartuchos.

— Acabaram-se mesmo?

— Nem mais um.

— Então será bom cessar o fogo. Que diz, major?

Entre amigos.

— Dá-me um cigarro.

— Sirva-se.

— Oh! são tão bons que fico com dous. Mas onde encontras tu cigarros tão excellentes?

— Ah! eu não os encontro, compro-os.

— Dize-me, pequeno, vais á aula?

— Sim, senhor.

— Estudas muito?

— Sim, Senhor.

— Então, terás um bom lugar?

— Sim, senhor, perto da janella.

Resposta pensosa: — Desculpe-me, senhor; saberia indicar-me por onde devo seguir para ir ter á Detenção?

— E' muito simples; entre numa loja, roube alguma cousa e fuja. Dentro de cinco minutos estará na Detenção.

— Estou bastante embaraçado, dizia um esperalhão á esposa. O conselheiro Pitança escreveu-me, pedindo 5:000\$00, e sabes que não posso negar-lh'os.

— Podes desculpar-te, dizendo que não recebeste a carta.

— Dizes bem.

E tomando da penna, escreveu:

« Conselheiro. — Sinto não poder servir-o agora, porque a carta em que me pede os 5:000\$000 não me chegou ás mãos ».

Calino é chamado, a toda a presssa, para photographar um morto.

Depois de collocar a machina e dispor o foco, o retratista volta-se para o cadaver e exclama:

— Cuidado! não se mexa!

“Curasti probe!”

A patroa, de volta á casa, depois de uns dias de ausencia, á criada:

— Trataste bem dos animaes?

— Muito bem. Só uma vez me esqueci de dar comida ao gato.

— Soffreu muito o pobresinho?

— Ao contrario! Comeu os canarios e o pagagio.

Desculpa.

Então, Juquinha, que aprendeste hoje na escola?

— Não sei mais.

— Ora não sabes mais? Olha uma vez para teu amigo Carlos que não esquece nada do que aprendeu na escola.

— Sim, mas tambem elle mora mais perto da escola.

Doutor: Seguiu o meu conselho e contou até dormir?

— Contei até dezoito mil.

— E depois dormiu?

— Não; já era hora de levantar-me.

— Os redactores de Revistas devem ser os homens mais macanbuziosos deste mundo — exclamava um autor disilludido.

— Como? Porque?

— Todas as cartas que delles recebo, fallam de desgostos e de pezares... por não poderem acccitar...

Na grade de uma prisão.

— E' verdade que estás aqui por haveres commettido muitos delictos? perguntava um sujeito a um preso.

— Qual! não senhor! estou aqui porque me pegaram.

Dous amigos conversam animadamente.

— Sim, elle tem dous bilhares.

Chega um terceiro e pergunta: — Quem? Rochfeller?

— Qual Rochfeller do Egypto. O dono do café aqui da esquina.

O professor pergunta a Calino qual é o comparativo e superlativo de doente. Calino pensa um instante e responde: doente, desenganado, morto.

Juiz: — Então o senhor abusou da confiança do seu patrão?

Réo. — Não, Snr. Juiz. Eu nunca abusei, porque meu patrão nunca teve confiança em mim.



AZAS DE FOGO



Sobre mim pairam as doiradas azas
Do amor a Deus;
Vejo-as... lá estão, luzindo como brasas,
No azul dos céos!

Ellas me attrahem... são dois imans fortes...
Quero-as em mim!
Para isso é mister soffrer mil mortes?...
Que seja assim!

E' mister esfolhar todas as rosas
Do coração?
Deixar que rolem perolas preciosas
Em negro chão?



Será preciso arrancar as estrellas
Dos ideaes,

E penetrar na noite das procellas,
Noite cruel, de inconsolados ais!

Seja!.. estou prompta!.. Quem me chama tanto
Me ajudará!

Se o meu corpo tombar na onda do pranto,
Elle o erguerá!..

Oh! sim!.. quero voar a Deus, nas azas
Do seu amor!

Vejo-as no azul... ardentes como brasas...
— Dae-m'as Senhor!..

1902.

AMELIA RODRIGUES.



PARABOLA



Jesus aos camponezes.

Homens, não cuideis só da vida e do celeiro,
Cuidae da salvação, cuidae da alma primeiro!

Vosso maior empenho é ter gado e ter pão;
Pois fóra bem melhor, loucos, ter coração!

Tendes pomar viçoso e de fructos coberto,
Mas vossa alma é mais triste e nua que um deserto.

Que importa que o trugal prospere e a ceifa augmente,
Se em vós nada floriu além da má semente!

Vêde as aves do céu, tão graciosas e bellas...
Foi Deus quem semeou e lavrou para ellas!

Não teem lagar, nem vinha ou seára opulenta...
Foi Deus que lhes deu vida e é Deus quem lh'a sustenta.

Oh! gente louca e vã, vêde os lyrios do val,
Vestidos de brancura e graça matinal.

Salomão não trajou velludos nem setins
Como vêdes trajar as rosas dos jardins.

Oh! gente louca e vã, que um medo vão consome,
Só vos assusta o frio e vos inquieta a fome.

Sabe Deus mais que vós o que vos é preciso.
Não penseis em gozar, pensae no Paraiso!..

"Suave Milagre".



A HORA FINAL



Quando a morte não fulmina
E dá tempo a enfermidade,
Si o espirito se illumina,
Ao clarão da eternidade,

Então o peccador entende
Que vae se achar na presença
Do Juiz que não depende
De assessor para sentença.



Na agonia, tem-se visto
Sectario do maçonismo,
Abraçando-se com Christo,
Voltar ao catholicismo.

Mas não consta que se veja
Naquelle tremendo dia
Quem era fiel á Egreja
Entrar na maçonaria.

P.º CORRÊA DE ALMEIDA.



MARINHA BRAZILEIRA — O patacho **Caravellas** em viagem de instrução de grumetes aguenta á capa um temporal de sueste, entre Rio de Janeiro e Santos.

Fortaleza de S. João

Relação dum passeio dos alumnos do Collegio Santa Rosa, Nictheroy



14 de Julho!

O sol desse dia surgiu placido e majestoso num céu esmaltado de anil. A natureza toda estava de vida e de encantos recebendo o osculo meigo e vivificador do rei dos astros. Não menos

filaram os 350 collegiaes, todos em seu galhardo uniforme.

Chegados a Nictheroy, atracon á fluctuante uma das mais velozes barcas da C.^{ta} Cantareira, que tendo recebido em seu bordo aquelle mimoso



Os Alumnos desembarcando na Praia Vermelha — Rio de Janeiro.

impetuosos eram os sentimentos que nesse dia duplamente festivo e memoravel, animavam os corações dos alumnos do Collegio Salesiano Sta. Rosa. Alem de ser dia feriado para toda a Republica, commemorava-se o 24.^o anniversario da fundação do Collegio, e tratava-se de festejal-o com um passeio geral.

A banda de musica, tomando a dianteira, rompeu numa calorosa marcha, e após ella des-

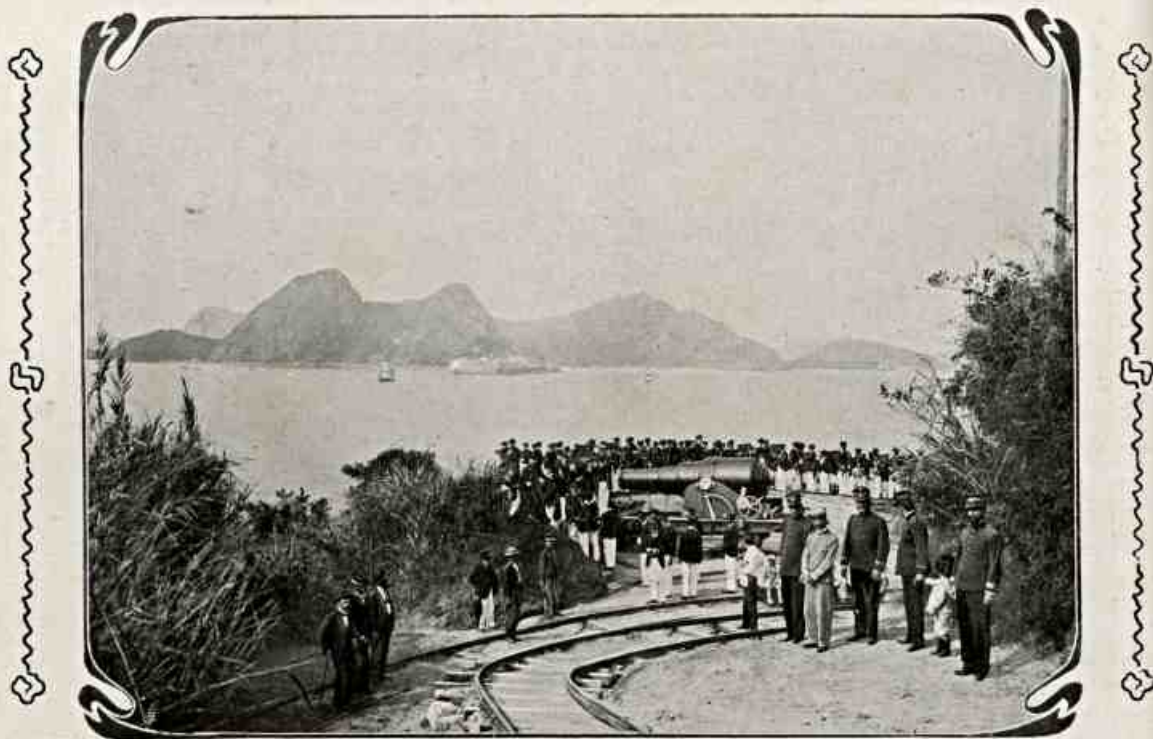
bando de crianças, partiu em direcção ao Rio. Ao mesmo tempo seguia directamente para a fortaleza de S. João, termo do nosso passeio, uma pequena lancha que levava as *munhões de bocca*.

A manhã era surpreendente! O céu e o mar tingiam-se da mesma côr. Aquelle, a sumir-se, alem nas cristas da serra e na amplidão do oceano.

Este, levemente encrespado, emballava em seu dorso arfante grande multidão de navios. Estavamos quasi a chegar ao caes Pharooux, quando o sol apparecendo por detraz do Morro de S. Bento e da Ilha das Cobras, desenhava no mar uma columna de fogo, enquanto que no balçoar das vagas delineavam-se mil listões de ouro sobre um pavimento de crystal. Conforme são as imagens que se gravam em nossa retina, assim são as sensações que nos absorvem a alma. Aquelles corações ingenuos, aquellas almas candidas como as nevoas que então se espreguiçavam pelos valles e engrinaldavam o Corcoyado, estavam embevecidos na

mecido do mar. Já as correntes rangiam prendendo a barca á fluctuante e ainda naquelles cerebros fervilhavam mil imagens de marinha e de guerra; e sandavam desde alli a bella *Esquadra Branca* que devia então estar singrando o Atlantico de volta dos Estados Unidos.

Deixaram a barca, e a banda na frente, abriu caminho na Praça 15 de Novembro, entre aquelle torvelinho de gente, de carros, de bonds e de carroças. As esquinas, portas e janellas da Rua d'Assembléa e da Avenida Central animavam-se de espectadores que contemplavam aquelle bello prestito de 350 alumnos.



Os Alumnos visitando as baterias na Fortaleza de S. João.

contemplação das magnificencias d'esse scenario que não tem par, quando nos fomos approximando de algumas unidades da nossa esquadra. Lia-se na popa de um d'elles: — «Deodoro,» e lá estava elle firme como um rochedo, branco como um cysne, imponente como um leão.

Ladeavam-no o Tiradentes, o 1.º de Março e outros. Mais alem estava o «Navio de ouro» o bello Benjamin Constant, que leva sempre os nossos officiaes para se instruirem nos portos de ultramar.

Um brilho faiscante estampou-se n'aquelles olhos vivos e irrequietos, os peitos transportados de entusiasmo offegaram então como o dorso entu-

Eis-nos na bella Avenida. E' lhe bem merecido o nome de obra monumental. Dil-o Mr. Henri Turot.

Após alguns instantes de espera, em frente á estação da C.^{ia} «Jardim Botanico,» chegaram 8 bonds especiaes, seis a reboque tirados por 2 electricos. Partimos pelas ruas Senador Dantas, da Lapa, da Gloria, do Cattete, Marquez de Abrantes, atravessando os Largos da Lapa, da Gloria, do Machado, José de Alencar, Duque de Caxias, que immortalisam esses heróes da guerra ou do mar, das letras ou da diplomacia. E uma massa compacta de povo contemplava absorta aquella longa fileira de bonds topetados de crianças.

É a bella praia de Botafogo?

Aos fulgores do sol que já se elevava no horizonte, ostentava um apparato singular pelo brilho de suas aguas, verdura de seus jardins, delicadeza de seus detalhes, elegancia de seus pavilhões.

Já no fim da Rua General Severiano, sabimos a sorver o ar purissimo da Praia Vermelha. O painel da esquerda, todo bellezas, todo alegrias, todo encantos. A Urca apresentava o seu lombo esguio e escalavrado pela broca das minas que lhe têm arrancado calhãos immensos d'onde o paciente alvanel tira geitosas columnas, cimalthas e cornijas. O da direita, todo tristeza, todo dôr e dôr que confrangia o coração. Extendia-se um longo e vasto edificio, com janellas engradeadas, atravez das quaes agrupavam-se alguns rostos esqualidos e annuviados, em cujos olhares amortecidos ou desvairados estampava-se a imagem da allucinação ou de alterações cerebraes. Era o Hospicio de Alienados.

Ao lado d'este ergue-se o Instituto Benjamin Constant, onde os cegos aprendem por meio dos outros sentidos alguns dos muitos conhecimentos de que a cegueira os priva.

Entramos pelo portão do caes da Urca, onde já nos esperava o Sr. Capitão Fabricio, e então mudou-se completamente o aspecto do passeio. De maritimo e urbano passou a alpestre. Por uma senda estreita a serpear aos flancos do morro, ia aquella onda, juvenil ora em algazarra como um bando gentil de maitacas em busca da fructeira; ora offegantes aos dardejos do sol, vencidos de cansaço, desejando repousar sobre aquelle fofo leito de verdura, ou lançar-se ás ondas que em baixo, embatiam-se mansamente no rochedo.

Avistamos alfim, quasi de chofre, alguns edificios como que empoleirados sobre o morro. Era a residencia da guarnição da Fortaleza, sita na encosta occidental do morro de S. João. Vieram-nos ao encontro alguns distinctos officiaes, e nós com as notas maviosas e estimulantes do hymno nacional saudamos a luzida guarnição, na pessoa do seu digno Com.^{te} o Exmo. Sr. Coronel Julio Fernandes d'Almeida.

Ouviram-se em seguida os sons bellicosos das cornetas, que do terraço e da planicie se alternavam. Os collegiaes ardiam de enthusiasmo, e até houve quem dissesse que parecia que iam tomar de assalto a fortaleza.

Eram 11 horas e 1 quarto. Após effusivos cumprimentos entre a illustré officialidade e os Rvms. P.^{res} Luiz Zanchetta e Angelo Alberti e o corpo docente do collegio, galgaram-se as solidas escadarias que conduzem ao edificio superior, em cujo refeitório accommodaram-se os alumnos para almoçar. Este foi um dos pontos em que o Exmo. Sr. Coronel e os bravos officiaes desfizeram-se em um cumulo de finezas e amabilidades para com os jovens visitantes.

Um pouco depois encaminharam-se para a parte oriental do morro, na entrada da bahia, onde estão

as baterias e a casamata. Foi um trecho aprazivel; ia-se por um caminho largo e sombreado por um docel de verdura, quando uma exclamação de alegria rompeu de todos os peitos. Apareciam 4 terriveis peças de artilharia, 2 canhões Krupp de 15 cent. de bocca, e 2 revolvers que de limpos e luzidos brilhavam aos raios do sol. Tem o nome de bateria «Marques Porto» porque foi construida durante o tempo em que era commandante da Praça o Coronel Marques Porto hoje General. Um pouco acima estava a outra bateria mascarada «Marechal Mallet» e mais adiante o paiol de munições. Embaixo, em uma plataforma encontramos o bojudo canhão Armstrong, o legendario canhão «Vóvó», que liga á sua antiguidade muitas historias interessantes.

Ao lado estendia-se a linha de muralha sobre a qual espraia-se um amplo terraço, onde aquella turba infantil estanciou-se por momentos, embevecidos no estupendo panorama que d'alli se goza.

A' esquerda a Bahia com toda a sua variedade, com todos os seus encantos. O soberbo Corcovado, a poetica Tijuca, os montes de Nietheroy, a bella Icarahy e ao longe a serra dos Orgãos cardando as nuvens, haviam por certo de encantar o genio immortal de Porto Alegre que põe estas palavras na bocca da Natureza:

— *«Serás, ó Guanabara, sempre e sempre
o brilho de meus olhos, e o sorriso
da terraquea belleza no universo».*

Em frente, a Lage, Santa Cruz aos pés do Pico bipartido e o Imbuhy com suas formidaveis boccas de fogo promptas a num instante ceifar mil vidas ou aniquilar qualquer ousado inimigo. E além a immensidade do oceano a confundir-se com o céu.

Visitamos as imperfuraveis abobadas da casamata, onde se postam 15 canhões de bocca aberta para o mar. Sobre ella empina-se o canhão apellidado «Cachorro» que dizem ter posto a pique o *Javary*.

De volta deu-se uma pequena excursão pela praia até aos pés do Pão de Assucar. Que bello monolitho! Ante elle desmaiam-se as pyramides que não têm nem a sua imponencia, nem a sua graça nem a sua antiguidade. Aquellas jazem ermas, solitarias, suffocadas pelas areias do Gizeh; este com os pés no mar e a fronte nas nuvens, é a possante atalaia que vigia os nossos mares.

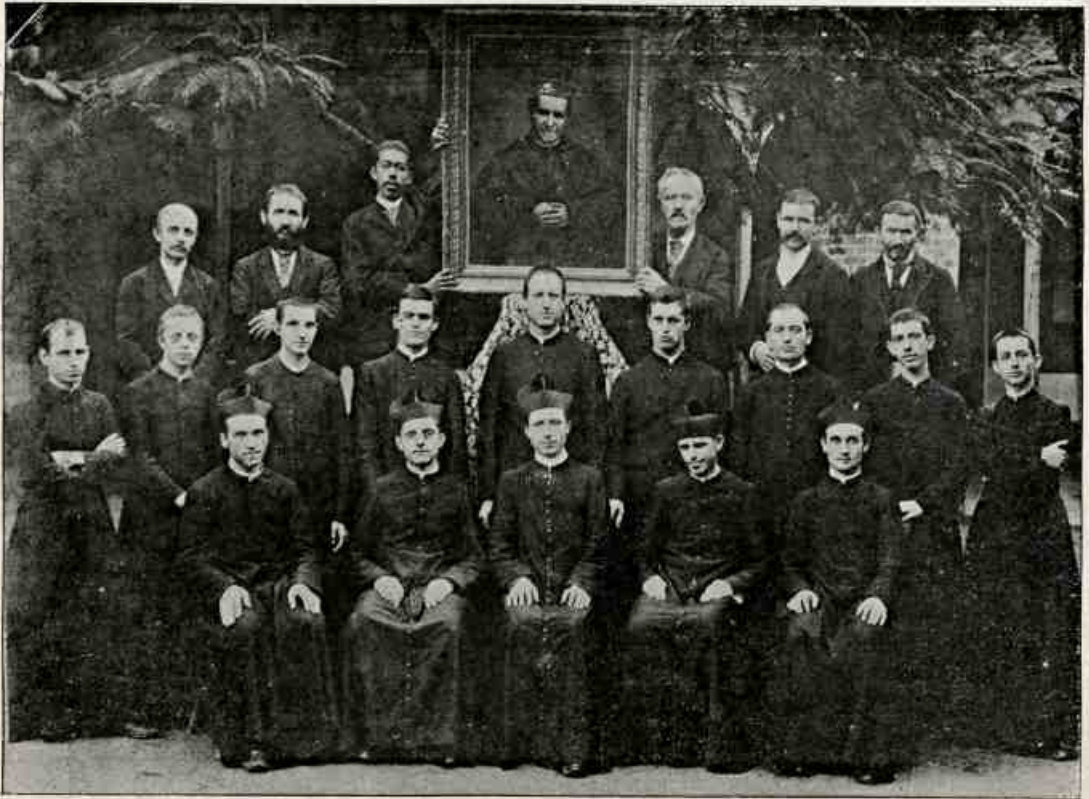
A tarde já ia adiantada e eram horas de regressar. Saudamos com um enthusiastico «Viva» e o hymno Nacional ao Exmo. Sr. Coronel e á egregia officialidade, que com tanto cavalheirismo e intimidade tinham tratado a tão humildes visitantes. E lá se foi o inerte batalhão pela encosta do monte já sombreado pelo arvoredado. Na volta, os mesmos encantos da ida. Botafogo tinha então mais vida que de manhã. Sendo Domingo e dia feriado, as lojas se haviam fechado e a população urbana buscava os ares puros e reconstituintes dos arrabaldes.

Deixámos os bonds, tomámos de novo a barca que nos devia levar a Nietheroy.

O céu tornou-se plumbeo e enfumaçado, e mal se lobrigava alem, muito alem, entre as brumas, a saudosa fortaleza de S. João, onde tão ditosas horas tínhamos passado. O occidente ostentava umas veias de fogo por entre castellos de nuvens pardacentas. E tudo transudava uma melancholia doce como a saudade.

Chegamos alfim a Nietheroy. Terminou o magnifico passeio á fortaleza de S. João, e já sentiamos sandades d'aquelle dia que será o dia memoravel por excellencia do anno lectivo de 1907; e faziamos a Deus a invocação do poeta latino: *Alme sol,.... possis nihil haec dies quam risere maius!....*

LAETUS.



Pessoal em 1896.



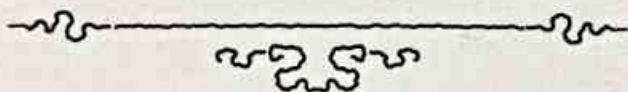
A CORRESPONDENCIA POSTAL



Depois dos grandes homens e dos grandes negociantes e banqueiros, vêm nesta categoria os soberanos: sua correspondência não receia confronto quanto a volume. O maior numero de cartas, entre todos os soberanos do mundo, recebe-o o Papa. Diariamente chegam ao Vaticano de 22 a 25 mil cartas e jornaes, que, para serem desfolhados, exigem 35 empregados entre secretarios e escreventes. O proprio Papa lê os mais importantes. Mil e quatrocentas cartas e tres ou quatro mil entre livros e jornaes, recebe diariamente o Presidente dos Estados Unidos; mil cartas e tres

mil entre livros e jornaes, chegam ao rei da Inglaterra; o mesmo correio tem o imperador da Allemanha, que por si mesmo abre os registrados e responde, dictando aos secretarios particulares e assignando de proprio punho. Seiscentas cartas por dia recebe o Czar; o rei da Italia trezentas (em Racconigi, porém, quando nasceu o príncipe herdeiro Humberto, oitocentas mil, quasi todas extranhas, com pedidos de presentes, empregos e quantias avultadas). Como se vê, é preciso accrescentar esta tambem, ás massadas da Corôa.

CURIOSIDADES HISTORICAS



Nos suburbios de Athenas havia uma casa de que era proprietario um homem chamado *Academo*. Platão e os sectarios da doutrina d'este celebre philosopho reuniam-se alli para tratarem de assumptos philosophicos.

Eis a origem das palavras *Academia* e *Academicos* cujo fim é a cultura e o progresso das artes e sciencias.

Foi em 1635 que se instituiu a Academia franceza, sendo seu fundador o celebre cardeal Richelieu, tendo por objecto o aperfeiçoamento da lingua e as materias concernentes á grammatica, poesia e eloquencia, sendo a sua divisa *A' immortalidade*.

Os logares de membros d'esta celebre Academia têm sido altamente disputados pela grande consideração que se lhes dispensa, figurando seus nomes a par dos dos marechães de França e dos ministros mais notaveis d'aquella nação.

A academia real das sciencias foi fundada pelo grande ministro Colbert em 1666, tendo por divisa — *invenit et perfectit*.

Foi tambem sob os auspicios e no ministerio d'este notavel estadista que se fundou a academia real das inscripções e das medallas, fazendo parte d'ella grandes celebridades como *Racine* e *Despreaux*.

O Symbolo d'esta academia representa Mercurio escrevendo com um pouteiro em uma mesa de ferro e apoiado em uma urna cheia de medallas. A divisa d'esta academia é — *Vetat mori*.

Em 1700 no reinado de Frederico I, fundou-se em Berlim a academia real, tendo sido seu presidente o notavel philosopho Leibnitz.

Foi á czarina da Russia, Catharina II, que coube a gloria de ser a fundadora da academia de *S. Petersburgo*, em 1726, tendo concebido esse projecto Pedro o Grande que não o pôde realizar por ter fallecido em 1725. E' modestissima a divisa d'esta academia — *Paullatim*, isto é: *pouco a pouco* ou: de vagar se vae ao longe.

A Italia é um paiz em que abundam as academias; a maior parte d'ellas tem nomes singulares, ex-

quisitos; pode-se julgar pelo seguinte: — academia dos *Impacientes*, dos *Inhabeis*, dos *Inquietos*, dos *Alterados*, dos *Insensatos*, dos *Insipidos*, dos *Nocturnos*, dos *Extravagantes*, dos *Vagabundos*.

A academia chamada *Crusca* é das mais celebres da Italia; aquella palavra significa *semeas* — allusão ao fim de seus trabalhos que consistem em aperfeiçoar a lingua italiana, separando as mais expressões, por assim dizer, como se separam as semeas da farinha. Os moveis da sala são todos allegoricos, por isso vamos dar a sua descripção. A tribuna é em forma de *tremonha* cujos degraus são de mós de moinhos. Uma mó de moinho serve igualmente de cadeira ao director que preside ás secções; as cadeiras dos outros membros da academia são em forma de cestos e o espaldar tem a configuração de uma pá de forno.

A mesa é semelhante a uma masseira.

Os mesmos quadros que adornam a sala têm a forma de uma pá de forno.

As academias, como todas as instituições uteis, têm excitado a inveja e a emulação; e os ditos satyricos, não alterando nada a sua gloria, têm sido muitas vezes assumpto de agradaveis distrações.

Piron, que nunca pôde ser recebido na academia, escreveu o seu epitaphio nestes termos:

“Aqui jaz Piron que não foi nada na sua vida, nem mesmo academico.”

Paracelso que não havia estudado em nenhuma academia, costumava dizer, que a sua universidade tinha sido a natureza, e que a esta, por tanto, tudo devia.

O grande Fontenelle depois da sua entrada na academia costumava repetir: Ha apenas 39 homems no mundo que têm mais espirito do que eu; pois como se sabe, o numero de membros da academia franceza é de 40.

O celebre Magnard, sendo recebido na academia em idade avançada, dizia com graça: De cabellos brancos obrigam-me a ir como uma creança, todos os dias á escola! Como eu sou louco de aprender a falar bem, quando a morte me vem tirar a palavra!

O que deve consolar as almas que vivem em sequeidão e são accommettidas de tentações, é que um unico proposito de nunca mais peccar, feito nessa occasião, pesa mais na balança do Senhor, do que mil actos de virtude praticados com muito fervor no tempo das consolações.

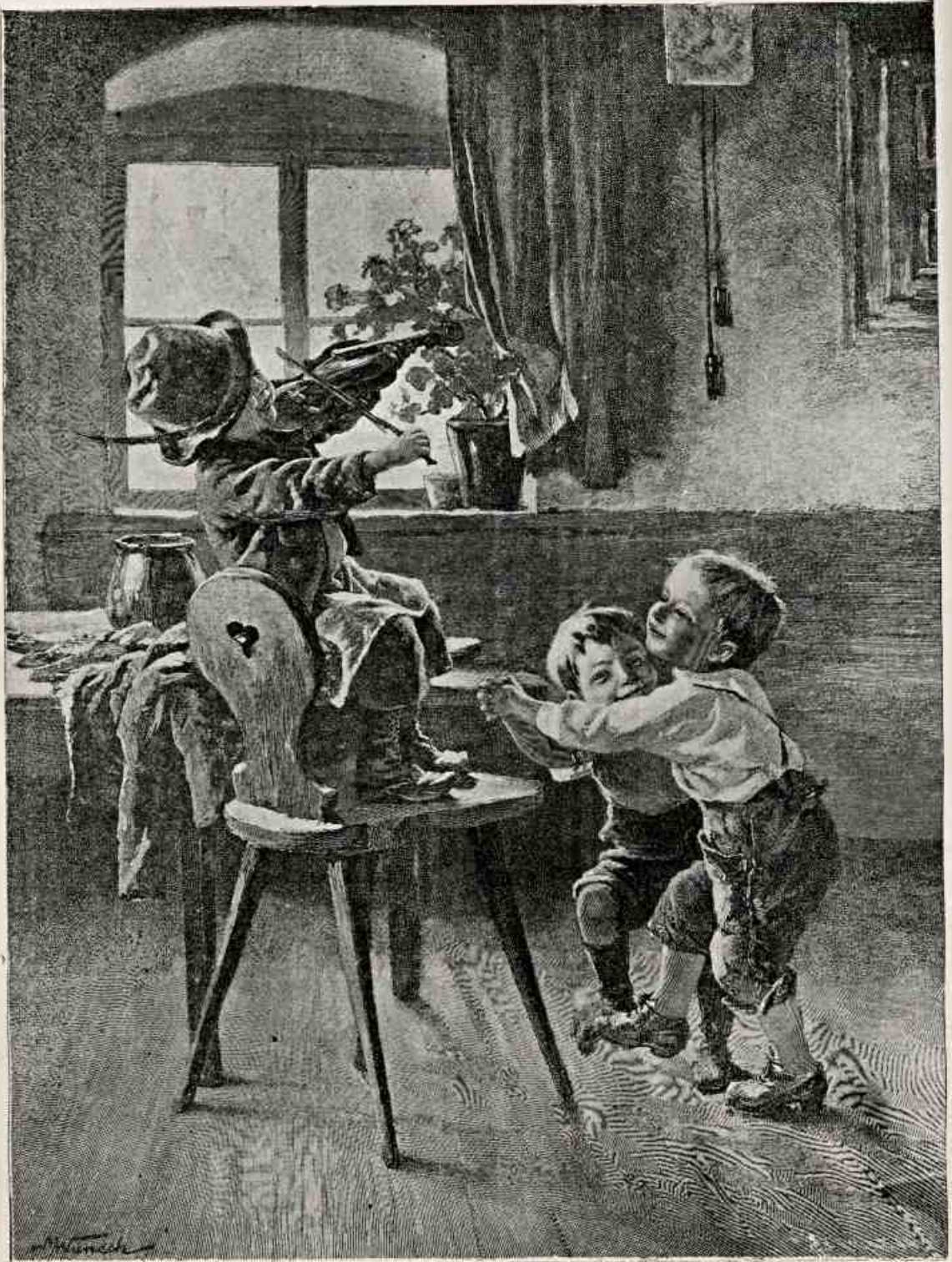
VEN. D'ÁVILA.

Quem todos os dias pensa na morte não receia morrer. Quem se lembra do céo acha a morte agradável.

S. BENTO.

Se amamos a cruz de Jesus Christo, facil nos será carregal-a.

S. THEREZA.



Duplo ensaio.

ESTUPENDA LICÇÃO

Não ha muito que a filha de Jaurès, chefe do partido socialista em França e socialista raivoso, abandonou o mundo para entrar num convento de carmelitas.

Deram os jornaes noticia do acontecimento, cujos preliminares occorreram do seguinte modo, conforme refere um diario francez, afirmando ser historico.

— “ Achava-se um dia a filha unica do chefe socialista no gabinete de estudo de seu pae. Apresentava airoso aspecto, não obstante a modestia de sua attitúde.

De porte alto e esbelto, e de loiros cabellos soltos, cabidos ao longo das espaduas, trajava na occasião um singelo mas bem tallhado vestido cõr de creme, guarnecido de arabescos.

Depois de ter proferido algumas phrases, ficou silenciosa como preocupada de alguma cousa, e por fim fazendo um supremo esforço, de modo resolutivo, começou a conversar assim com o auctor de seus dias.

— As secções da camara vos fatigam por demais, não é, meu pae? Embora o sinta muito, contudo não vem hoje fora de tempo esse cansaço, porque assim dará audiencia a mim só e a ninguém mais.

— Que significam essas tendencias de insociabilidade? perguntou o pae. Bem sabes que não posso furtar-me a receber gente, e para ti não deve ser isso desagradavel, uma vez que entre as muitas pessoas que aqui vêm, podes escolher o que te parecer melhor, a fim de servir-te de apoio na vida e contigo partilhar dos bons e máus instantes que o destino reserva a todos.

— Podeis deixar-me livre a escolha, não é? accrescentou a joven sorrindo. Presumo que como bom pae não farieis á maneira de outros que impõem ás filhas maridos contra a vontade dellas.

— Já achaste o ideal?

— Sim, meu pae.

— Estás excitando a minha curiosidade. Vamos a saber quem foi que venceu os teus pretendentes até agora.

— E' um, superior a todos...

O deputado socialista estremeceu, sentiu calafrios.

Com o coração cheio de emoção, porque ia proferir uma phrase que só de joelhos a queria pronunciar, a joven inclinou-se diante de seu pae, ajoelhou-se, e num tom de voz tranquillo e candoroso, em que vibravam as aspirações de uma alma pura, disse:

— Meu pae, desejo consagrar-me a Deus na vida religiosa.

Não ouvindo resposta, olhou em seguida para o pae, cuja pallidez a fez estremeecer, erguendo-se com mêdo de qualquer incommodo grave.

Nada, porém, houve. Seu pae habituado como era a dominar as proprias emoções, logo conseguiu render-se a si mesmo e a angustia que lhe opprimia o coração.

— E... desde quando pensas nisso? perguntou sêcamente.

— Ha tres annos.

— Tres annos... E quem te suggeriu tal idéa?

— Ninguém.

— Não acredito. Algum frade...

— Nunca eu tive conversas com ecclesiasticos e nem com religiosos, quer homens, quer mulheres. Meu pae m'o havia prohibido e eu lhe obedeci. Bem sabeis que não minto.

— Disseste alguma cousa á senhorita Verdolet?

— Nem a ella e nem a outra pessoa. A minha primeira confidencia é para papae.

— Não seria alguma tua amiga que com suas conversações quiz despenhar-te neste abysmo?

— Não, absolutamente não. A minha vocação deu-m'a o meu proprio pae.

— Como assim!?

Germana, — é o nome da joven — calou-se por um instante, meio pensativa; por fim, com toda a ternura falou deste modo a seu pae:

— “ Papae, haverá tres annos, que com vosso consentimento, fui passear no campo, tendo por companheira a senhorita Verdolet. Ao chegarmos a um atalho deserto divisei, não muito longe do ponto em que estavamos, um pequeno cruzeiro. No momento em que passavamos pertinho olhei para a cruz, e notei a falta da imagem! Esta, — a imagem de Christo — que não era muito grande, jazia no chão á beira do caminho, toda despedaçada!... Entendi logo que aquillo era um ultraje, um sacrilegio! Minha companheira sentou-se num banco de pedra, enquanto eu cuidadosamente ia reunindo todos os fragmentos dispersos. Em seguida, á maneira de um menino que vai juntando os cubos enigmaticos de um jogo de paciencia, puz todos os pedaços em cima de outro banco e fui reconstruindo a imagem profanada.

“ Contemplando o meu trabalho terminado, vi que a senhorita Verdolet levantára-se do outro banco onde se havia sentado, e de onde me dirigiu algumas palavras bem pouco delicadas. Apenas ella chegou junto a mim, deu uma gargalhada de escarneo, e, num instante, sem vacillar, imprimiu com a mão um movimento tão forte na

imagem, que de novo aquelles fragmentos foram arremessados longe, em varias direcções! Senti então dentro de mim um abalo terrivel, dolorosissimo, que não sei explicar!

“Com toda a ternura de amor já havia eu juntado todos os pedacinhos e o que succedeu depois causou-me profunda tristeza, magoou-me bastante!

“Não me atrevi a formular uma só palavra de protesto, mas daquella imagem despedaçada, daquelles restos profanados, meu pae, brilhou uma luz tão viva, que me illuminou toda a alma! Querem acabar com a religião, mas illudem-se. As suas ruínas tem vozes e clarões de verdade que convencem e deslumbram! Foi a primeira semente do bem que se me plantou no espirito, e ella ha-de germinar e dar fructos... espero em Deus! Ninguém

Pareceu ao chefe socialista que assim aquella joven derribava sua soberba e tudo quanto o rodeava. . . .

Uma imagem despedaçada e elle que havia provocado e applaudido taes sacrilegios . . . agora, Christo castigava-o pela profanação pelo ultraje recebido

Tendo amontoado tantas ruínas para derruir a fé, esta, entretanto, renascia, como as plantas com os seus rebentos á chegada da primavera.

Eganára-se... Deschristianisar a França! Como será isto possivel, se nem sequer pôde deschristianisar seu lar?

Que vangloria essa jactar-se de ter apagado as luzes do céo, quando apenas um pallido reflexo de sua claridade illuminou, com tanto brilho, a alma da filha!



Formatura geral em 1898.

a tinha plantado ainda em meu coração, nem vós, meu pae”

Germana olhou-o, porém Jaurés permaneceu silencioso. Ella proseguiu:

—“A lembrança daquelle Christo sacrilegamente ultrajado nunca sahiu do meu pensamento, e a elle peço sempre que me dê forças para soffrer alguma cousa afim de vos retribuir, meu querido pae, com um raio de luz e de fé, no intento de que conheçais a verdade e o ameis como hoje o amo”.

Germana calou-se e beijou respeitosamente a mão que lhe estendia seu pae. Caricia tão suave fel-o sair do torpor em que se achava immerso, acenando á filha se retirasse do seu gabinete de estudo.

A seu mando, foram arrancados todos os symbolos e emblemas religiosos dos edificios publicos e das escolas, afim de impedir que sua vista despertasse aquelles bons sentimentos de piedade, que por completo elle queria desterrar do coração de Germana.

Mas oh! ironia! A imagem de Christo despedaçada revelou-se profundamente á joven, imprimindo-lhe n'alma um não sei qué de singular, de extraordinario, de divino, que desfez totalmente o signal de qualquer outra imagem.

Jaurés sonhou desperto e de pé toda a noite! Ao amanhecer tinha o coração opprimido de angustia e dor e os olhos marejados de lagrimas. . . .

Vencido, nada mais teve que fazer senão curvar a cabeça á vontade de Deus!

(Do Mensageiro do Mexico)



O pé de jambo



Coitado! já está velho, o pobre pé de jambo!...

Co' o tronco meio bambo
e com seus galhos murchos, pensos para o chão,
assemelha-se a um velho fraco, encanecido
arrimado ao bordão.

De seu verdor despido,
sem brios já, sem forças, tremulo se abraça
ao estípe robusto e firme do coqueiro
que eleva para o céu com ar de muita graça
seu leque prazenteiro.

Repousa á sua sombra, si o calor é forte;
e quando sopra rijo o vendaval do norte,
debruça vacillante aos pés do veterano
que lucha, a coma encrespa e vence o vento insano.

Meu velho pé de jambo, em cima desta pedra
ao pé da qual nasceste,
que está sobre o regato que circunda a medra,
muitas vezes subi;
ouvindo com prazer na verde rama agreste
cantar o benteví.

Eu era ainda pequeno, cándido, singelo,
igual ás açucenas brancas do jardim;
e quando me levavam a passear na horta,
corria ao pé de ti; achava-te tão bello...
E apenas eu chegava ao limiar da porta,
tuas flores mimosas riam-se p'ra mim.

Mas tudo se mudou, amigo meu da infancia!
Não ha no mundo bem que não tenha inconstancia.
O tempo tudo faz, e tudo elle destróe,
— o nome de um pigmeu e a gloria de um heróe!

Despiu-te do verdor que tinhas noutras eras,
o aroma já não tens das roseas primaveras,
nem risos matinaes!...

Como eu tambem perdi meus sonhos de innocencia,
angelicos, dourados, alva da existencia,
que fazem das creanças seres divinaes.

Já todas se apagaram, louras phantasias
de um magico porvir;
bem como as névoas brancas
nas alvoradas frias,

dos valles, vão subindo os morros pelas ancas,
tornando-se vapor, do sol ao reluzir.

A vida se me antolha em toda a sua austera
e dura realidade;

que assim fosse o viver, eu nunca supuzéza
naquella doce idade!...

E ainda mais um pouco...
talvez, quem sabe, em breve, onde estaremos nós?
Quem não pensa na morte é um insensato, um louco;
viveram! já não vivem nossos bons avós!

Bem diverso é o destino que teremos ambos.
Tú, secco, apodrecido, amado pé de jambo,
serás desfeito em pó ou cinzas que lançadas
serão talvez 'lhi junto á pedra, onde nasceste!

Não mais... teu fim é este!
Eu, (oh! que em Deus o espero!) alem das estrelladas
fulgurações dos céos,
descañarei nos braços eternaes de Deus!

LAETUS.

Nietheroy, 24-5-09.

A VOZ DA CRUZ

Madeira infume eu era! Provocava
Somentemente execração, desprezo, espanto...
Mas Jesus me formou augusto e santo,
Remindo em mim a Humanidade escrava.

Redimiu-me tambem. E como e quanto!
Em vez do opprobrio atroz que me aviltava,
Culto, gloria, esplendor. Eu não sonhava
Pudesse de tão baixo subir tanto.

Maria trouxe ao collo — honra sem nome!
Deus, e, na infancia encaminhou-lhe os passos...
— A' mim honra maior, sem par tocou-me:

Deus, carregou-me nos seus hombros lassos,
Pregado a mim, do sangue seu banhou-me,
Deus soffreu, e expirou entre os meus braços!

AFFONSO CELSO

SONETO

Tu que á terra, Jesus, tão compassivo
Colheste o amargo pranto ao desgraçado,
Vê por piedade em mim como é cansado
O pobre coração do mundo esquivo!

Vê na minh'alma errante como vivo!
Ai, como estala e parte-se inflammado
Na pyra do supplicio que me é dado
O fragil peito, misero, captivo!

E tu Jesus, que és bom, que és caridoso,
Que o mundo atravessaste em mar furioso,
Sem á terra aportar, sem ter parada,

Ajuda-me a suster a cruz pesada
Que vou levando ao Golgotha, sem pouso,
Em procura do céu e abandonada!

Alagoinhas, 18 de Julho de 1909.

MARIA G. MACHADO

☒ O CONDE ZEPPELIN, SABIO E CRENTE ☒

Fala-se muito do feliz inventor da aeronave, e cita-se a proposito a particularidade verdadeiramente edificante acerca dos sentimentos religiosos d'este homem de vontade ferrea, que com os seus inventos ameaça revolucionar a arte da guerra.

O jornal liberal *Volksfreund* escreve assim acerca do seu caracter e convicções:

“A razão da sua actividade sem rival na confecção do seu invento tão sympathico para a Allemanha está num sincero temor de Deus e numa piedade genuina e profunda. Não se envergonha da sua fé e da sua religião, e declara

abertamente que vae buscar a força e energia para os seus trabalhos unica e simplesmente á oração. E' um homem de caracter como poucos; fiel ás suas convicções, fiel no affecto, no trabalho, em summa, um christão pratico em toda a acceção da palavra.

Prova-se mais uma vez que a verdadeira sciencia e a solida piedade são irmãs gêmeas.”

Que dirão a isto certos sabios de pechisbeque, que por ahí nos atroam os ouvidos com as maravilhas do *livre pensamento* e quejandas burndangas?



* *

A Baviera offereceu a Pio X, como presente jubilar, os vitraes da capella Sixtina. Tendo-se discretamente informado sobre o presente que mais agradaria a Sua Santidade, o Principe regente da Baviera soube que o Papa seria feliz em poder substituir por vitraes os simples vidros da capella, que não estão de accordo com a magnificencia dos frescos de Miguel Angelo. Dest'arte, o Principe regente pôde acceder aos desejos augustos de Sua Santidade, de accordo com desenhos, que para esses vitraes havia feito, antes de morrer, o professor Luiz Seitz, director dos museus vaticanos. Uma commissão, de que fazia parte Carolus Duran, Director da Academia de França, resolveu que a côr mais conveniente para esses vitraes era a côr de fundo amarellado, que tomara tons diversos conforme a exposição das diferentes janellas.

* *

Nos exercicios de gymnastica realizados nos jardins do Vaticano em Setembro do anno pasado, causaram grande impressão os cégos que fizeram uma serie de saltos.

Os concurrentes approximavam-se do cordel que indicava a altura, tocavam-n'o com a mão e, depois de se afastarem, corriam sobre elle e o saltavam com a maior facilidade.

* *

Ha perto de 100 annos, Benjamin Franklin deixou 5000 libras dispondo que os juros desse dinheiro fossem accumulados durante um seculo e o seu total fosse empregado na fundação de uma escola industrial em Boston, nos Estados Unidos. Os cem annos expiraram ha pouco e a quantia total sobe a 1.100.000 libras, que o millionario Carnegie se offereceu para duplicar. — Franklin em 1750 expunha a theoria geral dos phenomenos electricos, a analyse dos effectos da garrafa de Leyde...

* *

Um escriptor inglez, Barker, reuniu num volume algumas respostas de crianças que são perfeitamente curiosas.

A *Nouvelle Revue*, respigando o volume de Barker, reproduz algumas dellas, que por nossa vez respigamos tambem.

— Que será o Principe de Galles, se o nosso Rei morrer? — pergunta o professor a um pequeno.

Este que não pensa na successão ao throno, responde um pouco enternecido: — “Um orphão!”

O professor de geographia pergunta a um discipulo que é o eixo da terra.

— E' uma linha imaginaria que passa através da terra, de um polo a outro — responde o discipulo.

— E tua mãe poderia pendurar roupa nessa linha?

— Sim, senhor. Porque não!

— E que especie de roupas então?

— Roupas imaginarias!...

Numa escola do éste de Londres a professora manda conjugar o verbo *to drink*, beber.

— Qual é o tempo presente?

— *He drinks* (elle bebe).

— E o futuro?

— *He will get drunk* (elle ficará bebado).

Num exame perguntou-se a um menino.

— Qual é a forma mais alta da vida animal?

— A girafa!...

Conta-se aos meninos a historia de Eutychus, que, tendo adormecido durante um sermão de S. Paulo, cahiu e, quando o foram levantar, estava morto.

— Que moral se deve tirar d'ahi?

— Que os pastores devem aprender a não fazer sermões longos de mais.

NO CAMPO MUSICAL



Com expressão.



Crescendo.



Imprudencia da.... dentadura.



Remedio e.... surpresa.

Ao jantar:

- Gertrudes, esta lagosta não está fresca.
- Está, minha senhora, até eu a vi chegar ao mercado, quando a traziam do mar.
- Estás bem certa?
- Ora se estou. Por signal que foi ha quatro dias.

Numa officina de alfaiate:

- Não lhe parece que me fez estas calças muito curtas?
- Não, senhor, as calças estão boas; o senhor é que tem as pernas muito compridas.

Um pequeno descuido. — Comprei hoje muitos livros, para pagal-os em prestações. Só tenho de pagar 6\$ por mez.

- Durante quantos mezes?
- Ah, pobre de mim! Esqueci-me de perguntar.

Em Veneza, entre um senhor e o gondoleiro.

— Dize-me, ó Manoel, porque é que a mim fazes tantas curvaturas, quando me vês, e agora te vejo apenas levar a mão ao gorro, ao passar por uma cruz?

- Eh, Excellencia, com Deus não se brinca.



Diversão paterna.

Impressões de viagem

16 de Dezembro de 1896.

QUERIDA ARTHÉMIA:

Não é do logar costumado que te escrevo agora. Outro quatinho, outra mesa, outra penna. Em redor de mim objectos diferentes. Pela janella aberta que me defronta não vejo mais o costado escuro da casa vizinha, mas sim uma lindissima pagina da natureza, escripta com delicados ramos de arvores sobre fundo de purissimo e radioso céo azul-claro.

Quer dizer que deixei a antihygienica cidade do Salvador, e estou a engolir lufadas de ar sadio, adubado com o perfume de cajueiros em flor, a quatro passos do Oceano Atlantico.

Uhm!.. que luxo de denominação! Podia ter dito: a quatro passos do mar, mas quiz dar-te a entender que o meu paraíso está situado... para além da barra.

E' um pequeno povoado da costa, pobre, mas pittoresco, onde vim buscar um pouco de alento e de forças.

Bom azeite, isto aqui, minha Arthemia, para quem gosta de saborear a natureza, poetas e pintores, unica classe de gente que se deleita em almoçar pelos olhos um bonito panorama de céo e aguas antes de ingerir bife com batatas ou pão com manteiga, como qualquer simples mortal.

Mas o bife e o pão com manteiga são logares communs que os poetas e pintores são forçados a empregar, por menos que gostem de coisas vulgares, visto como o primeiro almoço é leve de mais, e seria muito capaz de os reduzir á condição de mumias se não fosse acompanhado de outro mais solido.

Aqui nesta bravía costa o logar commum é o peixe, o seri e o cuscús de milho, e eu vou-me a elles com vontade, depois do matinal passeio pelas praias alvissimas.

Está me vindo o palpíte de descrever-te o logarejo em que estou.

Xavier de Maistre viajou em redor do seu quarto e descreveu as impressões dessa viagem; Garrett excursionou pela sua terra e veio contar ao publico tudo quanto vio e soube; mil outros passeiadores, mais ou menos espirituosos, têm dado o mesmo exemplo; porque não posso eu fazer outro tanto e impingir-te tambem as « minhas impressões » uma vez que tenho aqui logar de graça?

Pois vá lá.

Para principiar do principio deveria contar-te os balanços do « Prudente de Moraes » (vapor, bem entendido), o enjão dos passageiros, o bacalhão que comi a bordo e mil outras coisas interessantes, porém prefiro deixar a melhores pennas o elogio da Companhia Bahiana. Eu cá não gosto de provocar sentimentos de vaidade em pessoa nenhuma...

Comtudo, não saltarei em terra sem dizer-te que o diabo, de uns tempos a esta parte, tem-me tomado á sua conta para me amofinar em assumptos de conversação religiosa.

Como o tihoso sabe que fico doente quando me tocam na minha querida Igreja Catholica, entende de arranhar frequentemente nessa corda sensível do meu coração.

Dous passos que dê fóra de casa, bumba! temos musica.

Até a bordo me acompanhou o tal caiporismo.

Depois do almoço, não sei de que canto pulou o mafarrico em cima da mesa, a dizer parvoices pela bocca de dous ou tres meus senhores, mas parvoices graúdas, intoleraveis.

Nunca tinha ouvido, minha Arthemia, tantos disparates juntos, tanta ignorancia reduzida a palavras, tantas mentiras ditas com grandes ares de convicção e seriedade.

A's vezes indignava-me com aquillo, outras vezes tinha vontade de rir.

Gastaria toda a tinta do meu tinteiro se te fosse referir integralmente a tal conversa.

Um inglez, rapaz muito apresentavel, que não tinha cara de pimentão maduro como os seus conterraneos e quasi sem sotaque britannico, foi quem mais carga fez á religião de gratuitas accusações. Não era nem catholico nem protestante, dizia. Pertencia ao grupo dos indifferentes — que é a peor marca da mercadoria.

Entre outras asneiras o *mister* chegou a afirmar... ora lê e pasma! que — á Igreja cabe a culpa da ignorancia que lavrava entre a nobreza e o povo na idade media. (Como vês, a conversa foi longe).

— E porque?... perguntei eu, sem poder resistir ao desejo de ouvir-o explicar-se.

— Porque, minha senhora? porque monopolizou as sciencias e as letras, e não ensinou a ler ao povo como era de sua obrigação fazer!

Ufa!... Ora toma lá esta pitada, velha rabugenta!...

Fiquei com os olhos em alvo, minha Arthemia, sem coragem de dizer mais nada... Pareceu-me que

o homem queria jogar disparate para divertir a viagem, ou então tomava a gente por aprendiz de maçon... que são os aprendizes que maiores pêtas engolem.

Quando todo mundo sabe que acontecem precisamente o contrario, e que da Igreja catholica partiu em jorros a luz da instrucção!....

O hom do inglezinho!

Depois vieram cobras e lagartos contra os dogmas. Crer a olhos fechados! Isso é um insulto á razão e á *potentissima* intelligencia humana! Não, senhor! Crer o que se vê, o que se comprehende, nada mais!

Fui tentada a fazer mais uma pergunta ao inglezinho.

— E o Sr. crê em Deus?

— Oh, sim, sim, creio em Deus! Creio muito em Deus!

— E... já viu Deus?

— Oh, *non, non!*

2 de Janeiro de 1897.

AMADA ARTHEMIA:

Prometti dar-te conta das minhas « impressões de viagem » e... vejo-me em palpos de aranha, porque os acontecimentos são tão poucos e tão simples que não sei como os adube para merecerem a tua attenção.

E' coisa tão vulgar sair a gente pelo Natal a tomar fresco num canto qualquer, onde haja muita sombra, muita verdura e muita fructa...

Felizmente não é esta carta nenhum relatorio obrigado, porque então me veria na necessidade de inventar alguma coisa, para encher o papel.

O que te posso garantir, porém, querida, é que o meu coração se dilata aqui, a minha alma se cleva para Deus na contemplação da natureza e o meu pobre organismo se revigora um pouco.

Ah!.. e dizia-te eu que não achava o que escrever! Sim, tenho, tenho muito que te contar, dilecta amiga. Ha poesia aqui para inspirar o mais rude e preguiçoso filho das musas.

* * *

A povoação em que estou, assenta toda sobre a praia, e se estende até onde a areia plana permite edificações, porque, rente com as ultimas cabanas, ao sul, começa a costa brava que se prolonga até á Bahia. Em frente, o mar a beija docemente; do lado opposto cingem-n'a os comoros de areia da costa, deixando apenas, ao norte, uma passagem plana para o interior, de modo que ella descança apertada num recorte da referida costa, formando pequena e graciosa ponta.

Os comoros são pequenos outeiros de areia branca e fina, unidos uns aos outros. Disseram-me

— Então... confesse que alguma coisa crê a olhos fechados.

O subdito da graciosa Victoria abriu a bocca, fechou-a, sorriu, depois de sorrir fez gyrar a cadeira, complimentou-me e foi tomar fresco ao tombadilho.

Eu não disse grande verdade ao inglez, cara amiga, e já te estou ouvindo a contradicta. Para crer em Deus não é preciso fechar os olhos. Ao contrario, é necessario abri-los, e quanto mais se abrem mais se descobre atravez da natureza esse sublime Artista que a creou tão bella.

Aqui, neste momento, mais uma vez o bendigo, porque desentranhou de sua intelligencia infinita para deliciar-me os olhos essa formosa pagina que se desenrola deante de minha janella.

E basta de prosa por hoje. Já escrevi muito. Como sempre.

Tua do coração

DINORAH.

que têm de largura meio kilometro na maré cheia e um kilometro na baixamar.

Quando os atravesso, detenho-me no meio do caminho para olliar em redor e ver-me no centro de um circulo enorme cuja brancura, a perder de vista, contrasta com o azul do céu que se recurva no alto. Grandioso espectáculo!... Suppõe-se a gente num pedaço do Sahara, onde não ha camellos, nem ossadas humanas, nem pocira suffocante, nem medo de morrer á sede...

A' guiza de oasis, algumas plantas rachiticas emergem de longe em longe, manchando apenas o solo: a grama da costa, em longos filamentos verdes ou crestados pelo sol, a salsa, e poucas outras. Grupos de coqueiros, enterrados na areia, quebram, de vez em quando, a monotonia do solo com o seu verde pennacho, que o vento agita sem dó.

Hontem tive pena desses pobres coqueiros. Parecia-me que elles soffriam, soterrados assim, bracejando com as largas frondes para o céu, a pedir misericordia ou dizendo adeus á vida e ao mar que soluça perto...

O povoado é pequeno e pobre, mas igualmente pittoresco.

Imagina um chão branco, profusamente bordado de bons-dias e boas-noites, e semeado de casinhas de palha ou de telhas. Por entre as casinhas vicejam mimosas romeiras carregadas de fructos auri-rosados, tamarindeiros, pinheiros, cajueiros, parreiras... que sei eu?! Aqui e alli destacam-se alguns bellos *flambojants*, como enormes *bouquets* de flores vermelhas, que dão ao quadro toques alegres e vivos.

Final de contas, isto aqui é um mixto de pomar e jardim.

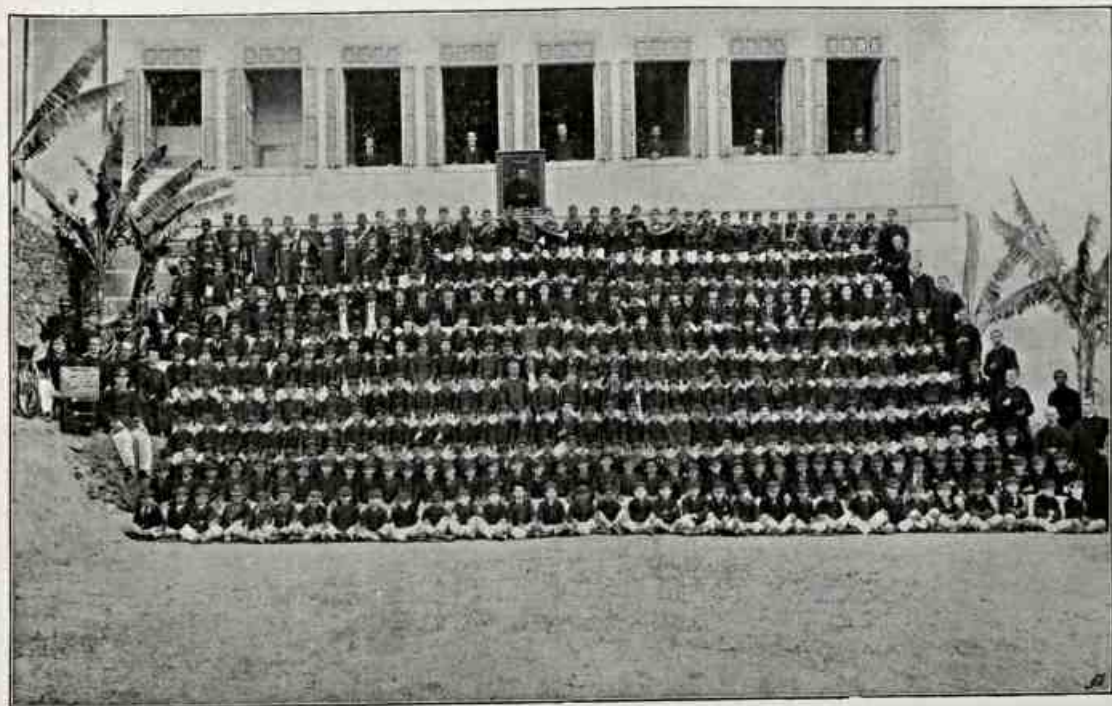
As casinhas, dispersas sem a menor preocupação de alinhamento, á excepção do lado do mar, onde algumas ha alinhadas e pintadas,

offerecem pittoresco aspecto. Os quintaes, fechados por cercas de páo a pique, muito bem feitas, deixam entre si espaços como ruas, que permittem agradaveis passeios.

A' luz do luar essas ruas, muito limpas, calçadas de areia alvissima, branquejam suavemente, e em gosto mais de andar por ellas do que

brisa que me açoita o rosto, contemplando a faixa de luz avermelhada que o sol a esconder-se projecta sobre as aguas escuras.

— O' Klopstock! exclamava Werther, recordando a Messiada. — O' Lamartine!... repito eu muitas vezes, quando me sinto incapaz de reproduzir em palavras a doçura dessas impressões!



Grupo geral em 1901.

pelas nossas ruas da cidade. São mais poeticas e sobretudo muito mais hygienicas.

Resta-me falar-te da capellinha, porque Nosso Senhor tem tambem aqui uma pequena casa; mas ficará para outra vez. Agora vou sair para a minha excursão diaria.

Todas as tardes, ao pôr do sol, entretenho-me a passeiar sosinha pela beira do mar, sobre a areia molhada onde fica impresso o tacão dos meus sapatos, ouvindo o murmuro das ondas que espumejam na praia, respirando a largos sorvos a

E tu, santa, que dirias tu no meu caso? Tu dirias: — O' poeta de Assis, ó S. Francisco, ardente apaixonado da natureza e de Deus!...

Vou terminar, Arthemina muito amada. Não te esqueças de mim diante dos altares do Creador, porque eu não me esqueço de tí quando gozo inebriada as sublimes bellezas da criação!

Até breve.

Tua muito sincera

DINORAH.

A inspiração vem do céu, como um anjo; vindo em direitura ao coração do pobre peccador, excita-o a se erguer da sua iniquidade.

S. FRANCISCO DE SALES.

Prefiro soffrer todas as penas do inferno a commetter um só peccado venial.

B. AFF. RODRIGUES.

Trazei presente durante o dia o que tiverdes meditado pela manhã, e ponde nisto muita diligencia, porque tirareis grande proveito.

S. THEREZA.

As almas que não podem rezar por si, podem obter grandes graças pelas orações dos outros.

VEN. BELLARMINO.

A' IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vais, ó doce companheira
Da fortuna e do exílio, verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De angusto e velho tronco hastea partida
E transplantada á terra brazileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira,
Em que todo o infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão no seu delirio;
Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,
Do teu sepulcro vacillante cyrio!

Como foste feliz! dorme o teu somno...
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio;
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

D. PEDRO DE ALCANTARA.

TERRA DO BRASIL

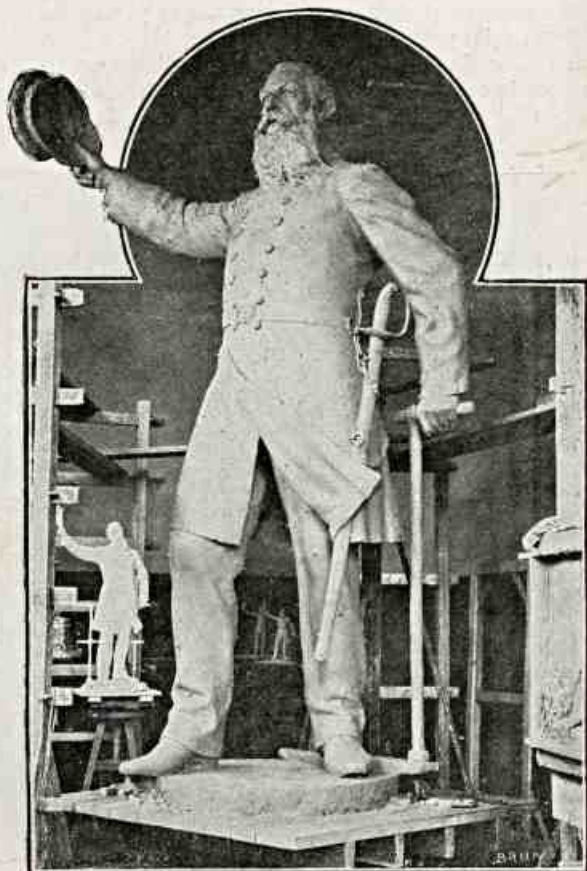
Espavorida agita-se a creança,
De nocturnos phantasmas com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio
Fecha os doridos olhos e descança.

Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veiu
Um pugillo de terra: e nesto creio
Brando será meu somno e sem tardança...

Qual o infante a dormir em peito amigo
Tristes sombras varrendo da memoria,
O' doce patria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de gloria,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da historia!

D. PEDRO DE ALCANTARA.



Maqueta da estatua do almirante Barroso,
pelo escultor Corrêa Lima.

O PADRE

Não sei porque tão mal foi sempre visto,
Por mais que da Virtude exalte o nome,
Esse que a vida pela Fé consome,
Esse que veste a tunica de Christo.

Votado ao sacrificio, ao abandono
Das grandezas ephemerhas da terra,
A consolar — na paz como na guerra —
Os corações perdidos de sen Dono;



Campinas.

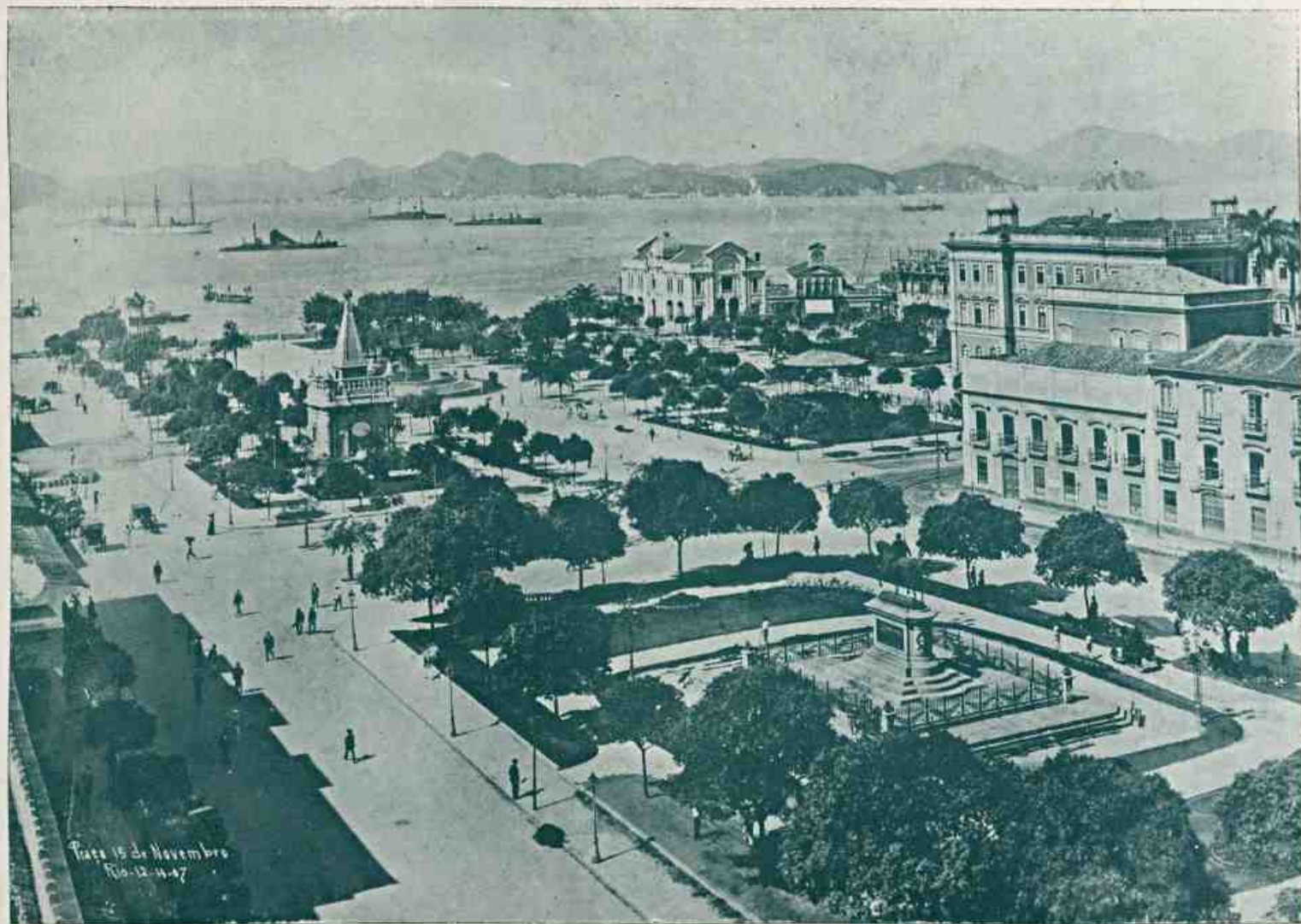
Não sei porque tão mal é sempre visto,
Por mais que da Virtude exalte o nome,
Esse que a vida pela Fé consome,
Esse que veste a tunica de Christo.



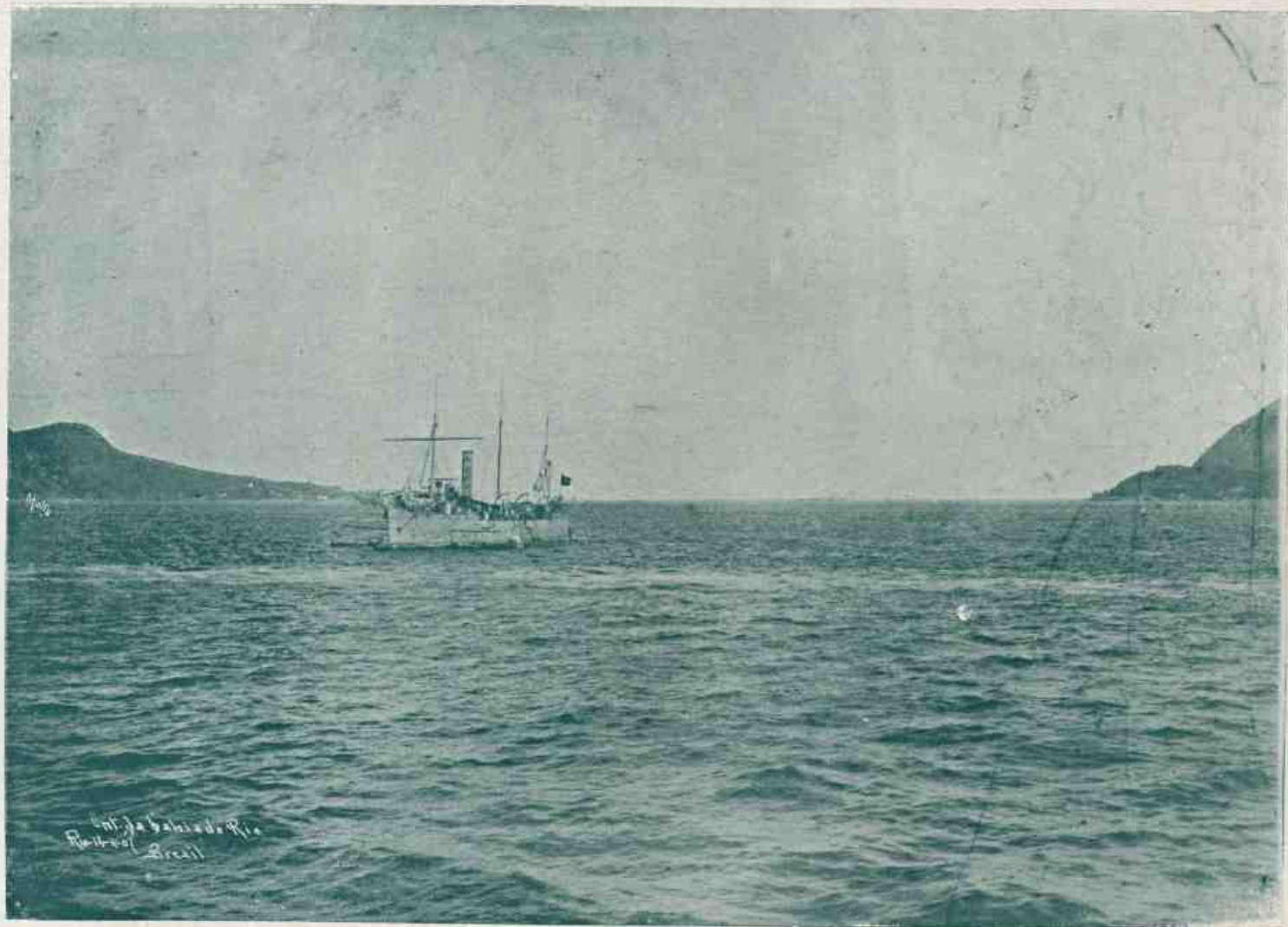
VICENTE MELILLO.

Votado ao esquecimento e á oração,
Que pede por aquelles que a não fazem
E por todos aquelles que não trazem
A força de vencer a tentação;

Votado para o amor da humanidade,
A' conquista das almas para o Bem,
Não sei porque os homens lhe não têm
Um pouco de afeição ou de amizade...



RIO DE JANEIRO ∞ "PRAÇA 15 DE NOVENBRO"



RIO DE JANEIRO ∞ "ENTRADA DA BAHIA"

O VELHINHO BRANCO⁽¹⁾

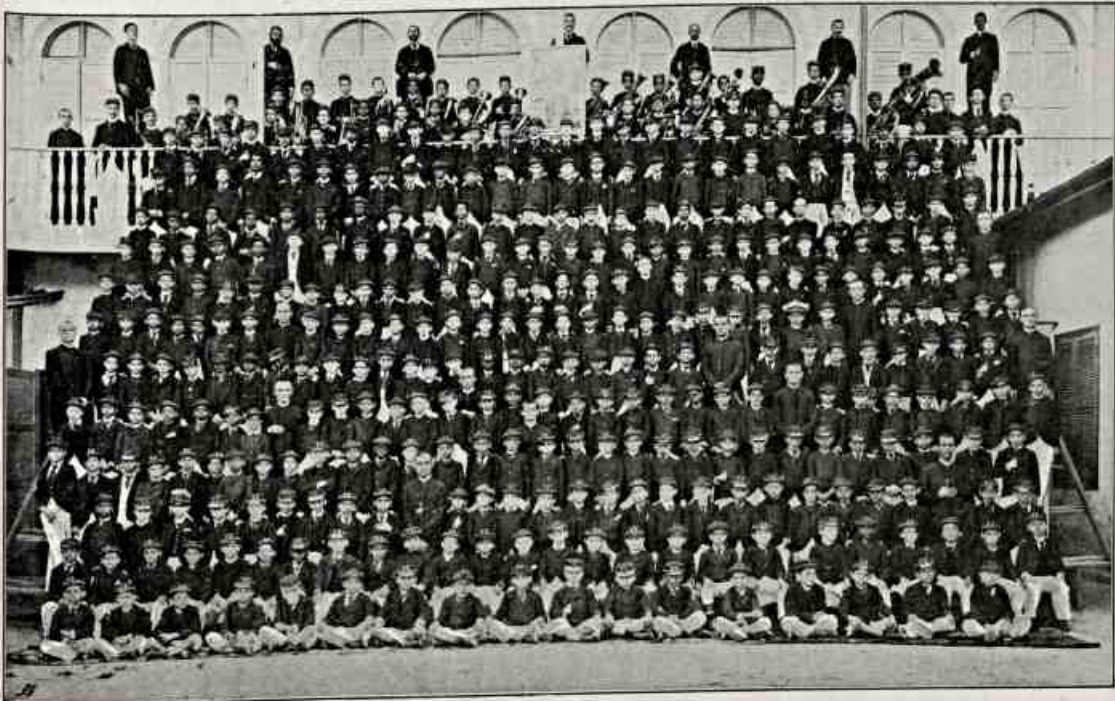


— Foi um caso que eu vi com estes olhos que a terra ha de comer, dizia o vaqueiro Pedro, pondo os dois indicadores sobre as faces e repuxando para baixo as palpebras inferiores.

— Conte, *ti* Pedro! insistiram os presentes, meia duzia de rapazes e raparigas, sentados no terreiro em volta de um montão de espigas de milho secco, que estavam debulhando, em noite de esplendido luar.

— Bem feito, murmurou Ritiuha, a mais velha das raparigas do rancho, e que não primava pelas perfeições phisicas.

— Ora pois. Dona Luiza fez *Seu* capitão comer candeias de cebo! Ella tinha mais raiva da gente pobre do que o diabo tem da cruz. Quem lhe chegava na porta uma vez, para pedir esmola, não chegava duas. O marido, este sim, não tinha pena do vintem ou do tostão cedido por amor de Deus,



Grupo geral em 1902.

O vaqueiro tirou uma fumaça do cachimbo, temperou a garganta, trançou as pernas e começou:

— Eu andava vaquejando na fazenda de *seu* Capitão Manel Araujo. O patrão... aquillo é que era *home* de peso e medida, que até dos bichos tinha compaixão! Comprou, pagou; tractou, estava tractado. Ora, vae se não quando, deu-lhe na veneta de se casar, e o capeta metteu-lhe tanta vaidade na cachola que na companheira com que se queria unir, só procurava — cara, e não — coração. Casou. A patrão, D. Luiza, era com effeito que nem uma pintura, de lindeza; mas... santo breve da marca! tanto tinha de bonita como de tarasca.

mas havia de aguentar com a trovoada! Dona Luiza punha-se nas pontinhas dos pés, como jararaca assanhada: «Você não tem juizo! Você é um espediçado, que tudo quanto ajunta mette na barriga destes esfarrapados preguiçosos, que não têm vergonha de andar pelas portas alheias de mão espichada. Malandros! ladrões! canalhas!...» E mandava estumar os cachorros em cima dos pobres.

(1) Este facto me foi referido por pessoa de confiança. Dei-lhe a forma de conto, disfarçando apenas os nomes proprios.

N. da A.

O auditorio de *ti Pedro*, muito interessado, abria grandes olhos pasmos. Quasi todas as mãos, retardando-se, debruçavam frouxamente as espigas.

— *Chí... que mulher!.. E o capitão que respondia, *ti Pedro*?*

— De principio, elle respondia por estas palavras: « Mas, senhora, os pobres tambem são filhos de Deus! » E ella: « Que filhos de Deus... »

— Dona Luiza gostava muito de chamar pelo nome do *cão*, explicou o narrador. E tanto ella gritava e bradava, que *Seu capitão* só podia socorrer alguém ás escondidas, a modo de quem está furtando, para não ouvir berreiros. Uma feita, chegou uma viuva na fazenda. *Seu capitão* não estava em casa. Dona Luiza, com bons modos, o que não era de seu costume, mandou-a entrar



Mimi diagnosticado.

— Ave, Maria! Ave, Maria! sussurraram as raparigas estremecendo e benzendo-se, como se vissem apparecer alli o demo, evocado por aquella phrase impiedosa, porque ellas pertenciam tambem, coitadinhas, ao grupo malquisto dos desprotegidos da sorte.

para a sala de jantar e sentar-se. A gente da casa estava admirada... ninguem nunca tinha visto aquillo!... A pobresinha pensou que ia receber uma boa esmola e parecia toda contente... Ai, ai, ai, minha gente! a esmola foi que a patrão passou-lhe uma desandadeira tão grande e disse

tantas cousas tão feias á pobre viuva, que esta abaixou a cabeça e as lagrimas cahiram-lhe dos olhos de quatro em quatro. Depois, ella se levantou da cadeira, encarou D. Luiza, com o rosto todo molhado de choro e disse: « Minha senhora, eu lhe perdão! mas peça bem a Deus que vosmecê nunca tenha filhos, ou que nunca os veja com fome, precisando da caridade alheia!... » E sahio.

Ti Pedro fez pausa e tornou a puxar uma fumaça do cachimbo, deleitando-se em apreciar, na expressão das physionomias, o effeito produzido pela sua historia.

— Eu havia de rogar a esta mulher uma praga tão grande que ella havia de ver! exclamou Ritinha.

— Vinganças não dão allivio, minha filha, athou o vaqueiro, e Deus Nosso Senhor sabe bem o que tem a fazer! Ora pois. Nisto, desandou a secca de 90 no alto sertão. Descia póvo de riba que nem formiga! As estradas ficavam coalhadas e defronte da fazenda passavam todo o santo dia ranchos e mais ranchos de gente. Homens amarellos como cêra, mulheres cahindo de fraqueza, meninos com a pellinha agarrada aos ossos. Era de fazer cortar o coração. Foi desta vez que eu vi Dona Luiza mandar botar os cachorros nos sertanejos. Dois ou tres foram mordidos e largaram a correr, cahindo e levantando-se, com as pernas escorrendo sangue. Um dia, alli por volta das 11 horas, chegou um homem de meia idade, procurando trabalho. A patrôa respondeu que sim, que fosse fazer umas covas para plantar mandioca. O sertanejo então disse que estava com muita fome, porque dês que viera de cima, só comia raizes e fructas do matto, e pediu um bocado, para poder aguentar na mão a enxada. Dona Luiza respondeu que trabalhasse primeiro e ganhasse o de comer. O sertanejo não teve remedio; foi p'ra a roça, cavou umas tantas covas e, ao depois, estirou-se no chão. Quando o foram ver, estava morto.

— Que malvada! clamaram os ouvintes indignados.

— E quando *Seu capitão* mandava dar a comida antes do trabalho, vinha a casa abaixo com a gritaria. Trazia tudo na dispensa tão contado e medido e pesado, que, faltando um pedaço de carne, ou um litro de feijão, ou uma chicara de leite, ella berrava logo: « Já foi para a barriga dos miserias! Este homem ha de acabar como elles, pedindo esmola pelas portas. Maldita a hora em que me casei com semelhante sujeito!... » E arrepellava os cabellos, vermelha, fóra de si, em termos de estoirar de raiva.

— Ella o que merecia era que *Seu capitão* lhe arrumasse uma boa sova! opinou João Baptista, o mais valentão da roda.

— E' porque o marido valia tanto como uma mosca morta! Fosse eu, que ella havia de engolir estas heresias todas! apoiou outro, não menos intolerante.

— E esta senhora que fim levou, *ti Pedro!* perguntou Ritinha.

— Ora escutem. Uma tarde, *Seu capitão* estava na sala, mais Dona Luiza. Tinham acabado de jantar. Nisto, chegou á porta da rua um homem velho, de pelle muito alva, bonito que fazia prazer! com as barbas e os cabellos brancos que nem a escuma do mar; vestido com uma calça branca e uma camisa de algodão de Valença, branca tambem...

— Ihh... que velho todo branco era esse, *ti Pedro!* inqueriu João Baptista, cada vez mais interessado, farejando caso miraculoso.

— Ninguem sabe! O velhinho pediu uma esmola pelo amor de Deus, que estava morrendo de fome. *Seu capitão* levantou-se da rêde, conversou com elle, e disse por aqui assim: « Espere, meu bom velho; nós acabamos de jantar, mas eu vou mandar assar um pedaço de carne do sol e trazer uma cuia de farinha, para vosmecê ». Quando Dona Luiza ouviu isto e viu o marido entrar pela casa a dentro... não foi nada não, minha gente; a mulher deu um pinote, *desapregou* os queixos e pôz o velho mais raso que o chão, chingando que nem uma doida. Parecia que ella tinha o diabo no corpo. O velho, calado, não respondia nem uma nem duas. Afinal, ella tambem entrou para o interior da casa, ainda gritando e bradando como uma desesperada.

Seu capitão voltou para falar outra vez com o velho, e, conversa vae, conversa vem, disse: « Meu bom velho, eu acho que tão cedo não chove!... » Mas o velho respondeu: « Ora, ora, meu filho! chove breve, tão certo como sua mulher estar morta na cama!... » *Seu capitão* ficou assim a modo de espantado e duvidoso. « Morta? »

« Sim, meu filho. Se não acredita, entre já no quarto e vá ver!... » *Seu capitão* foi ver. Chegando no quarto...

Os olhos dos ouvintes reluziam de anciedade, as mãos haviam de todo parado.

— ... achou Dona Luiza espichada na cama, dura como um pão, roxa como uma batata, os olhos esbugalhados, as mãos fechadas...

— Morta? perguntou Ritinha, toda pallida e tremula, olhando mais fixamente ainda para o narrador.

— Por aquella vez. Morreu de ira.

— E o... carregou-lhe a alma *ti Pedro!*

— Isto é segredo de Deus, minha filha. *Seu capitão* participou que ella morreu de estupor.

— De congestão, corrigiu o mais letrado dos debulhadores de milho. Tinha jantado muito, talvez, e zangou-se em cima.

— E o velhinho branco?

— O velhinho branco, ninguem mais o viu. *Seu capitão* mandou procural-o por toda a redondeza; nem sombra!

Um momento de solemne silencio succedeu ao triste epilogo.

— Mas quem seria o tal velho!?!.. diziam todos, uns para os outros, intrigados.

— Ninguem sabe. O que se sabe, e com certeza, meninos, é que Deus é muito bom, mas lá tem

seu dia, é, ou mais hoje, ou mais amanhã, ou aqui, ou no outro mundo, não falta com o castigo a quem tem odio aos pobres ou tem pena de dar esmolas!.. concluiu o vaqueiro, moralizando a lamentavel historia e sacudindo as cinzas do

cachimbo, em quanto os rapazes e as raparigas retomavam as espigas de milho secco, que estavam debulhando, naquella noite de esplendido luar.

1902.

AMELIA RODRIGUES.

◉ Cem mil francos de dote ◉

Uma curiosa anedocta, que pode servir de ensinamento aos paes que não têm grandes sommas para deixarem em herança a seus filhos, foi ha pouco narrada pelo «Femme Contemporaine.»

Um pae, querendo que sua filha tomasse estado, divulgou que ella receberia um dote de 100.000 francos.

Numerosos eram os pretendentes; o pae, porém, não se apressava, estudava-os e fazia esperar. Entre os aspirantes notou um joven, que lhe pareceu menos frívolo e mais serio que os outros — um commerciante activo, honesto e laborioso — e decidiu-se a fallar-lhe. Chamando-o a si, um dia, lhe disse: «Queres que fallemos um pouco sobre o dote de minha filha?» e, como o outro se esquivasse, elle insistiu e finalmente tomou um papel no qual estavam escriptas estas palavras que leu accentuadamente: «Educação acurada, espirito recto, bom

senso: 20.000 francos. Nenhuma leviandade, gosto fino e um pouco severo, mas nem phantasia, nem exigencia demasiada de *toilette*: 20.000 francos. Regularidade nas praticas religiosas, economia, ordem, experiencia em dirigir a propria casa: 30.000 francos. Pouca paixão pelos bailes e espectaculos, respeito ás conveniencias, mas não paixão pelos prazeres mundanos: 10.000 francos. Laboriosa e experta, dispensando costureira e modista, e sabendo até fazer-lhes as vezes: 10.000 francos. Emfim 10.000 francos! «Estes 10.000 francos, accrescentou o prudente pae, valem muito mais do que valeria uma fortuna inteira si minha filha tivesse os defeitos oppostos ás qualidades que nella garanto.»

O moço, persuadido pelo raciocinio do pae, desposou-a.

Conta-se que não teve de se arrepender.

◉ O Salvador ◉

Cantae, Virgens da terra,
Orae com mais fervor,
Que em berço de candura
Nasceu o Salvador.

Crianças tão gentis,
Anjinhos do Senhor,
Jesus é Deus-Menino,
Saudae o Salvador.

Soberbos da riqueza,
Vivei com mais amor;
Vaidades da materia
Despreza o Salvador.

Que nova venturosa!
Que aurora só de amor!
O pobre agora vive
Na paz do Salvador.

Oh! filhos da pobreza,
Luctae com mais ardor;
Jesus é pae dos pobres,
Amae o Salvador.

Algozes dos pequenos,
Por Deus, menos rigor!
No Céu — pequeno é grande,
Na lei do Salvador.

Archanjos da pureza,
Donzellas do Senhor,
O casto amor da vida
E' Elle — o Salvador.

Enfermo contristado,
Soffrei a vossa dôr,
Que existe além da morte
O Bem — o Salvador.

Tyrannos deste mundo,
Perversos sem pudor,
Jesus é a justiça
Temei o Salvador.

Esposa devotada,
Do lar a meiga flôr,
Baixou ao mundo ingrato
A fé — o Salvador.

Afflicto encarcerado,
Louvae Nosso Senhor,
Jesus perdôa a culpa:
Orae ao Salvador.

Que vida atribulada,
Que lucta, que furor!...
Mas não!.. raiou na terra
A Luz do Salvador.

Descrente da verdade,
Olhae: quanto esplendor!
Foi Deus que nos creou,
Que manda o Salvador.

D.º PEDRO SALASAR.

❖❖❖ O RISO E AS VOGAES ❖❖❖

São cinco os modos de rir.

Cada vogal serve para o seu modo, pois pode uma pessoa rir em A, em E, em I, em O, em U.

O riso em A é produzido por um rasgo de ingenuidade. Significa *Ah! ah! ah!* é gracioso, é bonito, é suave.

O riso em E é alegre e provocado por uma originalidade. Quem, pois, desata num *Eh! eh! eh!* às vezes inoportuno, tem em vista o chiste ou o ridículo do próximo.

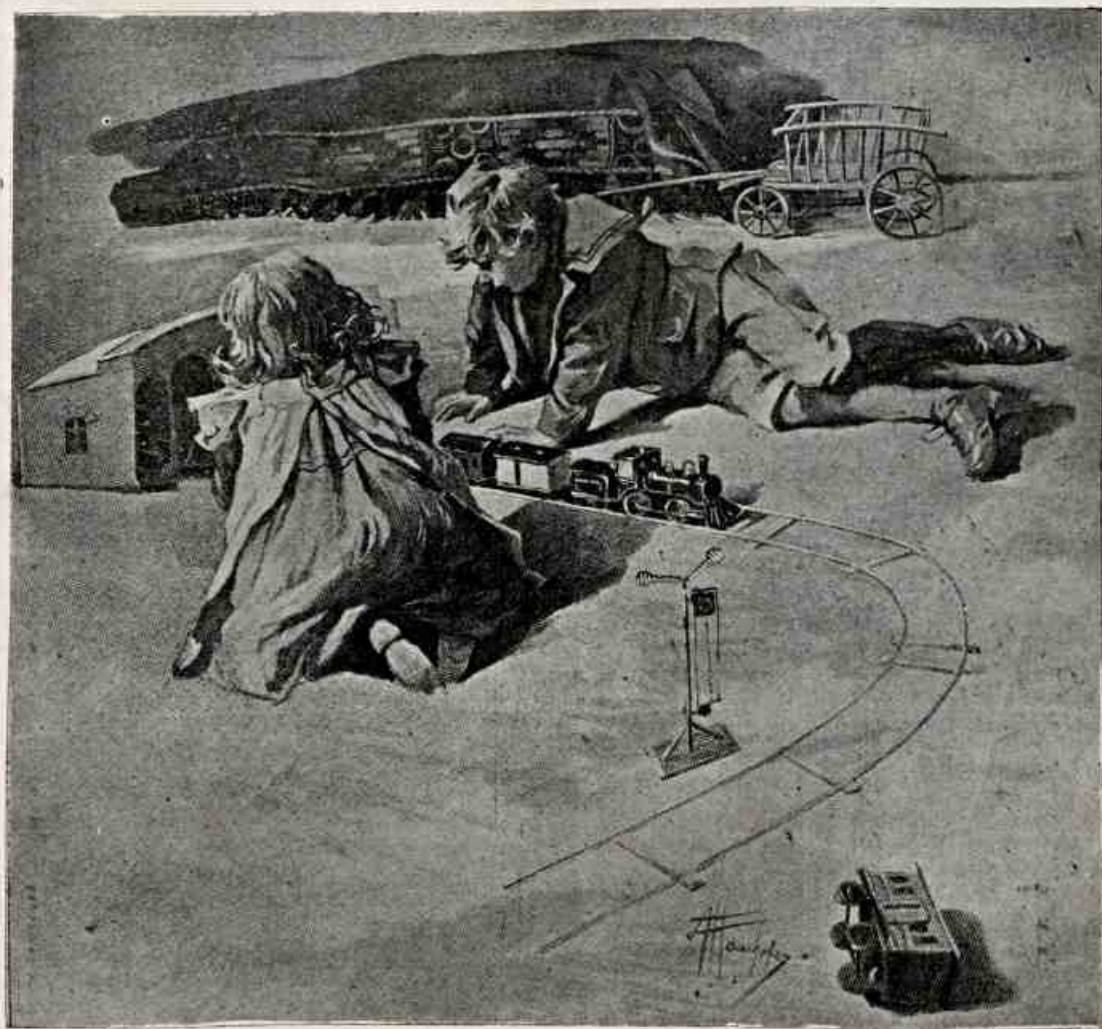
O riso em I é o riso em surdina, zombeteiro. Provoca-o sempre o ridículo. Quando, pois, um *Ih! ih! ih!* sussurrar aos teus ouvidos,

põe-te de alcatéa que podes estar fazendo papel de tolo.

O riso em O é o riso franco, expansivo, jovial.

Pode motival-o ou nma tolice, ou um successo comico e imprevisto. E' o mais communicativo. Um *Oh! oh! oh!* bem dado tem logo repercussão em muitas bochechas...

O riso em U é antes um sorriso. Tem-n'o as pessoas serias e casmurras, cujos labios quasi nunca se desatam para darem-lhe saida... Só, às vezes, um equívoco, um facto ultra comico, actual-lhe nos musculos ficiaes, dando escapula ao *Uh! uh! uh!* comprimido, esquivo e quasi surdo...

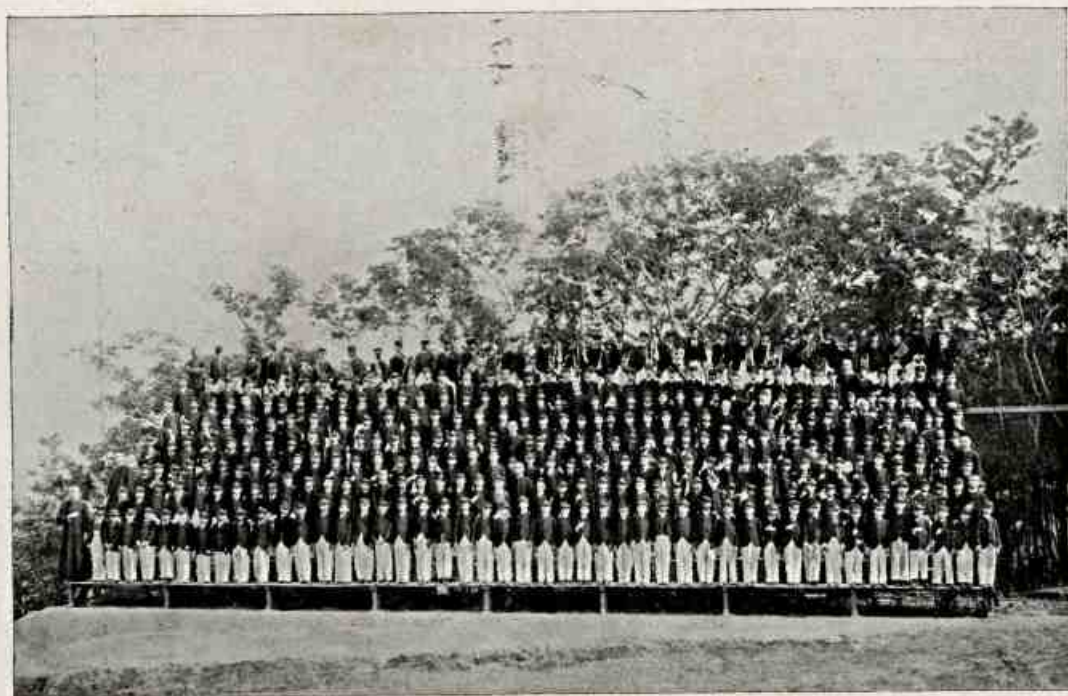


Preocupação..... scientifica.

Utilidade do Catecismo

Quando o sr. de Cheverus era bispo de Montalvão em França, quiz fazer elle mesmo na cathedral cada domingo a pratica á missa parochial, e sem prevenir o seu auditorio, começou a explicar o Catecismo. Mas fê-lo com tanta graça e eloquencia, que todas as classes da sociedade folgavam de o ouvir; sabios e ignorantes, protestantes e catholicos, todos se apinhavam em redor do pulpito. Tendo se apoderado dos animos dos seus ouvintes, revelou-lhe um dia o segredo. «Se eu logo no principio, disse elle, vos houvesse annuciado o Catecismo

para cada domingo, receio que vos tivesses desprezado de assistir a elle, pensando que isto interessa unicamente a meninos. Contudo ha seis mezes, que não faço outra cousa, e essas instrucções tem-vos sido proveitosas.» E' que na realidade o Catecismo interessa tanto aos velhos como aos moços, aos sabios como aos ignorantes. Todos acham nelle que aprender, admirar e meditar, e só uma absurda prevenção é capaz de afastar do Catecismo. O bispo continuou ensinando-o, e todos continuaram a vir ouvi-lo com a mesma exactidão, o mesmo fervor.



Grupo geral em 1903.

A INNOCENCIA

Um anjo e uma alma innocente encontram-se em uma estrada. Sauda-a o anjo dizendo:

Salve, minha irmã! A alma pode responder: Salve, meu irmão!

Um anjo e uma alma innocente param á porta da mesma casa: o anjo cede e deixa a alma entrar primeiro.

Si visseis em uma visão um anjo e uma alma innocente, confundil-os-hieis, como dois raios de sol.

Entre duas irmãs, uma innocente, outra peccadora ha a mesma differença que entre um anjo e um demonio.

A quéda duma alma innocente é tão desastrosa como a de Lucifer.

Aquelle que tencionasse enganar ou seduzir a uma alma innocente seria tão culpado como se quizesse enganar ou seduzir um anjo: seria outro Lucifer.

F. A.

Sahida da esquadra americana

Alem sumindo vae por entre as brumas,
o bando de condores;
marchetando de alvissimas espumas
as ondas d'este mar,
que singra com seus rapidos motores,
em brando navegar.

Lá se vão no horizonte os magestosos
monstros encouraçados!
aute os quaes té se abrandam temerosos,
os mares a bramir.
Negro fumo vomitam de apressados
que as nuvens vae tingir.

Em longa fila ao longe se perdendo
navegam destemidos,
de nossas praias já se desprendendo
em demanda do sul;
talvez que bem saudosos e sentidos...
sumiram-se no azul!...

Inda ha pouco, tranquillos s'embalavam
da Guanabara á flux;
e quaes monstros marinhos se espojavam
n'um mar de encanto e luz.
Que moles fluctuantes! que grandeza!
que vultos colossaes!
numa chapa envolvidos por defeza,
de rigidos metaes!

O' mastodontes frigidos do norte,
— alvissimos leões, —
que trazeis destruição, ruína e morte,
na fauce dos canhões;
qual seja o vosso fim e qual o intento
dizei, que aqui vos traz,
que vos fez enfrentar o mar violento....
será de guerra ou paz?

Chegou affim o dia da partida.
Forçoso era deixar
este porto, onde tão boa acolhida
vieram encontrar.

Accendem já seus fogos; lançam fumo
as altas chaminés;
e tomando da barra logo o rumo,
enfrentam as marés.

Levam na popa içado o americano
— excelso pavilhão, —
emquanto já ribomba o ruído insano
dos tiros de canhão.
Passando pela esquadra brasileira
içam nos mastaréos,
a nossa tão sympathica bandeira
brazão de mil trophéos.

Da bandeira a mudez e a gravidade,
das salvas o fragor,...
tinham um quê de grandeza e de saudade,
de alegria e de dôr!
E lá se iam quaes bellos cysnes brancos
cortando o verde mar,
que bramindo lambia-lhes os flancos,
espumas a chofrar.

Após elles seguia a nossa frota
tão branca e tão gentil,
como um bando de nitidas gaivotas
que se perdem no anil.
O céu em atras nuvens embuçado
então poz-se a chover,
e os navios já além no pégo irado
não se podiam ver.

Saudades deixa sempre uma partida,
seja lá de quem fór;
muito mais é, porém, ella sentida,
si rompe élos de amor.
Quanta mãe, pelas praias soluçante,
o filho não saudou!... (1)
e sobre a atroz saudade d'esse instante,
o céu tambem chorou!...

(1) O auctor se refere á partida da nossa esquadra e dos nossos marinheiros, que iam nessa mesma occasião, para os exercicios em Santa Catharina.



Praça da Republica — Quartel General, Escola Normal e Prefeitura Municipal.

AFFONSO CELSO

da Academia Brasileira

Porque me ufano do meu Paiz

(Continuação)

CAPITULO XXIV

GUERRAS DEPOIS DA INDEPENDENCIA

Mas, — objectar-se-ha, — as glorias militares da phase colonial cabem á metropole que subsidio e dirigiu as guerras dessa phase, — e não ao Brasil.

Seja. Não se pôde negar o concurso preponderante de Portugal em taes guerras.

Em muitas, porém, os brasileiros bateram-se e triumpharam por si sós, completamente desajudados, como na longa campanha para expulsão dos holandezes.

Independente, empenhou-se o Brasil em cinco guerras: a de 1822, a de 1825, a de 1851, e as de 1864 a 1870. Sahiu-se em todas com gallardia. Nunca a sua bandeira se arriou diante de outra; jamais seus inimigos celebraram victoria final.

A primeira, a de 1822, foi a da propria independencia. Obrigamos as valorosas tropas portuguezas a deixarem o territorio nacional, a capitularem no Maranhão, Pará e Montevideo. Batemol-as varias vezes no mar e em terra. Perseguiu-mos e aprezamos navios lusitanos até proximo ao Tejo.

Em 1825, explodiu na provincia Cisplatina, incorporada, desde 1821, espontaneamente ao Brasil, uma revolução preparada em Buenos-Aires. Os brasileiros tinham allí forças diminutas, pois o grosso dellas partira para Pernambuco e Ceará, onde tambem rebentara um movimento revolucionario, promptamente suffocado. Soffremos alguns revezes, por causa da superioridade numerica do inimigo. Interveio então o governo de Buenos-Aires declarando annexada ao seu territorio a provincia brasileira. Rebenta a guerra entre esse governo e o do Brasil, prolongando-se até 1828. Nem sempre fomos felizes no correr della, mas derrotamos os argentinos mais vezes do que elles a nós. Chegamos a lhes anniquilar a esquadra (batalhas do Monte Santiago, 7 e 8 de Abril de 1827).

Essa guerra era impopular no Brasil. Muito a difficultou o espirito partidario que se levantára contra D. Pedro I e de que resultou, em 1831, a abdicação.

Foram os argentinos que solicitaram paz, enviando para isso emissarios especiaes ao Rio de

Janeiro. O Brasil quiz recusal-a, mas em virtude de intervenção da Inglaterra, celebrou a convenção de 28 de Agosto de 1828, em que tanto elle como a Argentina renunciavam á Banda Oriental, erigida em Estado autonomo.

Nas outras guerras, a de 1851 e as de 1864 a 1870, entre centenas de magnificas victorias navaes e terrestres, registramos apenas dois ou tres insuccessos sem importancia, logo reparados.

Defendemos a independencia do Uruguay e do Paraguay, ameaçada pelos argentinos; fizemos levantar o cerco de Montevideo que se prolongou, como o de Troia, por 10 annos, de 1842 a 1852; asseguramos a victoria das idéas liberas no Prata, a liberdade de navegação nos affluentes desse rio, alcançando triumpho onde a França e a Inglaterra haviam naufragado; demos termo á sanguinaria tyrannia de Rosas que durante 23 annos opprimia os seus concidadãos, bem como á de Aguirre e a de Solano Lopez.

Tudo isso abnegadamente, sem compensação aos sacrificios de sangue e dinheiro, tratando os vencidos com extremada generosidade, respeitandolhes a soberania e a integridade territorial, facultando ao mundo inteiro tirar vantagens dos nossos esforços.

Abundam façanhas legendarias, iguaes ás mais famosas do universo, em todas estas guerras e nas civis que, infelizmente, temos tambem sustentado, e cumpre esquecer.

CAPITULO XXV

A BATALHA DE ITUZAINGO

Esta batalha, travada a 20 de Fevereiro de 1827, entre os argentinos, commandados pelo general Carlos d'Alvear, e os brasileiros, chefiados pelo Marquez de Barbacena, não foi uma victoria para os primeiros, como têm assoalhado escriptores mal informados ou interesseiros em ambos os paizes. Os escriptores argentinos leva-os a falsearem a verdade o exagerado amor proprio. Os brasileiros são os inimigos de D. Pedro I e da monarchia. Convem-lhes tirar partido de qualquer accidente, no intuito de desabonar as antigas instituições.

Não foi tão pouco injusta a guerra em que se deu a batalha. Conforme já vimos, a pro-

vincia Cisplatina uniu-se livremente ao Brasil. Quatro annos viveu em paz na communhão brasileira. De subito, separa-se violentamente por suggestões de Buenos-Aires que a invade e a incorpora ao seu territorio. Jurara-se a Constituição que mandava manter a integridade do Imperio. A honra nacional exigia, por todos os motivos, que se impedisse a desunião. Tornou-se inevitavel o desforço armado. Sob pena de infamia, não podia a nossa bandeira tolerar a dupla affronta.

O exercito argentino penetra o solo do Brasil e occupa excellentes posições. Barbacena, com forças muito inferiores, famintas, cançadas de longa marcha, topa com esse exercito e aceita combate. Pelejam durante 11 horas 5.000 brasileiros, naquellas condições, tendo 12 bocças de fogo, contra 10.500 inimigos repousados, num terreno adrede escolhido e armados de 26 canhões.

Os argentinos perderam mais de 1.000 homens e os nossos pouco além de 200. Já cantavamos victoria. Mas o inimigo, do logar alto onde estava, avista o comboio dos transportes e bagagens que vinham na reatguarda do exercito brasileiro, a grande distancia. Dispondo de cavallaria superior, destaca forte columna para atacar o comboio indefeso. Sem dar um tiro, o apprehendeu, figurando entre os despojos duas velhas bandeiras inserviveis. Sabendo que perdera as bagagens, quasi exaustas as munições, havendo os argentinos incendiado a maeéga secca do campo para envolver os brasileiros num circulo de fogo, resolve Barbacena retirar-se. Retira-se na melhor ordem, levando todos os seus feridos e toda a sua artilharia, á excepção de uma peça cujo reparo se quebrara e que deixa encravada. Si não se retirasse permaneceria sem agua, sem roupa, sem cartuchos, com o inimigo em frente e uma trincheira de chammas atrás. O exercito argentino não dispersa, não aprisiona, não aniquila o brasileiro. Manda pedir-lhe licença para recolher o cadaver de um coronel. Longe de perseguir os retirantes, retira-se tambem, primeiro do campo da luta, depois do territorio brasileiro, desistindo de continuar na invasão que encetara.

Eis a batalha. Constituiu victoria para os argentinos? Evidentemente não. Foi uma batalha indecisa. Barbacena acampou onde bem quiz. Notavel a sua retirada do campo incendiado! Recuou, mas o inimigo não sustentou as suas posições, tambem recuou. Os seus pretensos trophéos, — as duas bandeiras imprestaveis, — não os tomou em combate. Barbacena preencheu o fim que se propunha: repellar a invasão. O invasor, em consequencia de Ituzaingo, perde as suas vantagens, abandona o territorio invadido. Logo, considerando os resultados, Ituzaingo e-quivalou para nós a uma victoria. Os argentinos fugiram; os brasileiros, não: mudaram apenas de lugar no solo da Patria.

Tanto isso é verdade que Alvear teve de defender-se perante seus compatriotas de não haver triumphado; foi demittido do commando, censurado pelo seu Governo, submettido a conselho de guerra.

Releva ponderar que o Parlamento, em luta com D. Pedro I, negara meios de acção a Barbacena, — além de general, homem politico com muitos adversarios. As paixões da epoca tornaram Ituzaingo um instrumento de partido, convertendo a retirada num desastre que exageraram deturpando a realidade. Essa versão faccionaria e inveridica prevaleceu, em virtude da odiosidade crescente contra D. Pedro I. Quem examinar imparcialmente os factos reconhecerá que Barbacena cumpriu o seu dever e não foi derrotado.

A tradição contraria não passa de um erro repetido. De Ituzaingo não provém desdouro, mas honra para o Brasil.

A paz celebrada no anno seguinte não se derivou dessa batalha. Como já assignalamos, foram os argentinos que a pediram, mandando ao Rio emissarios que a principio D. Pedro I recusou receber. A ultima e estrondosa victoria na guerra, a do Monte Santiago, coubera aos brasileiros. Mas a Inglaterra interveiu. Sob a pressão de difficuldades internas e das oriundas da successão ao throno portuguez, arcando com violenta opposição que exigia a terminação das hostilidades, D. Pedro aceitou uma solução conciliatoria e altamente politica de que já se cogitara antes de Ituzaingo. A antiga Cisplatina não ficou pertencendo a nenhum dos contendores. Erigiu-se em Estado autonomo, cuja independencia o Brasil nobremente defendeu mais tarde contra a tyrannia argentina.

CAPITULO XXVI

A GUERRA DO PARAGUAY

Ha hoje um grupo que declara injusta a guerra do Paraguay, e accusa o Brasil, si não de a ter provocado, ao menos de a não ter sabido evitar.

Não se baseia na verdade historica esta opinião.

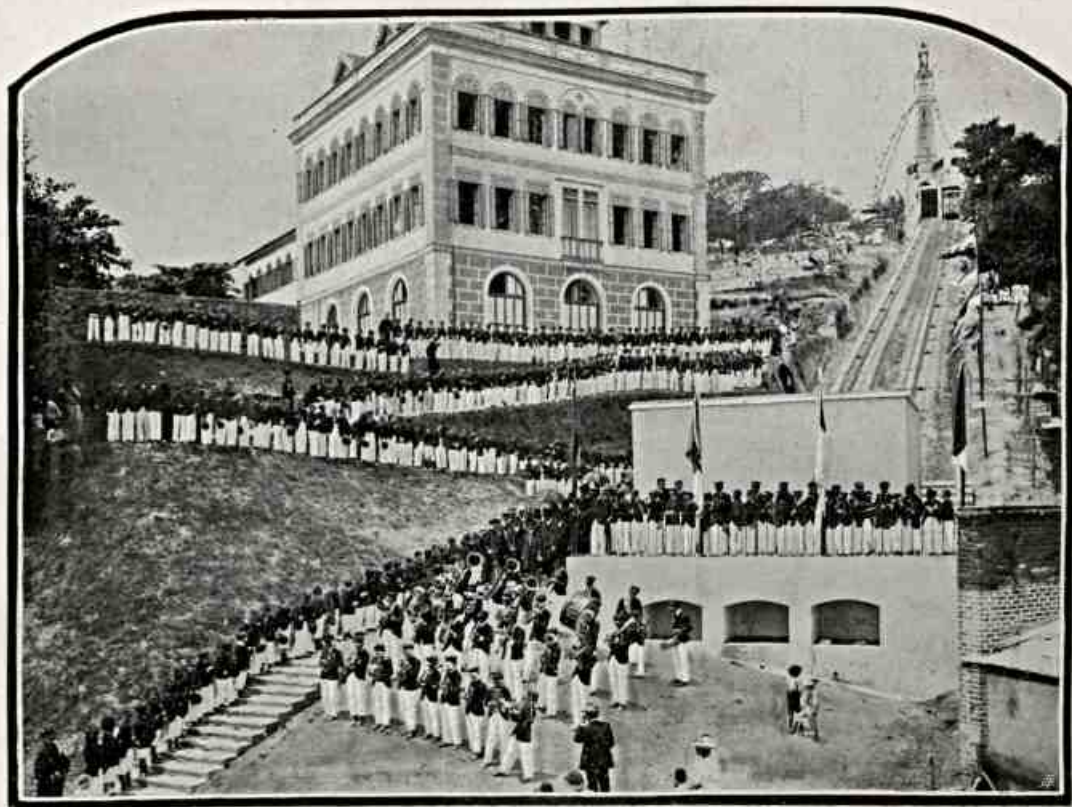
O Brasil sempre se mostrou amigo do Paraguay. Ameaçada a sua independencia por D. João Manoel Rosas, deveu a salvação aos esforços do Brasil, como outros povos e elle proprio o confessou. Em 1851, obrigou-se solememente a colaborar com o Brasil na luta contra Rosas. Faltou ao promettido, mas colheu beneficios da campanha: a abertura dos afluentes do Rio da Prata. Entretanto, contra estipulações formaes, conservou fechado o Alto Paraná, sequestrando assim Matto Grosso do littoral Brasileiro. Por duas vezes, a moderação do Brasil arredou uma guerra necessaria, por tentar o Paraguay impedir as communicações fluviaes com aquella provincia.

Governado despoticamente, sob o nome de republica, habituado pelos jesuitas á obediência passiva e á completa sujeição, começaram a armar-se. Os seus tres chefes absolutos, Doutor Francia, Carlos Lopez e Solano Lopez (este ultimo assumira o poder simplesmente em virtude de uma clausula do testamento de seu pai e antecessor) — concentraram todo o empenho em militarizar o paiz, no intuito de augmentar-lhe o territorio, á custa dos argentinos. Solano Lopez pensava em fazer-se acclamar imperador, após as victorias: encontraram-se em Assumpção

de provincia, que ia a bordo, bem como parte da guarnição; invade Matto Grosso. Era audaz violação de todas as regras internacionaes, affrontoso attentado contra a segurança, autonomia e honra do Brasil.

Dahi a guerra, encetada por Lopez, — um monstro que mandou trucidar, sem motivo, depois de horriveis torturas, seus mais illustres compatriotas e proximos parentes, assim como centenas de estrangeiros.

Podia o Brasil eximir-se ao desafio, deixar de repellir pelas armas tamanhos ultrages?



Formatura geral em 1906.

modelos da corôa e do throno que encomendara da Europa.

Longe de exigir explicações dos exagerados armamentos do Paraguay, prestou-se, na maior boa fé, o Brasil a fornecer-lhe officias superiores que, no tempo de Carlos Lopez, lhe instruíram o exercito e auxiliaram a construcção de fortificações.

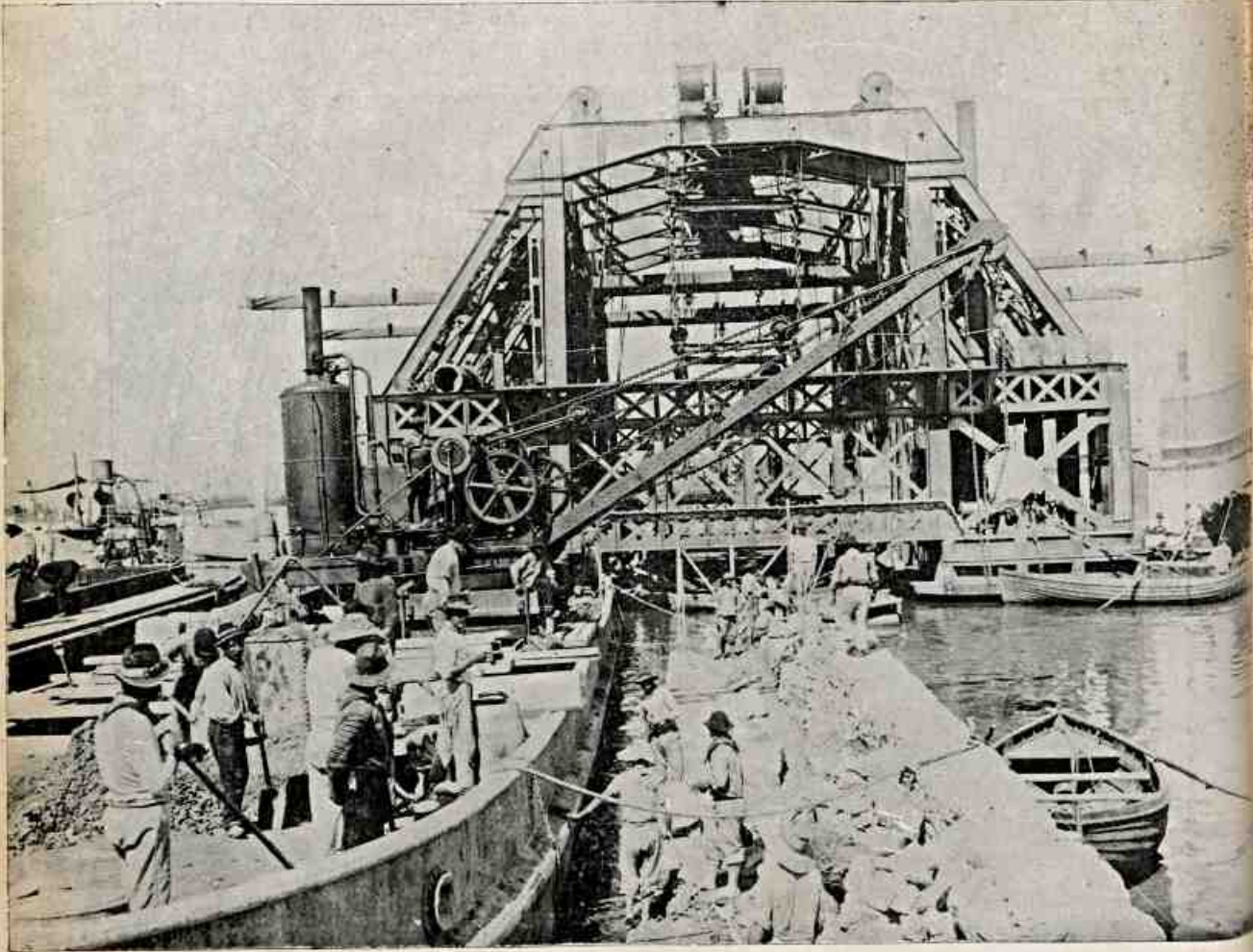
Em 1864, julgando-se assás forte, Solano Lopez, sob pretexto de que a sua mediação fóra recusada no conflicto do Brasil com o Uruguay, apresa um navio brasileiro; aprisiona um presidente

A Republica Oriental se offerrecen espontaneamente para collaborar com o Imperio na campanha travada por causa della. A Argentina, da qual Lopez tambem tomara violentamente navios e invadira o territorio, adhere á alliança já formada com o Uruguay. O Brasil não sollicitou essa nova alliança, como não sollicitara a primeira. Determinou-as a marcha dos acontecimentos. Não precisava do concurso das duas republicas, mas accitou-o, entre outros motivos, para tornar patente que, monarchia, não ia guerrear as pseudo instituições republicanas do Paraguay. Demais,

o peso da luta recahiu quasi que exclusivamente sobre o Brasil. O pequeno Uruguay, sempre recioso de revoltas internas, diminuto numero de praças empregou nas operações longiquas. A Argentina possuia naquella epoca menos talvez de dois milhões de habitantes. Data sua prosperidade do muito dinheiro que nella se gastou durante a campanha. Varios governadores não coadjuvaram o governo central; provincias in-

seus adversarios. — Dispunha de 80.000 homens disciplinados e 39 navios de guerra. O Brasil tinha apenas 15.000 homens e deficiente esquadra. Mas o sentimento nacional vibrou.

Chegamos a ter em armas 70.000 homens e poderosa marinha. Em alguns mezes, sem recorrer á industria estrangeira, construíram os arsenaes do Rio de Janeiro seis couraçados. Perdemos 30.000 vidas, gastamos Rs. 600.000:000\$, com-



Um dos fluctuantes de ar comprimido em trabalho. Todas as vezes que o fluctuante suspende deixa após si um trecho de muralha de 25 metros de comprimento.

teiras não lhe deram um só soldado. Para reprimir essas resistencias e rebelliões, grande parte do exercito argentino retirou-se depois de Curupaity. Foram tropas brasileiras que primeiro pisaram o solo inimigo. Venceram sósinhas em lances decisivos, quaes Riachuelo, passagem de Humaitá e Aquidaban. — Lopez iniciou as hostilidades em condições muito superiores ás de

batemos 5 annos, mas mantivemos illesa a dignidade da Patria.

A campanha foi longa e difficilima, porque o Paraguay era um paiz ignoto, inaccessivel, pantanoso, e do qual não existia um mappa ou informação segura. Os nossos generaes não conheciam o terreno em que pisavam, obrigados a reconhecimentos constantes, marchando distancias immensas ás apalpa-

dellas, a milhares de leguas do seu governo, construindo caminhos no meio de florestas inundadas, e estradas de ferro por entre paúes, arcando com embaraços extraordinarios para os fornecimentos das tropas. Debateram-se contra a coragem frenética do inimigo fanatisado, contra terriveis epidemias, como a do cholera-morbus, e os mil tremendos obstaculos da natureza hostil.

E triumpharam sempre, com heroismo e tenacidade incomparaveis, até alcançarem a derrota completa do aggressor! Batalhas houve em que metade do effectivo das forças desapareceu. Proporções guardadas, raras guerras se apontam tão sanguinolentas.

A campanha da Inglaterra contra o Transvaal põe em relevo a gloria do Brasil na do Paraguay. O Brasil não possuía os recursos da Gran Bretanha. O Transvaal, aberto á civilisação, não se compara, sinão na bravura, ao Paraguay, cuja população naquella quadra (1.500.000 almas) excedia á actual da valente republica sul africana. As forças navaes e terrestres paraguayas sobrepujavam em numero ás dos boers e manobravam em terreno mais propicio á defesa do que as destes.

O Brasil, diz o norte americano Agassiz, atacou no Paraguay uma organisação tyrannica, meio militar, meio clerical que deshonrava o nome de republica; foi alli, com absoluto desinteresse, o porta-voz da civilisação.

De facto, vencedor, após ingentes sacrificios, satisfeito com a desaffronta de seus brios, contenton-se o Brasil com os limites que já tinha desde o seculo XVIII; restituiu as propriedades e valores apprehendidos; concorreu decisivamente para a abolição do captiveiro no paiz que occupava; jamais cobrou contribuição de guerra, nem sequer indemnisações devidas a brasileiros espoliados; manteve forças em Assumpção, effectuada a paz, para sustentarem a autoridade do governo proclamado; constituiu-se garante da independencia e soberania do Paraguay. Fez mais: — monarchia, mandou um dos seus melhores estadistas, Paranhos, depois Visconde do Rio Branco, organisar o paiz sob a fórma republicana, organisação que o Paraguay até então nunca tivera.

Onde, nos fastos humanos, maior galhardia na luta e maior magnanimidade na victoria?!

CAPITULO XXVII

NONO MOTIVO DA SUPERIORIDADE DO BRAZIL:
SEU PROCEDIMENTO CAVALHEIROSO E DIGNO
PARA COM OS OUTROS POVÓS.

O Brasil jamais provocou, jamais aggređiu, jamais lesou, jamais humilhou outras nações. Revelou sempre para com todas a mais perfeita dignidade, a par de rara e elevada abnegação. Accusam-no de haver intervindo illicitamente na politica do Rio da Prata. Não ha tal. Fez ali ingentes sacrificios de homens e dinheiro. Qual o lucro ou a compensação que disso procurou tirar?

Defendeu a independencia do Uruguay e do Paraguay. Salvou os mesmos Uruguay e Paraguay, bem como a Argentina, de tres tyrannias. Nunca impoz vontade arbitraria aos vencidos e fracos. Como ficou dito, nem sequer exigiu o pagamento do que se lhe devia.

Si interveiu mais de uma vez nos negocios da Republica Oriental, foi por solicitação formal desta, ou para salvaguardar sagrados direitos e interesses de brasileiros opprimidos. Um presidente dessa republica, Giró, e homens eminentes do partido *blanco*, inimigo do Brasil, refugiaram-se de uma feita na legação e nos navios brasileiros.

Em 1854, o governo oriental e ainda os *blancos* impetraram a presença de forças imperiaes no paiz, como unico meio de se firmarem a estabilidade das instituições republicanas, as garantias sociaes e politicas, evitando-se a anarchia.

Quatro mil soldados brasileiros permaneceram dois annos em Montevideó, sem que as autoridades da Republica lhes pagassem as despezas, conforme haviam pactuado. Durante os dois annos, a divisão brasileira só deu exemplos de disciplina e moralidade. Ao retirar-se, o governo oriental agradeceu calorosamente, o serviço do Brasil, proclamando-lhe o desinteresse e dizendo que cada habitante daria testemunho do nobre proceder do exercito de occupação, no que não faria mais do que pagar um tributo de inegavel justiça e merecida admiração ás suas relevantes virtudes.

Novamente, em 1857, o governo do Uruguay requireu a intervenção do Brasil. Recusou-se ali o Imperio, mas, auxiliou o exausto thesouro oriental, emprestando-lhe avultadas quantias que até hoje não foram restituídas, sem que o credor em tempo algum constrangesse o devedor remisso. Este aliás, em repetidas occasiões, confessou a nossa generosidade.

A despeito de tudo isso, em 1864, cidadãos brasileiros domiciliados no Uruguay soffriam roubos, sequestros, attentados, perseguições de todo o genero, sem que a autoridade os protegesse ou antes, acobertando o governo republicano as atrocidades. O Brasil reclamou, moderadamente a principio, dirigindo appellos amigaveis á razão e aos sentimentos equitativos do governo de Aguirre. Em vão. Excitou-se então o sentimento nacional brasileiro que não soffre impassivel o menoscabo de seus brios. O Brasil, prescindindo de questões pecuniarias, empregou mais energia nas reclamações. Protellou, quanto possivel o rompimento das hostilidades. Ainda em vão.

Usou de represalias. Respondeu o governo oriental queimando em praça publica os autographos dos tratados existentes connosco, insultando a nossa bandeira, arrastando-a pelas ruas de Montevideó. (1) Seguiu-se a guerra, como não

(1) Vide — Visconde de Ouro Preto — Marinha de outr'ora — 1º capitulo.

podia deixar de seguir-se, em que triumphamos, como de costume. Terminou por um convenio honroso, arguido, na época, de condescendente em extremo para com a parte vencida, a qual tratamos com a habitual longanimidade.

O pensamento constante do Brasil, nas suas relações com as republicas do sul, exprimiu-o o Imperador na fallá do throno de 1851, dizendo: « Por maior que seja o meu desejo de manter a paz, não deixarei de dar aos meus

tou-se o Brasil com suprema hombridade e energia ante as imposições dos fortes.

Em 1862, porque não attendera o nosso governo a descabidas reclamações inglezas, ordenou o ministro britannico no Rio de Janeiro, Christie, que a esquadra da sua nação apresasse navios mercantes brasileiros nas aguas territoriaes do Imperio. Responderam o Brasil a essa offensa á sua soberania, expedindo passaporte ao insolente diplomata e rompendo as relações com a Ingh-



RIO DE JANEIRO. - Um echo das recentes manifestações ao Barão do Rio Branco. - Desfile popular pela Avenida Central.

subditos a protecção que lhes devo, nem serei indifferente a acontecimentos que possam prejudicar a segurança e tranquillidade futura do Imperio, tendo sempre por um dever respeitar a independencia, as instituições e a integridade dos Estados vizinhos, e nunca me envolver de modo algum em seus negocios internos.»

E assim tem sido.

Ao mesmo tempo que se manifestava cheio de cordura no tocante aos pequenos povos, por-

terra. A questão foi submettida a arbitramento do rei dos Belgas, tio da Rainha Victoria, o qual decidiu favoravelmente ao Brasil. As relações só se reataram em 1865, por mediação officiosa de Portugal. O acto de Christie mereceu censuras da opinião publica ingleza. Vozes, como as de Cobden, Bright, Lord Brougham, Lord Salisbury, então Lord Cecil, ergueram-se no parlamento de Westminster, em nossa defesa. Duas vezes recorremos ao mercado de Londres

e levantamos empréstimos, no correr do conflicto internacional.

Partiu da Inglaterra a iniciativa da reconciliação. Revestiram-se de fina gentileza a occasião e a forma em que o effectuou. O Imperador achava-se em Uruguayana, que as armas brasileiras retomaram aos paraguayos invasores do Rio Grande do Sul. O embaixador inglez lá foi, fazendo longa e penosa viagem. Recebeu-o D. Pedro II em sua barraca de campanha. Eis o significativo discurso ali proferido por Mr. Thornton, a 23 de Setembro de 1865:

« Senhor, tenho a honra de depositar nas mãos de V. M. I. a carta pela qual S. M. a Rainha se dignou de acreditar-me como seu enviado em missão especial junto de V. M. I. e supplico a V. M. I. se digne de acolher com a sua reconhecida benevolencia as seguranças de sincera amizade e as expressões que fui encarregado de transmittir por S. M. a Rainha e pelo meu governo. Estou incumbido de exprimir a V. M. I. o pesar com que S. M. a Rainha viu as circumstancias que acompanharam a suspensão de relações de amizade entre as côrtes do Brasil e da Gran-Bretanha, e de declarar que o governo de S. M. nega, da maneira mais solemne, qualquer intenção de offender a dignidade do Imperio do Brasil; e que S. M. accita completamente e sem reserva a decisão de S. M. o rei dos Belgas; e será feliz em nomear um ministro para o Brasil logo que V. M. I. estiver prompto para renovar as relações diplomaticas. Creio ter fielmente interpretado os sentimentos de S. M. e do seu governo, e estou convencido de que V. M. I. terá a bondade de accital-os com o mesmo espirito de conciliação que os dictou. »

O Imperador respondeu nobremente:

« Vejo com satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o governo do Brasil e o da Gran Bretanha. A circumstancia de tão feliz acontecimento se realizar onde o Brasil e seus leaes e valentes Alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defesa do direito, augmenta o meu prazer, e prova que a politica do Brasil continúa a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações. »

Outro facto caracteristico.

Em 1866, a Hespanha, declarando guerra ao Chile, manda bombardear pela esquadra do almirante Nunes o porto indefeso de Valparaizo.

Difícil era a situação interna e a externa do Brasil, no periodo mais arduo da campanha com o Paraguay, ameaçado de complicações internacionais. Sem embargo, não trepidou o governo brasileiro em lavrar energico protesto contra aquelle bombardeamento. Monarchia, collocou-se o Brasil ao lado da republica do Chile contra a, para elles, poderosa monarchia hespanhola.

A nota em que esse protesto foi notificado ao governo hespanhol é um modelo de insigne bizzaria.

Ainda outro exemplo de alto civismo:

Em 1895, a Inglaterra apodera-se de um rochedo esteril — a ilha da Trindade, — pertencente ao Brasil. Levanta-se este reivindicando com tal energia o seu direito, que o insignificante ponto usurpado nos foi restituído, arriando-se alli, diante do nosso, o ativo pavilhão de Albion.

O Brasil nunca vendeu uma parcella do seu territorio, como a França praticou com a Luiziania, a Russia com Alaska e a Hespanha com as Carolinas. Sempre vencedor nos pleitos submettidos a arbitramento, como no caso de 1862 com a Inglaterra, no das Missões com a Argentina, e no do Amapá com a França, viu seu soberano, o Snr. D. Pedro II, tres vezes ser nomeado membro de importantes tribunaes arbitraes: os de Genebra, Washington e Santiago do Chile.

No correr dos cinco annos que durou a sua alliança com a Argentina e o Uruguay, contra o despotismo de Solano Lopez, jámais suscitou-se entre os tres exercitos e os tres governos, de regimen tão differente, o menor attrito. Reinou sem interrupção perfeita cordialidade.

O procedimento que observa em tudo um homem de bem, — eis a norma immudavel do Brasil nas relações internacionaes.

A constituição vigente, consignando principios a que sempre obedecemos, estatue que o Brasil em caso algum se empenhará em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação. Só fará guerra, si não tiver lugar o recurso do arbitramento.

CAPITULO XXVIII

DECIMO MOTIVO DA SUPERIORIDADE DO BRASIL: AS GLORIAS A COLHER NELLE

A quem se dedicar ao estudo das cousas brasileiras não hão de faltar honras nem satisfações. O Brasil offerece um campo de investigações superior ao de outros paizes. Basta dizer que até a sciencia da sua topographia apresenta ainda grandes lacunas. O interior jaz inexplorado. Immensas, bellas e riquissimas regiões esperam os seus Livingstones e Stanleys. O Xingú, desconhecido até 1884, é assignalado, após a viagem de Karl von Steinen, como tendo sido o centro de dispersão de uma das grandes raças americanas que foram até os Andes, Guyana, Venezuela e Antilhas.

Ha quem affirme a origem mongolica dos indios do Brasil. D'onde vieram? Quando e como effectuaram a migração? Communicou-se outr'ora o Novo Mundo com o asiatico? Serão os egypcios, como querem outros, os ascendentes dos nossos tupis?

A verdade é que a procedencia dos selvagens brasileiros constitue problema ainda não resolvido. Abandonou-se a hypothese de que formavam uma

só raça, com uma lingua geral — o tupy-guarany, — unica regularmente estudada. Vão-se descobrindo varias raças absolutamente distinctas entre si.

O naturalista dinamarquez Peter Wilhelm Lund descobriu centenas de especies prehistoricas no valle do Rio das Velhas e caverna da Lagoa Santa affirmando a existencia do homem no Brasil, em época na qual não se suppunha tivesse vivido o genero humano em qualquer outro ponto.

Do homem fossil brasileiro, descendem — dizem — os actuaes botucudos.

Os *sambaquis*, — monticulos artificiaes abundantes no littoral do sul do Brasil, construidos de conchas e cascas de ostras, — attestam a existencia do homem em nossas plagas, muito antes dos tempos historicos.

Os restos dali exhumados provam que esse homem usava instrumentos rudimentares de pedra lascada, conhecia o fogo com que cozinlava, e certas industrias primitivas.

Representam os *sambaquis* enorme somma de trabalho. Arvores seculares inseriram nelles as suas raizes. Delles se extrahie excellente cal com que ha trezentos annos se edificam cidades.

E a lenda de ter estado S. Thomé no Brasil, havendo ensinado o uso da mandioca?

E certos indios mostrarem, antes dos missionarios, noções da doutrina christã que allegavam lhes ter sido pregada desde muitas luas? E as suas artes? E as suas instituições simillhantes ás germanicas? E os seus dialectos? E o seu numero outr'ora e hoje? E os objectos ceramicos achados na ilha de Marajó?

Um naturalista levou 11 annos estudando os insectos do Amazonas. A nossa fauna e a nossa flora apresentam peculiaridades ainda inexplicadas. Assim varias especies dão em certos pontos e em outros não, quando, entretanto, as condições climatologicas, são identicas. Dahi se infere, diz um escriptor, que ha modificações da natureza que escapam á nossa observação e meios de analyse, mas bastante activas para influirem silenciosamente sobre a organização das plantas e dos animaes, de modo a isolal-os em determinadas regiões, não lhes permitindo a procreação fóra de fixos limites.

Quantas interessantes questões ethnographicas, anthropologicas, geologicas, philologicas, histo-



O novo edificio da Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, na Avenida Central.

ricas, botanicas, zoologicas, dignas de absorverem os douts, capazes de conferirem a quem as estudar a mais pura immortalidade.

Que vasta e convidativa seara de glorias!

91 Culto dos Santos. *Doutrina*.
92 O Painel da SS. Virgem. — Os dois
genios oppositos. *Drama e Farsa*.
93 A Escola sem Deus. *Doutrina*.
94 Um falso Amigo. — O Photographo em
apuros. — O Distrahido. *Drama e Farsa*.
95 Uma familia christã. *Conto*.
96 Sermão do Espirito Santo e pratica
sobre a Crucifixão.
97 A Familia Silveira. *Conto*.
98 e 100 Peregrinação aos Santos Lo-
gares da Palestina.
99 Hedwiges e Hermengarda. — Vou-se o
gato, estendem-se os ratos. *Drama e F.*
101 Verdades com punhos. *Doutrina*.
102 O Reino do Sagrado Coração de
Jesus. *Arcebispo*.
103 Clementina — Heroismo de Amor
Biblico. *Conto*.
104 Os Jesuitas. *Doutrina*.
105 Confortos a quem soffre.
106 Vida de S. Francisco d'Assis.
107 O Mez de Novembro ou o Mez das
Minas do Purgatorio.
108 Um heroe do seculo XIX. — As ferias
— Lembrança de uma Festa Collegial.
Farsa e Analogos.
109 e 110 S. Sebastião ou o Guereiro de
Jesus Christo.
111 (*) Lucicure. *Drama*.
112 A Confissão.
113 (*) Os Filhos de Maria SS. Auxi-
liadora.
114 As duas Cordas. *Conto*.
115 O baile, o theatre e o romance.
Doutrina.
116 Bourko e Mouro. *Conto*.
117-118 e 120 (*) Fim tragico dos perse-
guidores da Igreja (2 volumes). *His-
torias*.
119 Saudades ou elogios fúnebres.
121 (*) Miscellanea Brasileira.
122 (*) A choupana brejeira ou uma lição
as filhas. *Drama*.
123 O mez de S. José.
124 Ou Religião ou Anarchia L. *Doutrina*.
125 O Mez Mariano.
126 O Pequeno Mez do Sagrado Co-
ração de Jesus.
127 Estudantes modernos. — Quem faz
mal espere outra jul. *Farsa*.
128-130 e 132 A vida não é a vida. (2 vo-
lumes). *Doutrina*.
129 e 131 O Demonio (2 volumes). *Dou-
trina*.
133 (*) O Catholicos no seculo XX. *Dou-
trina*.
134 Vida de S. Ignaz.
135 e 138 Vida de Margarida Bosco (Mãe
do Veneravel João Bosco) (2 volumes).
136 Isabel de Thuringia. *Drama*.
137 Exilio da S. Familia. *Considerações*.
139 e 141 De flor em flor (2 volumes).
Maximas de Santos.



140 O Menino de Saboia. *Conto e Dou-
trina*.
142 Unamo nos!... *Doutrina*.
143 Martha. — A Judia. *Contos*.
144 O Menino Jesus Honrado e Imitado.
145 e 147 O Prisioneiro (2 volumes). *Conto*.
146 Verdades Historicas.
148 Apostolado Leigo. *Doutrina*.
149 e 150 O "Ave Maris Stella" e o "Ma-
gnificat" ou Mez Mariano.
151 Maria de São. — O Testamento do
Rio. *Drama e Farsa*.
152-154 e 150 Os Papas. (2 volumes).
153 Julho. *Drama*.
155 Miscellanea Edificante.
157 O Anjo das doncellas ou Vida de
S.^{ta} Germana Couain.
158 S. Venancio. — Inpositores de sciencia.
Drama e Farsa.
159 Abusos e males da Imprensa. *Dou-
trina*.
160 e 161 Maria Estrella do Mar. (2 vo-
lumes). *Arcebispo*.
162 Recordações de Familia.
163 e 165 A Religião demonstrada.
164 Vida e pensamentos de S.^{ta} Theresia
de Jesus.
166-167 e 168 O Mez das Almas do Purgatorio (2 volumes).
169 Miscellanea Recreativa.
170 e 172 O Director Espiritual (2 vo-
lumes). *Doutrina*.
171 Duas perolas litterarias.
173 Mez de Maria.
174 Vida do P.^{re} Pedro Donders.
175 Fábula. — Os dois Mouros. *Drama
e Farsa*.
176 e 178 Fecundidades desconhecidas (2 vo-
lumes). *Caritas*.
177 Thesouro Mariano.
179 Duas Virzes — Os Anjos do lar.
Conto e Doutrina.
180 Viva a Immaculada Conceição!
181 e 182 O bom Doutor (2 volumes).
183 Indifferantismo Religioso. *Conferecia*.
184 Consolações nos infortunios. *Contos*.
185 e 187 Flores de Malo offerecidas a
Maria SS. (2 volumes).
186 S. Luiz. *Maximas e Memorias*.
188 O Papa. *Narracão historica*.
189 Existe um Deus que se occupa de
nos? — A Cidade de Deus e a Cidade
de Sathanae. *Doutrina*.
190 e 191 Um sorriso entre as lagrimas
(2 volumes). *Palavras de conforto*.
192 Guirya e Perpetuas. *Elogios fúnebres*.
193 Deveres da Familia.
194 e 195 A perola das virtudes (2 vo-
lumes). *Considerações asceticas*.
196-197-199 e 191 Ao Céu por Maria
(2 volumes).
198 Pae «Domingo». *Conto*.
200 Duas flores Sul-Americanas. *Biograp-
hia*.

